

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

LUANA LISBOA BARRERE

**REPRESENTAÇÕES DO BRASIL E DO BRASILEIRO NO DISCURSO  
DO JORNAL ESPANHOL *EL PAÍS* NO CONTEXTO PRÉ-COPA FIFA  
DE 2014**

VITÓRIA - ES  
2017

LUANA LISBOA BARRERE

**REPRESENTAÇÕES DO BRASIL E DO BRASILEIRO NO DISCURSO  
DO JORNAL ESPANHOL *EL PAÍS* NO CONTEXTO PRÉ-COPA FIFA  
DE 2014**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de concentração em estudos sobre Texto e Discurso.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Júlia Maria Costa de Almeida.

VTÓRIA - ES  
2017

LUANA LISBOA BARRERE

**REPRESENTAÇÕES DO BRASIL E DO BRASILEIRO NO DISCURSO  
DO JORNAL ESPANHOL *EL PAÍS* NO CONTEXTO PRÉ-COPA FIFA  
DE 2014**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de concentração em estudos sobre Texto e Discurso.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Júlia Maria Costa de Almeida**

Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientadora

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina Carmelino**

Universidade Federal do Espírito Santo

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina Vilela Ardenghi**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, ao meu Senhor Deus, que me sustentou não só nesta jornada do mestrado, mas em toda minha vida acadêmica. Foram inúmeras as experiências que tive com esse Deus tão vivo, que me prometeu tantas coisas e tem cumprido todas. Agradeço pelas orações que sei que ele ouve, pelo carinho, paciência e desmedido amor.

Um agradecimento muito especial quero destinar à minha mãe Regina. Quantas vezes eu chorei, tive dúvidas, fiquei ansiosa, nervosa e ela sempre esteve lá, perto de mim, ao meu lado. Desde o primeiro dia que pisei na universidade ela se preocupou comigo; quantas madrugadas ela me via acordada, chorando, e me perguntava “por que você está chorando, minha filha?” E ela sentava ao meu lado com o nosso cachorrinho para me consolar. Agradeço, também, ao meu pai pelas orações que sempre fez por mim quando eu, em vários momentos de crise, o pedia para orar por mim e ele, sem questionar, prontamente orava comigo pelo motivo que precisava.

A Pepe e a Nino, meus cachorrinhos, dois dos amores da minha vida. Pepe sempre me alegrando com sua doçura. Nino, com seu espírito elétrico e atrapalhado, que tanto me faz rir.

Aos meus amigos Márcio Rita, Thaís, Gleberon, Mainá, Heider, Pedrinho e Aliny: escrevo em lágrimas, agora, esta parte. Amo todos vocês. Sempre ao meu lado nos momentos mais importantes. Vocês são, todos, sem exceção, presentes que o nosso Deus me deu.

Ao meu primo querido e gostoso Maccioli, ou somente “primo”, por tantas conversas acadêmicas, discussões na praia sobre Linguística, e claro, imensas ajudas com o inglês e com os livros da biblioteca, que quase sempre eu não tinha paciência de procurar, mas ele estava lá comigo, para me ajudar, sempre que eu a ele pedia ajuda.

Ao meu amigo Claudemiro, ou melhor, ao “fuleco”, que no início das leituras do mestrado me ligava todos os dias para me acalmar, para conversar comigo e me

deixar mais alegre. Fulequinho, valeram muito todos os papos que tivemos, as “garcinhas” que imitamos... inclusive, foi nessa época de leituras que essa brincadeira surgiu. Só a gente entende essa palhaçada nossa que nos tirou (e ainda tira) gargalhadas gigantes, não é?

Agradeço o carinho e preocupação da minha colega de mestrado Priscila Guimarães, ou somente a “Pri”, que me consolou, nas escadas do auditório do IC, quando eu estava muito triste pela apresentação não muito boa no Colóquio, em 2015. Não me esqueço das palavras dela: “Lu, você é inteligente, vai dar tudo certo. Não fique assim....”. Pri, você jamais estaria de fora desses agradecimentos. Você é especial.

À minha orientadora Júlia Almeida, por toda atenção e dedicação destinadas a mim nesses dois anos de pesquisa, marcados por uma orientação meticulosa, cuidadosa e compromissada. Agradeço, também, pelos conselhos que me ajudaram a escolher ser mais independente e me fizeram amadurecer tanto como pessoa, quanto pesquisadora.

Ao meu querido colega de Ufes e recentemente de história de vida, Mário Acrísio, que se tornou uma pessoa muito importante para mim pelo carinho e atenção dispensados especialmente no dia do colóquio. Me lembro de todos os e-mails trocados, de todas as conversas, do apoio e da sua admiração para comigo, que nem sei o porquê de ter. Rs! Mário, obrigada por ter contribuído para que eu me tornasse uma pesquisadora mais confiante. E claro: obrigada pela sinceridade da sua amizade.

Agradeço aos meus colegas, em geral, que sempre tiveram uma paciência de “Jó” para ouvir minhas lamúrias e os meus assuntos científicos, que nunca acabam.

Deixo, aqui, meu sincero agradecimento à FAPES pelos dois importantíssimos anos de bolsa que tanto me ajudaram. Também não posso deixar de agradecer aos funcionários da instituição, que foram tão educados e simpáticos, quando eu, em desespero, liguei tantas vezes para saber sobre alguma coisa referente à bolsa.

Enfim... deixo meu coração cheio de gratidão e de felicidade destinado a todos vocês!

## RESUMO

A produção de discursos da mídia internacional sobre o cenário político do Brasil esteve em efervescência nos últimos anos devido aos diversos megaeventos esportivos sediados no país, desde a Copa das Confederações, em 2013, e da Copa do Mundo, em 2014, até os Jogos Olímpicos, em 2016, os quais proporcionaram grande visibilidade ao país no exterior. Este trabalho objetiva analisar artigos de opinião do jornal espanhol *El País*, veiculados entre 2013 e 2014, a fim de observar as estruturas discursivas presentes quanto às representações e estereótipos do Brasil e do brasileiro no contexto das manifestações políticas daquele período. Para tanto, utilizaremos os pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD), especialmente os trabalhos de Van Dijk (2008; 2012), em diálogo com estudiosos das Ciências Sociais (BOURDIEU, 1989), da Psicologia Social (MOSCOVICI, 1978; 2004), dos Estudos Culturais (HALL, 2000; 2011) e demais autores que contribuíram para a constituição de um panorama sócio-histórico do Brasil (ZWEIG, 2013; AGASSIZ, 1975; RAEDERS, 1988) etc., o que caracteriza um viés multidisciplinar a partir da Linguística. Encontramos na Análise Crítica do Discurso (ACD) nossa abordagem, uma vez que, enquanto perspectiva crítica que tem por finalidade principal o exame das relações entre discurso e poder, esta nos permitirá indagar uma possível polarização intergrupala entre europeus e brasileiros e a consequente (re) produção de representações desfavoráveis do Brasil e do brasileiro e a existência de uma relação hierarquizada entre culturas, a partir do discurso jornalístico espanhol.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso. Poder. Representação social. Brasil/brasileiro. Jornal *El País*.

## ABSTRACT

The discourse production made by the international media about the political scenario in Brazil has been at stake lately, due to the high sport event, which was taking place in the country, since the Confederation Cup, in 2013, and the World Cup, in 2014, until the Olympics Games, in 2016, which gave a wide visibility to the country overseas. This research aims to analyze opinion articles from the journal *El País* published between 2013 and 2014, in order to observe the discursive structures present due to representations and stereotypes from Brazil and its citizens in the context of political manifestations in that period. For that, we are going to use the presumptions of Critical Discourse Analysis (CDA), specially the works made by Van Dijk (2008; 2012) based on dialogue with scholars from Social Science (BOURDIEU, 1989), Social Psychology (MOSCOVICI, 1978; 2004), Cultural Studies (HALL, 2000; 2011) and other authors which contribute to the constitution of a social-historical panorama of Brazil (ZWEIG, 2013; AGASSIZ, 1975; RAEDERS, 1988) etc., characterizing a multidisciplinary bias from the Linguistics. We found out on Critical Discourse Analysis (CDA) our approach, since, while critical-historical perspective has aim to examine the relations between discourse and power, this will allow us to argue a possible intergroup polarization among Europeans and Brazilians, and consequently, the (re) production of unfavorable representations of Brazil and Brazilians, the existence of a hierarchical relation among cultures, from the Spanish journalistic speech.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis. Power. Social Representation. Brazil/Brazilian. Journal *El País*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I: NARRATIVAS SOBRE O BRASIL E O BRASILEIRO A PARTIR DO DISCURSO EUROPEU: CONSTRUÇÕES DE UMA IDENTIDADE NACIONAL</b> .....	16
1.1. A “invenção” do Brasil e do povo brasileiro .....	21
<b>CAPÍTULO II: A NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO: LEITURAS INTERDISCIPLINARES</b> .....	32
2.1. Aproximação às noções de representação .....	33
2.1.1. Processos de formação e funções da representação .....	41
2.1.1.1. Representação e suas interfaces .....	49
2.2. Representação e ideologia .....	52
2.3. Representação social, ideologia e hegemonia .....	56
<b>CAPÍTULO III: DISCURSO, PODER E MÍDIA: UMA ABORDAGEM CRÍTICA</b> .....	60
3.1. Linguística Crítica: breve histórico .....	60
3.2. A Análise Crítica do Discurso .....	62
3.3. A relação entre discurso e poder .....	66
3.3.1. Mídia e Poder .....	73
3.4. O modelo estrutural de análise discursiva em Van Dijk .....	77
<b>CAPÍTULO IV: ANÁLISE CRÍTICA DAS MATÉRIAS DO <i>EL PAÍS</i></b> .....	82
4.1. O jornal <i>El País</i> .....	82
4.2. Descrição do <i>corpus</i> .....	84
4.3. Análise do <i>corpus</i> .....	89
4.3.1. Análise do texto 1 .....	89
4.3.2. Análise do texto 2 .....	99
4.3.3. Análise do texto 3 .....	111
4.3.4. Análise do texto 4 .....	123
4.3.5. Análise do texto 5 .....	130
4.3.6 Análise do texto 6 .....	139
4.4. Discussão dos resultados .....	148
<b>CONCLUSÃO</b> .....	156
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	160



<b>ANEXOS</b> .....	168
<b>ANEXO 1</b> .....	168
<b>ANEXO 2</b> .....	174
<b>ANEXO 3</b> .....	178
<b>ANEXO 4</b> .....	184
<b>ANEXO 5</b> .....	188
<b>ANEXO 6</b> .....	193

## INTRODUÇÃO

O Brasil, no contexto desta segunda década do século XXI, encontra-se tensionado por diversas mudanças em função de vários acontecimentos no âmbito político, econômico e também esportivo, que o colocaram em destaque aos olhos do mundo.

O economista chefe do banco de investimentos *Goldman Sachs* Jim O'Neil em 2001 apresentou um estudo acerca do desenvolvimento econômico mundial e constatou que quatro países se destacaram pela capacidade de se tornarem as grandes potências econômicas do mundo em um período de médio prazo, que são Brasil, Rússia, Índia e China, os quais se mostravam forças econômicas com grandes possibilidades de ocupar espaço cada vez maior no G-20<sup>1</sup>. O grupo formado por esses países passou a ser chamado de BRIC, que consiste em um grupo político e econômico criado no ano de 2008 com o objetivo de fortalecer o desenvolvimento dessas nações, mudando seu nome para BRICS, com a inserção da África do Sul, no ano de 2011. Ainda que não seja considerado como um bloco econômico, como no caso da União Europeia (UE) <sup>2</sup>, há grandes chances de que os BRICS se tornem em um Bloco, para que seu poder político e econômico se integre de maneira tal que suas influências sejam tão fortes como as de outros blocos econômicos importantes.

Segundo uma entrevista com o economista brasileiro Theotônio dos Santos, publicada em 2014 no *site* do Brasil de Fato, as nações que constituem os BRICS representam cerca de 30% da população mundial e mais de 25% da renda do planeta, e pelo nível de crescimento econômico, há estimativas que em menos de 20 anos serão capazes de acumular cerca de 40% das riquezas do mundo, considerando, também, que a estimativa é que esse percentual suba para 60% daqui a aproximadamente 30 anos. Além disso, China e Rússia fazem parte do Conselho de Segurança da ONU, que hoje é o organismo de maior poder e que pode vetar qualquer intervenção militar no mundo, circunstância que pode trazer

---

<sup>1</sup> Fundado ao final dos anos 90, O G-20 é um grupo constituído por 19 países com as economias mais bem desenvolvidas do mundo, juntamente com a União Europeia. O G-20 consiste em um tipo fórum de cooperação e de discussões acerca dos assuntos financeiros internacionais.

<sup>2</sup> A União Europeia é um bloco econômico constituído por 28 países europeus que participam de um projeto de integração política e econômica.

muitos benefícios ao Brasil pela aliança mantida com esses países através dos BRICS.

Não há dúvidas de que a participação do Brasil nesse grupo ofereceu-lhe visibilidade mundial de país economicamente “emergente”, pelo fato de poder interagir com o sistema internacional de forma mais sistemática e progressiva, com mais poder de negociação, na busca por uma maior representação nas instituições globais de governabilidade econômica e política. Assim, pela sua identidade enquanto membro dos BRICS, o mundo agora credita ao país a competência para proteger as nações menos favorecidas dos regulamentos internacionais, sem que sua capacidade de investimento seja enfraquecida.

Além da visibilidade internacional no âmbito político-econômico que o Brasil ganhou por integrar-se efetivamente a esse grupo, no âmbito esportivo não foi diferente. É a primeira vez que os Jogos Olímpicos são sediados em um país da América do Sul e a segunda vez na América Latina, depois da Cidade do México, em 1968. Deve-se levar em conta, também, que o Brasil foi a sede da Copa das Confederações, em 2013, além de, depois de seis décadas, desde a Copa de 1950, ter sido escolhido para sediar o Mundial, em 2014. Sendo assim, com a realização desses eventos de grande complexidade, o Brasil buscou construir uma imagem mundial de competência e habilidade em gerenciá-los.

A Revista *Veja* publicou, em janeiro de 2012, a matéria “O Brasil aos olhos do mundo”, em que são apresentados resultados de uma grande pesquisa acerca das imagens construídas do Brasil no exterior, cujo resultado apontou que o país está vivenciando um processo de mudança nas formas de ser dito e visto, o que se intensificou com a realização da Copa. É sabido que o futebol brasileiro ainda é um eficaz fomentador de sentimentos, sentidos e de imagens do Brasil, o qual conhecido mundialmente como o “país do futebol” tem sido o protagonista nos discursos que buscam reafirmar ou até mesmo deslocar certas representações da cultura nacional.

O Brasil ganhou ainda mais a visibilidade mundial no período de preparação para a realização da Copa do mundo, em que muitos brasileiros em resistência aos altos custos do evento foram tomados por um sentimento de insatisfação e encheram as

ruas do país em meados de 2013 com cartazes, palavras de ordem e marchas, dando origem às manifestações populares brasileiras que inicialmente ocorreram devido ao aumento na tarifa do transporte público, ampliadas e direcionadas aos serviços públicos diante dos gastos com o custeamento do Mundial. Desde o movimento popular pelas *Diretas Já*<sup>3</sup>, na década de 80, e das manifestações pelo *impeachment*, do então Presidente do Brasil Fernando Collor de Mello, em 1992, que não se via no Brasil uma participação e interesse tão veementes do povo brasileiro nas questões políticas do país, cenário que proporcionou notabilidade da mobilização política do brasileiro ao mundo, momento que para nós é de significativa importância.

Assim, nosso recorte de estudo se dá nesse período Pré-Copa FIFA 2014, que tem como pano de fundo as manifestações brasileiras entre os anos de 2013 e 2014, tal como noticiadas e comentadas pelo jornal espanhol *El País*, no sentido de observar como os jornalistas espanhóis resgataram antigas e/ou construíram novas representações do Brasil e dos brasileiros, circunstância que nos convida a debruçarmo-nos em uma análise crítica desses discursos e verificar se essas representações apresentam uma polarização entre grupos, a qual consiste, de modo geral, na relação *Nós* (endogrupo) x *Eles* (exogrupo), que pode estar ancorada em relações de dominação cultural.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, consideramos as seguintes hipóteses que motivaram nosso interesse pelo tema proposto: Os discursos dos jornalistas espanhóis buscarão reafirmar ou deslocar representações estereotipadas do país e sua população? Haverá, nos artigos escolhidos, a preponderância de um discurso de dominação sociocultural ou de valorização dos aspectos culturais, políticos e sociais do Brasil?

Buscaremos trazer as respostas aos questionamentos acima ao longo de nossa análise. Para tanto, formulamos os objetivos específicos desta pesquisa, que nos auxiliarão a tratarmos desses problemas: a) verificar que tipos de representações (bem ou mal qualificadas, isto é, mais positivas ou negativas) do Brasil e do

---

<sup>3</sup> Movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil que ocorreu entre os anos 1983 e 1984, na tentativa de derrubar o governo ditatorial que se instaurou no Brasil desde o golpe militar de 1964.

brasileiro estarão presentes nas matérias do *El País* no que diz respeito aos aspectos políticos e culturais do país e de sua população; b) analisar se essas representações reforçarão ou desmistificarão certos estereótipos culturais e c) averiguar quais estruturas discursivas estarão presentes no discurso dos jornalistas espanhóis e se estas reafirmarão ou desconstruirão relações interculturais hierarquizantes.

A existência desta pesquisa sustenta-se no desejo de revelar como a mídia internacional tem sido um dos meios pelos quais discursos sobre o Brasil e os brasileiros têm sido difundidos e como reforçam ou desconstruem determinados estereótipos culturais, consistindo em um trabalho não só de interesse acadêmico, mas também com interesse social. Nosso intuito de observar essas representações tanto do Brasil quanto do brasileiro se justifica em nossas pré-análises, nas quais pudemos verificar que as representações construídas se dão de maneira unificada, isto é, o que se diz sobre o Brasil enquanto país torna-se indissociável ao que é dito da sua população. Dessa maneira, analisar a veiculação dessas representações de maneira integrada elimina os riscos de reduzirmos significativamente o escopo do nosso trabalho.

No que diz respeito à discussão sobre a representação social, por ser um assunto muito vasto e de múltiplas perspectivas, optamos por efetuar algumas leituras interdisciplinares, partindo fundamentalmente dos trabalhos em Psicologia Social, de Serge Moscovici (1978; 2004), em diálogo com as ideias de Denise Jodelet (1993; 1986), Celso Pereira de Sá (2002) e demais autores das Ciências Sociais, como, por exemplo, Marx e Engels (2007) e, sobretudo, da Linguística, a partir da adoção do quadro teórico de Van Dijk (2012). No tocante à discussão teórica em torno da relação entre discurso e poder, encontramos na Análise Crítica do Discurso (ACD) nossa fundamentação. Enquanto perspectiva crítica que tem por finalidade principal a denúncia dos problemas sociais ocasionados por determinadas práticas de discurso público, seus pressupostos nos permitirão indagar uma possível polarização intergrupala e a conseqüente (re)produção de representações desfavoráveis do Brasil e do brasileiro no discurso do jornalístico espanhol, demonstrando ser a abordagem que melhor contempla e responde os nossos propósitos e problemas, uma vez que se trata de uma abordagem que se preocupa

em estudar as relações de poder e de dominação entre grupos, considerando que é nessa direção que a relação europeu/brasileiro se inscreve.

Desse modo, nosso trabalho se direciona para, de um lado, investigar a presença de discursos de estereotípias e dominação cultural; por outro, avaliar as possibilidades de existência de contradiscursos, se considerarmos que representações alternativas podem surgir nos textos escolhidos, contestando representações negativas do Brasil e do brasileiro, de modo a desconstruir um possível pensamento eurocêntrico. Nossa hipótese é de que o período pré-Copa consiste em um rico manancial de representações do Brasil e do brasileiro, as quais podem nos apresentar um atual estado de relação intergrupais tradicionalmente hegemônica, que eventualmente ocorre em alinhamento ou atenuação da polarização.

Em termos metodológicos, nosso estudo adotou um enfoque predominantemente qualitativo, com o levantamento e análise de conteúdo, que consistiu na seleção de seis artigos de opinião, todos *online* e traduzidos ao português, retirados do portal brasileiro do *El País*, no período entre junho de 2013 a julho de 2014, período que, além do Mundial, também coincide com a Copa das Confederações.

Apresentaremos, então, as partes que compõem esta dissertação:

No capítulo I “Narrativas sobre o Brasil e o brasileiro a partir do discurso europeu: construções de uma identidade nacional” contextualizaremos nosso trabalho em torno da discussão sobre o Brasil, considerando que os discursos fundadores sobre o país e sua população, divulgados em relatos de europeus que visitaram o Brasil em distintas épocas, ainda se perpetuam e possuem uma dimensão histórica, cultural e discursiva. Assim, situar nosso trabalho nesse sentido é fundamental para dar base a uma abordagem crítica do discurso.

No capítulo II, “A noção de representação: leituras interdisciplinares”, apresentaremos uma breve contextualização histórica do estudo das representações, seguida pela discussão que alguns autores em específico da Psicologia Social fazem do assunto. Também discutiremos as funções da representação e suas interfaces com as dimensões social, cognitiva e discursiva.

No Capítulo III, “Discurso, poder e mídia”, apresentaremos a Análise Crítica do Discurso e seus pressupostos. Em continuidade, faremos um breve estudo da relação entre discurso e poder, ampliando a discussão para a mídia e revelando quais são os elementos simbólicos aos quais os jornalistas têm acesso para estabelecer o seu poder social. Além disso, discutiremos a proposta de análise das estruturas discursivas de Teun Van Dijk e sua relevância para os estudos críticos do discurso, concluindo nossa discussão teórica.

No capítulo IV, “Análise crítica das matérias do *El País*”, apresentaremos o jornal *El País*, e, sem seguida, daremos início à descrição do *corpus*, com a discussão acerca do gênero discursivo jornalístico que escolhemos para constituí-lo, que é o artigo de opinião, e desenvolveremos a análise do *corpus* que nos propusemos estudar. Por fim, a discussão dos resultados e a conclusão.

## CAPÍTULO I

### NARRATIVAS SOBRE O BRASIL E O BRASILEIRO A PARTIR DO DISCURSO EUROPEU: CONSTRUÇÕES DE UMA IDENTIDADE NACIONAL

No contexto internacional, muito do que se sabe do Brasil e do povo brasileiro foi construído através de narrativas e impressões de estrangeiros (sobretudo europeus) que visitaram o país em épocas distintas, dentre as quais muitas ainda se mantêm atuais desde a época da colonização. O fato de essas narrativas apresentarem representações diversas que impulsionaram a construção de uma identidade nacional nos convida a refletir sobre a origem de determinados estereótipos culturais, de modo a contextualizarmos os discursos que ainda exercem influência na visão que os europeus têm do Brasil e dos brasileiros atualmente através da preservação de uma memória social e histórica.

Quando falamos sobre a identidade de uma nação, não nos referimos somente aos atributos efetivos, mas, também, aos imaginados, que se constituem de representações e estereótipos que atravessam o modo como essa nação foi vista pelos outros e por si mesma. Essa ideia se alinha às proposições de Ruth Amossy e Anne Pierrot (2001), ao mostrarem que os estereótipos são necessários à relação entre diferentes grupos na construção de identidades, como

[...] um objeto transversal de reflexão [...] e nem sempre considerado em seu aspecto negativo. Atravessa a questão da opinião e o senso comum, da relação com o outro e da categorização. Permite estudar as interações sociais, as relações dos discursos com os imaginários sociais e, em termos mais amplos, a relação entre a linguagem e a sociedade (AMOSSY PIERROT 2001, p. 11, tradução minha)<sup>4</sup>.

A reflexão das autoras nos permite ampliar a compreensão simplista e deformada de estereótipo, concebendo-o não apenas sob um viés pejorativo, mas sim, compreendendo-o como um elemento importante para a construção de crenças compartilhadas, necessárias à leitura do mundo, do outro e de nós mesmos.

---

<sup>4</sup> “[...] un objeto transversal de la reflexión [...] y no siempre es considerado en su aspecto negativo. Atraviesa la cuestión de la opinión y el sentido común, de la relación con el otro y de la categorización. Permite estudiar las interacciones sociales, la relación de los discursos con los imaginarios sociales, y, en términos más amplios, de la relación entre el lenguaje y la sociedad”.



Os estereótipos são, segundo a perspectiva das referidas autoras, categorizações que oferecemos aos outros e também a nós, relacionadas ao pertencimento a determinados grupos sociais e à associação e cristalização de traços resultantes de uma rejeição ou proximidade a esses grupos que geralmente se dão *a priori*. Esses traços acabam mobilizando justificativas e esquemas conceituais variados que resultam em pré-julgamentos de alguém somente pelo seu pertencimento a um grupo social. Sendo assim, é dessa maneira que os estereótipos atuam na construção da identidade de um país através da formulação de conceitos sobre os diversos aspectos de um território (sociais, econômicos, geográficos, culturais, etc.) e sua população, que podem ser compartilhados, reafirmados e/ou desconstruídos ao longo do tempo.

Nessa linha de pensamento, podemos dizer que os discursos que atribuíram uma identidade cultural ao Brasil e ao brasileiro são constituídos de estereótipos que ativam determinados modos de ser e dizer, muitas vezes relacionados ao que foi dito e fixado em um passado histórico com o qual esses estereótipos mantêm certa correspondência. Portanto, o liame existente entre estereótipo e identidade, em termos de identidade nacional, têm a ver com formulações discursivas que foram sendo acumuladas e disputadas historicamente.

Considerando a relação entre grupos culturais e geopolíticos distintos, existe certa tendência de se marcar a diferença que, quando permeada de relações hierárquicas, o grupo que se considera social e culturalmente superior buscará colocar à mostra a condição de inferioridade do outro, seja consciente ou inconscientemente, culminando principalmente no apelo aos estereótipos negativos. Assim, as visões desfavoráveis que daí aparecem impedem que o grupo dominante considere os valores e os atributos positivos do grupo inferiorizado, o que, em casos mais extremos, acabam sendo totalmente ignorados.

Em se tratando dos povos dos trópicos, sabemos que não é novidade o fato de ainda serem alvos de certos estereótipos negativos sustentados pelo imaginário do europeu e colonizador, que os via como “malandros”, “preguiçosos”, “desocupados”, o que justificou um tratamento inferiorizante ao longo dos séculos. Nessa linha, o brasileiro, por exemplo, para muitos ainda é considerado como o “bom selvagem” da terra de clima quente e paisagem paradisíaca, e não é difícil perceber que esse tipo

de discurso, em sua essência, trouxe e ainda traz preconceitos que se construíram na história, o quais certamente não desaparecerão com facilidade.

No entanto, não é somente o colonizador europeu que pode ter colaborado para uma visão desfavorável do Brasil e do seu povo; o próprio brasileiro também internalizou esse discurso e tende a aceitar e reproduzir certas representações negativas sobre si mesmo e seu país. Nesse sentido, embora a autorrepresentação seja um fator também importante para a formação e afirmação da identidade cultural de uma nação, nosso principal interesse, neste momento, é refletir sobre como as representações dos estrangeiros delimitaram e ainda definem identidade(s) do Brasil e o brasileiro no conjunto das nações e dos povos.

Para Stuart Hall (2011), as identidades nacionais não têm muito a ver com questões relacionadas a “quem somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com os modos como nós podemos ser representados pelo outro e como essas representações sensibilizam as maneiras de representarmos a nós mesmos. Nesse sentido, uma nação não é apenas uma entidade política na qual as pessoas são identificadas como cumpridoras das leis locais; a nação é, antes disso, um sistema simbólico que produz sentidos, ou seja, um sistema de representação cultural (HALL, 2011). Nessa esteira, conforme a afirmação de Hall, as identidades são construídas através da diferença, e isso significa dizer que

[...] o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído (HALL, 2000, p. 110, grifo do autor).

No mundo moderno, esse processo é evidente com relação às culturas nacionais, nas quais os sujeitos nascem e permanecem inseridos e que constituem as principais fontes de identidade cultural. Assim, as pessoas pensam as identidades como se estas fossem parte de sua natureza existencial, isso porque a condição humana exige que o indivíduo primeiramente identifique a si mesmo como membro de uma sociedade, grupo social, estado ou nação que intuitivamente reconheça como sendo o seu lar. Desse modo, o sentimento de pertencimento gera o de identidade nacional que funciona como um elemento indispensável, quase biológico, na constituição do homem enquanto sujeito social e cultural:

A ideia de um homem sem uma nação parece impor uma (grande) tensão à imaginação moderna. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. [...] Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro é, de fato, um aspecto, talvez o mais central, do problema do nacionalismo. Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal (GELLNER, 1983, apud HALL, 2011, p. 48).

Uma cultura nacional produz sentidos que estão presentes nas histórias que se contam sobre uma nação, os quais são mergulhados em memórias que conectam o presente ao passado, montando e remontando imagens que dela são construídas. É por isso que as identidades culturais são *discurso*, pois surgem de uma “narrativização do eu”, de natureza necessariamente imaginada e fictícia, mas que não prejudica sua eficácia discursiva, política ou material (HALL, 2000). Sendo assim, o discurso assume um papel fundamental no processo de construção de uma identidade nacional, pois além do fato de ser por meio e dentro dele que as representações de uma determinada nação são inventadas e reinventadas, o discurso funciona, também, como uma estratégia de poder, que mantém vivos na memória não só as representações construídas de uma nação, mas, também, o jogo da imposição da diferença que satisfaz os interesses específicos daqueles que a criam:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída de uma “identidade” em seu significado tradicional, isto é, uma mesmidade que tudo inclui uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2000, p. 109, grifo do autor).

Na teoria cultural de Hall (2011), existem três mecanismos, dos quais o discurso é o elemento principal, que são acionados para construir o senso comum sobre o pertencimento ou sobre a identidade nacional. O primeiro mecanismo é a *narrativa da nação*, que consiste nos modos como ela é contada e recontada nas histórias, literaturas nacionais e na mídia popular. As narrativas sobre uma nação fornecem uma série de imagens, cenários e símbolos nacionais que representam as experiências partilhadas, as conquistas e as perdas que dão sentido a essa nação. O segundo é a *invenção da tradição*, que significa um conjunto de práticas de natureza discursiva e simbólica que tem o objetivo de inculcar determinados valores e normas comportamentais por meio da repetição, o que automaticamente implica

numa relação contínua e inviolável com o passado histórico. O terceiro e último mecanismo, por sua vez, é o *mito fundacional*, que se trata de “uma história que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo “real”, mas de um tempo mítico” (HALL, 2011, p. 55).

O discurso de uma cultura nacional, segundo Hall (2011), está no entremeio do passado e do futuro, o qual se equilibra entre a busca pelo resgate das coisas passadas com o impulso por avançar em uma direção futura. Portanto, é nesse movimento entre passado e presente que as identidades construídas são mantidas na memória histórica através de um jogo de regularização discursiva:

A regularização se apóia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido. Esse reconhecimento é da ordem do formal, e constitui outro jogo de força, este fundador [...]. É preciso admitir que esse jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo e sua repetição. Por outro lado, uma vez reconhecida essa repetição, é preciso supor que existem procedimentos para estabelecer o deslocamento, comparação e relações contextuais. É nessa colocação em série dos contextos, não na produção das superfícies ou da frase tal como ela se dá, que vemos o exercício da regra (ACHARD, 1999, p. 16).

Para dar uma ideia concreta de como nossa discussão sobre identidade se aplica, apresentaremos, na próxima seção, alguns relatos de europeus de distintas nacionalidades que vieram ao Brasil em épocas diferentes e narraram suas experiências, deixando suas impressões particulares sobre o país, o que configura um manancial de características que contribuíram para a constituição da identidade do país e da sua população. Assim, a apresentação breve desses constituem um valioso material histórico e discursivo para a composição deste capítulo e também de contextualização do nosso trabalho, de modo a refletirmos sobre a origem de determinados mitos fundadores e estereótipos culturais do Brasil e do brasileiro que se reafirmam e se deslocam.

Em nossos pré-exames desses relatos, verificamos uma vasta produção de modos de ver o Brasil e o brasileiro e apresentaremos os que acreditamos serem mais importantes para esta pesquisa, organizando-os em dois momentos. No primeiro momento, apresentaremos as narrativas positivas, com a exposição da carta de Pero Vaz de Caminha enviada ao rei D. Manuel, escrita em 1500; do estudo feito sobre a história do Brasil pelo alemão Stefan Zweig, entre 1881 a 1942 e da experiência do francês Jean Baptiste Debret, que chegou ao Brasil em 1816, que

residiu no país por 15 anos. Já no segundo momento, apresentaremos as narrativas negativas, com a exposição dos relatos dos franceses Auguste de Saint-Hilaire, Joseph Arthur de Gobineau (o conde Gobineau) e do suíço Louis Agassiz e sua esposa, os quais visitaram o Brasil no século XIX.

### 1.1. A “invenção” do Brasil e do povo brasileiro

Os enunciados que formaram sentidos do Brasil e do brasileiro fazem parte da constituição histórica de ambos e são resultantes de um processo simbólico de significação do mundo que deu origem a certas versões que se cristalizaram, como é o caso dos enunciados “gigante pela própria natureza”, “terra que onde se planta tudo dá”, “Brasil é o paraíso”, etc. Se cronologicamente nos dispusermos a observar a gênese desses enunciados, os quais ainda têm sido muito difundidos até o presente século, podemos dizer que foram inicialmente acionados por Pero Vaz de Caminha, em sua carta ao Rei português D. Manuel.

Caminha, fidalgo português que se notabilizou por funções de escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, ao escrever sua carta em 1500, descreveu os aspectos da natureza do país e se vislumbrou com as paisagens, o extenso território e a fecundidade das terras brasileiras, material discursivo tão rico em detalhes descritivos que, por isso, até hoje constitui um das mais consultadas fontes sobre as origens do Brasil. Certamente, essas representações bem qualificadas do país não remontam somente a essa carta, mas, possivelmente, possam ter se originado por meio dela, sobretudo devido à data em que foi escrita, uma das mais antigas, ainda no período do descobrimento:

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até a outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, *será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa.* Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. *Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande;* porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos – *terra que nos parecia muito extensa.* [...] Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperdaos como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d’agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. *Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!* (CAMINHA, [1500] 1963, grifo meu).

As descrições da paisagem do Brasil na Carta de Caminha atravessam os discursos sobre o país que perduram até o atual século, o que nos faz refletir sobre a identidade enquanto um lugar de memória e um processo simbólico de construção de um imaginário sociocultural. Nesse sentido, valemo-nos do que diz Orlandi (1993, p. 13) acerca do que ocorre no bojo da construção de uma identidade nacional:

[...] nessa passagem do sem-sentido para o sentido, produzida nesses lugares, não estamos pensando a história dos fatos, e sim, o processo simbólico no qual, em grande medida, nem sempre é a razão que conta: inconsciente e ideologia aí significam. Não é a cultura ou a história factual, mas a das lendas, dos mitos, da relação com a linguagem e os sentidos. É a memória histórica que não se faz pelo recurso à reflexão e às intenções, mas pela “filiação” [...] aquela na qual, ao significar, nos significamos.

A carta de Caminha, que pode ter sido o ponto de partida para o surgimento de vários enunciados favoráveis ao Brasil, não somente em termos de elementos naturais e paisagem, mas, também, de elementos culturais, ilustra bem essa “filiação” apontada por Orlandi (1993), isto é, um tipo de elo existente entre o real e o construído, onde se cria uma tradição de sentidos que se movimentam para frente e para trás, trazendo o que é novo e o que permanece. Assim, é dentro dessa movimentação que surgem os discursos fundadores de uma nação responsáveis pela produção de sentidos que se arraigam na memória social e histórica, de modo a produzirem um efeito familiar, de obviedade, de um “sempre foi assim”.

Outro europeu que contribuiu para a construção de uma visão positiva do Brasil e do povo brasileiro foi Jean Baptiste Debret, pintor, desenhista e professor francês que ganhou destaque nos estudos históricos do Brasil pela sua vinda ao país em 1816 a convite do Príncipe Regente, com a Missão Artística Francesa, a qual foi a responsável pela fundação da Academia de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro, conhecida mais tarde como Academia Imperial de Belas Artes, onde lecionou. Depois de quinze anos de estada no Brasil e de volta à França, em 1831, foi publicada, em 1978, sua obra “*Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1834-1839)*”, na qual descreve os aspectos da natureza e da sociedade brasileira do século XIX, além dos relatos sobre suas experiências vividas no país, sobretudo culturais.

A seguir, escolhemos um dos relatos de Debret que, de certo modo, parece estabelecer um diálogo com a carta de Caminha, descrevendo o clima natural do país de modo a ser um elemento que constitui o caráter e a moral do brasileiro:

O solo variado do Brasil apresenta sucessivamente as diferentes temperaturas europeias, cuja influência se faz sentir no caráter moral e físico do habitante a ela submetido desde o nascimento. Essa variedade de temperatura explica, também, a variedade notável que existe entre os brasileiros de cada uma das províncias desse vasto império. *O brasileiro, geralmente bom, é dotado de uma vivacidade que se vislumbra nos seus olhos pretos e expressivos, feliz disposição natural que ele aplica com êxito no cultivo das ciências e das artes [...].* O ancião no Brasil, vivendo retirado na sua residência rural, tem a voz dura por hábito e a conserva por necessidade pois passa a fiscalizar empregados e escravos [...] que procuram fazer nada. Mas seu coração não sofre dessa tendência do espírito, pois mostra-se *sempre generoso e hospitaleiro [...].* O habitante do Brasil é bem feito; anda de cabeça erguida, mostrando assim, sua fisionomia expressiva (DEBRET, 1978, p. 163-164, grifo meu).

A descrição apresentada por Debret sobre o caráter do brasileiro nos permite refletir acerca desses percursos e ressonâncias de sentidos que certamente têm servido até hoje como estereótipos positivos muito correntes, tais como: “o brasileiro é bondoso”, “o brasileiro é pacífico”, “o brasileiro é receptivo”, etc. Ao ganhar corpo, esses enunciados estereotípicos se cristalizaram, fixando-se de modo perene na história da constituição da brasilidade, ganhando foro de discursos fundadores da identidade brasileira.

Além da contribuição dos relatos de Debret, tanto em termos históricos, quanto em termos de formulação de uma identidade brasileira, outra fonte documental da história do Brasil que tem se destacado por um estudo detalhado sobre o país é “*Brasil: um país do futuro*”, do alemão Stefan Zweig, publicado em 2013. Esse europeu realizou três viagens ao Brasil, sendo que na primeira entre 1940 e 1941, reuniu suas anotações pessoais e finalizou sua obra e a alcunha de “País do Futuro” criada por ele até hoje reverbera e fomenta sentidos sobre o país. Segundo Alberto Dines (2013, p. 7, grifo do autor), jornalista que redige o prefácio da obra de Zweig, “até hoje não se sabe exatamente o que pretendia dizer com esse sugestivo e enigmático jogo de palavras (*um país ou o país do futuro ou de futuro?*)”. Todavia, ainda que não ficasse claro que sentido Zweig pretendia formular sobre o país, é inegável o fato de que se tornou um cognome, um célebre estereótipo de “país-promessa”, difundido por todo o mundo, passível de ser interpretado de diversas maneiras.

Fascinado pela sociedade brasileira do século XX, Zweig, por um lado, recusou a ideia hiperbólica de um Brasil exótico e pitoresco, oferecendo, em troca, o esboço de uma visão afável e sentimentalista do Brasil e do brasileiro. Por outro lado, notamos

que as visões desse escritor alemão parecem se alinhar às de Caminha e Debret, reforçando a ideia da existência de um país com uma beleza paradisíaca e de um povo “pacífico”, “feliz” e “acolhedor”. Nessa direção, esses discursos que fundam uma identidade cultural são resultantes de um diálogo entre os sentidos que se movimentam no decorrer da história. A seguir veremos como a circulação de sentidos sobre o Brasil como “paraíso” se manteve ao longo do tempo com o relato inicial da chegada de Zweig ao país:

Chegamos ao Rio: foi uma das impressões mais poderosas que eu experimentei em toda a minha vida. Fiquei fascinado e, ao mesmo tempo, estremei. Por não apenas me defrontei com uma das paisagens mais belas do mundo, esta combinação ímpar de mar e montanha, cidade e natureza tropical, mas ainda com um tipo completamente diferente de civilização (ZWEIG, 2013, p. 14).

Além da preservação de sentidos no que diz respeito à descrição da beleza natural do Brasil, Zweig oferece impressões que se encaminham para uma visão mais politizada do país, sobretudo em termos de infraestrutura. No entanto, essa visão acaba se encaminhando para a ideia de país “hospitaleiro” e “acolhedor”, que penetra com força nas interpretações de Zweig:

[...] contrariando todas as minhas expectativas, o quadro era de ordem e limpeza na arquitetura e na paisagem urbana, com ousadia e grandiosidade em todas as coisas novas e, ao mesmo tempo, uma cultura espiritual antiga, conservada de forma especialmente feliz [...]. Um país de rápido desenvolvimento e que apenas começa a se desenvolver, apesar de todas as atividades de trabalho, construção, criação e organização. Um país cuja importância para as próximas gerações é inimaginável até fazendo combinações mais ousadas. E, com uma rapidez surpreendente, derreteu-se a arrogância europeia que eu levava em uma bagagem inútil nessa viagem. Planejei voltar logo no ano seguinte, mais bem preparado, para ficar mais tempo e para experimentar novamente e mais intensamente aquela sensação de viver dentro do porvir do futuro [...] desfrutando mais conscientemente da segurança, da paz e do bom ambiente acolhedor (ZWEIG, 2013, p. 14-15, grifo meu).

Trechos mais adiante, encontramos descrições que dão continuidade à circulação de estereótipos positivos muito recorrentes do brasileiro enquanto povo “amável”, “gentil” e “pacífico”, seguidos da construção do seu caráter que, segundo o escritor alemão, é de “boa índole”, sendo uma das suas características mais notáveis:

[...] a meu ver, o mais importante, o Brasil parece-me ser um dos países mais exemplares e amáveis do mundo. É um país que odeia a guerra, e mais: que praticamente a desconhece [...]. O Brasil não tem ambições de conquistas territoriais ou tendências imperialistas [...]. Esse desejo de conciliação, essa postura humanitária [...] é o produto natural de um caráter popular, da tolerância inata do brasileiro, comprovada ao longo de sua história [...]. Por isso, é sobre a existência do Brasil, cujo único desejo é a construção pacífica, que repousam nossas maiores esperanças de uma



civilização futura e de pacificação do nosso mundo devastado pelo ódio e pela loucura (ZWEIG, 2013, p. 22-23) [...].

Desconfiados, como infelizmente nós nos tornamos contra tudo o que é naturalmente humano, indagamos aos amigos e recém-imigrados se aquela cordialidade aberta não seria apenas uma formalidade, se essa boa e amistosa convivência sem aparente ódio ou inveja entre raças e classes sociais não seria uma ilusão de uma primeira impressão superficial. Mas todos são unânimes em elogiar essa primeira e mais básica característica deste povo: sua boa índole (ZWEIG, 2013, p. 130).

É interessante observar que o escritor alemão, especialmente no segundo trecho da (página 130), compara o caráter do imigrante europeu (“desconfiado”) ao do brasileiro (“amável e de boa índole”), contrastando-os de modo a privilegiar a “cordialidade aberta” do brasileiro, o que parece ter relação com sua autorrepresentação, a qual ganha fôlego na primeira metade do século XX como “homem cordial”, a partir de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, ou do Brasil como “país da democracia racial”, em *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre.

Sobre a vida cultural no país, Zweig afirma que a literatura brasileira foi reprimida por tantos anos pelas literaturas europeias, mas que ganhou sua emancipação e seu reconhecimento com o advento do romance e do conto brasileiros. Dessa maneira, o escritor alemão novamente busca corroborar para a construção de uma visão favorável do brasileiro ao comparar sua capacidade intelectual e artística à do português, mostrando que, ao contrário do tratamento secular oferecido à arte e à intelectualidade pelo europeu, o brasileiro, distintamente, considera suas produções culturais e intelectuais como herança nacional, algo obtido com prazer e por meio de esforços próprios.

O interesse pela produção intelectual aqui é surpreendente. Abrem-se livrarias e mais livrarias, a produção de livros se aperfeiçoa na impressão e na apresentação, obras de beletrismo e mesmo científicas chegam a tiragens que uma década antes ainda nem se sonhavam, e a *produção brasileira já começa a sobrepujar a portuguesa*. Mais do que entre nós, onde esporte e política atraem a juventude da mesma forma fatal, a produção intelectual e artística está no centro do interesse de toda a nação. *Pois o brasileiro, em si, tem muito interesse por coisas intelectuais*. De intelecto vivaz, rápido na percepção e loquaz por natureza [...] *o brasileiro adora ler* (ZWEIG, 2013, p. 144-145, grifo meu).

Os relatos expostos até o momento sobre as impressões atestadas por europeus colocaram em circulação estereótipos bem qualificados do Brasil e de seus habitantes, circunstância que confere um valor significativo dessas narrativas na construção de identidade (s) do Brasil e do brasileiro no exterior. Todavia, não foram

somente os discursos favoráveis que contribuíram para a “invenção” do país e de seu povo, visto que é necessário considerar, também, o fato de que os discursos desfavoráveis possibilitaram, de igual modo, a cristalização de representações e traços negativos do país e de seu povo.

Sendo assim, neste segundo momento apresentaremos as visões negativas do Brasil e do brasileiro, com a exposição de trechos da obra “*Segunda viagem ao Rio de Janeiro a Minas Gerais a São Paulo*” (1974), de Auguste de Saint-Hilaire, que foi um botânico, naturalista e viajante francês chegado ao Brasil em 1816, que escreveu sobre os costumes e paisagens brasileiros do século XIX, residindo no país por seis anos, deixando-o em 1822.

Saint-Hilaire tinha um vasto conhecimento sobre a literatura científica das Ciências Naturais, no entanto, na sua referida obra não se deteve somente na formulação de conhecimentos com respeito à natureza do Brasil, mas, também, na explanação sobre os valores e a conduta do brasileiro do século XIX. É o que encontramos no trecho a seguir, no qual Saint-Hilaire denuncia as más condições de infraestrutura, planejamento e gestão na construção da *Estrada do Comércio*, que na época servia para melhorar o trajeto das tropas de mulas entre o Porto do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás:

O caminho é muito mais curto que os outros para os habitantes da comarca de S. João e por conseguinte de incontestável utilidade. Trabalhou-se ali, durante muito tempo. Gastaram-se somas consideráveis. Desde porém, que se franqueou a passagem, não só não se concluíram as partes apenas esboçadas como não foram conservados os trechos já construídos [...]. É mais ou menos assim tudo o que se empreende neste país. Os brasileiros apreendem com facilidade, sabem arquitetar planos, mas entregam-se, demais, ao devaneio, não medindo obstáculos nem calculando os empreendimentos de acordo com os seus recursos. Os defeitos de sua administração acumulam obstáculos fictícios aos reais [...]. Começa-se qualquer empreendimento útil, para logo ser interrompido e abandonado. Às vezes um serviço ordenado pelo governo e que se poderia acabar em pouco tempo e com despesas mínimas, jamais termina, embora nele se trabalhe sempre (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 19).

Esse discurso emplaca uma visão fortemente negativa sobre a administração e a política brasileira, que ainda hoje são frequentes estereótipos negativos do Brasil relacionados ao seu desenvolvimento, que ainda é visto como precário ou tardio. Com isso, o discurso de Saint-Hilaire, nesse sentido,

traz a postura do civilizado diante do povo atrasado, reforçada por uma série de obstáculos linguísticos, culturais e econômicos à compreensão do grupo visitado. Mesmo quando o viajante não pertence à nobreza ou à alta burguesia, identifica-se com a civilização europeia e seus padrões de avaliação dos homens, de acordo com o êxito ou o fracasso (LEITE, 1997, p. 10).

Essa visão de país pouco desenvolvido relacionada à esfera política e administrativa do Brasil também ressoa quando se trata do desenvolvimento intelectual do brasileiro, bem como se vê no trecho a seguir:

Num país cujos habitantes *têm idéias pouco desenvolvidas* e estão *acostumados à preguiça*, o europeu, senhor da vantagem de ter maior descortino, deve necessariamente ganhar alguma coisa, se trabalhar com perseverança e comportar-se bem (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 101, grifo meu).

Sem capacidade administrativa e intelectual, o povo brasileiro estaria “acostumado à preguiça”, outro estereótipo negativo que o texto de Saint-Hilaire coloca em circulação. A atribuição de certas características ao brasileiro, neste caso de “preguiçoso”, é resultante, segundo Leite (1997), de uma avaliação que provém da incapacidade dos viajantes europeus de se desvincularem da sua cultura de origem, o que afeta suas observações sobre a população visitada. Além disso, Leite (1997) atenta para o fato de que muitas descrições desses viajantes foram embasadas apenas em amostras fragmentadas, visto que o povo brasileiro descrito nas obras, em boa parte, era constituído pela classe social mais abastada, identificada com a cultura europeia.

Outra visão eurocêntrica, mítica, que aparece nos textos de Saint-Hilaire é a do “selvagem”. Contrastado ao povo civilizado (europeu), os nativos, ou seja, os indígenas, eram vistos como selvagens pelo fato de possuírem uma natureza “grosseira” e práticas religiosas não reconhecidas pelos padrões religiosos europeus, o que justificava o trabalho de doutrinação ao cristianismo pelos padres missionários. No trecho a seguir, Saint-Hilaire apresenta, então, sua visão pessoal acerca do “selvagem” brasileiro:

O trabalho dos missionários com os índios perde parte de seu maravilhoso valor quando consideramos a facilidade com que os *selvagens* esposam nossas idéias, a propensão para nos limitarem, o prazer que encontram nas cerimônias da igreja (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 98).

O mito do “bom selvagem” tão difundido ao longo da história da colonização dos países da América do Sul é aqui acionado quando o naturalista francês relaciona bondade e facilidade de aceitar doutrinação cristã. Com efeito, essa bondade

condicionada por uma resignação, segundo Saint-Hilaire, acaba anulando a “grandiosidade” do trabalho missionário que aparentemente se baseia na dificuldade encontrada por eles nas missões. Nessa direção, segundo Heloísa Toller (2007), o estereótipo do selvagem marca contrastes extremos, nas respectivas condições de existência:

[...] de um lado, a pureza crédula, a ingenuidade, apontando perigosamente para a falta de inventiva maleabilidade intelectual (...). Do outro, o branco, intelectualmente sofisticado, requintado, criativo, porém, nostálgico da inocência perdida que é evocada através do selvagem – nisto, assemelhando-se ao adulto que observa as brincadeiras infantis e relembra, melancólico, aquela infância querida que os anos não trazem mais (TOLLER, 2007, p. 114).

Toller (2007) nos mostra, ainda, que na literatura europeia, o bom selvagem não costuma ser visto sozinho, mas sim, em sua relação mantida com o branco civilizado, de onde se originam as diferenças. O homem branco possui suas faculdades mentais desenvolvidas, sendo capaz de interrogar a si mesmo e ao mundo; já o selvagem não questiona as verdades que lhe são impostas e possui um pensamento e personalidade amorfos. Assim, o estereótipo do bom selvagem atua a serviço da consolidação de uma visão racista europeia (quase sempre negativa) em relação aos povos subjugados na história da implantação de sociedades coloniais e suas posteriores fases no transcorrer do tempo (TOLLER, 2007).

Dando sequência à nossa exposição, outro importante viajante europeu que escreveu sobre o Brasil foi o zoólogo e naturalista suíço Louis Agassiz, que, saindo de Nova York com sua esposa Elizabeth Cary Agassiz, chegou ao país em 1865 com a tarefa de comandar a Expedição Thayer, que consistia no registro em série de tipos raciais brasileiros do Rio de Janeiro e da Amazônia. Em sua obra pioneira “*Viagem ao Brasil*” (1975)<sup>5</sup>, Louis Agassiz apresenta riquíssimas informações sobre os mais variados temas, apresentando suas impressões particulares relacionadas desde os aspectos naturais, até os sociais e políticos do Brasil.

Dentro do percurso construído por Agassiz em seu livro, no tratamento destinado a assuntos diversos relacionados ao Brasil, encontramos observações acerca do caráter geral da educação brasileira, vista de uma maneira negativa por ele, sobretudo no tocante à educação pública de escolas primárias:

---

<sup>5</sup> Ainda que esta obra também pertença a Elizabeth Cary Agassiz, os relatos que iremos expor são de Louis Agassiz, por isso, o citamos como autor principal.

Pouco vi das escolas primárias. Num país de população escassa e disseminada por imensa área, é necessariamente difícil, a não ser nas grandes cidades reunir crianças numa escola. Nos lugares em que se puderam organizar estabelecimentos desse gênero, o ensino é gratuito; infelizmente, os professores são pouco numerosos, a educação é limitada e bem fracos os meios de instrução. Escrita, leitura e cálculo, com a mais ligeira tintura possível de geografia, eis o programa das escolas. Os professores têm grandes dificuldades a vencer; não são prestigiados fortemente pela coletividade. Esta não aprecia bastante a importância da instrução como base necessária e fundamental de uma civilização superior (AGASSIZ, 1975, p. 291- 292).

Agassiz aponta falhas de diversas ordens na educação brasileira que vão desde aspectos de infraestrutura das escolas, planejamento educacional até o descaso e desprestígio da sociedade brasileira com relação à docência. Além desses aspectos abrangentes apontados por Agassiz, o naturalista suíço continua criticando o ensino brasileiro, mas, agora, no que diz respeito à educação da mulher no Brasil, que no século XIX era constituída de colégios específicos para meninas:

Pouca coisa tenho também a dizer sobre a escola para meninas. Em geral, no Brasil, pouco se cuida da educação das mulheres, o nível de ensino dado nas escolas femininas é pouquíssimo elevado; mesmo nos pensionatos freqüentados pelas filhas de classes abastadas, todos os professores se queixam de que lhe retiram as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver (AGASSIZ, 1975, p. 277).

Observamos que a questão da educação brasileira é forte na obra de Agassiz. Nessa esteira, a capacidade intelectual do povo brasileiro estaria, para ele, atrelada a uma questão não só educacional, mas, também, ao caráter nacional e, sendo assim, os obstáculos encontrados no ensino do Brasil reverberam na conduta moral do povo brasileiro. No trecho a seguir, veremos que Agassiz critica veementemente a intelectualidade e a moralidade do brasileiro:

[...] Se algum dia as faculdades morais e intelectuais do povo brasileiro se puserem em harmonia com a maravilhosa beleza e riquezas imensas que o país recebeu da natureza, não haverá outra região mais feliz sobre o globo, No presente, há, porém, vários obstáculos ao seu progresso; obstáculos que atuam sobre o povo como uma espécie de *enfermidade moral* (AGASSIZ, 1975, p. 289, grifo meu).

A “enfermidade moral” do brasileiro atestada por Louis Agassiz nos permite refletir sobre as origens do estereótipo muito arraigado no Brasil, já no século XIX, de país politicamente corrupto, se considerarmos que a corrupção tem sua origem nas falhas de conduta moral e ética. A comparação positiva dos aspectos da natureza tropical do Brasil, em detrimento das características morais do brasileiro feita por Agassiz, instaura uma relação hierarquizante que comumente apresenta um contraste que tende a colocar o povo colonizado em uma posição inferiorizada.

Além da diferença interna entre os atributos positivos e negativos do brasileiro, o pensamento colonialista é regido por demandas nacionalistas que marcam um contraste mais amplo. Nesses termos, a diferença existente entre os paradigmas culturais dos povos colonizadores com os dos povos colonizados resulta numa relação de dependência, ou até mesmo, de incapacidade. É o que observamos no relato a seguir de Agassiz, que vê o Brasil como um país “apolítico”, por aparentemente não possuir a capacidade de construir uma própria constituição, tomando-a emprestada de seu colonizador, isto é, de Portugal:

[...] Para bem dizer, existe uma falta de harmonia entre as instituições e o estado real da nação. Poderia ser de outra forma? Uma *constituição emprestada, que não é, por assim dizer, produto do solo*, não se assemelha a uma vestimenta casual que não foi feita sob medida para quem usa e fica larga demais por todos os lados? (AGASSIZ, 1975, p. 180).

Além de Agassiz e demais viajantes citados aqui, não poderíamos finalizar nosso percurso histórico sobre as construções de identidade (s) do Brasil e do brasileiro sem antes mencionarmos alguns trechos de relatos de Joseph Arthur de Gobineau, (o conde Gobineau), que foi um viajante francês muito conhecido por sua forte antipatia pelo país. Chegado ao Brasil em 1869 com a missão de chefiar a delegação diplomática francesa no país, Gobineau foi um crítico veemente do Brasil e da população brasileira do século XIX. Embora sua relação com o imperador português D. Pedro II fosse amistosa, Gobineau tentava a todo custo fugir de sua missão diplomática, pois achava insuportável a sua estada no Brasil. As experiências culturais e políticas vividas por esse conde no país deu origem à obra “*O inimigo Cordial do Brasil: O conde de Gobineau no Brasil*” (1988), uma fonte informacional preciosa do professor de língua e literatura portuguesa na França George Raeders, que mostra o Brasil do Segundo Império aos olhos de Gobineau.

O conde francês era avesso ao Brasil e expunha explicitamente seus pontos de vista negativos, principalmente no que diz respeito à miscigenação racial, que, segundo ele, era o fator principal para pensar que não haveria um futuro promissor para os brasileiros, pois a mistura de raças era a condição necessária para o declínio de uma população. Na visão de Gobineau, o Brasil seria o retrato de uma humanidade degenerada e atribuía os altos índices de mortalidade e todas as mazelas do país daquela época à miscigenação racial.

Sua crítica relacionada à questão da mistura de raças no Brasil se ampliava aos assuntos sociais e políticos. Com isso, o conde francês contribuiu para que a visão de país apolítico, já presente nas descrições de Agassiz, se mantivesse, acusando nulidade na política brasileira. No entanto, distintamente do naturalista suíço que atrela a ausência de política a uma condição de dependência, Gobineau, por sua vez, parece relacioná-la à questão da preguiça, ao dizer que: “os brasileiros, quando dizem que sim na segunda-feira, dizem não na terça. *No fundo, têm horror a fazer qualquer coisa. A política é tão nula que ninguém está a par do que aconteceu na câmara*” (GOBINEAU, 1869, apud RAEDERS, 1988, p. 100, grifo meu). No trecho a seguir, Gobineau continua relacionar a preguiça à aversão do brasileiro pelo trabalho, e afirma que ela é a condição para o declínio e, conseqüentemente, o desaparecimento da população brasileira: “[...] o brasileiro jamais desejará trabalhar. Portanto, ele só pode prever sua própria extinção gradual e daí provém o pouco desempenho para obter a aplicação dos princípios liberais [...]” (GOBINEAU, 1869 apud RAEDERS, 1988, p.121).

Raeders (1988) mostra que a antipatia de Gobineau pelo Brasil era tão intensa que ele se recusava, sempre que possível, a escrever sobre o país. Para o conde francês, o país tinha nada de interessante. A falta de atratividade do país, segundo Gobineau, ressoava na caracterização do povo brasileiro e, nessa direção, além de reafirmar a ideia de o Brasil ser um país apolítico, o povo brasileiro, para ele, parecia não possuir identidade devido à ausência de costumes próprios de uma nação: “Os brasileiros não despertam nenhum interesse *não têm costumes nacionais nem nada de particular, a não ser uma excessiva depravação com a qual só se pode fazer um livro muito severo e muito duro*” (GOBINEAU, 1869, apud RAEDERS, 1988, p. 181-182).

Para finalizar esta discussão, seja o brasileiro “gentil”, “preguiçoso”, “hospitaleiro”, ou o Brasil um “paraíso”, “país atrasado” ou “país-promessa”, observamos que todas essas visões dos viajantes europeus que contribuíram para a construção de uma brasilidade são, antes de qualquer coisa, representações e discursos. Sendo assim, no próximo capítulo refletiremos sobre o fenômeno da representação, apreendendo-a em conjunto, no tocante à sua conceituação, funções e interfaces mantidas com a cognição humana, aspectos sociais e a própria linguagem.

## CAPÍTULO II

### A NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO: LEITURAS INTERDISCIPLINARES

A problemática da representação vem sendo discutida desde a filosofia, tornando-se objeto de reflexões que se centraram na maneira como o homem se coloca a serviço da produção e exteriorização do seu próprio pensamento, o que trouxe posteriormente questões direcionadas ao trabalho da linguagem na construção da consciência coletiva e individual.

A representação inicialmente foi tratada na filosofia em termos de um “realismo representativo”, o qual postulava “uma cadeia causal entre o objeto e produto mental da percepção, mediada pela sensação ou *sensa*, em virtude da qual alguns produtos mentais da percepção (*percepts*) eram como os seus objetos” (OUTHWAITE; BOTTMORE, 1996, p. 647). Nessa direção, a representação foi alvo de uma reflexão prioritariamente mentalista, que se relacionava à experiência individualizada do despertar da consciência humana para o mundo real, isto é, o momento em que tal consciência se converte em um indivíduo cognoscente, em que suas impressões subjetivas são a fonte das representações. Todavia, essa perspectiva puramente cognitivista/mentalista gradualmente foi desvinculando-se de um ponto de vista individual da apreensão de mundo, sofrendo mudanças determinantes para a constituição de uma compreensão das representações nas Ciências Sociais que deslocaria o enfoque subjetivista para o objetivista, momento em que Durkheim e Marx foram os principais representantes, dando lugar ao entendimento de que as representações são um fenômeno histórico, que se inscreve nas relações materiais e coletivas. Não obstante, as transformações da noção de representação não se encerraram no modo objetivo de compreendê-la, pois a perspectiva subjetiva reclamou novamente por seu lugar. Foi através desse embate que ambas as vias de lidar com a representação passaram a co-existir nos estudos atuais, por vezes inscritas em uma zona de integração ou conflito, abrindo caminhos para o entendimento das propriedades psíquicas e sociais, individuais e coletivas da representação.



As dicotomias indivíduo/coletivo, objetivismo/subjetivismo em torno da representação deram fôlego ao desenvolvimento de um pensamento social, no qual as disputas entre os pontos de vistas entraram em cena nas discussões metodológicas e teóricas das Ciências Humanas desde o século XIX até à chegada do atual milênio. Desse modo, a questão da representação ganhou vasta amplitude com o surgimento de perspectivas muito diversas sobre o assunto e, por esse motivo, acreditamos que sistematizar cada uma das concepções sobre a representação irá exaurir nossa discussão. Assim, optamos por apresentar um quadro de estudo interdisciplinar bem delineado, no qual preliminarmente faremos um breve histórico sobre a noção de representação social, até chegarmos às abordagens em Psicologia Social de Moscovici (1978; 2004), em diálogo com perspectivas de Denise Jodelet (1993; 1986), Celso Pereira de Sá (2002) e demais autores complementares, inscrevendo-as posteriormente em questões relacionadas ao discurso.

## **2.1. Aproximação às noções de representação**

O estudo da representação social foi inicialmente trabalhado na tradição dos estudos sociológicos, onde se defendia que a representação consistia em uma forma de conhecimento independente, que corresponde a um determinado número de exigências do homem na medida em que ele se defronta com os acontecimentos de seu universo imediato. Assim, sua razão de ser se fundamenta na tentativa de consolidar uma relação com os outros através da socialização de elementos figurativos específicos de um sistema de significações do mundo. Na busca pela integração e superação da dicotomia entre o individual e o social, a Psicologia Social viveu um momento angustiante pela grande divergência que existia com as perspectivas da tradição sociológica, situação que por muito tempo foi motivo de frustração do surgimento de referencial teórico estável que harmonizasse os aspectos psicológicos (individuais) e sociais. Todavia, foi no início dos anos 60 que o psicólogo social Serge Moscovici resgatou o conceito de representação social da Sociologia de Émile Durkheim e o inovou devido à verificação dos aspectos da representação não só em termos sociais ou coletivos, mas também em termos

aspectos psicológicos, circunstância que transformou o conceito em uma noção multifacetada.

Segundo Moscovici (1978), o ponto de vista de Durkheim sobre a representação se reduzia a uma classe muito genérica de fenômenos psíquicos e sociais, em que a vida social era a condição de existência para todo e qualquer organização do pensamento, assim como o pensamento era a condição vital para o surgimento da vida social. Dessa maneira, Moscovici aponta que o modo durkheimiano de entender a representação tornou-se um problema, pelo fato de não abordar nem explicar a pluralidade dos modos da organização do pensamento, o que limitou de maneira significativa o fenômeno representativo, a ponto de fazê-lo perder suas especificidades. Assim, Moscovici (1978) nos mostra que a visão de Durkheim estabelece uma sociologia autônoma que conduziu esse sociólogo a uma distinção radicalista entre representações individuais e coletivas, sugerindo que as primeiras formariam o objeto unicamente da Psicologia e as segundas, da Sociologia. Esse cenário motivou Moscovici a distanciar significativamente sua teorização sobre a representação do pensamento de Durkheim por dois motivos principais: o primeiro é pelo fato de mostrar que a representação deve ser encarada tanto “na medida em que ela possui uma contextura psicológica autônoma, *como na medida em que é própria de nossa sociedade e de nossa cultura*” (1978, p. 45, grifo do autor); já o segundo motivo se deu pela substituição do termo “representação coletiva” por “representação social”, pois, segundo Moscovici, a palavra “social” traduz o aspecto essencialmente dinâmico da representação, enquanto o termo “coletivo” remete a sua característica estática. Dessa maneira, o estudioso defende contundentemente seu ponto de vista, ao argumentar que:

[...] se, no sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de ideia e crenças (ciência, mito, religião, etc), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo “social” em vez de “coletivo” (MOSCOVICI, 2004, p. 49).

Em sua abordagem, Durkheim considerava a existência da representação, porém, não dava importância ao seu funcionamento. Isso significa dizer que Durkheim sabia que as representações faziam parte da sociedade, mas não as estudava em seu processo de formação, aspectos estruturais ou sua dinâmica interna. Além disso, do

ponto de vista durkheimiano, as representações “coletivas” consistiam em um agrupamento de sistemas intelectuais, como a religião, ciência, categorias de tempo e espaço ou qualquer outro tipo de ideia, crença ou emoção que aí pudessem estar inscritos. Esse pensamento, segundo Moscovici (2004), tensionou ainda mais o problema na teoria da representação, pois a tentativa de uma compreensão plena e totalizante das coisas é impossível. Moscovici, em contrapartida, busca mostrar que as representações devem ser vistas como uma maneira específica, que dê conta de compreender ao menos o que as pessoas já sabem, isto é, “uma posição curiosa, em algum ponto, entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa” (MOSCOVICI, 2004, p. 46).

Além disso, na perspectiva moscoviciano, a crítica ao modelo conceitual de Durkheim se torna ainda mais severa, ao mostrar que esse sociólogo foi fiel à tradição de Aristóteles, o que conferiu às representações um caráter imutável, entendidas como coisas por elas mesmas, “suportes para muitas palavras ou idéias como camadas de um ar estagnado na atmosfera da sociedade” (2004, p. 47). Em contrapartida, Moscovici defende o aspecto dinâmico das representações, tendo em vista que elas não são um simples reflexo da realidade, mas sim, atitudes que a modificam, isto é, expressão e produção do homem. Nesse sentido, a representação é um conjunto de comportamentos e relações que nascem e morrem consigo mesma, e isso significa dizer que ela é elemento responsável pela constituição, mobilização e, até mesmo, pelo apagamento de conceitos que são utilizados pelas pessoas a dar sentido às coisas, aos outros e a si mesmas:

Existe uma necessidade contínua de re-constituir o “senso comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e dos sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar. Do mesmo modo, nossas coletividades hoje não poderiam funcionar se não se criassem representações sociais baseadas no tronco das teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas, relacionadas com as interações entre pessoas que, então, passam a constituir uma categoria de fenômenos à parte. E a característica específica dessas representações é precisamente a de que elas ‘corporificam ideias’ em experiências coletivas e interações em comportamento [...] (MOSCOVICI, 2004, p. 48).

Para Moscovici, a representação exprime uma relação entre as instâncias psíquicas da cognição (conceito) e percepção (sensorial) do indivíduo que a produz. Do ponto de vista conceitual, a presença do objeto representado não tem utilidade; já do ponto de vista perceptivo, sua inexistência ou ausência são impossíveis. Assim, a

representação passa a constituir-se em uma terceira instância, ou melhor, “um processo que torna o conceito e a percepção de certo modo intercambiáveis, uma vez que se engendram reciprocamente” (MOSCOVICI, 1978, p. 57). Dessa maneira, os objetos do mundo, uma vez percebidos, são conceituados e suas características são construídas de acordo com o contexto e interesses das pessoas. Nesse sentido, a representação é uma das maneiras pelas quais o homem adquire conhecimento sobre as coisas, consistindo em

[...] sistema de valores, idéias, práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e sua história individual e social (MOSCOVICI, 2004, p. 21).

Moscovici sustenta que a representação, enquanto conhecimento, oferece opções para descrição e explicação dos fenômenos sociais, na orientação e determinação das atitudes sociais dos membros de um grupo. Complementamos esse ponto de vista valendo-nos, novamente, das próprias palavras do estudioso:

No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos [...] elas possuem uma função constitutiva da realidade, da única realidade que conhecíamos por experiência e na qual a maioria das pessoas se movimenta [...] é alternativamente, o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado (MOSCOVICI, 1978, p. 26-27).

A compreensão da representação como um tipo de conhecimento foi aprofundada por Denise Jodelet<sup>6</sup>, outra importante estudiosa que contribuiu para o progresso das teorias atuais da representação social, que a entende como um modo de conhecimento prático, sistema de interpretação e também como ato de pensamento, nos quais todos estão integrados e co-relacionados. Na perspectiva de Jodelet (1986), as pessoas lidam de maneiras diferentes com as situações da vida cotidiana e não se comportam de maneira semelhante, mesmo em situações sociais que podem ser idênticas, isto é, as pessoas se organizam e compreendem e dão sentido à realidade de acordo com uma construção particular e específica de

---

<sup>6</sup> Denise Jodelet é doutora em Ciências Sociais pela Ecole des Hautes, uma instituição francesa de ensino superior e pesquisa em Ciências Sociais na qual atua como professora. Atualmente, possui pesquisas nas áreas de Psicologia, com ênfase nos estudos em Psicologia Social, com trabalhos sobre a Teoria das Representações Sociais, saúde mental, cultura e alteridade.

representações, que então funcionam como categorias de classificação e nomeação de algum objeto. Nessa direção, as representações se convertem em um saber, uma espécie de “conhecimento social” que os indivíduos adquirem sobre os acontecimentos do cotidiano:

[...] a noção de representação nos situa no ponto de interseção entre o psicológico e o social. Antes de qualquer coisa, diz respeito à maneira como nós, atores sociais, apreendemos os acontecimentos da vida diária, as características do nosso meio ambiente, as informações que nele circulam, às pessoas próximas ou distantes de nós. Em poucas palavras, o conhecimento espontâneo, ingênuo que tanto interessa na atualidade às ciências sociais, esse que comumente se denomina *conhecimento do senso comum*, ou *pensamento natural*, em oposição ao pensamento científico. Esse conhecimento se constitui a partir de nossas experiências, mas também das informações, conhecimentos e modelos de pensamento que recebemos e transmitimos através da tradição, da educação e da comunicação social. [...] Em outros termos, trata-se de um *conhecimento prático* (JODELET, 1986, p. 473, grifo do autor, tradução minha).<sup>7</sup>

Esse conhecimento que se dá em forma de representação não surge de qualquer maneira, visto que há um sistema próprio que envolve o processo de construção das representações. Por esse olhar, nos situamos em outro ponto da teoria da representação de Jodelet, compreendida, então, como um sistema de interpretação. Nessa esteira, as representações

[...] regem nossas relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e comunicações sociais. Igualmente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão e nas transformações sociais (JODELET, 1993, p. 5).

Além de uma forma de conhecimento social prático e um sistema de interpretação de mundo, Jodelet também defende a ideia de que representação é um ato de pensamento por meio do qual as pessoas se relacionam com os objetos (uma situação, pessoa, um objeto material, etc.) mesmo que sejam míticos ou imaginários. Nesse sentido, Jodelet (1993, p. 5) aponta que a representação é um ato da mente, isto é, “representante mental do objeto que reconstitui simbolicamente”, e, com isso,

<sup>7</sup> “[...] la noción de representación social nos sitúa en el punto donde se intersectan lo psicológico y lo social. Antes que nada concierne a la manera cómo nosotros, sujetos sociales, apreendemos los acontecimientos de la vida diaria, las características de nuestro medio ambiente, las informaciones que en él circulan, a las personas de nuestro entorno próximo o lejano. En pocas palabras, el conocimiento espontáneo, ingenuo que tanto interese en la actualidad a las ciencias sociales, ese que habitualmente se denomina *conocimiento de sentido común*, o bien *pensamiento natural*, por oposición al pensamiento científico. Este conocimiento se constituye a partir de nuestras experiencias, pero también de las informaciones, conocimiento, y modelos de pensamiento que recibimos y transmitimos a través de la tradición, la educación y la comunicación social”.

nos mostra que os conteúdos provenientes do pensamento restituem simbolicamente algo ausente, que aproxima o indivíduo a algo distante, o que garante à representação sua capacidade de fundir percepção e conceito em imagens. Sendo assim, as representações passam a ganhar um caráter autônomo, dinâmico e criativo, por se tratar de construções mentais que os indivíduos fazem das coisas.

Jodelet (1986) sumariza a discussão, destacando as cinco principais características da representação:

- I. é sempre a representação de um objeto;
- II. tem um caráter imagético e a propriedade de intercambiar o sensível e a ideia, a percepção e o conceito;
- III. tem um caráter simbólico e significativo;
- IV. tem um caráter construtivo;
- V. tem um caráter autônomo e criativo (JODELET, 1986, p. 478, tradução minha).<sup>8</sup>

Através dos principais pontos de vista acerca da representação até então apresentados, fica claro que essa noção, mesmo sendo polifacetada, está muito bem consolidada e delineada. Por tal motivo, cremos ser importante finalizar nosso percurso sobre o assunto, mesmo que de maneira breve, apresentando o trabalho de Celso Pereira de Sá (2002)<sup>9</sup> denominado *Núcleo das representações sociais*, o qual se fundamenta em quatro abordagens distintas, dentre as quais a primeira ancora-se na Psicologia Social de Moscovici; a segunda apresenta uma faceta antropológica baseada nos trabalhos de Denise Jodelet; a terceira se centra em Willem Doise, no estudo das condições de produção e difusão das representações e a quarta e preponderante abordagem se fundamenta no trabalho do francês Jean Claude Abric (1994), um dos teóricos mais respeitados da Psicologia Social, que

---

<sup>8</sup> “-siempre es la representación de un objeto;

-tiene un carácter de imagen y la propiedad de intercambiar lo sensible y la idea, la percepción y el concepto;

-tiene un carácter simbólico y significativo;

-tiene un carácter constructivo;

-tiene un carácter autónomo y creativo”.

<sup>9</sup>Celso Pereira de Sá é doutor em Psicologia pela fundação Getúlio Vargas e professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro desde 1997. Sua experiência acadêmica se concentra nos campos da análise do comportamento social, das representações sociais e da memória social, com trabalhos que abordam o controle e contracontrole social, socialização do conhecimento científico, representações sociais e políticas públicas, além de dedicar-se a pesquisas mais aprofundadas sobre psicologia social da memória”.

preconizou o estudo da dimensão estrutural interna das representações sociais, conhecido como a Teoria do Núcleo Central (TNC).

Em seu estudo sobre a representação, Sá (2002) se vale das teorias de diversos autores e já introdutoriamente encontramos em seu trabalho a notória influência das ideias de Moscovici e Jodelet, quando considera, por um lado, a relação entre os aspectos psicológicos e sociais da representação, e, por outro, ao entendê-la como forma de conhecimento social pelo qual os indivíduos constroem interpretações dos objetos. Dessa maneira, Sá elabora sua própria noção de representação que reitera e ratifica as perspectivas dos autores anteriormente discutidos:

[...] a representação se encontra em uma relação de simbolização (está no seu lugar) e de interpretação (confere-lhe significados). A representação é, por outro lado, uma construção e uma expressão do sujeito, que pode ser considerado do ponto de vista epistêmico (se se focalizam os processos cognitivos) ou psicodinâmico (se a ênfase é sobre os mecanismos intrapsíquicos, motivacionais, etc.), mas também social ou coletivo, na medida e em que sempre se há de integrar na análise daqueles processos o pertencimento e a participação sociais e culturais do sujeito. Além disso, enquanto uma forma de saber, a representação se apresenta como uma modelização do objeto, que pode ser apreendida em diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais (SÁ, 2002, p. 33).

No que diz respeito especificamente à retomada da Teoria do Núcleo Central, Sá (2002) mostra que sua gênese se deu em torno da hipótese de que as representações se organizam em torno de um núcleo central. Assim, a representação, por estar organizada ao redor de um lugar central que determina tanto sua organização interna quanto os significados que ela carrega, pode se desestruturar com a ausência de determinados elementos que compõem esse núcleo.

Preliminarmente, essa teoria se fundamenta no pressuposto de que

A organização de uma representação apresenta uma característica particular: não apenas os elementos da representação são hierarquizados, mas além disso toda representação é organizada em torno de um núcleo central, constituído de um ou de alguns elementos que dão à representação o seu significado (ABRIC, 1994, apud SÁ, 2002, p. 62).

A ideia da centralidade, ou seja, da existência de um núcleo representacional, não é uma novidade (SÁ, 2002), pois essa noção já estava presente na Psicologia Social, em que a organização interna das representações fora observada nos estudos acerca dos processos de percepção social relacionados à formação de impressões

sobre os indivíduos a partir de um determinado conjunto de características a eles atribuídos. Os resultados desses estudos em percepção social foram apropriados por Abric, como ponto de partida no esclarecimento da constituição da representação, que, nesse sentido, é uma imagem que as pessoas fazem das outras. Por esse viés psicológico, o núcleo central da representação se determina pelas condições históricas, sociais, ideológicas e culturais dos indivíduos, e, dessa maneira, os elementos que compõem as representações se relacionam diretamente à memória coletiva de um grupo social, uma vez que é a partir das informações ou conceitos estocados nessa memória que os indivíduos conseguem formular impressões sobre os outros. De acordo com essa perspectiva, o núcleo central:

[...] desempenha um papel determinante no sentido de que é ele que engendra a natureza da percepção. Esse elemento, e somente ele, desempenha um papel central; ele determina a percepção do personagem de maneira significativamente mais importante do que os outros. Constata-se ainda que a presença de um elemento central determina o significado do objeto apresentado – aqui um outro indivíduo [...] – E a transformação tão somente desse elemento central leva a uma modificação radical da impressão (ABRIC, 1994, apud SÁ, 2002, p. 65).

Como não é nossa intenção aprofundarmo-nos na discussão realizada por Sá sobre a concepção de representação social e a teoria do núcleo central presentes em seu trabalho, construímos uma tabela que resume de maneira mais clara e ilustrativa as características principais da representação e do núcleo central segundo os apontamentos de Abric, que foram retomados e retrabalhados por Sá (2002, p. 72-73):

**Tabela 1:** características gerais da representação e de seu núcleo

<b>Características da representação social</b>	<b>Características do Núcleo central da representação</b>
As representações sociais são uma forma de conhecimento sobre algum objeto de mundo.	Ele é diretamente ligado e determinado pelas condições históricas, sociológicas e ideológicas. Ele é, nesse sentido, fortemente marcado pela memória coletiva do grupo e pelo sistema de normas ao qual ele se refere.
As representações sociais são consensuais, mas também marcadas por fortes diferenças interindividuais.	Ele constitui a base comum, coletivamente partilhada das representações sociais. Sua função é consensual. É por ele que se realiza e se define a homogeneidade de um grupo social.
As representações sociais são ao mesmo tempo estáveis e móveis, rígidas e flexíveis.	Ele é estável, coerente, resistente à mudança, assegurando assim a continuidade e permanência da representação.



Igualmente importante de aproximarmos-nos dos diferentes modos de se ver o fenômeno da representação é compreender sua gênese e suas funções. É por esse motivo que apresentaremos, a seguir, esses aspectos, dando continuidade ao nosso estudo sobre o assunto.

### 2.1.1. Processos de formação e funções da representação

Até o momento, vimos que, consensualmente, os teóricos compreendem a representação como um modo de interpretação que o homem utiliza para atribuir significados ao mundo, a si mesmo e às demais coisas que estejam ao seu redor, e, segundo Moscovici (2004), existem três hipóteses sobre a origem desse fenômeno que precisam ser consideradas: a primeira é a da *desiderabilidade*, que consiste no momento em que um indivíduo ou grupo social busca criar imagens e construir conceitos que irão revelar ou ocultar suas intenções, sendo que essas imagens e conceitos são de ordem preponderantemente subjetiva de uma realidade que é objetiva. A segunda hipótese é a do *desequilíbrio*, na qual todas as ideologias e perspectivas sobre o mundo são utilizadas para solucionar tensões emocionais ou psíquicas, devido à possibilidade de fracasso nas relações e integração sociais de um indivíduo. Nessa hipótese, essas perspectivas e ideologias nada mais são do que compensações imaginárias que se desenvolvem na tentativa de restauração da estabilidade psicológica. A terceira e última hipótese é a do *controle*, que está relacionada à elaboração de representações que os grupos sociais fazem com a finalidade de controlar o comportamento individual e social das pessoas.

As hipóteses acima descritas, segundo Moscovici (2004), não são de todo falsas, pois as representações sociais podem, de fato, responder a determinadas demandas sociais e individuais, como responder a um estado de desequilíbrio e/ou favorecer a dominação popular. Todavia, o teórico aponta que essas mesmas hipóteses possuem uma fragilidade em comum, que é a de serem muito genéricas, e, assim, não explicam as funções específicas das representações. Dessa maneira, Moscovici procura um caminho mais delineado, mostrando que a principal função de todas as representações “é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-

*familiaridade*” (MOSCOVICI, 2004, p. 54, grifo do autor). A familiaridade impulsiona o processo de construção das representações, e ela surge pela necessidade que o homem tem de adequar seus conceitos sobre as coisas da maneira que mais lhe seja inteligível, integrando-os em um quadro coerente que o permita falar daquilo que todos falam, dirimindo, assim, a distância e a estranheza. A familiarização, então, acontece por meio de uma

[...] extração de um sentido ou de uma ordem através do que é relatado e pela manipulação dos átomos do conhecimento dissociados de seu contexto lógico normal, desempenha um papel capital. Corresponde a uma constante preocupação: preencher lacunas, suprimir a distância entre o que se sabe, por um lado, e o que se observa, por outro, completar as “divisórias vazias” de um saber pelas “divisórias cheias” de um outro saber [...] (MOSCOVICI, 1978, p. 55).

Nesse sentido, a dinâmica do fenômeno representativo é uma dinâmica de familiarização, na medida em que os objetos são percebidos e entendidos em relação aos conhecimentos prévios e paradigmas particulares que cada indivíduo traz em sua mente. Como produto disso, a memória tem prevalência sobre as inferências, o passado sobre o presente, a resposta sobre os estímulos e as imagens sobre o “real”. Contudo, Moscovici atenta para o fato de que aceitar e compreender o que é familiar, criar hábitos comportamentais a partir disso é um caso, mas outro totalmente diferente é estabelecer isso como o padrão de referência e interpretar tudo o que acontece e o que se percebe baseado nele.

Quando as convenções desaparecem devido à ausência de um padrão usual no modo de compreender as coisas, a sensação de incômodo e aleatoriedade de sentidos motivam as pessoas a tornarem presente algo ausente, acessível o inacessível através da busca por uma exatidão conceitual de um objeto, caracterizando, então, a não-familiaridade. O que não é familiar, mesmo que cause desconforto, atrai as pessoas, pois ao mesmo tempo as alerta, obrigando-as, de certo modo, a tornar explícitos os pressupostos que estão escondidos ao consenso (MOSCOVICI, 2004). O medo e terror das coisas estranhas estão enraizados na vida das pessoas e torná-las próximas e conhecidas é uma maneira de controlá-las, e isso se deve ao perigo constante da perda de referenciais, ou seja, dos princípios que garantem um sentido de continuidade, tendo em vista que quando a diferença é lançada sob a forma de incertezas, as pessoas, por intuição, a rejeitam, pois ela é uma ameaça à ordem conceitual estabelecida (MOSCOVICI, 2004).

A representação, nessa direção, é o resultado de um contínuo esforço de tornar comum o que é incomum e é através dela que as pessoas superam esse problema, realizando uma série de ajustamentos que tornam os objetos não familiarizados em algo concreto e “normal”. Esse processo conforta e dá segurança às pessoas, pois restabelece a continuidade ameaçada pela possibilidade de descontinuidade e a falta de sentidos. Moscovici (2004) revela que é devido a esse motivo que ao analisar uma representação “nós devemos tentar descobrir a característica não familiar que a motivou, que esta absorveu, mas é particularmente importante que o desenvolvimento de tal característica seja observado no momento exato em que ela emerge na esfera social” (2004, p. 59).

Moscovici também mostra que não é uma tarefa fácil transformar palavras não familiares, fatos, ideias, pessoas em coisas próximas e atuais, haja vista que para dar a tais coisas uma fisionomia familiar é necessário ativar dois mecanismos fundamentalmente baseados na memória, que consistem em dois processos de formação das representações: a *ancoragem* e a *objetivação*. Neste momento, a função da representação, que é a de tornar familiar o não familiar, está indissociavelmente relacionada a esses processos de formação, e, portanto, não podemos deixar de explicá-los. Em linhas gerais, a ancoragem consiste na formação de um conceito novo sobre determinado objeto baseado em um modelo conceitual já pré-estabelecido através de categorizações e nomeações. A objetivação, por sua vez, diz respeito à corporificação dos conceitos que se produzem em torno desse mesmo objeto. Nesse último processo, ainda que a representação seja essencialmente subjetiva, ela é tida como verdadeira (objetiva) pelos sujeitos que a constroem.

Em termos específicos, no que diz respeito ao processo da ancoragem, Moscovici (2004, p. 60-61) assinala que se trata de:

Ancorar idéias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar [...]. Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras.

Vemos, aqui, que a ancoragem é o meio pelo qual se classifica e se nomeia os objetos de mundo. Classificar e nomear, por sua vez, são atividades essenciais na elaboração de uma representação, pois são as responsáveis pela construção de um

paradigma conceitual. Assim, no momento em que uma pessoa se defronta com algum objeto não familiarizado, ela o reajusta em seu paradigma conceitual pré-estabelecido, enquadrando-o primeiramente em uma categoria, para depois dar-lhe um nome. Por um lado, categorizar alguém ou alguma coisa, nas palavras de Moscovici (2004, p. 63), “significa escolher um dos paradigmas estocados na nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele”. Desse modo, as pessoas escolhem categorias para um determinado objeto com o objetivo de atenuar as distâncias, e essas escolhas são puramente subjetivas, as quais refletem uma atitude específica que satisfaz os desejos daqueles que as efetuam. Categorizar, portanto, traduz a necessidade de definir e situar os objetos de mundo em um esquema conceitual particular, ora como convergentes, ora divergentes da norma estabelecida. Por outro lado, é impossível categorizar sem ao mesmo tempo dar nomes, pois categorizar e nomear os objetos, ainda que sejam atividades distintas, complementam-se. Sendo assim, a atividade de nomear alguma coisa ou alguém

[...] tem um significado muito especial, quase solene. Ao nomear algo, o libertamos de um anonimato perturbador, para dotá-lo de uma genealogia e para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo, de fato, na *matriz de identidade* de nossa cultura (MOSCOVICI, 2004, p. 66, grifo do autor).

Moscovici sustenta a ideia de que o objeto anônimo, isto é, que não foi nomeado, pode se tornar em uma imagem incomunicável e de difícil associação a outras imagens. Os objetos que não tem nome, portanto, são relegados da incerteza e confusão, mesmo quando as pessoas são capazes de classificá-los como “normal” ou não. O resultado dessa nomeação é sempre arbitrário, mas Moscovici nos mostra que ela é necessária. O autor complementa suas explicações a respeito da nomeação, ao afirmar que:

[...] É evidente que dar nome não é uma operação puramente intelectual, com o objetivo de conseguir uma clareza ou coerência lógica. *É uma operação relacionada a uma atitude social.* Tal observação é ditada pelo senso comum e nunca deve ser ignorada, pois ela é válida para todos (MOSCOVICI, 2004, p. 68, grifo meu).

Na concepção moscoviciano, os sistemas de categorização e nomeação que compõem o processo da ancoragem não se dão em função do objetivo de simplesmente graduar ou rotular as coisas. Esses sistemas consistem em uma tomada de atitude por um indivíduo ou grupo social, na qual a verdadeira intenção é a de facilitar a compreensão e as interpretações das características das coisas

representadas. Em suma, atribuir categorias e dar nomes aos objetos é, na realidade, formar uma opinião sobre eles.

O processo de objetivação, por sua vez, consiste em uma operação imaginária, por meio da qual se dá forma (ou figura) aos conceitos sobre determinado objeto, tornando-o, assim, materializado, tangível. Nesse sentido, objetivar trata-se de um processo de coisificação, isto é, “a conversão de idéias em coisas situadas na mentalidade individual” (MOSCOVICI, 1978, p. 112). Na objetivação, temos a intervenção do social que gerencia as formas dos conhecimentos relativos ao objeto de uma representação, havendo articulação entre as características do pensamento social às propriedades dos conceitos. Desse modo, ideias abstratas se transformam em ideias concretas, ou seja, as palavras tomam “corpo”, e essa transformação resulta em uma descoberta icônica de uma ideia, onde um conceito é reproduzido em forma de imagem (MOSCOVICI, 2004). Desse modo, o processo de objetivação permite intercruciar percepção e conceito, em que as noções abstratas, ao serem postas em forma de imagem icônica (ou figurativa), ganham uma textura material, havendo correspondência entre as palavras e as coisas, esquemas conceituais e corpo. É Jodelet (1986) quem atualiza os aspectos da objetivação trabalhados inicialmente em Moscovici, assinalando sua constituição através de três mecanismos internos:

a) Seleção e descontextualização: os elementos de uma teoria, ou seja, as informações que circulam sobre determinado objeto de representação são selecionadas de acordo com os critérios culturais e normativos que se relacionam a um sistema de valores de um indivíduo ou de um grupo social. Assim, essas informações são separadas do campo conceitual original as quais pertencem (científico, religioso, etc) e são apropriadas e reutilizadas pelas pessoas, que, ao projetá-las e tomá-las como pertencentes ao seu próprio universo, conseguem, então, dominá-las.

b) Formação de um núcleo figurativo: a estrutura interna de uma imagem reproduzirá, de maneira visível, uma estrutura conceitual. Dessa forma, os conceitos sobre um objeto se constituem em um conjunto coerente que permite compreendê-los de forma individual. Em outras palavras, a formação de um núcleo figurativo consiste em

[...] um complexo de imagens que reproduz visivelmente um conjunto de idéias [...] uma vez que a sociedade tenha adotado tal paradigma ou núcleo figurativo, fica mais fácil falar sobre qualquer coisa que possa ser associada ao paradigma e, por causa dessa facilidade, as palavras referentes a ele são usadas mais frequentemente (MOSCOVICI, 1984, apud SÁ, 2002, p. 47).

c) Naturalização: neste último mecanismo da objetivação, o núcleo figurativo coordena e concretiza os elementos das ciências, que são transformados em elementos da realidade, isto é, do senso-comum. Portanto, os esquemas conceituais são dotados de um significado próprio referente à realidade particular de cada pessoa, utilizados coerentemente de acordo com sua capacidade de compreensão, bem como suas necessidades de anular qualquer contradição que comprometa o núcleo das representações construídas.

A ancoragem e a objetivação são processos que co-existem, pois se envolvem com a soma das experiências e memórias comuns, das quais as pessoas extraem suas imagens, linguagens e tudo quanto é necessário para tornar o não familiar em familiar. Essa memória, além das experiências subjacentes a ela, são dinâmicas e permanecem imortais. A partir desse ponto de vista, ancoragem e objetivação são como bem assinala Moscovici (20004, p. 78),

[...] maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

Sendo assim, a representação social, como produto de ambos os processos se torna:

[...] uma construção do objeto afastado do original e um *analogon*, ou seja, uma presença do mundo exterior na mente do indivíduo. Ela é um duplo objeto no sentido do qual o indivíduo atualiza o ser ou a qualidade do ser, mesmo quando ele/ela estão ausentes ou diante de sua eventual presença. Ela não deixa de ser uma apropriação do mundo, embora seja sentida como uma presença objetiva da realidade (MOSCOVICI, 1978, apud XAVIER, 2002, p. 29, grifo do autor).

Além da função específica de familiarização proposta por Moscovici e toda sua conjuntura que indissociavelmente se relaciona aos processos de formação das representações sociais, há outras funções igualmente importantes que também

merecem nossa atenção. Jodelet (1993), por sua vez, aponta que as representações são um saber prático orientado para a ação e o gerenciamento da relação das pessoas com o mundo. A proposta de um estudo das funções da representação se baseia em uma espécie de teoria do conhecimento social, que se põe a serviço das necessidades, desejos e interesses dos grupos sociais que elaboram suas representações. Partindo dessa perspectiva, Jodelet (1993) aponta três tipos de funções da representação:

I) Distorção: nesta função, todas as características do objeto representado estão presentes, mas de maneira acentuada ou minimizada. Assim, há uma transformação na elaboração das qualidades desse objeto, para reduzir uma possível discrepância cognitiva. A função de distorção que Jodelet propõe se dá nas relações intergrupais entre o grupo dominante e o grupo dominado. Por esse motivo, a função de distorção se apresenta por meio de uma *redução* e de uma *inversão*. Na redução, as características do grupo dominado são as mesmas do grupo dominante, porém, de forma atenuada e com menor qualidade. Já na inversão, o grupo dominado apresenta características antônimas às do grupo dominante.

II) Suplementação: aqui, os atributos do objeto possuem conotações que não lhe pertencem, pois são resultantes de uma significação imaginária efetuada por um indivíduo. Nesta função, existe uma tendência de se projetar sobre o outro, traços que comumente são avaliados desvantajosamente. Uma vez que a suplementação tem a finalidade de restaurar a autoestima dos membros de um grupo, surgem representações conformadas que valorizam a sua própria imagem, em contraste com as representações desfavoráveis de outros grupos.

III) Desfalque: corresponde à omissão ou recusa das características que pertencem a determinado objeto, resultante do efeito opressor das normas sociais. Jodelet (1993) exemplifica essa função da representação baseada em seus estudos antropológicos, mostrando que alguns grupos sociais, como pais e educadores, por exemplo, representam a sexualidade de crianças doentes mentais de maneira radicalmente diferente. O primeiro grupo apresenta uma visão afetiva e assexuada de seus filhos, já o segundo confere às crianças uma sexualidade animalesca e sem afetividade.

O último estudioso que contribui para a formação de um quadro de funções da representação foi Abric que, retomado por Sá (2002), aponta quatro funções da representação, a saber:

I) Função de saber: esta função permite aos atores sociais compreender e explicar a realidade por meio da aquisição e integração dos conhecimentos a um quadro cognitivo assimilável, que esteja de acordo com seus valores e capacidade cognitiva. Além disso, a função de saber é condição necessária para facilitar a comunicação entre as pessoas.

II) Função identitária: permite uma definição de identidade do grupo. Ela situa os grupos sociais em um campo social, permitindo a construção consensual de uma identidade individual e social que esteja compatível ao sistema de normas e de valores sociais determinados historicamente. Essas normas e valores, por sua vez, auxiliam no controle social que os grupos possuem acerca de cada um de seus membros.

III) Função de orientação: guia as práticas e o comportamento dos atores sociais, definindo o que é aceitável ou não dentro de um determinado contexto social. Essa função, além de orientar as condutas sociais, determina, também, a ação representacional propriamente dita, que os indivíduos terão em relação aos seus objetos.

IV) Função justificatória: relaciona-se ao comportamento e à posição social dos grupos. Esta função permite que os membros de um grupo social expliquem e justifiquem suas atitudes em relação a uma determinada situação ou em relação aos outros integrantes do grupo. Assim, dependendo do contexto e da relação que determinados grupos mantêm com outros (ou determinados indivíduos de modo particular mantêm com outros), as representações sociais corroboram para o surgimento de tomadas de atitudes distintas das pessoas.

Para sintetizarmos, reunimos as funções em uma tabela, de acordo com a ordem em que foram explicadas, totalizando, portanto, oito funções:



**Tabela 2:** Funções da Representação

Função de Familiarização	Torna o que não se sabe acerca da realidade e seus objetos algo próximo e conhecido.
Função de distorção	Ocasiona a acentuação, deslocamento ou minimização das características efetivas do objeto representado.
Função de suplementação	Faz com que os atributos do objeto apresentem significações que não lhe pertencem, uma vez que são resultantes de uma interpretação subjetiva e imaginária.
Função de desfalque	Permite a omissão ou recusa das características que pertencem a determinado objeto.
Função de saber	Proporciona aos atores sociais compreender e explicar a realidade por meio da aquisição e integração de conhecimentos.
Função identitária	Oferece identidade ao grupo ou a um membro em particular.
Função de orientação	Orienta e define o comportamento social das pessoas de acordo com os contextos sociais.
Função Justificatória	Justifica as atitudes e o comportamento dos atores sociais.

#### 2.1.1.1. Representação e suas interfaces

No decurso da discussão realizada até o momento, pudemos notar que a representação não é um fenômeno isolado, e por esse motivo torna-se indispensável compreendê-lo de maneira integrada, considerando seus aspectos cognitivo, social e discursivo, que estão fortemente interrelacionados em sua constituição. Assim, considerar as diversas facetas que o fenômeno representativo possui é revelar sua plasticidade e reafirmar o seu caráter multidimensional e dinâmico.

Em nosso percurso histórico sobre a representação, inicialmente mostramos que desde a filosofia ela foi objeto de uma discussão que priorizava seu caráter mentalista relacionado à experiência individual do homem com o mundo real. Essa perspectiva mentalista da representação, ou melhor, cognitivista, traduzia o processo de produção e exteriorização do pensamento humano, não havendo a preocupação de verificar se esse processo influenciaria nas atitudes das pessoas. Entretanto, encontramos na perspectiva crítica de Van Dijk (2008), um dos estudiosos mais conhecidos por seus trabalhos no âmbito do discurso e da cognição, uma conceituação de representação que vai muito mais além de um simples processo de externalização do pensamento; para esse teórico, a

representação consiste em uma estrutura cognitiva que influencia diretamente as atitudes das pessoas:

[...] Os usuários da língua, enquanto atores sociais, possuem cognição tanto pessoal quanto social: memórias, conhecimentos e opiniões pessoais, bem como aqueles compartilhados com os membros do grupo ou da cultura como um todo. Ambos os tipos de cognição influenciam a interação e o discurso dos membros individuais, enquanto que as “representações sociais” compartilhadas governam as ações coletivas de um grupo (VAN DIJK, 2008, p. 117).

Em termos cognitivos, notamos, através do que assinala Van Dijk, que a representação tem uma relação direta com a cognição humana por engendrar crenças e opiniões construídas individual ou coletivamente. Nesse sentido, a representação estabelece uma relação biunívoca entre a cognição e o social: ora são os aspectos cognitivos que influenciam o comportamento social das pessoas, ora são os fenômenos sociais que exercem influência na construção de suas ideias e crenças. Essa relação existente entre o que é cognitivo e social na constituição da representação lhe confere, por conseguinte, um caráter interativo. Por esse motivo, a faceta que as representações possuem com os processos de interação social sustenta sua influência sobre as práticas sociais das pessoas, e, além disso, promove a comunicação entre elas, de modo que possuam um código comunicacional comum que sirva para nomear e classificar os vários objetos do mundo (e o próprio mundo) em que vivem:

As representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento, como uma consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social. Há uma relação sutil, aqui, entre representações e influências comunicativas [...] (MOSCOVICI, 2004, p. 21).

Nessa esteira, podemos dizer que é através da interação social que as representações são compartilhadas entre as pessoas e essa partilha implica em uma dinâmica social. Desse modo, o adjetivo “social” dado à representação está relacionado ao fato de que ela é a responsável por inscrever os indivíduos na sociedade em termos de formação de grupos sociais, isto é, o lugar e a posição social que as pessoas ocupam, ou suas funções na sociedade estabelecem uma coesão social que determina os conteúdos e a organização da representação, bem como a representação determina suas normas e conduta sociais. O compartilhamento que um grupo social realiza da mesma condição social, de

valores, modelos de vida, interesses, constrangimentos e desejos específicos são os elementos que motivam a produção de representações, e, por isso, elas são “sociocêntricas”, ou seja, as representações funcionam a serviço das necessidades dos grupos sociais, em virtude da maneira pela qual sua identidade é construída nas relações com os objetos que os afetam (JODELET, 1993). Nessa direção, uma representação é social, porque

[...] ela se distingue de outros sistemas que são igualmente coletivos. Saber “quem” produz esses sistemas é menos instrutivo do que saber “por que” se produzem. Em outras palavras, para se poder apreender o sentido do qualificativo social é preferível enfatizar a *função* a que ele corresponde do que as circunstâncias e as entidades que reflete. Esta lhe é própria, na medida em que a representação contribui exclusivamente *para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais* (MOSCOVICI, 1978, p. 76-77, grifo do autor).

Podemos notar que a comunicação verbal, na teoria da representação social de Moscovici, tem um papel fundamental, pois ela permite as trocas e interações que contribuem para a formação de um universo consensual dos grupos sociais. Nesses termos, vai se validando a ideia de que, ao falarmos do papel da comunicação nos processos de construção da representação, estamos falando, na verdade, de discurso, pois ele é a condição fundamental para a concretização das representações e dos pensamentos sociais (JODELET, 1993). Sendo assim, o discurso, como produto da interação social, está fortemente relacionado a toda e qualquer tipo de produção humana e por esse motivo o processo de construção da representação assume um caráter discursivo, pois além do fato de os usuários da língua utilizarem o discurso como meio de expressão de suas visões do mundo, eles também o utilizam como meio de circulação dessas visões na sociedade.

O vínculo que a representação mantém com o discurso permite que as pessoas atribuam sentidos aos objetos do mundo (seres reais), de modo a tornarem-se objetos de discurso por meio da linguagem. Nessa direção, encontramos em Fairclough (2001) a compreensão de que a representação possui um caráter discursivo, na medida em que os atores sociais fazem uso do material linguístico que têm à sua disposição para significar as coisas. Assim, a representação torna-se um modo de construção do mundo social através do discurso:

[...] Ao usar o termo “discurso”, proponho considerar o uso da linguagem como prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. [...] implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de *representação* [...]. O discurso

é uma prática, [...] de significação do mundo, constituindo e constituído o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90-91, grifo meu).

Dessa maneira, a categorização dos objetos de mundo por meio das práticas discursivas explica como é possível que as representações sociais sejam socialmente elaboradas e partilhadas pelas pessoas, de modo que se mantenham vivas e relativamente estáveis pela existência de uma relação contínua entre práticas culturais, ideologias, cognição social e a própria linguagem.

## 2.2. Representação e ideologia

A concepção de ideologia na qual nos debruçaremos se difere em muitos pontos das perspectivas sociológicas e filosóficas que aparecem em inúmeros textos e obras sobre ideologia desde a introdução do conceito no século XVIII pelo filósofo Destutt de Tracy. Contudo, não é nossa intenção efetuar um percurso histórico sobre o conceito de ideologia que se tem trabalhado nos últimos séculos, nem examinar e revisar as numerosas concepções contemporâneas sobre o assunto. Nosso objetivo é apresentar um novo olhar sobre a noção de ideologia relacionada à de representação social dentro de uma perspectiva crítica, revelando o que ambas possuem de intercambiável e semelhante. Todavia, antes de apresentarmos a concepção de ideologia que pretendemos adotar, acreditamos ser interessante abordar de modo breve a noção de ideologia de Marx e Engels para que assim o contraste entre os dois pontos de vistas sejam mais bem observados.

Na primeira metade do século XIX, Marx se apropria do termo ideologia encontrado em jornais, revistas e debates da época em um sentido napoleônico, considerando ideólogos os especuladores metafísicos que ignoravam a realidade, sendo a partir desse ponto de vista que, em *Ideologia Alemã*, elabora sua concepção particular de ideologia. Em Marx, a noção de ideologia está carregada de uma carga semântica negativa, a qual tem por função fundamental deformar a realidade (“falsa consciência”), colocando o homem e suas relações de cabeça para baixo, bem como ocorre em uma refração de uma imagem em um cômodo escuro. Através dessa metáfora da inversão da imagem, Marx e Engels denunciam o desvio de percurso existente das ideias até que elas cheguem à realidade, e é nesse momento que nasce a ideologia propriamente dita, ou seja, um sistema ordenado de ideias ou

representações autônomas, independentes das condições materiais. A separação entre trabalho intelectual e o trabalho material privilegia o primeiro, uma vez que as ideias passam a ser expressão única do pensamento da classe dominante, o que faz com que as ideologias dessa classe prevaleçam e governem toda sociedade:

As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe também dos meios de produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam meios da produção espiritual. As idéias dominantes são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes apreendidas como idéias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as idéias de dominação (MARX e ENGELS, 2007, p. 47, grifo do autor).

Para Marx e Engels, os indivíduos que pertencem à classe dominante possuem uma consciência e determinam as condições e normas sociais através do domínio sobre a produção e distribuição de um pensamento particularizado que circula na sociedade; nessas condições, a ideologia passa a ser instrumento de dominação de classe, uma vez que a classe que domina busca fazer das suas ideias as de todos. Para que o domínio social seja alcançado, cria-se nos homens uma falsa consciência da realidade através da ocultação e não explicitação da verdade, pois explicando-a corre-se o risco de que as contradições sociais sejam facilmente descobertas. Assim, é com o objetivo de distorcer o que é verdadeiro que a ideologia é utilizada como uma espécie de estratégia camufladora que caracteriza os silenciamentos e omissões dos discursos, na preservação da coerência e manutenção do sistema dominante.

Essa perspectiva notoriamente negativa de Marx sobre a ideologia não contempla os nossos propósitos, uma vez que se limita a uma simples categoria filosófica de mascaramento da realidade social. Todavia, em Van Dijk (2008; 2012), encontramos uma proeminente discussão de ideologia inscrita no âmbito crítico dos estudos do discurso que a trata como um fenômeno cognitivo e também social. Apesar da existência de práticas de instituições ou grupos que utilizem a ideologia para fins de dominação, o referido estudioso nos mostra que a ideologia por si só não é a mesma coisa que essas práticas. Dessa maneira, Van Dijk vê a ideologia como uma forma de cognição social, mas nos alerta para que a ideologia não deve ser vista apenas como um agrupamento de ideias e crenças estocadas na mente, pois a ideologia é

uma estrutura cognitiva muito complexa que comanda a formação, transformação e execução de outros tipos de estruturas cognitivas, como as opiniões, conhecimentos e até mesmo as representações sociais. Nesse sentido, a ideologia consiste em uma estrutura de

[...] normas, valores, metas e princípios socialmente relevantes que são selecionados, combinados e aplicados de forma tal a favorecer a percepção, interpretação e ação nas práticas sociais que beneficiam os interesses do grupo tomado como um todo. Dessa forma, uma ideologia proporciona coerência às *atitudes sociais*, que, por sua vez, co-determinam as *práticas sociais* (VAN DIJK, 2008, p. 48, grifo meu).

Vemos aqui que a ideologia ganha uma concepção mais “neutra” e se difere da concepção marxista, que a vê como inerentemente ruim, utilizada unicamente para fins de dominação. Em contrapartida, para Van Dijk (2008), as ideologias podem ser utilizadas por qualquer grupo social, e o que determinará se serão “boas” ou “ruins” é o uso que se faz delas. No entanto, mais importante do que apontar tal contraste, é encontrar o liame entre ideologia e representação social que inicialmente encontramos no argumento Van Dijk, que vê a ideologia como uma estrutura cognitiva responsável por regular o comportamento social. Marilena Chaui (1980) converge para esse ponto de vista, compreendendo a ideologia como um sistema de representações, normas e comportamentos que determina o que os atores sociais devem fazer e pensar:

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas e regras (de conduta) que *indicam e prescrevem* aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador (CHAUI, 1980, p. 113, grifo meu).

Nessa direção, podemos notar que ideologia e representação se fundem, pois são estruturas que dependem uma da outra para sua constituição e possuem a mesma função: determinar o comportamento e as ações das pessoas. Uma vez que mostramos anteriormente que um dos papéis da representação social é orientar e definir o comportamento social de acordo com os contextos sociais, sustentamos a relação indissociável entre ideologia e representação, por concordarmos com o pensamento de Chaui e novamente com o de Van Dijk (2012, p. 18-19), quando ratifica esse posicionamento crítico, ao afirmar que “as ideologias expressam princípios norteadores que controlam a coerência geral das representações sociais compartilhadas pelos membros de determinados grupos”.

Continuamos a defender a relação das ideologias com a representação social, uma vez que possuem uma natureza explicativa e prescritiva, e as representações mobilizadas por elas descrevem o mundo em forma de significados contínuos. Devido a isso, tanto as representações quanto as ideologias são responsáveis por ditar as normas e regras que regulam as práticas e condutas dos grupos sociais, determinando o papel de cada um de seus membros na sociedade, sendo fundamentais no gerenciamento das relações sociais e comunicação cotidianas:

[...] as representações (sedimentadas no terreno da ideologia em geral) fundamentam práticas que tais elementos estão sujeitos a entrar no campo ideológico no sentido das *ideologias específicas*: são as práticas dos sujeitos, inseridas numa relação social que reproduzem ou transformam os sistemas sociais e, portanto, mantém ou superam as relações de poder e o *status quo* das classes sociais (XAVIER, 2002, p. 33, grifo do autor).

Além da função de orientação das condutas sociais que a ideologia e a representação possuem em comum, a ideologia também possui interfaces sociocognitiva e discursiva, bem como a representação. Em primeiro lugar, podemos dizer que as ideologias possuem uma faceta cognitiva, pois são “[...] tipos essenciais de sistemas de crenças sociais alocados na Memória de Longo Prazo” (VAN DIJK, 2012, p. 17). Em segundo lugar, as ideologias são sociais, porque, assim como cognitivamente, “esses sistemas de crenças ideológicas são compartilhados pelos membros sociais específicos ou comunidades ideológicas” (2012, p. 17). E em terceiro lugar e último lugar, as ideologias possuem uma interface discursiva pelo fato de os

[...] discursos de membros dos grupos podem ser (indiretamente) controlados pelas ideologias do grupo, mas são comumente mediados por representações sociais mais específicas no nível de grupo e por modelos mentais concretos e pessoas no nível individual (VAN DIJK, 2012, p. 20).

Ainda segundo Van Dijk (2012), as propriedades sociocognitivas e discursivas das ideologias são a base fundamental para a elaboração das representações sociais de grupos sociais, e é por meio dos comportamentos sociais e de modelos mentais pessoais específicos que esses grupos controlam os discursos e outras práticas individuais e sociais dos outros. Sendo assim, as ideologias, do mesmo modo que as representações, são elementos necessários para garantir a cooperação e a coesão intergrupala, assim como são responsáveis, também, por gerir as relações internas dos grupos, na incorporação dos princípios que controlam a coerência das representações compartilhadas:

[...] as práticas sociais ideológicas são por definição baseadas em ideologias definidas como representações mentais compartilhadas, de uma forma que podem ser comparadas como o modo em que o uso da língua é baseado numa gramática compartilhada ou em regras do discurso e da conversação. É neste sentido que as ideologias, como recursos cognitivos partilhados socialmente, são fundamentais para as práticas sociais, interação e relação intra e intergrupais. Por outro lado, as funções sociais gerais das práticas ideológicas devem ser representadas, além de tudo, como parte das ideologias em “destaque” (VAN DIJK, 2012, p. 22).

Com isso, vemos que a concepção de ideologia proposta Van Dijk é dialógica na medida em que considera o discurso ideológico, dentre outras práticas sociais, como sendo derivado da representação social, a qual por sua vez é formada ideologicamente e promove as relações sociais. O enfoque multidimensional de Van Dijk revela a natureza sociocognitiva das ideologias, em termos de representações mentais mais ou menos estáveis e socialmente partilhadas entre grupos. Contudo, esse teórico é cauteloso ao dizer que apenas a dimensão cognitiva não é a única que seja importante, pois sua abordagem tem a ver com o universo das ideias e com uma teoria social das relações de poder entre os grupos sociais e, nesse sentido, as ideologias geralmente apresentam uma estrutura polarizada, que reflete a competição e os conflitos entre os membros de grupos, categorizados pelo autor como intragrupo (*Nós*) e extragrupo (*Eles*). Nessa direção, quando as ideologias e as representações sociais do grupo dominante conquistam o consenso, juntamente com uma liderança cultural e político-ideológica, elas tendem a tornar-se hegemônicas, isto é, legítimas e universais. É por esse motivo que vemos a necessidade de finalizarmos a discussão proposta neste capítulo articulando as noções de ideologia, representação social e hegemonia, já no preâmbulo de uma abordagem crítica do discurso.

### **2.3. Representação social, ideologia e hegemonia**

O conceito de hegemonia foi o elemento principal da análise que Antônio Gramsci fez do capitalismo ocidental e das estratégias de revolução na Europa. Essa noção se relaciona com a concepção de representação e ideologia, haja vista que a hegemonia está relacionada a uma luta simbólica pela imposição e legitimação de ideias e visões de mundo da classe social dominante – que substituiremos pela noção de grupo social, a qual consiste em um conjunto de membros que ocupam



papéis semelhantes e que uma vez colocados em sob as condições sociais possuem atitudes, valores, normas e interesses em comum (VAN DIJK, 2008).

A hegemonia, na concepção de Antônio Gramsci (2002), é uma forma de dominação que pode estar presente nos âmbitos político, cultural, ideológico, onde há uma coerção simbólica que atua a favor da aceitação consensual do poder. Assim, para que esse poder seja exercido, é necessário conseguir uma aprovação mais ou menos voluntária dos membros de grupos sociais que é mediada fundamentalmente por formas culturais de interação entre eles. Gramsci sugere que a hegemonia é a construção de aliança mediante meios ideológicos, todavia, na medida em que tal aliança se transforma em uma disputa pelo poder, as ideologias do grupo dominante tornam-se dirigentes e atingem a condição de senso comum. Com isso, o consenso ideológico espontâneo dos grupos aliados fracassa e, por conseguinte, sobressai a supremacia:

[...] a supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como “domínio” e como “direção intelectual e moral”. Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a “liquidar” ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder [...]; depois, quando exerce o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torna-se dominante mas deve continuar a ser também “dirigente” (GRAMSCI, 2002, p. 62-63).

A luta hegemônica permeia as instituições da sociedade civil, como a igreja, a escola, a família e imprensa, nos quais os “agentes da hegemonia” que atuam nessas instâncias são os portadores de ideologias que buscam manter a dominação, fazendo com que seus pressupostos sejam naturalmente aceitos e não contrariados.

Inserida em um quadro ideológico e representacional, a hegemonia possui uma relação duplamente orientada: por um lado, as ideologias dentro dos processos hegemônicos são fundamentais, uma vez que o senso comum nada mais é que uma ideologia naturalizada e automatizada, ou seja, socialmente generalizada e internalizada, o que garante a sustentação das relações hegemônicas no decurso do tempo. Por outro lado, a hegemonia se relaciona com a representação social pelo fato de ser, além de uma luta pela universalização de ideias, uma

disputa pela criação e sustentação de um status universal para determinadas representações particulares – do mundo material, mental e social –, ou seja, para certos discursos que podem ser internalizados em modos de (inter)ação social e em modos de identificação (FAIRCLOUGH, 2003, apud RESENDE, 2012, p. 106-107).

Igualmente importante observar a relação entre hegemonia, ideologia e representação social, é mostrar que a hegemonia se relaciona com o discurso, na medida em que a produção, difusão, consumo e interpretação dos discursos podem se transformar em

[...] uma faceta da luta hegemônica que contribui em graus variados para reprodução ou a transformação não apenas da ordem de discurso existente (por exemplo mediante a maneira como os textos e as convenções prévias são articulados na produção textual), mas também das relações sociais e assimétricas existentes (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123-124).

Dessa maneira, de acordo com Fairclough (2001), as relações sociais assimétricas, isto é, relações de poder, se convertem em um poder hegemônico quando este se coloca a favor da manutenção da liderança e dominação de um grupo sobre o outro. Assim, os processos de instauração do poder hegemônico podem ser definidos em função da dialética entre discurso e sociedade, uma vez que a luta pelo poder entre grupos influencia as práticas sociais, bem como estas se conformam no e pelo discurso, e isso significa dizer que as hegemonias são produzidas, reproduzidas, questionadas e reformuladas por meio dele.

As relações interdisciplinares estabelecidas na constituição do nosso quadro teórico sobre a representação, que neste momento se articula às noções de ideologia e hegemonia, reclama uma abordagem sociodiscursiva relacionada à disputa pelo poder entre os grupos sociais, o que sugere um estudo crítico do discurso. Um dos aspectos que diferencia a abordagem crítica de outros estudos sobre o discurso é a articulação entre as teorizações oriundas das Ciências Sociais com as ferramentas da ciência Linguística para a realização da análise de textos. Assim sendo, é a partir dessa perspectiva crítica que verificamos a importância de observar a presença de representações sociais, ideologias e hegemonias que podem ser colocadas a serviço do poder em certas práticas discursivas, visto que a existência desses elementos pode gerar impactos positivos ou negativos nas relações mantidas entre os grupos. Todavia, isso não significa dizer que essas práticas discursivas não possam ser modificadas, pois, do mesmo modo que uma prática pode reforçar práticas anteriores, pode, também, desafiá-las e transformá-las.

Nessa direção, promover uma abordagem crítica do discurso nos permitirá compreender como o exercício do poder no mundo contemporâneo se ampara em

representações hegemônicas e em determinados gêneros de discurso público, em termos de mudanças na vida social e individual das pessoas (FAIRCLOUGH, 2011).

## CAPÍTULO III

### DISCURSO, PODER E MÍDIA: UMA ABORDAGEM CRÍTICA

#### 3.1. Linguística Crítica: breve histórico

Na década de 70, um grupo de cientistas se reuniu na Universidade de East Anglia, Grã Bretanha, onde foi desenvolvida uma abordagem de estudo chamada Linguística Crítica (LC). Baseada na Linguística Sistêmica Funcional de Halliday, a LC desenvolveu uma proposta de análise do discurso público criada para se chegar aos processos de formação de ideologia codificada tacitamente por detrás de determinadas proposições. Trata-se de um modelo de análise linguística utilizado para revelar representações distorcidas e discriminações em distintos tipos de discurso público, como o discurso político, jornalístico, propagandístico, dentre os demais gêneros discursivos pertencentes à esfera pública. Ademais, seu embasamento nas propostas da Linguística hallidayana a fez assumir o caráter de uma ciência instrumental e funcional, por estar

[...] baseada na premissa de que a *forma* da linguagem responde às *funções* do *uso* da linguagem; e presume que a linguística, tanto quanto a linguagem, tem funções diferentes e tarefas diferentes a realizar; deste modo, a forma da linguística responde às funções da linguística (FOWLER, 2004, p. 207, grifo meu).

Dessa maneira, a LC apresenta-se como uma Linguística que não se reduz a análises dos aspectos estritamente formais da língua, bem como faziam os formalistas em não considerar os aspectos históricos, sociopolíticos e culturais que atravessam as produções discursivas. A LC opera em favor de uma “concepção mais inclusiva de ideologia-na-linguagem” (FOWLER, 2004, p. 207), pois retira do foco os aspectos puramente formais, privilegiando a funcionalidade dos elementos linguísticos, consistindo em uma ciência utilitária, prática, pois há nela a finalidade de um fazer linguístico que não se restrinja a somente teorias que apresentem perspectivas abstratas, as quais não teriam relevância para a vida individual e social das pessoas. Nesse sentido, concordamos com as palavras de Rajagopalan (2003, p. 12, grifo meu):

[...] antes de mais nada quero referir-me a uma linguística crítica voltada para questões práticas. Não é a simples aplicação da teoria para fins *práticos*, mas pensar a própria teoria de forma diferente, nunca perdendo de vista o fato de que o nosso trabalho tem que ter alguma relevância. Relevância para as nossas vidas, para a sociedade, de modo geral [...] a

teoria crítica se distingue da teoria em seu sentido tradicional ao partir de uma importante premissa que é de ordem *existencial*: que as coisas podem ser diferentes da maneira em que se encontram. Ou melhor, é possível mudar as coisas, ao invés de nos contentar em simplesmente descrevê-las e fazer teorias engenhosas a respeito delas.

Vemos, aqui, que a defesa pela instrumentalidade ou propósito utilitário dos estudos críticos da linguagem é o cerne da LC, uma vez que há uma concepção de linguagem vista como prática social, no sentido de que intervém nas ordens sociais, provocando mudanças na sociedade pela produção e reprodução de ideologias (FOWLER, 2004). Na LC, parte-se da premissa de que muitos tipos de atividades discursivas são inseparáveis da ideologia, estando ambas nas teias das estruturas sociais, e, assim, a análise linguística deve ser uma ferramenta que sirva nos estudos dos processos ideológicos que estabelecem as relações de controle, além de possibilitar a construção da conscientização daqueles que a essas relações estejam subordinados.

A LC se reaproxima da Linguística de Halliday, ao filiar-se ao conceito de discurso hallidayano, entendido como “[...] a configuração de recursos semânticos que um membro de uma cultura tipicamente associa a um tipo de situação. São os significados potenciais que estão acessíveis, em um dado contexto social<sup>10</sup>” (HALLIDAY, 1978, apud FOWLER, 2004, p. 212). Nesse sentido, entendemos que os atores sociais estão discursivamente munidos de conhecimentos individuais, visões de mundo, sistema de crenças, etc., reconstruindo, assim, um sistema de significados mais ou menos concernente com a ideologia que lhe é subjacente (FOWLER, 2004). Assim, a relação entre discurso, ideologia e representação suscitou o interesse de muitos pesquisadores em examinar as práticas discursivas de determinadas instituições ou grupos, com a necessidade de promover reflexões mais sistemáticas sobre os inesgotáveis fenômenos de linguagem, sobretudo em como o homem utiliza o discurso para representar e se relacionar com o mundo, com outras pessoas e consigo mesmo, provocando mudanças na sociedade em que está inscrito. Dessa maneira, o fazer linguístico torna-se crítico, quando “desafia o senso comum mostrando que algo poderia ter sido representado de outra forma,

---

<sup>10</sup>O conceito de contexto também é crucial, em se tratando de estudos críticos da linguagem. Entretanto, não é nossa a intenção nos aprofundarmos em todas as questões que constituem a agenda da LC.

com um significado muito diferente” (FOWLER, 2004, p. 209). Em suma, para a LC, ser crítico é considerar que,

A crítica [...] objetiva a mudança ou até a remoção do que é considerado como consciência falsa ou distorcida [...] A crítica [...] torna transparente o que previamente estava oculto, e, ao fazer isso, inicia um processo de reflexão própria, nos indivíduos ou em grupos, destinado a romper com a dominação de limitações passadas. Aqui uma mudança na prática, é, portanto, um elemento constitutivo de uma mudança na teoria (CONNERTON, 1976, apud FOWLER, 2004, p. 209).

Mesmo revelando-se uma proposta de análise que rompa com o paradigma da Linguística Sistêmico-funcional, a Linguística Crítica, por outro lado, apresenta falta de clareza e de um plano de desenvolvimento tanto no que diz respeito a aspectos teóricos, metodológicos como também em termos de aplicação. Todavia, é com o surgimento da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) que tanto as propostas e problemas presentes na LC são retomados e retrabalhados, já apresentando um salto nos estudos do discurso, por ser uma perspectiva que amplia significativamente seu escopo de estudo e aplicação. Dessa maneira, podemos dizer, preliminarmente, que a ACD tem o objetivo não só de revelar ideologias implícitas nos discurso, mas também de denunciar os diversos tipos de problema sociais ocasionados na sociedade pelo uso que os grupos ou instituições mais poderosos fazem dos discursos para subjugar os grupos menos favorecidos e estabelecer relações de poder que satisfaçam seus interesses próprios. Assim, cremos ser importante discutir essa nova proposta de análise linguística que proporciona novas possibilidades e maneiras de observar os fenômenos não só linguísticos, mas também sociais, em que o discurso é elemento primordial.

### **3.2. A Análise Crítica do Discurso**

Como já vimos, a LC surgiu ao término da década de 70. Todavia, na década posterior, outros estudiosos como Fairclough, Ruth Wodak, Teun Van Dijk, Gunther Kress, dentre outros, se reuniram na Universidade de Lancaster, para aprimorarem e aprofundarem os fundamentos da Linguística Crítica, surgindo, então, a Análise de discurso crítica, termo cunhado por Fairclough (1985) em um de seus artigos semanais no *Journal of Pragmatics*. Posteriormente, a conhecida Análise de Discurso Crítica foi sendo citada em outros trabalhos como Análise Crítica do Discurso.

A ACD, segundo Ruth Wodak (2004), é vista como uma continuação da Linguística Crítica. Entretanto, Izabel Magalhães (2005, p. 3) reconsidera essa afirmação, advertindo que:

[...] Considerar a ACD como uma continuação da LC é uma redução de questões fundamentais que foram explicitadas pela ACD, tanto em termos teóricos como metodológicos. A ACD estuda textos e eventos em *diversas* práticas sociais, propondo uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sociohistórico. Enquanto a LC desenvolveu um método para analisar uma *pequena* amostra de textos, a ACD desenvolveu o estudo da linguagem como prática social, com vistas à investigação de transformações na vida social contemporânea.

Sendo assim, a ACD constitui-se com um amplo escopo de aplicação, não tendo um modelo metodológico único, pelo fato de possuir interfaces com outras disciplinas, e, assim, está mais bem instrumentalizada, de maneira que as investigações que utilizem seus propósitos possam compreender melhor os diversos aspectos que envolvem as práticas discursivas.

Mas, o que é de fato a Análise Crítica do Discurso? Primeiramente, acreditamos ser importante começarmos a explicá-la, dizendo o que não é:

[...] A ACD não é uma orientação investigativa entre outras como a gramática TG ou a linguística sistêmica, e menos ainda é uma subdisciplina da análise discursiva, como da psicologia do discurso ou a análise da conversação. Não é um *método*, nem uma *teoria* que simplesmente se possa aplicar aos problemas sociais. A ACD pode realizar-se em, ou combinar-se com *qualquer* enfoque e subdisciplina das humanidades e das ciências sociais (VAN DIJK, 2003, p. 144, tradução e grifo meus)<sup>11</sup>.

A ACD é, portanto, uma perspectiva ou abordagem crítica discursiva, que tem por finalidade revelar e denunciar como determinadas estruturas discursivas são usadas pelos grupos sociais mais poderosos na reprodução discursiva do abuso de poder. Além do vínculo que possui com a LC, a ACD também busca seus diálogos com as Ciências Sociais, promovendo uma análise discursiva incorporada à análise social, o que permite observar de modo mais integrado os problemas ocasionados pelo exercício ilegítimo do poder. O caráter inovador dessa abordagem não se dá só pelas suas possibilidades de grandes diálogos, mas sim, por haver rompido com outras análises de discurso, como a Análise de Discurso francesa (AD), visto que as

<sup>11</sup> “El ACD no es una orientación investigadora entre otras, como la gramática TG o la lingüística sistémica, y tampoco es una subdisciplina del análisis discursivo como la psicología del discurso o el análisis conversacional. No es un método, ni una teoría que puede simplemente aplicarse a los problemas sociales. El ACD puede realizarse en, o combinarse con, cualquier enfoque y subdisciplina de las humanidades y las ciencias sociales.”

investigações desenvolvidas sob um ponto de vista crítico do discurso abandonam a noção de sujeito, que está propenso aos amoldamentos ideológicos sem a possibilidade de uma ação responsiva, substituindo-a, então, pela noção de ator social, que possui participação efetiva e ativa nos processos sociais que constituem a história e usos da língua, uma vez que

[...] Ao mesmo tempo em que sofre uma determinação inconsciente, ele trabalha sobre as estruturas, a fim de modificá-las *conscientemente*. É como se a estrutura estivesse em constante risco material devido às práticas cotidianas dos indivíduos (MELO, 2012, p. 61, grifo meu).

Dessa maneira, pode-se dizer que a ACD opera com uma concepção de ator social que está propenso ao amoldamento ideológico e linguístico, mas que, ao mesmo tempo, age e transforma suas próprias práticas de discurso, quando reestrutura e contesta as relações de dominação e as formações de ideologia nos empreendimentos discursivos. Sob essa perspectiva, o indivíduo ora se resigna ante as formações ideológicas e discursivas que a ele são impostas, assim como pode resistir a elas, deslocando-as e reconfigurando-as, em que se torna “um agente processual, com graus de autonomia, mas [...] construído por e construindo os processos discursivos a partir da sua natureza de *ator ideológico*” (PEDRO, 1997, apud MELO, 2012, p. 61, grifo meu).

Van Dijk (2008) aponta que os estudos críticos do discurso devem cumprir determinados requisitos para que seus objetivos se efetivem, como: i) uma investigação em ACD deve centrar-se principalmente nos problemas sociais e políticos das práticas de discurso, ao invés de preocupar-se com paradigmas e questões formais; ii) Ao invés de somente descrever as estruturas discursivas, a ACD deve explicá-las, em se tratando de propriedades linguísticas da interação social e iii) O foco da ACD está especificamente nos modos como tais estruturas do discurso são usadas na produção, reprodução, legitimação ou até mesmo resistência às relações de poder e de dominação social e/ou cultural. Nessa esteira, Fairclough e Wodak (1997, apud VAN DIJK, 2008, p. 115), contribuem para delinear as questões mais importantes a serem tratadas na ACD, apresentando seus principais fundamentos que completam e definem sua agenda de discussão:

- 1) A ACD aborda problemas sociais;
- 2) As relações de poder são discursivas;
- 3) O discurso constitui a sociedade e a cultura
- 4) O discurso realiza um trabalho ideológico;
- 5) O discurso é histórico;



- 6) A relação entre texto e sociedade é mediada;
- 7) O discurso é uma forma de ação social.

Os princípios acima nos conduzem a uma discussão entre discurso e poder, a qual apresentaremos com mais aprofundamento na próxima subseção, onde veremos que entre os muitos recursos que compõem a base do poder de um grupo ou instituição está o acesso a discursos influentes e a determinadas situações de comunicação, cujo controle exercido sobre esses elementos consiste em um recurso simbólico importante, como no caso do acesso à informação e ao conhecimento. Assim, a ACD também focaliza o(s) modo(s) como as estruturas do discurso influenciam a produção de representações e ideologias que satisfazem o exercício do poder por meio da produção discursiva que faz surgir relações de dominação entre grupos.

Grande parte das pessoas possui apenas um controle ativo apenas sobre os discursos da esfera cotidiana, conversa entre membros de família ou colegas, e controle passivo sobre, por exemplo, os discursos midiáticos. Em muitos contextos, algumas pessoas são, em maior ou menor grau, alvos passivos de discursos (escritos ou orais) de membros com maior poder social, como autoridades, professores, policiais, etc., os quais têm permissão, pela posição social assumida, de dizer o que devem ou não fazer e no que devem ou não acreditar. Em contrapartida, os membros de grupos sociais ou institucionais com mais poder, ou seja, as elites simbólicas, possuem mais acesso a um ou mais tipos de discursos públicos de influência, e, por conseguinte, os controlam. Sendo assim, professores controlam o discurso educacional/acadêmico, os advogados, o discurso jurídico, os políticos, o discurso político e os jornalistas, os discursos midiáticos e também o político. Em outras palavras, os que detêm maior controle sobre mais discursos e ainda sobre os discursos mais influentes, são, portanto, os mais poderosos.

Desse modo, a relação tão intrincada entre poder e discurso é o pilar principal que sustenta os pressupostos da ACD, e dessa relação surgem questionamentos fundamentais que necessitam serem postos em pauta nas investigações que a adotem como abordagem de análise, como de que maneira os grupos mais poderosos controlam os discursos públicos, como esses discursos controlam as mentes das pessoas e quais os impactos desse controle na sociedade e na vida particular das pessoas. Assim, a ACD assume, pois, a responsabilidade de

denunciar quando os grupos mais poderosos usam o poder de maneira abusiva a serviço de seus interesses, reorientando o pensamento daqueles que estão subjogados, trazendo o conhecimento e informações necessárias para que sejam capazes de resistir à dominação. A ACD, portanto, abre espaço para a conscientização e a emancipação das pessoas, por revelar o que acontece nos empreendimentos discursivos, expondo os enganos e distorções que surgem da prática discursiva das elites simbólicas, quando

[...] ajuda a fornecer recursos para o conhecimento de uns sobre o posicionamento de outros, isto é, aquela que joga luz à reflexão do indivíduo, para que ele consiga compreender o que subjaz o notório, munindo, desse modo, de ferramentas perceptivas principalmente aqueles que possam encontrar-se em desvantagem social (MELO, 2012, p. 54).

Por ser uma abordagem que considera os aspectos não só linguísticos, mas também os sociopolíticos e culturais da produção e reprodução do discurso, a ACD que não apresenta um enfoque conceitual e metodológico fixo, visto que, se assim fosse, reduziria a ampliação do seu escopo. Ela representa um dos caminhos de descobertas mais importantes dentro das ciências da linguagem e uma grande novidade na atuação e interface da Linguística com outras áreas de conhecimento, onde a permissão da adoção de diferentes teorias e métodos lhe confere um aspecto transdisciplinar, isto é, “[...] não somente aplica outras teorias como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas, operacionaliza e transforma tais teorias em favor de uma abordagem sociodiscursiva” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 14).

Segundo Van Dijk (2008), os estudos em ACD se tornam mais completos por admitirem o uso de outros pressupostos teóricos, além dos que são especificamente da Linguística, dentro de um mesmo quadro de investigação. Assim, daremos início à discussão sobre o poder, inscrevendo-a em uma perspectiva discursiva, social e também cognitiva, buscando alinhá-la em direção ao quadro conceitual adotado, que é o de Van Dijk (2008; 2012).

### **3.3. A relação entre discurso e poder**

As sociedades contemporâneas têm sido marcadas por transformações rápidas e frequentes, devido principalmente ao desenvolvimento tecnológico impulsionado pela globalização. Os aparatos tecnológicos possibilitam uma interação maior das

peças com o mundo e com outras peças, promovendo novas relações e experiências de contato transcultural que influenciam a maneira como certos grupos sociais veem os outros, implicando, assim, em mudanças sociais, políticas e culturais profundas, gerando relações humanas mais complexas, em muitas das quais o discurso tem desempenhado um papel significativo, e, por isso, torna-se necessário refletir sobre as consequências que determinadas práticas de discurso podem causar na vida particular e coletiva das peças.

Para Fairclough (2001, p. 91), o discurso

contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática [...] de significação do mundo [...]. O discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como "identidades sociais e "posições de sujeito" [...]. Segundo, o discurso contribui para construir relações sociais entre as peças. E terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença.

Dessa maneira, torna-se fundamental entender como o discurso atua na construção das redes de relações sociais, como as de poder, que são relações complexas por geralmente se apresentarem tácita e imperceptivelmente, em espaços sociais e entre grupos socioculturais específicos.

Se aqui consideramos o discurso como o elemento principal para a construção e reprodução do poder, é necessário considerar a relação que mantém com os aspectos cognitivos e sociais de um grupo, visto que o discurso é uma prática social executada por membros de uma sociedade, que possuem estruturas cognitivas como ideias, conhecimentos, percepções e opiniões que orientam e direcionam essa prática para um determinado fim. Nesse sentido, o discurso "contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91), pois ele é constituído pelos atores sociais que ativam processos cognitivos tanto para produzi-lo, quanto interpretá-lo, e são nesses processos de produção/interpretação que o poder pode manifestar-se através do que se diz.

Apesar da importância de vários estudos sobre o poder em diversas disciplinas, como o poder entre classes proposto pela teoria tradicional marxista, nossa principal finalidade de promover uma discussão em torno do assunto se centra nas formas de poder entre grupos socioculturais. A noção de poder é complexa e por isso não há

como esgotá-la a definições simples e fixas, sendo necessário um trabalho interdisciplinar e integrado, para que se consiga capturar as aplicações e implicações que sua conceituação possui. Em *O poder simbólico* (1989), do sociólogo Pierre Bourdieu, o poder é:

[...] poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo, e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto, o mundo; poder quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força [...] graças ao efeito da mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma illocutionary force, mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos (BOURDIEU, 1989, p.14).

Retornamos a Fairclough com *Discurso e Mudança social* (2001), por ter apresentado contribuições valiosas sobre o poder, ao dialogar sua discussão sobre mudanças sociais atribuídas às práticas de discurso aos estudos genealógicos de Foucault, compreendendo o poder como uma maneira de controlar a sociedade, de discipliná-la:

[...] O caráter do poder nas sociedades modernas está ligado aos problemas de controle das populações. O poder é implícito nas práticas sociais cotidianas, que são distribuídas universalmente em cada nível de todos os domínios da vida social e são constantemente empregadas [...] (FAIRCLOUGH, 2001, p. 75).

Podemos notar que o poder se encaminha para uma noção que se dá em termos de controle, e, nesse sentido, encontramos a discussão em torno do poder em *Discurso e poder* (2008) de Van Dijk que converge com a perspectiva de Fairclough. Van Dijk se dedica a analisar detalhadamente como o poder é construído e reproduzido nas estruturas da sociedade por meio do controle das estruturas discursivas e estruturas de fala e escrita do discurso. Para este teórico, o poder também é entendido como controle sobre as pessoas, ou seja, um “tipo de controle mental exercido tipicamente por meio da persuasão ou de outras formas de comunicação discursiva” (VAN DIJK, 2008, p. 42). O poder que Van Dijk explica não se trata de um poder particular, individual, mas, sim social, praticado por organizações, formações sociais, instituições, enfim, pelos poderosos, e elenca algumas características desse poder social, que são muito importantes para nossa discussão:

(1) Poder social é uma característica da relação entre grupos, classes, ou outras formações sociais, ou entre pessoas na qualidade de membros sociais. Apesar de podermos falar em formas pessoais de poder, esse poder individual é menos relevante para a nossa explicação sistemática do papel do poder no discurso enquanto interação social.

(2) Em um nível elementar, mas fundamental da análise, as relações de poder social manifestam-se tipicamente, na interação. Desse modo, afirmamos que o grupo A (ou seus membros) possui poder sobre o grupo B (ou seus membros) quando as ações reais ou potenciais de A exercem um *controle social* sobre B. Já que o conceito de ação em si envolve o conceito de *controle (cognitivo)* pelos agentes, o controle social sobre B por meio das ações de A induz a uma limitação no autocontrole de B. Em outras palavras, o exercício de poder por A resulta em uma limitação da liberdade social de ação de B (VAN DIJK, 2008, p. 41).

Nesse sentido, observamos que o poder se dá em torno de duas direções: a primeira, ao controle sobre o discurso e a segunda, ao controle das pessoas (social). Essas duas orientações se complementam, uma vez que “uma condição importante para o exercício do controle social é o controle sobre o próprio discurso e sua produção” (VAN DIJK, 2008, p.43).

Por um lado, a primeira direção que pudemos notar (controle sobre o discurso), se dá em torno de dimensões de acesso, como a permissão de fala ou escrita, para quem e em que contexto se pode falar ou escrever, como se pode falar/escrever, dimensões estas controladas por grupos que tem acesso direto a determinados discursos influentes, como o político e o midiático, por exemplo. Essas dimensões a nível macro de controle influenciam as de nível micro de controle, como o controle sobre as estruturas discursivas e estruturas de fala e escrita. De acordo com Van Dijk (2012), por estruturas discursivas, compreendemos: a) *a sintaxe de uma língua*, com seus elementos lexicais, vocabulário, estruturas sintáticas na voz passiva, ativa; b) *dispositivos retóricos de sentido*, como hipérboles, ironias, metáforas, eufemismos; c) *dispositivos de significado*, como comparações, isenções, descrições de atores sociais e d) *elementos argumentativos*, como exemplos (factuais ou ilustrativos), evidências (factuais) e generalizações. Já as estruturas de fala e escrita compreendem a) *os gêneros discursivos* (orais ou escritos); b) *os tópicos* (assunto, tema de textos orais ou escritos); c) *os atos de fala* (pedir, ordenar, negar, afirmar); d) as variantes linguísticas (norma padrão, coloquial ou vulgar da língua) e e) as *modalidades* discursivo-textual de fala ou escrita.

Por outro lado, se o discurso controla a mente e a mente controla as ações, todas essas estruturas podem ser utilizadas de diversas maneiras para que os grupos que as controlam tenham influência sobre a cognição social e, assim, sobre as atitudes das pessoas. Dessa maneira, aqui entra a segunda direção do controle – o controle das pessoas (social) –, podendo manifestar-se tanto diretamente por meio de ações

de mando, atos coercitivos, força física e indiretamente, isto é, por meio da mente, sendo este o modo que mais nos interessa nesta discussão.

A mente humana é constituída por dispositivos cognitivos e emocionais, dentre os quais o primeiro é segmentado em estruturas cognitivas que compreendem as ideologias, conhecimento, percepção, representação e crenças avaliativas (opinião). Assim sendo, os grupos sociais mais poderosos se preocuparão em controlar os discursos para que seus interesses se concretizem pelo domínio dessas estruturas cognitivas. Para exemplificar melhor esse funcionamento do controle sobre a mente, tomemos como exemplo uma possível matéria de jornal na modalidade escrita que tenha como assunto a imigração de brasileiros para Europa. Podemos ter variados usos de metáforas no título, como “imigração brasileira espalha onda de insegurança”; “Alegria do imigrante brasileiro contagia a Europa”<sup>12</sup>, que são usadas e controladas pelos jornalistas, para que, com determinada intenção, influenciem a opinião das pessoas que lerem a matéria acerca do assunto em questão.

No primeiro título hipotético, o uso da metáfora “onda de insegurança” condicionaria o leitor a construir representações negativas sobre o brasileiro. Já a segunda, a metáfora teria sido utilizada para que essa representação fosse construída de maneira positiva. Em ambos os casos, o que ocorreria seria um modo de influência indireta sobre o pensamento e as atitudes das pessoas com relação aos brasileiros; modos de tratamento e ideias destinados ao brasileiro poderiam ser fortemente condicionados por meio do controle dessa estrutura discursiva, no caso, a metáfora.

É importante ter em mente que o poder como controle só é eficaz se implícito, uma vez que formas de poder explícitas são, geralmente, rejeitadas. Isso significa que as pessoas aceitam serem controladas não porque o sabem, mas sim, porque é um processo inconsciente e quase sempre não percebido. Desse modo, o poder sobre as pessoas “é tolerável somente na condição de que mascare uma grande parte de si mesmo. Seu sucesso é proporcional à sua habilidade para esconder seus próprios mecanismos” (FOUCAULT, 1981, apud FAIRCLOUGH, 2011, p. 75). Esse é o grande motivo pelo qual os grupos de poder e seus discursos têm grande aceitação

---

<sup>12</sup>Os enunciados entre aspas foram produzidos por esta pesquisadora com o objetivo de esclarecer melhor a discussão sobre a estrutura discursiva em questão.

por parte dos grupos menos poderosos. E o que faz com que os grupos sejam definidos como mais ou menos poderosos?

O poder é baseado em vários recursos simbólicos e materiais socialmente relevantes, como riqueza, posição social, autoridade, conhecimentos, ou até mesmo o acesso preferencial a certos gêneros discursivos e eventos comunicativos. Dessa maneira, é pelo fato de o controle sobre o discurso ser a condição principal para que as mentes e as ações das pessoas sejam controladas que os que têm mais acesso aos mais variados gêneros de discursos e situações de comunicação são, portanto, os mais poderosos, em contrapartida, os que possuem menos acesso são os menos poderosos. Em outras palavras, poder é uma questão de acesso. Nesse sentido, o discurso assume uma relevância similar aos outros recursos sociais já mencionados que constituem a base do poder, dos quais o acesso é limitado, distribuído de maneira desigual entre os grupos.

Nem todas as pessoas têm acesso direto a determinadas situações de comunicação e gêneros discursivos da esfera pública, como a esfera jurídica, jornalística ou acadêmica, por exemplo. Isso porque há grupos que têm acesso somente a gêneros primários, da esfera cotidiana, como a conversa e, sendo assim, retornamos à questão das condições de acesso discursivo mencionadas anteriormente: quem pode falar ou escrever? Para quem? Sobre quem? Em que circunstância? Quem pode ou não participar de determinado evento comunicativo? Essas condições são os *padrões de acesso* (VAN DIJK, 2008), que, uma vez controlados, conferem aos grupos poderosos o “direito” de determinar os papéis das pessoas na sociedade, assim como normas e valores sociais. Dessa maneira, “[...] o acesso ao discurso é uma condição primordial à construção do consenso, e assim, configura-se como o modo mais efetivo de exercer o poder e dominância [...]” (VAN DIJK, 2008, p. 111).

Ainda que o poder seja aparentemente ruim, é importante fazer saber que nem sempre seu exercício o é e que vê-lo como uma atividade unicamente maléfica seria reduzi-lo e limitá-lo, haja vista que pode ser usado de diversas maneiras e para muitas finalidades sociais, tanto legítimas, quanto ilegítimas. A atividade legitimada do poder compreende seu uso para fins favoráveis aos membros de uma sociedade, cujas consequências são claramente positivas, como por exemplo, o poder dos pais quando educam os filhos, professores, quando ensinam seus alunos e o governo ao

proteger seus cidadãos. O poder estabelece a ordem societária, haja vista que uma sociedade não teria sua organização consolidada se não fosse pelo seu exercício. Entretanto, essa atividade pode perder sua legitimidade à medida que tem a finalidade de violar os direitos das pessoas e, assim, causar impactos negativos na e para sociedade e, sendo assim, o poder quando usado para esses fins se torna em abuso de poder, que por sua vez significa:

[...] a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm o poder contra os interesses dos outros. Os abusos de poder significam a violação dos direitos sociais e civis das pessoas. Na área do discurso e da comunicação, isso pode significar o direito de ser bem ensinado e educado, de ser bem-informado [...] (VAN DIJK, 2008, p. 29).<sup>13</sup>

Os usos ilegítimos de poder podem manifestar-se de diversas maneiras, como por exemplo na economia, em que o indivíduo ou um grupo obtém por meios ilícitos vantagens de dinheiro e bens materiais em detrimento de outros grupos; na política, quando o uso da autoridade ou da influência é exercido para intimidar ou até mesmo coagir as ações dos grupos menos poderosos e no âmbito social, isto é, a dominação sociocultural, em que os grupos mais poderosos apresentam suas visões do mundo social, de modo que os grupos menos favorecidos aceitem e vejam como naturais as ideias que na verdade são impostas, em outras palavras, o abuso de poder social surge quando as práticas discursivas de determinados grupos sociais estabelece formas de desigualdade social ao favorecer os interesses dos grupos dominantes (elites simbólicas) em detrimento dos interesses dos grupos não dominantes. Dessa maneira, a dominação pode se apresentar de distintas formas, como a dominação entre raças (brancos e negros), a dominação entre sexos (homens e mulheres) e também a dominação entre grupos culturais.

Nesse sentido, o poder da mídia jornalística europeia, por exemplo, pode transformar-se em dominação na medida em que a luta pela imposição de suas visões da realidade controle as mentes do público em geral, de modo que sejam tomadas como inquestionáveis e, então, hegemônicas. Assim, além da apresentação dos recursos linguísticos dos quais os jornalistas têm acesso, é importante apresentarmos, também, outros recursos que completam e reafirmam

---

<sup>13</sup> A noção do uso abusivo do poder ou uso ilegítimo proposta por Van Dijk se relaciona com condições normativas de legitimidade que são muito complexas, pois a legitimidade do exercício do poder varia de acordo com os aspectos políticos, sociais e culturais de determinado lugar social.



esse controle da mídia sobre a mente e, portanto, da vida individual e social das pessoas.

### 3.3.1. Mídia e Poder

Até aqui, vimos que a Análise Crítica do Discurso se centra nas relações de poder entre grupos, na problematização de questões importantes sobre o modo como determinadas estruturas do discurso são organizadas e articuladas na reprodução da dominação. Desse modo, nosso objetivo é explorar nossa discussão sobre o poder, revelando que além dos elementos especificamente linguísticos, há, também, elementos de ordem social, dos quais a mídia jornalística dispõe para estabelecer o seu poder.

Segundo os apontamentos de Van Dijk (2008), dentre as diversas formas de texto impresso, os que pertencem aos meios de comunicação de massa são os mais contundentes, em termos de poder baseado inicialmente na quantidade de receptores. Além disso, diferentemente da crença popular e da opinião consensual entre alguns estudiosos de que as matérias jornalísticas televisivas são as mais bem lembradas, as impressas geralmente são as mais bem recordáveis na memória das pessoas, o que pode ampliar sua influência na formação de opinião pública e, assim, o seu poder (VAN DIJK, 2008). A mídia, enquanto uma instituição de mediação que constrói a relação das pessoas com o mundo, é a grande responsável pela difusão de leituras de mundo, devido à autonomia que possui na produção e reprodução do poder social através do uso de fontes específicas de informações, seleções de assuntos, nas quais é ela quem decide quais histórias, quais e como os atores sociais serão representados e o que se dirá a respeito deles. Assim, os fatos sociais retratados ganham solidez e durabilidade, pois a mídia não atua apenas na construção ou no esmorecimento de opiniões, mas é, antes de tudo, um lugar de memória que se caracteriza pela dialética da recordação e apagamento, um espaço de construção de história, uma vez que a história é um espaço de preservação legítimo de memória.

Além do alcance em massa, no que consiste o poder da imprensa? O que confere aos jornalistas o caráter de profissional respeitado e detentor de toda confiança pública?

Discutimos anteriormente que o poder está no acesso a determinados recursos sociais simbólicos relevantes como conhecimento, discursos influentes, riqueza, posição social, dentre outros. Dessa maneira, os jornalistas possuem acesso não só ao discurso público, mas a conhecimentos específicos exigidos pela sua atuação profissional, o que faz dela um exercício reconhecido pela sociedade, constituindo, assim, um grupo autorizado para produzir e reproduzir suas visões do mundo social. Todavia, não é apenas o acesso a recursos linguísticos que conferem poder aos jornalistas, alguns recursos de ordem social complementam seu exercício de poder. A posição socioinstitucional assumida pelo corpo dos jornalistas é um desses recursos sociais de poder que está firmada na crença, ou mais especificamente, nas operações de crédito pelas quais o público confere poder ao jornalista através do *crédito* que, segundo Benveniste (apud BOURDIEU, 1989, p. 188), trata-se de uma

[...] força objectiva que pode ser objectivada nas coisas (e, em particular, em tudo o que faz a simbólica do poder, ceptros e coroas), produto de actos subjetivos de reconhecimento, e que [...] só existe na representação e pela representação, na confiança e pela confiança, na crença e pela crença, na obediência e pela obediência. O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe.

Essa credibilidade, *credere*, segundo Benveniste (apud BOURDIEU, 1989, p. 188), é uma potência quase “mágica” dada a um ser do qual se espera proteção, sustentada na crença pela obediência àquele que parece produzir a verdade. A imprensa retira sua força da fé das pessoas, que se soma a uma relação de identificação daqueles que depositam suas expectativas nos jornalistas, em outras palavras: o direito legal (e não somente legitimado) do exercício jornalístico se dá através do conhecimento e reconhecimento profissional que o público confere a esses profissionais e, por esse motivo, o poder dos jornalistas, ou capital *lábil*, nas palavras de Bordieu, “só pode ser conservado mediante o trabalho constante que é necessário não só para acumular o crédito como também para evitar o descrédito: daí toda a prudência, todos os silêncios, todas as dissimulações” (BOURDIEU, 1989, p. 189).

É sabido que a função do jornalista é a de levar a informação, a qual se constitui de um conjunto de saberes ou fatos que parecem pré-existir à transmissão, o que permite aos jornalistas a fabricação dos acontecimentos, e não necessariamente sua fiel retratação (CHAURAUDEAU, 2007). De acordo com esse ponto de vista, o poder dos jornalistas está, também, no poder de informar, isto é, possuir um saber que o outro não possui, e basta que se saiba que alguém ou uma instância tenha o direito à posse de saberes para que se origine um dever de transmiti-los, fazendo com que as pessoas se tornem cada vez mais dependentes da informação. Esse recurso social de poder concedido ao jornalista através da habilitação na transmissão de informações consiste em uma disputa pela (re) produção de versões da realidade, uma luta simbólica pela fabricação de um senso comum, luta pelo monopólio de nomeação da realidade, ou seja, em que as estratégias sociais então usadas pelos jornalistas na imposição de suas interpretações do mundo social impõem, igualmente, uma visão do seu lugar e papel nesse mesmo mundo (BOURDIEU, 1989).

O poder social concedido aos jornalistas através do reconhecimento e autorização do público do seu papel de difusor da informação é resultado de um extensivo embate que atingiu seu momento mais importante nos anos 50, mas que não teve origem nessa época. A imprensa, ao procurar esquivar-se das polêmicas envolvendo assuntos políticos que enchiam suas páginas, iniciou um processo de transformação de seu discurso, incorporando, portanto, técnicas jornalísticas de objetividade e imparcialidade no tratamento de suas produções. De acordo com Marialva Barbosa (1996), a negociação para incorporar essas técnicas, já defendidas desde o século XX, se tratava de um processo de preservação da autoimagem pública dos jornais, além de consistir em uma estratégia de autonomização de suas publicações.

A modernização da imprensa pela incorporação e uso dos princípios (ou técnicas) de objetividade e imparcialidade no modo de retratar os fatos outorgou aos jornalistas o *status* de profissionais da verdade. Dessa maneira, estamos diante de outro recurso social que confirma o poder do jornalista, o qual se baseia nesses princípios que foram largamente difundidos na sociedade no século passado, que ainda se mantém no século presente. Essa visão social atribuída ao jornalista, como

aquele que retrata a verdade como “ela é”, é sustentada até hoje pela maioria das pessoas comuns, sobretudo aquelas que não possuem conhecimento suficiente para compreenderem que é impossível retratar a realidade objetivamente. A possibilidade de um tratamento neutro e imparcial dos fatos sociais foi refutada pelas próprias teorias e estudos no âmbito da comunicação, onde a objetividade e imparcialidade foram desmitificadas em defesa à ideia de que o jornalismo é, fundamentalmente, interpretativo:

[...] O esforço para apresentar um fato absoluto é simplesmente uma tentativa de alcançar o humanamente impossível; tudo o que eu posso fazer é dar a minha interpretação [...]. Todos nós somos levados a pensar que o que serve aos nossos interesses é também do interesse geral. Somos levados a ver tudo com lentes coloridas por nossos interesses e preconceitos (LEE, 1925, apud AMARAL, 1996, p. 40-41).

A partir desse ponto de vista, sustentamos que o discurso não é “neutro”, pois na medida em que está engajado em uma intencionalidade, pode tornar-se um lugar privilegiado de manifestações ideológicas. O discurso, portanto, é o elemento que medeia a relação entre o homem e sua realidade, é uma prática de representação, isto é, de significação do mundo.

A prática discursiva da mídia opera um recorte ideológico que depende das interpretações particulares dos jornalistas acerca dos acontecimentos sociais. Nessa direção, Chauradeau<sup>14</sup> (2007, p. 131), em seu estudo sobre o discurso das mídias, reforça o entendimento de que a realidade é uma construção subjetiva e não um retrato objetificado, ao dizer que,

Não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade. Defender a ideia de que existe uma realidade ontológica oculta e que, para desvelá-la, é necessário fazer explodir falsas aparências, seria reviver um positivismo de má qualidade.

Se o mundo é uma construção subjetiva, logo, ele é uma representação. Sendo assim, a mídia intervém diretamente na elaboração de imagens, abrindo caminhos para o surgimento de conceitos e versões da realidade através de palavras carregadas de múltiplos sentidos. É neste momento, então, que encontramos o ponto de articulação entre os elementos linguísticos e os sociais, sustentando a ideia

---

<sup>14</sup>Embora não seja um dos representantes da Análise Crítica do Discurso, Chauradeau tem se dedicado a um estudo da mídia que atravessa questões relacionadas ao poder e à ideologia nas mídias, por isso a importância de convidá-lo a esta discussão.

de que o poder se dá por meio do acesso a determinados recursos socialmente relevantes, que podem ser de ordem especificamente discursiva ou social, dos quais os membros de um grupo, neste caso os jornalistas, usam para construir e estabelecer uma representação consensual da realidade e, assim, garantir o seu poder.

Assim, além da discussão aqui realizada sobre alguns recursos sociais de poder dos quais os jornalistas têm acesso, vemos a importância de apresentar e descrever algumas das estruturas discursivas que esses profissionais podem utilizar em suas produções não só para o exercício do poder, mas também para revelar ideologias, valores e crenças que correspondam aos seus interesses.

### **3.4. O modelo estrutural de análise discursiva em Van Dijk**

Teun Van Dijk é um dos principais representantes da Análise Crítica do Discurso que contribuiu para formação de um modelo de análise estrutural consistente e inteligível, com o objetivo de descobrir quais níveis e formas da língua são utilizados na produção de ideologias e representações nos discursos, especialmente aquelas que lidam com racismo e outras formas de dominação social e cultural. Essas ideologias e representações são expressas através dessas formas, denominadas de estruturas discursivas.

Diversas dessas categorias estruturais foram encontradas nos trabalhos de Van Dijk (2012; 2008), no entanto, selecionamos apenas quinze, pois de acordo com nossas análises prévias, boa parte dessas categorias apareceu no momento da análise do *corpus*, com influência significativa na construção das representações do país e seu povo.

Organizamos as categorias escolhidas em quatro grandes níveis: o do significado, da argumentação, da retórica e, por fim, do estilo. Para melhor compreensão, descreveremos todas elas nessa mesma ordem, como veremos a seguir.

No nível do significado, a primeira categoria que pretendemos utilizar é a *Descrição de atores*, que consiste na maneira como quaisquer aspectos que envolvam os atores sociais dos endogrupos e exogrupos (atitudes, atributos personificados,

conceitos, etc) são caracterizados no discurso. No caso dos endogrupos, sua autodescrição comumente é feita de maneira neutra e positiva, mas, por outro lado, os membros do exogrupo geralmente são descritos de maneira negativa. Assim, há a suavização ou apagamento das descrições negativas dos membros dos endogrupos, seguida, na maioria das vezes, de uma ênfase na descrição das características negativas dos exogrupos.

A segunda é a da *Classificação*, que se trata de um ato de avaliação negativa ou positiva de um determinado objeto, que pode se tratar de pessoas, situações, acontecimentos, um conceito, etc. Classificar algo, portanto, é pôr em um lugar favorável ou desfavorável o objeto classificado como “bom” ou “ruim”, em termos gerais.

A terceira é a *Comparação*, a qual, distintamente da perspectiva da semântica formal ou da retórica, é aqui entendida como um processo explícito de determinação de diferenças entre os endogrupos e exogrupos. Em um discurso eurocêntrico, por exemplo, pode-se comparar a cultura europeia como “melhor” ou “mais organizada bem organizada do que” uma cultura não europeia. Assim, na comparação há também a busca pela positivação dos atributos do *Nós*, em detrimento dos atributos do *Eles*.

A quarta é a da *Isenção*, que é uma estratégia de autoapresentação positiva de um endogrupo e da outroapresentação negativa. Ao isentar-se aparentemente de determinada ação ideológica, o endogrupo preserva sua imagem, eliminando possíveis desaprovações de outros grupos, além de “maquiar” suas verdadeiras intenções. Há dois tipos de isenção: a *empatia aparente* e a *negação aparente*. O primeiro caso trata-se de uma maneira de ganhar a adesão do exogrupo através da atenuação da apresentação negativa de suas características. O segundo caso, por sua vez, consiste na apresentação de uma negação das características ruins do exogrupo, mas, na verdade, a negação é somente um disfarce para esconder uma afirmação que se encontra velada nos discursos.

A quinta é o *Eufemismo*, que consiste em um ato de suavização da maneira como se diz algo e possui um papel importante na relação entre grupos. Dentro de um quadro de autoapresentação positiva, a atenuação ou prevenção de expressões,

impressões e opiniões negativas sobre o exogrupo torna-se uma condição necessária para a preservação da polidez e da boa imagem do endogrupo. Todavia, a mesma precaução e suavização discursiva podem ocorrer na apresentação das ações negativas do próprio endogrupo.

A sexta é a *Implicação*, que, segundo Van Dijk (2012), em termos pragmáticos, correspondem a implicaturas em que os significados são inferidos por meio do não dito. Por muitas razões contextuais, os locutores não dizem, não querem ou não precisam dizer o que eles realmente sabem. Assim, grande parte dos sentidos de um discurso se dá de maneira implícita, sendo necessário que os interlocutores ativem seus conhecimentos prévios estocados na memória acerca de determinada situação, pessoa, acontecimento, enfim, sobre algum objeto, para que possam captar o verdadeiro sentido que está “por trás” daquilo que foi dito.

A sétima categoria de nível do significado são os *Recursos visuais*. Em se tratando especificamente de textos escritos, algumas características podem ser identificadas como recursos visuais, como a posição dos títulos de um texto; ordem dos parágrafos (primeiro, segundo, à esquerda, à direita, na parte superior/inferior); tamanho da fonte (grande, pequena) e recursos gráficos da fonte (negrito, sublinhado, itálico). Essas maneiras de estruturação textual podem utilizadas para enfatizar ou mitigar determinados significados. Sendo assim, o modo como os enunciadores articulam esses elementos podem aparecer com o objetivo de destacar sentidos positivos e/ou negativos dos grupos representados. Coloquei o recuso gráfico que você disse dentro dos recursos visuais.

A oitava e última categoria é a *Estrutura não verbal*, que se trata de qualquer forma de expressão não-textual, como imagens, fotos, layouts, etc, utilizada para enfatizar os sentidos negativos do exogrupo.

No nível da argumentação, a primeira categoria escolhida foi a *Evidencialidade*. Aqui, a argumentação, as afirmações e os pontos de vistas apresentados são mais bem aceitos quando os locutores apresentam alguma evidência, ou seja, uma prova concreta de conhecimento. Isso pode ocorrer pela referência de figuras de autoridade, discursos legítimos, como o discurso jurídico, médico, acadêmico e até mesmo por referência a algum acontecimento factual ou outras formas de

evidencialidade que os locutores utilizem para garantir a veracidade das suas informações. Assim, especialmente dentro de uma matéria de jornal na qual um jornalista europeu apresente suas crenças negativas sobre os aspectos políticos, sociais e culturais de outras nações não europeias, apresentar evidências constitui um ato importante para transmitir credibilidade, confiança e objetividade ao seu discurso. Uma forma importante de evidencialidade é a *intertextualidade*, onde há menção direta ou indireta de outros textos e/ou discursos.

A segunda é o *Exemplo*, que, de modo semelhante à evidencialidade, trata-se de uma maneira também eficaz de plausibilidade argumentativa, visto que consiste na apresentação de exemplos concretos que ilustrem uma ideia, conceito, crença, etc., os quais geralmente aparecem em forma de vinhetas ou histórias curtas, tornando o ponto central defendido pelo locutor mais aceito e compreendido, isso porque exemplos ilustrativos são mais facilmente memorizáveis e tem um efeito cognitivo e emocional maior, tornando, assim, a argumentação mais convincente.

A *Generalização*, que é a nossa terceira e última categoria de argumentação, se relaciona à apresentação de características que são atribuídas a todos os membros de um grupo, mesmo que estes se difiram entre si. As generalizações comumente são proposições negativas utilizadas para formular preconceitos e discriminações contra os membros de um exogrupo.

No nível retórico, a primeira categoria que escolhemos foi a *Ironia*, uma figura de linguagem que consiste na inversão dos sentidos, uma espécie de antífrase, ou seja, o que se diz é o contrário do que se quer fazer o interlocutor compreender, onde o locutor se inscreve de modo aparentemente “falso” contra o seu próprio enunciado. Nesse sentido, ironizar é, em mais ou menos grau, escolher um referente, visando à sátira ou a desvalorização de suas características. Em textos escritos, a ironia pode ser identificada por alguns recursos, como fonte em modo itálico ou em caixa alta (letra maiúscula), reticências, palavras hiperbólicas, dentre outros.

A segunda é a *Metáfora*, que se trata de uma figura de linguagem que emprega um termo com significado de outro com vistas a uma relação de semelhança entre ambos, comumente ligada a uma comparação implícita.



A terceira e última categoria de nível retórico é a *Hipérbole*, utilizada como um instrumento de intensificação de significados. Dentro de uma perspectiva discursiva, a hipérbole pode ser utilizada tanto como estratégia de apresentação positiva dos atributos do *Nós*, assim como de apresentação positiva e/ou negativa das características do *Eles*.

No nível do estilo, encontramos a categoria *Lexicalização*, que dentro de uma perspectiva discursiva consiste em uma seleção específica de palavras, isto é, de itens e/ou escolhas lexicais (substantivos, adjetivos e advérbios) e também de expressões nominais utilizadas no intuito de apresentar uma ideia acerca de um determinado objeto, que pode ser uma pessoa, um acontecimento, coisas materiais, etc.

## CAPÍTULO IV

### ANÁLISE CRÍTICA DAS MATÉRIAS DO *EL PAÍS*

Neste capítulo, organizamos nossas seções de modo a descrever, primeiramente, nosso objeto de estudo, que é o Jornal *El País*, apresentando sua história, características e funcionamento. Na sequência, descrevemos nosso *corpus*, constituído do gênero jornalístico artigo de opinião, com uma discussão sobre sua definição. Por fim, depois das descrições sobre o *El País* e o nosso *corpus*, passamos às análises e encerramos com uma discussão dos resultados.

#### 4.1. O jornal *El País*

Segundo informações retiradas do portal *Escuela el País*, que se trata de uma fundação sem fins lucrativos em parceria com a Universidade de Madrid e o próprio diário da *Escuela el País*, o *El País* é um jornal espanhol com publicações diárias, sendo o mais conhecido e influente na Espanha. Seus primeiros números foram publicados no mês de maio, em meados dos anos 70, dentro de um contexto sociopolítico importante no país, que foi a transição política para a democracia. Devido ao golpe de 23 de fevereiro de 1981, que consistiu em uma tentativa de golpe militar por um grupo de guardas comandado pelo tenente coronel Antonio Tejero, o *El país* assumiu uma postura fortemente nacionalista e democrática, circunstância que o fez alcançar liderança na imprensa espanhola. Seu lugar de prestígio no país levou o periódico a dedicar um tratamento rigoroso a suas publicações, sendo o primeiro jornal espanhol a estabelecer normas de controle interno de qualidade.

Ainda segundo o mencionado portal, o *El País* se autodefine como um diário global, independente e de qualidade, por ser o jornal pioneiro na adoção de critérios jornalísticos, como o Livro de Estilo, a figura do Defensor do Leitor e o Estatuto da Redação, em que este último orienta as relações profissionais entre os membros da redação por meio do Comitê de Redação, direção do jornal e a edição. Com sua sede em Madrid, onde está localizada a redação central, o *El País* também conta com pontos de redação situados em Barcelona, Sevilha, Valencia, Santiago de

Compostela, Bilbao, Cidade do México (México) e em São Paulo, no Brasil. O diário possui correspondentes na maioria das capitais europeias e em boa parte dos países latino-americanos, bem como em cidades dos Estados Unidos, como Nova York, Los Angeles, São Francisco e Washington e até mesmo nas cidades de Rabat, em Marrocos, Jerusalém, em Israel, Pequim, na China e em Dubai, nos Emirados Árabes, totalizando sua cobertura jornalística que abrange 45 países do mundo.

A aparição do *El País* na internet se deu em 1996, quando foi inaugurada a primeira edição digital através do endereço eletrônico *elpais.com* e no início dos anos 2000, o jornal optou pela migração de todas suas publicações ao sítio virtual, com o objetivo de promover o acesso global ao periódico. Presentemente, a *web site* oficial do *El país* conta com três edições que variam segundo o lugar de origem do público-alvo. Além de suas versões em espanhol e em inglês das publicações, em 26 de novembro de 2013 foi lançada uma versão do *El País* em português, devido ao crescimento significativo de acessos ao site espanhol por leitores brasileiros, o que motivou a criação de um portal brasileiro do periódico, o *El País Brasil*.

De acordo com uma matéria publicada em novembro de 2015 pelo próprio *El País Brasil* intitulada “Assim é o El país Brasil por dentro”, as publicações do *El País Brasil* possuem tradução própria das versões originais por uma equipe de correspondentes e colunistas do periódico. No que diz respeito à localização, a sede da sua redação se situa em São Paulo, constituída em sua maior parte por jornalistas brasileiros, mas o jornal conta, também, com um correspondente no Rio de Janeiro e outro no Distrito Federal. Muitos escritores e colunistas publicam matérias periodicamente, dentre eles o espanhol Juan Arias, um dos jornalistas de mais destaque. Além desse jornalista espanhol, a equipe de colunistas do *El país Brasil* tem como integrantes os jornalistas brasileiros Eliane Brum, Xico Sá e Luiz Ruffato.

Em se tratando da redação do *El País Brasil*, ainda segundo as informações disponibilizadas pela matéria mencionada acima, a equipe de redatores foi reforçada com uma profissional especialista em *SEO* (otimização em mecanismos de busca), que é um mecanismo de melhoramento de pesquisas em páginas virtuais. Além disso, outra especialista em redes sociais foi integrada à equipe, o que facilitou o acesso e o acompanhamento de aproximadamente 400 mil leitores brasileiros às publicações em português do *El País* através de redes sociais como o *Facebook*, e

outras milhões de visualizações no *Twitter*. Dessa maneira, além da criação do portal brasileiro, o *El país* conquistou uma audiência significativa devido à apresentação de várias versões em línguas estrangeiras de suas publicações, o que tem garantido sua expansão e sua influência mundial através dessa estratégia de comunicação global.

#### **4.2. Descrição do corpus**

O *corpus* que pretendemos analisar é composto por artigos de opinião *online* do jornal *El País* referentes ao período Pré-Copa Fifa 2014, que vai de junho de 2013 a julho de 2014. Alguns deles foram retirados tanto do portal em espanhol do *El País*, o portal original com as matérias em língua espanhola, quanto do portal brasileiro do periódico, com versões das publicações em português.

O refinamento da nossa busca se deu pelo uso de palavras-chave na seção de busca da web site do *El país* em espanhol<sup>15</sup> e em português<sup>16</sup>, tais como “brasileiro”; “mundial 2014”; “manifestações”, “protestos de 2013”, “Brasil”, onde encontramos a quantidade de vinte publicações por página consultada. De uma quantidade total de aproximadamente 60 artigos lidos, selecionamos seis para efetuarmos nossa análise, devido ao fato de identificarmos neles uma tematização mais aprofundada sobre o Brasil e o brasileiro em seu aspecto político e cultural, além de quase todos os textos apresentarem tradução ao português, o que possibilita e facilita a leitura do público brasileiro dessas publicações.

No que diz respeito às traduções, observamos, em nossas pré-análises, que os textos traduzidos pelo portal brasileiro reconstituíram de modo eficiente os sentidos do texto original em língua espanhola, especialmente por não apresentarem recorrência de construções sintáticas que prejudicassem a compreensão dos textos originais, o que nos deu a possibilidade de trabalharmos com esses textos traduzidos. Todavia, encontramos em um artigo de opinião publicado em 2014 a presença de recursos visuais, como caixas de texto que não foram encontradas no texto em espanhol, mas observamos que estes não modificaram o texto, apenas deram ênfase a determinados aspectos.

---

<sup>15</sup> Link disponível em: <http://elpais.com/?cp=1>

<sup>16</sup> Link disponível em: <http://brasil.elpais.com/buscador/>

Algumas publicações contêm o nome do tradutor, outras, não. Pelo fato de nem todas as matérias possuírem tradução viabilizada pelo portal brasileiro, realizamos traduções individuais, preocupando-nos, ao máximo, em manter o sentido original dos textos. Em alguns artigos publicados no ano de 2013, vimos o nome do tradutor ao final do texto, cuja tradução foi realizada por Cristina Cavalcanti, mas não conseguimos saber de quem se tratava, tampouco se era brasileira ou de outra nacionalidade. Fizemos contato por e-mail com as equipes do *El País* Brasil e Espanha para obtermos informações sobre essa tradutora, porém, sem sucesso, uma vez que alguns e-mails falharam e outros não foram respondidos. Buscamos, também, por alguma informação na internet usando a palavra-chave “Cristina Cavalcanti *El país*”, mas os resultados das buscas se referiam somente às publicações do periódico traduzidas por ela, não havendo informações sobre seu histórico profissional ou particular.

Com relação à autoria dos artigos escolhidos, Juan Arias Martínez e Antonio Jiménez Barca foram os jornalistas que escreveram os textos selecionados, dos quais a maioria foi escrita pelo primeiro. Juan Arias é um jornalista espanhol correspondente oficial do diário *El País* no Brasil que mais tem publicado matérias que tematizam o Brasil. Antonio Jiménez Barca, por sua vez, também é um jornalista e escritor espanhol, e embora escreva algumas matérias sobre o Brasil, diferentemente de Arias, é correspondente do *El País* em Paris.

No que diz respeito a questões relacionadas à constituição do *corpus*, a apresentação de uma discussão em torno do artigo de opinião, gênero discursivo que o compõe, é importante para melhor compreendermos as práticas discursivas que constituem a esfera jornalística. Para tanto, daremos início a essa abordagem a partir da noção de gênero do discurso de Bakhtin (2010), junto a de Marcuschi (2008), para depois discutirmos as características do gênero jornalístico artigo de opinião.

O estudo dos gêneros é muito antigo e no início se achava concentrado nos gêneros literários. Com origem na tradição retórica e poética de Aristóteles e Platão, o conceito transitou mais recentemente para o domínio da Linguística, em geral mais presente nos estudos sobre o texto e o discurso. Um dos expoentes da teoria dos gêneros é o filósofo russo Mikhail Bakhtin, que preconizou os estudos sobre o

assunto a partir de uma perspectiva sócio-histórica e dialógica. Para este filósofo, a utilização da língua está relacionada a todas as esferas da atividade humana, e, por isso, nos deparamos com uma vasta variedade de usos da língua. De acordo com Bakhtin (2010, p. 261),

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Para Bakhtin (2010), cada enunciado é particular e individual, entretanto, o campo no qual os enunciados estão inscritos, isto é, o campo de utilização da língua, dá surgimento a tipos de enunciados relativamente estáveis que possuem uma natureza histórica, ideológica, social e linguística, os quais denominou de gêneros do discurso. Na perspectiva bakhtiniana, o enunciado é a unidade fundamental da constituição de qualquer gênero discursivo, sendo que o conjunto de enunciados que forma cada gênero é regido por características composicionais que apresentam certa regularidade. Dessa maneira, os gêneros do discurso são constituídos por três grandes dimensões: a dimensão do conteúdo (temática), que consiste no que se torna dizível; a dimensão estrutural/formal do texto (narrativo, argumentativo, expositivo, etc.) e a dimensão estilística, que consiste nos traços linguísticos particulares usados pelo locutor.

Por sua vez, Marcuschi (2008), influenciado pela perspectiva do filósofo russo, sustenta que os gêneros discursivos existem porque a comunicação existe, e isso significa dizer que o homem se comunica por meio de gêneros, uma vez que estes são produto da interação verbal, isto é, “são elementos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária” (MARCUSCHI, 2008, p. 156). Nessa direção, os gêneros discursivos têm relação direta com a vida social, onde a dimensão linguística se articula às dimensões históricas e sociais do uso da linguagem no estabelecimento de normas das atividades comunicativas, na determinação do que convém ou não dizer em certos contextos sociais. Assim, há, em cada gênero discursivo, um propósito social específico, pois sabemos que a escolha de um ou outro gênero em nossa atividade discursiva não é uma escolha aleatória e sim, comandada por interesses específicos. Desse modo, a noção de

gênero discursivo não se relaciona somente ao domínio das formas linguísticas, mas também, a situações sociais específicas que exigem usos linguísticos adequados:

O gênero é uma escolha que leva consigo uma série de consequências formais e funcionais. A própria seleção da linguagem segue a decisão do gênero e seu funcionamento discursivo no contexto pretendido. Na realidade, se observamos como agimos nas nossas decisões na vida diárias, dá-se o seguinte: primeiramente, tenho uma atividade a ser desenvolvida e para a qual cabe um discurso característico. Esse discurso inicia com a escolha de um gênero que por sua vez condiciona uma esquematização textual (MARCUSCHI, 2008, p. 85).

No tocante ao estudo dos gêneros discursivos do jornal, de acordo com os autores Luiz Beltrão e José Marques de Melo, retomados na discussão realizada por Seixas (2009), os gêneros jornalísticos estão divididos em três grandes categorias: os gêneros informativos, opinativos e interpretativos, dentre as quais o artigo de opinião se enquadraria na categoria opinativa. Em se tratando da distinção existente entre as categorias de gêneros opinativos e interpretativos, encontramos em Teixeira (2004, p. 117) uma discussão importante que parece desfazer essa divisão, quando integra o processo de interpretação à categoria dos gêneros opinativos:

[...] o gênero jornalístico opinativo, [...] de um modo geral, pode ser definido como aquele que abriga modalidades discursivas capazes de aliar, a um só tempo, a interpretação de acontecimentos relevantes e a explícita leitura crítica proporcionada e avaliada por uma pesquisa de campo que pode ser baseada em fontes documentais ou testemunhais.

Inicialmente, a afirmação da autora nos conduz ao entendimento de que um artigo de opinião é, em sua essência, um gênero jornalístico interpretativo, pois se caracteriza pela apresentação de pontos de vistas particulares sobre algum fato, resultantes de um processo de avaliação caracterizado pela exposição de um posicionamento crítico e subjetivo, isto é, interpretativo. Nesse sentido, opinar e interpretar são equivalentes, haja vista que são tomadas de posição particulares que não se separam, mas se integram uma a outra.

Alinhado ao pensamento de Teixeira, Striquer (2012, p. 974) também diz que “[...] o artigo de opinião é uma materialização da prática jornalística opinativa. Expõe o ponto de vista de um jornalista [...]”. Desse modo, no artigo de opinião há o espaço do trabalho de mediação da comunicação jornalística que regulamenta, filtra, interpreta e põe em destaque os acontecimentos, saberes, etc. que farão parte do universo temático do discurso do jornal.

Nesse gênero jornalístico, o articulista apresenta seus pontos de vista individuais com o objetivo de convencer o seu interlocutor a aceitar sua opinião, visto que se trata de um lugar de ancoragem ideológica que delimita o horizonte temático e, sobretudo, o objetivo da interação. Nessa esteira, segundo Boff, Koche e Marinello (2009, p. 3), no artigo de opinião

a tipologia textual de base é a dissertativa, pois o autor constrói uma opinião. [...] evidencia-se a dialogicidade no processo de produção: o autor coloca-se no lugar do leitor, e antevê suas posições para poder refutá-las.

Ainda segundo essas autoras, o artigo de opinião é composto por três elementos composicionais fundamentais, que são: a) situação-problema; b) discussão e c) solução-avaliação. A situação-problema “coloca a questão a ser desenvolvida para guiar o leitor ao que virá nas demais partes do texto. Busca contextualizar o assunto a ser abordado, por meio de afirmações gerais e/ou específicas” (2009, p. 5); a discussão “expõe os argumentos e constrói a opinião a respeito da questão examinada (2009, p. 5)” e a solução-avaliação que, por sua vez, “evidencia a resposta à questão apresentada, podendo haver uma reafirmação da posição assumida ou uma apreciação do assunto abordado (2009, p. 6).

Quanto à temporalidade, o artigo de opinião é um gênero de publicação diária que permanece em circulação dentro de um período de vinte e quatro horas após a sua produção. Já no que diz respeito à autoria, esta não se refere à pessoa física, mas sim, a uma pessoa ideológica, ou seja, à postura do autor e, por conseguinte, à sua responsabilidade discursiva (RODRIGUES, 2005).

Dando continuidade à nossa abordagem, encontramos no *Dicionário de gêneros textuais*, de Sérgio Roberto Costa (2009), um estudo sobre os gêneros realizado de forma muito didática pelo autor, onde apresenta definições e análises das classificações dos gêneros mais conhecidos e tradicionais, até os mais recentes oriundos das novas tecnologias e da internet. Nas acepções sobre o gênero artigo, encontramos o artigo de opinião como subcategoria, em que o autor também apresenta definições em termos de sua estrutura composicional. Assim, o artigo de opinião, para Costa (2009, p. 36):

[...] sempre vem assinado pelo articulista e não reflete necessariamente a opinião do órgão que o publica. A estrutura composicional desse tipo de texto varia bastante (não necessariamente terá uma estrutura canônica tradicionalmente ensinada na escola: Tese inicial na Introdução; Argumentação/Refutação no Desenvolvimento e Conclusão), mas sempre



desenvolve, explícita ou implicitamente, uma opinião sobre o assunto, com um fecho conclusivo, a partir da exposição das idéias ou da argumentação/refutação construídas. Em suma, a partir de uma questão polêmica e num tom/estilo de convencimento, o articulista (jornalista ou pessoa entendida no tema) tem como objetivo apresentar seu ponto de vista sobre o assunto, usando o poder da argumentação, defendendo, exemplificando, justificando ou desqualificando posições.

Em síntese, a existência do artigo de opinião é motivada por acontecimentos da atualidade que se transformam em eventos ou enunciados discursivizados. Assim, esses acontecimentos podem servir de objeto de crítica/questionamento, concordância ou até mesmo de apoio argumentativo para a construção do discurso do articulista. Portanto, o artigo de opinião se constitui na reação-resposta a enunciados que circulam na atualidade (o dito) e na busca pela reação-resposta ativa por parte do interlocutor (RODRIGUES, 2005).

### 4.3. Análise do *corpus*

Feitas nossas considerações sobre o artigo de opinião, partiremos para a análise do *corpus*. De modo a organizar cronologicamente nossa análise, analisaremos três artigos publicados nos meses de junho, julho e outubro de 2013, para depois analisarmos os outros três que foram publicados em junho e julho de 2014. Essa cronologia nos é importante não só em termos de organização, mas também para observarmos o movimento discursivo que os jornalistas farão dentro desse período de um ano de publicações.

#### 4.3.1. Análise do artigo 1: “Por que o protesto do Brasil é diferente?”<sup>17</sup>

Este artigo de opinião inicia nossa análise por ter sido publicado no período inicial das manifestações do ano de 2013, um ano antes da Copa do Mundo, no período da Copa das Confederações. O texto não apresenta tradução pelo portal brasileiro do *El país*, e por conta disso realizamos uma tradução própria. No artigo o jornalista apresenta uma caracterização das manifestações do Brasil, comparativamente a outros protestos estrangeiros.

---

<sup>17</sup> Todos os artigos, na versão original e em português, estão completos e na íntegra na seção dos anexos.

Inicialmente, já abaixo do título encontramos a presença de uma fotografia que simboliza, de acordo com a própria legenda contida no artigo, um protesto de uma ONG (não especificada na legenda) contra a violência e a insegurança no país. A imagem tem como pano de fundo uma praia, onde há várias bolas de futebol com cruzes vermelhas pintadas por cima delas. O tempo aparentemente está nublado e há um homem ao fundo que parece estar com um celular ao ouvido; além disso, observarmos, também, que existe uma cruz grande, maior do que as que estão nas bolas, fincada na areia, o que parece simbolizar um ritual de sepultamento. Vejamos, abaixo, esta fotografia:

### Imagem 1

Legenda: “Protesto simbólico no Rio de uma ONG contra a insegurança”



Fonte: *El País*, 2013.

Notamos que essa estrutura não verbal é utilizada para introduzir o assunto do artigo, que tem como foco o modo como os protestos no Brasil acontecem. Não podemos deixar de comentar, que para além da questão dos problemas relacionados à violência no Brasil suscitados por essa fotografia, considerando que este artigo tem sua publicação em 2013, ano de realização da Copas das Confederações e do período que antecede o Mundial, a imagem fornece pistas de que o protesto em questão está relacionado, portanto, ao futebol brasileiro, e mais especificamente, à sua “morte”.

Ao iniciar seu texto, logo abaixo dessa imagem, Juan Arias apresenta um contraste do protesto do Brasil ao de outros países, representando-o de modo desqualificado:

(1) O protesto brasileiro que se estende cada dia como uma mancha de óleo por todo país e que tem surpreendido a opinião mundial é diferente dos demais, como por exemplo dos

Indignados de Madrid<sup>18</sup>, a Primavera Árabe<sup>19</sup> ou a americana dos Occupy<sup>20</sup>. Por quê? Poderia dizer que é *brasileiro*, um povo com uma idiosincrasia especial que nem sempre entra nos cânones de outros países do continente [...] (grifos do autor, tradução minha)<sup>21</sup>.

Nesse excerto (1), encontramos, inicialmente, a expressão “mancha de óleo”, que pode ser compreendida como uma metáfora, estrutura discursiva utilizada para caracterizar o protesto no que diz respeito à sua repercussão dentro do país, visto que a imagem mental acionada por ela é de velocidade na dispersão. Para ilustrar melhor o efeito que essa metáfora provoca, tomemos, como exemplo, o derramamento de óleo oriundo de navios petroleiros que atingem o mar, que se alastram com muita rapidez e facilidade devido ao aspecto relativamente aquoso e ao baixo coeficiente de viscosidade<sup>22</sup> desse fluido. Além disso, se considerarmos os impactos negativos que manchas de óleo provocam no mar ou no meio ambiente como um todo, podemos dizer que o apelo à metáfora em questão possivelmente se refira não só à velocidade com a qual o protesto brasileiro “contaminou” o país, mas também à representação de teor negativo dos protestos e do modo brasileiro de realizá-los.

A segunda estrutura discursiva que pudemos detectar é a comparação. Como vimos no capítulo anterior, essa categoria possibilita um processo de determinação de diferenças entre os endogrupos e exogrupos. Dessa maneira, ao comparar o protesto brasileiro aos protestos da Espanha, Oriente Médio e dos Estados Unidos

---

<sup>18</sup> Iniciado no dia 15 de Maio de 2011, os “Indignados de Madrid” foi o nome dado a vários protestos na Espanha em prol de mudanças sociais e políticas, devido à insatisfação da população espanhola com os partidos políticos do país. Os protestos foram organizados pelas redes sociais e idealizados, em primeiro momento, pela plataforma civil e digital “¡*Democracia Real Ya!*”, alavancando uma série de reivindicações ao modelo político e socioeconômico vigente na época.

<sup>19</sup> Nome dado aos protestos, revoltas e revoluções populares contra governos do mundo árabe, em 2011. A origem do movimento se deu pelo o agravamento da situação econômica e política de vários países devido à crise econômica e à ausência de governos democráticos.

<sup>20</sup> O *Occupy Wall Street* foi um movimento ocorrido em Setembro de 2011, nos Estados Unidos, contra a desigualdade econômica e social, corrupção e a influência negativa exercida pelas empresas financeiras no governo do presidente Barack Obama.

<sup>21</sup> “La protesta brasileña que se extiende cada día como una mancha de aceite por todo el país, y que tiene sorprendida a la opinión mundial, es diferente de las demás, como por ejemplo la de los Indignados de Madrid, la Primavera árabe o la americana de los Occupy. ¿Por qué? Podría decirse que es *brasileña*, un pueblo con una idiosincrasia especial que no siempre entra ni siquiera en los cânones de los otros países del continente [...]”

<sup>22</sup> Viscosidade é uma propriedade físico/química dos fluidos que corresponde à quantidade de movimento através da difusão das moléculas. Assim, quanto maior for o coeficiente de viscosidade, menor a velocidade do fluido; quanto menor o coeficiente de viscosidade, maior é a velocidade do fluido.

“[...] é diferente dos demais, como por exemplo dos Indignados de Madrid, a Primavera Árabe ou a americana dos Occupy [...]”, o jornalista implicitamente parece dizer que esses protestos são “melhores” ou mais bem organizados dos que os protestos brasileiros. Assim, há a presença de uma polarização intergrupual, através de uma positivação tácita dos atributos de um *Nós* (europeus, americanos, árabes), em detrimento dos atributos do *Eles* (brasileiros). Em seguida, o jornalista faz uma pergunta retórica relacionada ao motivo de o protesto do Brasil “ser como é” e responde dizendo que o protesto brasileiro se caracteriza como tal pelo simples fato de ser “*brasileiro*”. A escolha lexical “brasileiro”, que aqui funciona como um adjetivo, é acompanhada do recurso gráfico (recurso visual) de letra em itálico, com o objetivo de dar ênfase à resposta e ao *status* inferior ou de relevância política insuficiente do para integrar-se aos protestos de outros países. Fazendo isso, o jornalista novamente estabelece uma polarização entre grupos socioculturais, com a presença de uma autoapresentação positiva e uma outroapresentação negativa.

Na sequência do texto, Juan Arias segue caracterizando e representando de modo desfavorável o protesto do Brasil, o qual se distingue dos outros porque não “possui um nome”:

(2) Em primeiro lugar o protesto é diferente porque não tem nome. O chamamos simplesmente de “protesto” ou “manifestações”, porque não foi batizado. Não nasce, como o de outros país europeus, contra os “recortes” e o empobrecimento dos serviços sociais (tradução minha)<sup>23</sup>.

Podemos observar, nesse trecho, que o adjetivo “diferente” funciona, aqui, como uma classificação. O jornalista ao afirmar que o protesto do Brasil é “diferente”, condiciona essa classificação a um “anonimato”, em outras palavras, à “falta de capacidade” política do brasileiro em transformar seu protesto em um movimento com reivindicações específicas e bem direcionadas, para que assim possa ter condições de ser identificado, isto é, “batizado” com um nome próprio. Assim, percebemos que o jornalista resgata algumas representações estereotipadas destinadas ao Brasil e ao povo brasileiro de “país desorganizado”, que ganham destaque através do contraste novamente presente entre o modo europeu e brasileiro de protestar.

<sup>23</sup> “En primer lugar, la protesta es diferente porque no tiene nombre. La llamamos simplemente “protesta” o “manifestaciones”, porque no ha sido bautizada. No nace, como la de los países europeos, contra los “recortes” y el empobrecimiento de los servicios sociales”.

Ao dizer que o protesto do Brasil “[...] *não nasce, como o de outros países europeus, contra os recortes [...]*”, o item lexical “recortes” conduz ao sentido do ato de recortar determinada área específica de interesse, como recortar uma página de jornal com algum conteúdo interessante e específico, por exemplo. Vemos, com isso, que esse item lexical, enquanto estrutura discursiva, vem para reforçar esse sentido de especificidade, relevância e organização atribuído às manifestações de países da Europa pelo jornalista, em relação a representações menos qualificadas para tratar do protesto brasileiro.

O contraste, ou melhor, a polarização entre brasileiro e europeu, aparece em trechos subsequentes, quando o jornalista diz que o protesto brasileiro é diferente “*porque chega depois de haver conhecido outras primaveras e contestações do mundo*”<sup>24</sup>. A metáfora “outras primaveras” pode fazer alusão aos protestos mencionados pelo jornalista no início do artigo ou até mesmo a quaisquer protestos estrangeiros que aconteceram em períodos anteriores aos protestos do Brasil no ano 2013. Essa metáfora resgata o estereótipo negativo de “país atrasado” disseminado por viajantes europeus desde o século XIX, o que reforça, por conseguinte, a representação desqualificante em torno do aparente atraso do Brasil em realizar suas manifestações, que acontecem depois de um período tardio dos protestos ocorridos pelo mundo. Assim, a posição do jornalista em acreditar que as manifestações brasileiras aconteceram em um período posterior ao das que ele mencionou (ou a qualquer protesto internacional anterior ao de 2013) é a condição necessária para marcar a diferença e estabelecer uma relação cultural hierarquizante.

Mais adiante, Juan Arias continua a caracterizar os protestos de 2013. Agora, o jornalista os representa como “heterogêneos”, visto que reunia pessoas tanto da classe média alta (empresários de gravata), tanto da população mais humilde (pessoas da favela):

(3) Aqui, como agudamente salientou o colunista da Folha, Sérgio Malbergier, “a bandeira anticapitalista estava ausente”. Foram hostilizados os ideologizados tradicionais de esquerda e

---

<sup>24</sup> “Es diferente la protesta brasileña porque llega después de haber ya conocido las otras primaveras de contestación del mundo”.

se juntaram no protesto empresários de gravata com pessoas da favela (tradução minha)<sup>25</sup>.

Observamos que o jornalista espanhol cita um curto trecho da coluna “#eufui (#eagora)?”, do colunista Sérgio Malbergier, publicada em 20 de junho de 2013 pelo portal virtual do jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*. Nesta coluna, Malbergier se posiciona contra o aumento da passagem de ônibus e questiona os maus serviços destinados à população, mas mostra que as manifestações não se reduziram a isso, uma vez que a indignação da população era contra o sistema político que estava em descompasso com o salto econômico do país. Dessa maneira, identificamos que a menção dessa coluna é uma evidência (evidencialidade) deixada por Juan Arias para mostrar que conhece as classes sociais que constituíram os protestos e os motivos pelos quais aconteceram. Ao apresentar essa evidência, o jornalista mostra ao leitor que sua opinião acerca das manifestações brasileiras apoia-se no discurso dos próprios brasileiros (aqui representado por Sérgio Malbergier) sobre os protestos. Com efeito, essa estrutura discursiva utilizada pelo jornalista oferece indícios no texto de que não é somente a sua opinião que tem circulado a respeito das manifestações, mas sim, a do próprio povo brasileiro.

Na sequência, o jornalista reforça a polarização intergrupala ao descrever diferenças existentes de planejamento e organização entre o protesto brasileiro e o protesto espanhol:

(4) Até no modo de realizarem-se as passeatas através das cidades é diferente, por exemplo, da dos Indignados de Madrid. Ali os manifestantes se sentavam para elaborar propostas, discutir reivindicações em que participavam as mentes pensantes da universidade. De alguma forma era estática. Aqui, a massa de milhares de pessoas se move como um êxodo bíblico por diferentes pontos da cidade, não tem meta fixa, estão simplesmente juntos [...] Saem pessoas pela rua aos borbotões e permanecem, às vezes, toda a noite somente pelo prazer de estar juntos, com a sensação de desfrutar do sol depois que se descarregou a tormenta de raios e trovões. Cantam juntos e juntos expulsam sua raiva (tradução minha)<sup>26</sup>.

<sup>25</sup>“Aquí, como agudamente ha señalado el columnista de Folha, Sérgio Malbergier, “la bandera anticapitalista estaba ausente”. Fueron hostilizados los ideologizados tradicionales de izquierdas y se juntaron en la protesta empresarios de corbata con gentes de la favela”.

<sup>26</sup>“Hasta en el modo de realizarse las marchas a través de las ciudades es distinto, por ejemplo, del de los Indignados de Madrid. Allí los manifestantes se sentaban para elaborar propuestas, discutir reivindicaciones en las que participaban las mentes pensantes de la la universidad. De alguna forma

Percebemos, novamente, a classificação do protesto brasileiro avaliado como “diferente” e menos qualificado por não ser organizado, não possuindo planejamento, objetivos específicos e por ser muito populoso. Dessa forma, por um lado entendemos que protesto brasileiro se difere do espanhol visto que “*de alguma forma era estática*”, diferentemente do protesto no Brasil, que não apresentava essa estabilidade. Por outro lado, observamos que a desorganização do protesto brasileiro é associada pelo jornalista à ideia de massa. Nessa direção, dizer que os manifestantes brasileiros se “*movem como em um êxodo bíblico*” nas passeatas, a metáfora “êxodo bíblico” aqui faz referência direta à grande população do povo de Israel que saiu do Egito sob providência do Deus Jeová, ou Deus dos Hebreus. Para ilustrarmos como essa metáfora aciona o sentido de grande população, o livro de Êxodo, em seu capítulo 12, versículo 37, apresenta a quantidade de israelitas que fugiu do Egito com destino à Canaã, a terra prometida de redenção ao povo, na época do reino do Faraó Ramessés: “Assim, partiram os filhos de Israel de Ramessés para Sucote, coisa de seiscentos mil de pé, somente de varões, sem contar os meninos (BÍBLIA DE PROMESSAS, 2006, p. 59).

O apontamento sobre a desorganização do protesto brasileiro nos versos finais desse excerto (4) reúne tanto a falta de planejamento, quanto à movência de uma grande quantidade de pessoas, como se observa no trecho: “*Saem pessoas pela rua aos borbotões e permanecem, às vezes, somente pelo prazer de estar juntos [...]*”, no qual verificamos a escolha lexical “borbotões”, que, segundo o minidicionário Aurélio (2001, p. 105), significa “jato impetuoso”, que confirma a ideia de que os protestos foram compostos por um fluxo intenso de pessoas.

A apropriação do sentido político de multidão acionada pelo uso dessa metáfora é potencializada pelo uso de “somente”, que funciona no texto como um advérbio modal, que resgata o estereótipo do brasileiro de querer encher as ruas apenas por motivos de festa, assim como em épocas de Copa do Mundo e Carnaval, esquecendo-se ou sendo “incapaz” de mobilizar-se por motivos que de fato estejam em torno de seus direitos e de sua cidadania. O sentimento de alegria e alívio

---

era estática. Aquí la masa de miles de personas se mueve como en un éxodo bíblico por diferentes puntos de la ciudad, no tiene meta fija, están sencillamente juntos [...] Sale la gente a calle a borbotones y permanecen a veces toda la noche, se diría sólo por el placer de estar juntos, con la sensación de disfrutar del sol después que ha descargado la tormenta de rayos y truenos. Cantan juntos y juntos expulsan su rabia”.

proporcionado pelas manifestações é evidenciado nas últimas linhas desse excerto (4), quando o jornalista diz que os manifestantes “*cantam juntos e expulsam juntos a sua raiva*”. Esse efeito “catártico” das manifestações é então intensificado pela metáfora “tormenta de raios e trovões”, que reforça a ideia de que os protestos servem para os brasileiros “apenas” como uma maneira de apaziguar os maus sentimentos.

A representação dos protestos pelo viés de prazer que ofereceria continua a aparecer no decorrer do texto, mas também a vemos relacionada à liberdade de expressão e à vontade pública:

(5) A onda de pressão, que fervia sem que se notasse desde muitos anos, explodiu e agora está destampada e dela saíram os “monstros”, na expressão de Elio Gaspari, se sentem como libertos e desfrutam juntos o sentimento do prazer de protestar (tradução minha)<sup>27</sup>.

A metáfora “onda de pressão que fervia” possivelmente pode remeter ao desejo dos brasileiros em protestar, talvez contido há muito tempo desde as *Diretas Já*, na década de 80 e o *impeachment* de Fernando Collor de Mello, nos anos 90, movimentos de grande participação popular da história do Brasil. Essa suposta interpretação de que esse desejo “fervoroso” dos brasileiros de protestar tenha sido reprimido desde os referidos movimentos só é possível por uma implicação, que pode estar presente em “sem que se notasse desde muitos anos”, em que a expressão “muitos anos” possivelmente remeta ao intervalo de tempo dessas manifestações até surgimento dos protestos de 2013.

A voz do povo brasileiro, que por mais de duas décadas foi contida e “explodiu” nas ruas, foi trazida ao texto através do diálogo que o jornalista europeu faz com o artigo de opinião “O monstro foi pra rua”, publicado em 19 de junho de 2013 pelo jornal *Folha de S. Paulo*, escrito pelo colunista naturalizado brasileiro Elio Gaspari. A menção desse artigo funciona no texto como uma evidencialidade, ou seja, uma prova de que o jornalista espanhol está atento e em constante busca por informações que validem seu ponto de vista acerca das manifestações no Brasil,

---

<sup>27</sup> “La olla de presión, que hervía sin que se notara desde hace años, explotó, y ahora que está destapada y de ella han salido los “monstruos”, en expresión de Elio Gaspari, se sienten como liberados y disfrutan juntos de sentir el placer de protestar”.



sendo que esse “monstro”, metáfora resgatada de Gaspari, é, segundo o próprio colunista, “a opinião pública”:

Em dezembro de 1974, a oposição havia derrotado a ditadura nas urnas, elegendo 16 dos 21 senadores, e o ex-presidente Juscelino Kubitschek estava num almoço quando lhe perguntaram o que acontecia no Brasil. O que vai acontecer, não sei. Soltaram o monstro. Ele está em todos os lugares. Abaixou-se, como se procurasse alguma coisa embaixo da mesa, e prosseguiu: Ele está em todos os lugares, aqui, ali, onde você imaginar. Que monstro? *A opinião pública* (GASPARI, 2013, p.1, grifo meu).

Na sequência do texto, observamos que o modo brasileiro de reivindicar começa a ganhar uma representação mais favorável quando o jornalista reconhece que a população brasileira tem lutado pelos seus direitos e pela sua cidadania de forma mais autônoma e independente, sendo que essa autonomia está relacionada ao desejo de rompimento e à rejeição das relações que o povo mantém com os políticos do país, como se pode ver no excerto a seguir:

(6) A rejeição aos políticos que aparece mais nítida cada dia e que revela o divórcio entre a rua e o palácio deve ser objeto de reflexão de todos os níveis [...] Não é o do Brasil, um movimento político no sentido tradicional, nem apolítico. É pós-político. Não é contra a democracia, mas sim a favor de uma democracia mais real e de todos. Como as demais grandes manifestações de massas deste século no Brasil, muito menos estas tem políticos, porque são basicamente contra o divórcio entre eles e o povo (tradução minha)<sup>28</sup>.

O item lexical “divórcio” marca o sentido que remete a esse processo de separação entre o estado, as forças políticas e o povo, com o rompimento definitivo de uma relação antes possível. Além disso, a classificação do protesto brasileiro como “pós-político” o faz ser bem representado e caracterizado como um movimento de expressão política da contemporaneidade com vistas à participação coletiva da população em prol da defesa, da legitimidade e da visibilidade da opinião pública. No entanto, o jornalista acaba desconstruindo essa representação positiva do protesto brasileiro ao assumir o posicionamento crítico inicial, quando parece reduzir o movimento somente às atitudes dos manifestantes radicais:

<sup>28</sup> “El rechazo a los políticos que aparece más nítido cada día y que revela el divorcio entre la calle y el palacio, debe ser objeto de reflexión a todos los niveles [...] No es el de Brasil un movimiento político en el sentido tradicional, ni apolítico. Es post-político. No es contra la democracia sino a favor de una democracia más real y de todos. Como las demás grandes manifestaciones de masas de este siglo en Brasil, tampoco estas tienen políticos, porque son básicamente contra el divorcio entre ellos y la gente”.

(7) A tomada violenta, primeiro do Senado e depois do ministério de assuntos exteriores, por parte dos manifestantes, de destruição das sedes dos governos locais é algo fora do normal neste país. É grave. Assustou a todos. Impossível se esquecer nestas horas de convulsão de que a democracia é um vaso de cristal nas mãos às vezes dos que ignoram sua própria fragilidade (tradução minha)<sup>29</sup>.

Nesse trecho, a representação mal qualificada dos protestos é intensificada pela metáfora “convulsão”, que remete a um estado agudo de agitação do corpo. Sendo assim, o protesto brasileiro, enquanto uma “convulsão”, é tratado como uma espécie de atividade anormal que pode produzir uma alteração ou perda da consciência que apavora as pessoas, sendo que o item lexical “grave” reforça esse sentido de espanto que os protestos brasileiros, segundo o jornalista, causam no mundo. Essa convulsão, essa agitação é contrastada com a imagem de democracia simbolizada pela metáfora “vaso de cristal”, utilizada para designar a fragilidade do processo democrático e a possibilidade de sua quebra, de sua ruptura diante de forças tão impetuosas.

Por fim, observamos que a outroapresentação negativa dos manifestantes brasileiros, representados como os que “ignoram” os processos e os riscos da democracia, além da caracterização da democracia como “frágil” (que se trata da democracia brasileira), conduz o posicionamento do articulista para uma conclusão negativa, anulando as características positivas dos protestos, na medida em que a suposta não participação de grupos pacíficos e intelectualizados nas marchas intensifica a representação desqualificada da população brasileira e a polarização intergrupala que parecem ser preponderantes em todo o artigo.

---

<sup>29</sup> “La toma violenta, primero del Senado y después del Ministerio de Asuntos Exteriores, por parte de los manifestantes, o la destrucción de las sedes de gobiernos locales, es algo insólito en este país. Es grave. Asustó a todos. Imposible olvidarse en estas horas de convulsión de que la democracia es un vaso de cristal en manos, a veces, de los que ignoran su propia fragilidad”.

#### 4.3.2. Análise do artigo 2: “As favelas do rio se unem pacificamente ao protesto”

Este segundo artigo foi publicado no dia 26 de Junho de 2013 e escrito por Juan Arias, não apresentando versão traduzida para o português, o que nos levou a realizar uma tradução individual. O jornalista apresenta sua opinião sobre o comportamento dos moradores das favelas da Rocinha e do Vidigal, ambas situadas no estado do Rio de Janeiro, em uma manifestação que ocorreu no dia 25 de Junho de 2013. A favela da Rocinha fica próxima do bairro São Conrado; já a favela do Vidigal, ao lado do Leblon, bairros adjacentes e muito conhecidos por fazerem parte da região nobre da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Os manifestantes tiveram como ponto de partida a subida do morro do Vidigal, onde cantaram o Hino Nacional do Brasil juntos, dirigindo-se à rua do Leblon onde morava o então vigente governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral (PMDB). No ato, os moradores da Rocinha protestaram contra a construção de um teleférico na comunidade e pediram investimentos em saneamento e na saúde, visto que o empreendimento estava calculado em mais de um bilhão, dinheiro que poderia ser aplicado para resolver os problemas apontados pela população local.

A manifestação impressionou os moradores das regiões próximas e a imprensa nacional e internacional, por não haver registro de alguma situação de vandalismo. No caso do *El País*, percebemos, neste artigo, a construção de uma representação bem qualificada da maneira com que os manifestantes brasileiros das comunidades realizaram o protesto, que já podemos identificar no título deste artigo, através da escolha lexical “pacificamente”, que indica que o movimento foi conduzido ordeiramente, sem atitudes radicais e violentas.

Em seguida, abaixo do título encontramos uma estrutura não verbal, uma fotografia que retrata a manifestação dos moradores das favelas da Rocinha e Vidigal. Na foto, vários moradores, dentre jovens, idosos e até crianças, realizam a passeata possivelmente à noite, visto que o fundo da foto é escuro. No centro da foto, há uma menina que aparenta ter por volta de 10 anos idade, a qual carrega um cartaz pequeno nas mãos, cujo texto não conseguimos ler, devido ao tamanho pequeno das letras. Atrás dessa menina, há um homem com uma espécie de lenço fino

enrolado na cabeça nas cores verde e amarelo, que também segura um cartaz nas mãos, no qual conseguimos identificar o que está escrito somente nos últimos versos, que aparentemente dizem “[...] vergonha dos políticos”. Segue a foto em questão para visualização abaixo:

## Imagem 2

Legenda: “Moradores das favelas do Rio se unem aos protestos”



Fonte: *El país*, 2013.

A presença dessa fotografia interfere na construção de uma representação favorável do modo brasileiro de protestar, pois não há a presença de elementos imagéticos que tragam um efeito negativo, como aconteceu na imagem 1, da análise do texto anterior, em que a utilização de cruces na cor vermelha fixada nas bolas tornava a imagem muito forte. Aqui, podemos observar que, ao contrário da imagem anterior, a retratação do protesto se torna fidedigna à sua representação de “pacífico” já presente no título.

No início efetivo do artigo, o jornalista utiliza outras estruturas do discurso para representar a manifestação realizada pelos moradores das favelas. Visto que ambas sempre foram consideradas rivais pelo fato de serem comandadas por facções diferentes, as favelas da Rocinha e do Vidigal foram pacificadas pelas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs)<sup>30</sup>, o que certamente contribuiu para a ordem e pacificidade da marcha, corroborando, por conseguinte, para a construção de

---

<sup>30</sup> Inauguradas em 2008, as referidas unidades fazem parte do projeto da Secretaria Estadual de Segurança do Rio de Janeiro que pretende instituir polícias comunitárias nas favelas a fim de desarticular quadrilhas de tráfico de drogas e atenuar as ocorrências de crimes diversos envolvendo a violência nas comunidades.

representações bem qualificadas neste artigo. O excerto abaixo mostra como essas representações continuaram sendo construídas:

(8) Um acontecimento novo surgiu no convulsivo e por agora vitorioso protesto de rua do Brasil: a ele começou-se a tomar pessoas pobres das favelas que até agora eram somente testemunhas da revolta mais bem organizada da classe média. Mil pessoas [...] foram até o bairro nobre da cidade, Leblon, acompanhados por policiais que não precisaram atuar porque os *favelados* deram um exemplo de cidadania, com uma marcha pacífica [...]. As tendas de luxo do Leblon e os empresários haviam fechados suas portas ante ao anúncio de que a favela “estava descendo”. E todos foram pegos de surpresa, porque aquelas pessoas acostumadas a estarem aprisionadas entre a violência do narcotráfico e da polícia liberaram a marcha mais pacífica até agora dos protestos de rua (tradução minha)<sup>31</sup>.

Primeiramente, verificamos que “convulsivo” funciona, neste caso, como uma classificação dos protestos populares no Brasil de modo geral. Derivado do substantivo “convulsão”, bem como já vimos ocorrência semelhante na análise anterior, essa caracterização evoca uma representação negativa do protesto brasileiro, representado aqui como “desordenado”, representação que está de acordo com a acepção encontrada no minidicionário Aurélio (2001, p. 184) de “agitação violenta e/ ou desordenada”. No entanto, a classificação “vitorioso”, que vem logo a seguir de “convulsivo”, desconstrói essa primeira representação negativa dos protestos no Brasil, o que suscita, assim, uma representação bem qualificada destinada especificamente ao protesto das favelas, com a indicação de que foi bem sucedido.

Além dessas classificações, notamos, na mesma frase, a presença da expressão “protesto de rua do Brasil” (em espanhol “*protesta callejera de Brasil*”) destacada pelo uso do recurso gráfico de letra sublinhada na cor azul, que indica ser a

---

<sup>31</sup> “Un hecho nuevo surgió ayer en la convulsa y por ahora victoriosa protesta callejera de Brasil: a ella han empezado a sumarse las gentes pobres de las favelas que hasta ahora eran sólo testigos de la revuelta organizada más bien por gentes de la clase media. Miles de personas [...] bajaron hasta el barrio noble de la ciudad, Leblón, acompañados por policías que no necesitaron actuar porque los *favelados* dieron un ejemplo de ciudadanía con una marcha pacífica. Las tiendas de lujo de Leblón y los despachos de empresarios habían cerrado sus puertas ante el anuncio de que la favela “estaba bajando”. Y todos fueron cogidos de sorpresa, porque aquellas gentes acostumbradas a estar aprisionadas entre la violencia de los narcos y la de la policía libraron la marcha más pacífica hasta ahora de las protestas callejeras”.

expressão um *link* que nos direciona a outro artigo de opinião do *El país*, publicado em 25 de junho de 2013, mesmo dia do protesto das favelas, intitulado “*un gigante se despierta*”, que traduzindo significa “um gigante acorda”, expressão metafórica (metáfora) do “gigante pela própria natureza” para representar o Brasil, a qual já estava presente desde os relatos de Pero Vaz de Caminha, na época do descobrimento.

Em seguida, no trecho “[...] *as pessoas pobres das favelas que até agora eram somente testemunham da revolta mais bem organizada por pessoas da classe média*”, o jornalista contrasta o protesto das favelas dos protestos que ocorreram de modo geral no Brasil, e vemos isso através do item lexical “testemunhas”, que dá a ideia de que os moradores das favelas eram somente espectadores dos demais protestos, não exercendo atuação neles. Esse entendimento se confirma, visto que os demais protestos são os que foram organizados pela classe média, segundo o jornalista, representado de modo negativo através do item lexical “revolta”, que nos leva à compreensão de que consistiram em uma expressão coletiva de insubordinação, de insubmissão.

O contraste existente na construção das representações neste momento do texto, em que o protestos das favelas foi representado como pacífico e os protestos, de modo geral, como rebelião, parece-nos ser um isolamento dos protestos dos moradores das favelas, a fim de representá-los de maneira bem qualificada, em detrimento da representação dos protestos realizados pelos manifestantes brasileiros de outras estratificações sociais. Sendo assim, é válido comentar que essa distinção acaba contribuindo para que os protestos no Brasil não sejam representados de modo unificadamente favorável, tendo em vista que não foram somente os moradores da Rocinha e do Vidigal que promoveram marchas pacíficas.

No trecho “*Mil pessoas [...] foram até o bairro nobre da cidade, Leblon, acompanhados por policiais que não precisaram atuar porque os favelados*”, encontramos o item lexical “favelados” destacado através da utilização do recurso gráfico (recurso visual) de fonte em itálico. Não identificamos, através desse recurso, a presença de boas ou más representações, visto que, neste caso, “favelado” é apenas uma palavra para designar as pessoas que moram na favela, a qual não possui tradução literal em espanhol, por isso o motivo do destaque.

Para esclarecermos melhor sobre o porquê da utilização desse recurso visual, temos o caso da palavra “saudade”, que é uma expressão existente unicamente no português brasileiro, possuindo traduções mais próximas em língua espanhola nas expressões “*Te echo de menos; te extraño*” ou no inglês, em “*I miss you*”. Em ambas as línguas, todas as sentenças significam “sinto falta de você”, não sendo traduções literais da expressão idiomática da língua portuguesa “saudade”. É justamente isso o que ocorre com a palavra “favelado”, em que a tradução mais aproximada no espanhol seria “*chabolista*”, palavra que, na cultura espanhola, designa moradores de comunidades suburbanas com condições insalubres de moradia, comumente povoados por pessoas excluídas da sociedade, como os ciganos, por exemplo<sup>32</sup>. Todavia, ainda que tentemos uma proximidade de sentido correlacionando essas expressões, podemos notar que as diferenças culturais marcam, como consequência, as diferenças no significado. Assim, “favelado”, no Brasil, possui um sentido próprio à cultura da favela, bem como “chabolista” à cultura da Espanha e demais países que utilizem essa expressão para caracterizar habitantes específicos de território marginalizados.

Ao final desse excerto (8), especialmente no trecho “[...] *As tendas de luxo do Leblon e os empresários haviam fechados suas portas ante ao anúncio de que a favela “estava descendo”. E todos foram pegos de surpresa, porque aquelas pessoas acostumadas a estarem aprisionadas entre a violência do narcotráfico e da polícia [...]*”, notamos que o jornalista faz menção à violência e ao tráfico de drogas, elementos não só históricos, mas também identitários das favelas. Fazendo isso, o jornalista espanhol apresenta uma evidência (evidencialidade) do seu conhecimento sobre a história da formação das favelas do Rio de Janeiro.

Dentro dessa evidencialidade, notamos a presença da escolha lexical “aprisionados”, que possui um sentido muito negativo por sugerir que os moradores das favelas têm sua liberdade ameaçada por conta da cultura do tráfico e da violência que domina as favelas. Essa evidência, reforçada pela referida escolha lexical, permite a construção de uma representação desqualificada do Brasil, visto que a formação das favelas cariocas foi resultante da ausência de políticas públicas nacionais que solucionassem o problema de exclusão social.

---

<sup>32</sup> Pelo fato de a autora desta dissertação possuir graduação em língua espanhola, essas informações foram retiradas do seu conhecimento sobre a língua e a cultura de países hispânicos.

A fim de contextualizarmos essa evidência trazida pelo jornalista espanhol, encontramos na obra de Mauricio de Almeida Abreu intitulada “Revolução urbana de Rio de Janeiro” (1987), um estudo sobre a urbanização do Rio de Janeiro que também discute sobre a formação das favelas do Rio. Segundo Abreu (1987), foi a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX que a cidade começou a passar por um período de transformação urbana, apresentando uma nova configuração na estrutura social marcada pela estratificação das classes sociais. O autor nos mostra que com a Lei do Ventre Livre, em 1871, a cidade do Rio começou a se encher de ex-escravos que buscavam por trabalho e moradia. Nessa época, começa a surgir, então, uma grande quantidade de cortiços na região central da cidade, que se tornou em um importante ponto de concentração de trabalho. Ademais, o início da industrialização e o advento do comércio em áreas centrais impulsionaram grandes conflitos por espaço das novas classes sociais, o que influenciou em todo o processo de ocupação do espaço urbano. Com isso, os cortiços foram sendo proibidos, dando abertura a novas arquiteturas, iniciando-se o processo de extinção desse tipo de moradia que resultou na expulsão da população pobre dos centros urbanos, composta, em sua maioria, por ex-escravos. Desse modo, o aparecimento das favelas esteve fortemente relacionado a um processo de exclusão social, além de

[...] todo um conjunto de transformações desencadeadas pela transição da economia brasileira de uma fase tipicamente mercantil exportadora para uma fase capitalista-industrial. [...] Trata-se do momento em que a economia cafeeira fluminense entra em crise [...] reorientando toda uma estrutura já consolidada de comportamento do capital mercantil; do momento em a cidade passa a ter um crescimento demográfico extremamente rápido (fruto de migrações internas e estrangeiras) que agravava sobremaneira a questão habitacional (ABREU; VAZ, 1991, p. 482).

No que diz respeito à violência e ao narcotráfico, elementos resgatados no artigo, encontramos na matéria intitulada “Conheça a história da 1ª favela do Rio criada há quase 120 anos” publicada pelo portal G1, da Globo, em 12 de Janeiro de 2015, uma breve abordagem sobre essas questões. De acordo com essa matéria, uma série de fatores impulsionou a prática do tráfico nas favelas, dentre eles o despreparo e a corrupção da polícia brasileira e a extrema violência praticada principalmente pelos traficantes. Para o historiador brasileiro Milton Teixeira, convidado para falar do assunto, o narcotráfico das favelas do Rio de Janeiro foi resultante da rota de fuga do tráfico de drogas colombiano que foi obstruído pela



guarda costeira americana, treinada para fechar as portas de entrada das drogas no Caribe. Assim, Teixeira explicou que com as rotas do Caribe e do México ocupadas, os traficantes colombianos escolheram traçar seu novo percurso para a comercialização clandestina das drogas pelo Brasil.

Dando continuidade à nossa análise, na metade do artigo encontramos um manancial de estruturas discursivas usadas para representar o protesto dos moradores das favelas. Além do apelo a outras evidências, verificamos, também, a presença de classificações, metáforas e implicaturas que aparecem consecutivamente, o que torna o processo de produção das representações muito enfático. Identificaremos e explicaremos, no excerto a seguir, que informações essas estruturas trazem ao texto e como isso influencia na construção de representações bem ou mal qualificadas do Brasil e do modo com que os manifestantes das favelas protestaram:

(9) Com seus cartazes pedindo paz, fizeram reivindicações e voltaram ordenadamente a suas casas, sem terem quebrado um prato. A jovem estudante de 21 anos Erica dos Santos apresentou suas reivindicações, as quais se uniram ao mar de petições ao protesto nacional [...]. Reivindicações concretas, pontuais, sem um fio de impossibilidades [...] que faziam eco nos protestos gerais. O despertar da favela ao protesto nacional é um acontecimento que pode agora assustar a classe política e desmente o fato de que os pobres agradecidos pelo o que receberam estes anos dos governos progressistas de Lula e Dilma não se somaram às queixas da classe média (tradução minha).<sup>33</sup>

No trecho inicial “*Com seus cartazes pedindo paz, fizeram reivindicações e voltaram ordenadamente a suas casas*”, o item lexical “ordenadamente” claramente revela a construção de uma representação bem qualificada do modo com o qual os moradores das favelas protestaram, cujo item trata-se de como um advérbio modal que indica que os protestos apresentaram ordem e organização. No trecho subsequente, no qual o jornalista menciona a jovem Erica dos Santos: “*A jovem estudante de 21 anos Erica dos Santos apresentou suas reivindicações, as quais se*

<sup>33</sup> “Con sus pancartas pidiendo paz, hicieron sus reivindicaciones y se volvieron ordenadamente a sus casas sin haber roto un plato. Tocó a la joven estudiante de 21 años, Erica dos Santos, presentar sus reivindicaciones que se unieron al mar de peticiones de la protesta nacional [...]. Reivindicaciones concretas, puntuales, sin un hilo de imposibles [...] que hacían eco a las protestas generales El despertar de la favela a la protesta nacional es un hecho nuevo que puede ahora asustar a la clase política y desmiente el hecho de que los pobres, agradecidos por lo que han recibido estos años de los gobiernos progresistas de Lula y Dilma, no se sumarían a las quejas de la clase media”.

*uniram ao mar de petições ao protesto nacional*”, temos a presença de mais uma evidência (evidencialidade) que comprova o conhecimento do jornalista sobre o protesto das favelas.

A fim de novamente verificarmos as informações trazidas pelo jornalista, encontramos na reportagem “Rocinha e Vidigal marcharam até o Leblon por saneamento e saúde” publicada pelo G1, no dia 25 de junho de 2013, a informação de que essa jovem de 21 anos trata-se de uma das organizadoras do protesto das favelas, moradora da Rocinha e estudante do curso de graduação de Administração pela PUC-Rio. A reportagem mostra que essa estudante afirma que o objetivo do ato é reivindicar as obras nas favelas, além de questionar o descaso do governo com os assuntos da comunidade: “Já somos tão marginalizados que queremos mostrar que podemos fazer uma manifestação pacífica, com educação, e ajudar a acabar com esse preconceito”, disse a jovem em seu curto depoimento trazido à reportagem. Além dessa matéria publicada no G1, encontramos no portal UOL, na aba UOL Notícias, a matéria “Antigas rivais, favelas da Rocinha e Vidigal, realizam protesto conjunto no Rio” publicada, também, no dia 25 de junho, a qual apresenta uma abordagem sobre a união inesperada das favelas inimigas Rocinha e Vidigal. Nessa matéria, Erica dos Santos também ofereceu uma declaração curta a respeito do assunto: “Não imaginava isso há dois, três anos atrás. Não esperava uma caminhada tão pacífica. É muito bom ver a Rocinha e o Vidigal unidos por uma causa que é comum”, afirmou a estudante na notícia.

Juan Arias também resgata um dos depoimentos da jovem no seu artigo, no entanto, não conseguimos encontrar qual a fonte que ele provavelmente retirou as informações. A fala de Erica trazida pelo jornalista diz respeito ao não cumprimento das promessas da Presidente Dilma Rousseff relacionadas a várias obras nas comunidades, como se vê a seguir: “*Quando Dilma esteve na favela, nos prometeu melhoras nas infraestruturas de saúde pública, e não realizaram; a creche não funciona, e no posto de saúde pública a atenção aos doentes é péssima*”.

Embora não tenhamos encontrado a fonte desse depoimento, fica claro, através das matérias que utilizamos como apoio, que essa evidência trazida pelo jornalista espanhol corrobora para a construção de uma representação desfavorável do Brasil, visto que aponta as características negativas do governo brasileiro, representado

especialmente por Dilma Rousseff, além de contribuir para a manutenção dos estereótipos negativos de país “desorganizado”, “atrasado” e demais representações estereotípicas que ponham em cheque a capacidade dos governantes brasileiros em proporcionar melhorias à vida da população através de um exercício político que seja satisfatório.

Na sequência, no trecho: *“Reivindicações concretas, pontuais, sem um fio de impossibilidades [...] que faziam eco nos protestos gerais”*, as reivindicações trazidas pelos moradores no protesto são classificadas como “concretas” e “pontuais”. A primeira classificação “concretas” nos remete à ideia de algo sólido e resistente, bem como é o efeito do próprio concreto, material utilizado geralmente em construções civis. Já a segunda classificação “pontuais” nos leva a entender que as reivindicações que constituíram a pauta dos protestos foram bem direcionadas e específicas. Dessa forma, ao representar os protestos dessa maneira, o jornalista os qualifica como um movimento que apresenta estabilidade e especificidade, sentido que acaba sendo ratificado pela metáfora que vem em seguida “sem um fio de impossibilidades”, que nos leva a entender que assuntos trazidos pelos moradores foram muito bem direcionados de modo a não gerar dúvidas sobre sua plausibilidade e aceitabilidade pelos políticos brasileiros. Sendo assim, notamos que o jornalista pretende enfatizar as representações bem qualificadas do povo brasileiro (que aqui é apresentado na figura dos moradores das favelas) com a utilização consecutiva dessas classificações e metáfora em um único trecho. É interessante observar, também, que o jornalista parece privilegiar o protesto das favelas em desvantagem do protesto da classe média (“protestos gerais”), dando a entender, pela utilização do item lexical “eco”, que o protesto das favelas da Rocinha e do Vidigal teve uma grande notabilidade devido à sua característica pacífica e ordeira, o que fez “ecoar”, ou seja, repercutir diretamente nos demais protestos ocorridos pelo Brasil.

Ao final desse excerto (9), no fragmento *“O despertar da favela ao protesto nacional é um acontecimento que pode agora assustar a classe política e desmente o fato de que os pobres agradecidos pelo o que receberam estes anos dos governos progressistas de Lula e Dilma não se somaram às queixas da classe média”* é possível que o jornalista se refira às obras, de modo geral realizadas nas comunidades das favelas, como, por exemplo, o Programa de Aceleração do

Crescimento (PAC), sentido acionado por meio de uma implicatura (implicação) presente especialmente em: “*os pobres agradecidos pelo o que receberam estes anos dos governos progressistas de Lula e Dilma*”.

A fim de justificarmos essa implicatura que se refere à insatisfação dos moradores das favelas com as promessas de melhora de vida dos governos de Lula e Dilma, encontramos uma reportagem intitulada “PAC completa 5 anos e vira bandeira de Dilma para 2012” publicada no portal do *IG*, no dia 20 de janeiro de 2012, que abordava sobre os benefícios e prejuízos da implementação da PAC. Criada em janeiro de 2007 pelo o então Presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, a PAC consistia em um plano de investimentos com o objetivo alavancar o crescimento econômico no País. O programa promoveu alguns progressos, como a revitalização e pavimentação das ruas do complexo de favelas do Alemão, construção do Centro Integrado de Atenção à Saúde, um teleférico transformado em atração turística, dentre outros. No entanto, algumas obras prometidas tiveram atrasos nos prazos de execução e aumentos nos gastos de obras de grande estrutura; além disso, por volta de um ano e meio após o prazo previsto inicialmente para finalização da agenda da PAC, muitas obras ficaram inacabadas e/ou com problemas de execução e operação precárias. A reportagem mostra, ao final, que o descaso do governo com as comunidades foi agravado pelo fato de muitos moradores das favelas do complexo do Alemão terem tido suas casas desapropriadas para a construção do teleférico, não recebendo o aluguel social que deveria ter sido pago pelo governo federal durante a construção da obra.

Assim como no caso da evidencialidade referente à estudante Erica dos Santos, para evocar representações desfavoráveis do Brasil e seu cenário político, vemos que o mesmo ocorre quando acionamos essa implicação. Ao conjecturarmos a ideia de que o jornalista se refere aos investimentos da PAC destinado ao desenvolvimento das favelas, coloca-se em voga o grande descontentamento dos moradores com o não cumprimento do que o governo Dilma, responsável pelo andamento e execução do programa, havia prometido. Assim, ainda que os protestos e os manifestantes, que são os moradores, estejam sendo representados de forma positiva, o Brasil, seus governantes e seu cenário político têm sido alvos de representações desqualificadas, o que faz surgir um “jogo discursivo” que põe essas

representações em contraste, o que acaba equilibrando, em termos quantitativos, a produção de representações sociais bem e mal qualificadas.

Ao término do artigo, o jornalista continua a equilibrar a produção de representações bem e mal qualificadas do protesto e do cenário socioeconômico do Brasil. É interessante notar que o articulista constrói suas representações com base em uma indagação que se destina a como moradores que vivenciam e compartilham a violência constante nas favelas poderiam ter condições necessárias para promover um protesto organizado. Assim, notamos que no excerto a seguir, o jornalista coloca de forma mais acentuada a questão do modo com que o povo brasileiro exerce sua capacidade política:

(10) [...] E com a surpresa de sua atitude dialógica e pacífica, ainda que se trate de gente dura, acostumada com as balas que assoviam por cima das suas cabeças e por não ser escutada poderia mostrar com maior força à classe média, sua raiva acumulada em uma longa história de abandono. Por agora, sua primeira atuação foi um exemplo para todos. Um lição de protesto pacífico chegou de onde menos se esperava [...] (tradução minha)<sup>34</sup>.

Primeiramente, identificamos a classificação das atitudes dos moradores das favelas como “dialógica”, que nos leva a entender que o protesto consistiu em uma maneira com a que comunidades das favelas envolvidas encontraram para dialogar com os políticos brasileiros sobre os assuntos colocados em pauta, a fim de despertar o interesse destes em tomarem uma posição que solucionasse os problemas da população. Consecutivamente, verificamos a retomada de “pacífico”, já analisado anteriormente como sendo um item lexical derivado de “pacificamente”, o qual, por sua vez, foi utilizado no título deste artigo para representar de maneira bem qualificada o protesto das favelas.

Em seguida, no trecho “[...] *ainda que se trate de gente dura, acostumada com balas em que assoviam por cima das suas cabeças* [...]”, o jornalista faz uma ponderação das representações bem qualificadas com o uso de “dialógica e pacífica”, ao dizer, agora, que embora os moradores tenham proporcionado uma marcha ordenada, são

---

<sup>34</sup> “[...] Y con la sorpresa de su actitud dialogante y pacífica, aunque se trata de gente dura, acostumbrada a que las balas les silben por encima de sus cabezas, que de no ser escuchada podrían mostrar con mayor fuerza que la clase media su rabia acumulada en una larga historia de abandono. Por ahora, su primera actuación ha sido un ejemplo para todos. Una lección de protesta pacífica llegó de donde menos se esperaba [...]”.

“gente dura”, que parece servir para construção de representação de algo ou alguém que é forte, que não se abala por nada, confirmada pela presença da expressão metafórica (metáfora) que vem em seguida “[...] *balas que assoviam em suas cabeças*”, a qual reforça a ideia de que a população das favelas vive sob o jugo da violência.

Mais à frente, a presença da escolha lexical “raiva”, para designar o sentimento ruim que os moradores desenvolveram pelo governo brasileiro por terem tido suas causas e vidas alvo do descaso (bem como vimos anteriormente com a questão do não cumprimento de todas as obras do PAC, por exemplo), se soma à ideia de que os moradores são alvos somente de fatores ruins. No trecho subsequente a essa escolha lexical “[...] *Por agora, sua primeira atuação foi um exemplo para todos, uma lição de protesto pacífico chegou de onde menos se esperava [...]*”, observamos que embora os itens lexicais “exemplo” e “lição” e a retomada de “pacífico” tenham sido utilizados para construir uma representação bem qualificada do protesto no sentido de mostrar que foi um ensinamento de como uma população deve exercer a sua cidadania, especialmente quando o jornalista diz que o protesto veio de “onde menos se esperava”, expressão que só pode ser compreendida se acionarmos, novamente, supostos sentidos que estão por trás dela através de uma implicatura (implicação).

Por um lado, essa expressão pode indagar a capacidade de os moradores organizarem um bom protesto, mesmo sendo pessoas acostumadas com a violência e o crime cotidianos. Por outro, tenha a ver com o sentimento de “raiva” dos moradores pelo governo, sentimento que comumente suscita comportamentos agressivos e violentos e não atitudes ordeiras e brandas. Todavia, novamente considerando o contexto, essa expressão “de onde menos se esperava” talvez aponte para o fato de que um protesto pacífico partiu de uma classe social que tem motivos suficientes para apresentar uma atitude radical e extremista como forma de indignação e retaliação à falta de compromisso dos políticos, mas o fato de ter sido apresentado de forma ordeira e branda foi uma surpresa para todos. Assim, essas circunstâncias contribuem para que o jornalista aparentemente tenha construído uma representação bem qualificada dos moradores das favelas e do protesto realizado por eles.

#### 4.3.3. Análise do artigo 3: “O novo Brasil nascido dos protestos”

Este artigo encerra nossa análise das matérias referentes ao ano de 2013. Publicado em 14 de outubro de 2013 e escrito por Juan Arias, o presente artigo apresenta tradução por Cristina Cavalcanti, que, como vimos no início deste capítulo, não sabemos se é uma correspondente do *El País* no Brasil e qual a sua nacionalidade.

O assunto abordado está em torno da maturidade alcançada pelos brasileiros devido à realização dos protestos. Já no título, observamos que o item lexical “novo” indica uma transição política, e no caso de “nascido”, tem-se a ideia de que a população brasileira se posicionou de modo veemente frente aos problemas políticos que compunham o cenário nacional desse período, no sentido de mostrar que os protestos impulsionaram o surgimento de outro país, ou seja, mais crítico e independente.

No subtítulo do artigo que diz: “*Os brasileiros já não querem ser tratados como adolescentes e desejam guiar o próprio destino [...]*”<sup>35</sup>, fica evidente que a escolha lexical de “adolescente” foi utilizada para mostrar que o povo brasileiro refuta essa posição, além do desejo de independência expresso “*e desejam guiar seu próprio destino*” não querendo, assim, ser tratado de qualquer modo, nem estar dependente, talvez, dos governantes do país. Esse entendimento de que o povo brasileiro rejeita qualquer tipo de tratamento que os condicione a uma posição inferiorizante, ou melhor, a uma representação de “país imaturo”, só é possível de ser acionado através de uma implicação, a qual nos conduz, também, à compreensão de que ser representado como um “adolescente” é fazer menção a um período de vida em que tanto os aspectos físicos, quanto os psicológicos de um sujeito, não estão plenamente desenvolvidos.

Abaixo do título e do subtítulo, encontramos uma fotografia, sem legenda, que mostra um grupo aparentemente grande de manifestantes jovens. É interessante observar que a fotografia se divide em três posições: ao centro, observamos jovens

---

<sup>35</sup>“Los brasileños han renunciado a ser tratados como adolescentes y ansían hacerse cargo de su destino [...]”.

com camisas que encobrem todo o rosto; no canto esquerdo, vemos outros jovens com as mãos erguidas para cima como se estivessem falando palavras de ordem e já no canto direito, há uma mulher ajoelhada, que aparenta ter entre 20 a 25 anos de idade, com uma expressão facial que aparenta tristeza e/ou insegurança. Com relação aos jovens que estão centralizados na fotografia, dois chamaram a atenção, um por estar segurando uma faixa pichada e fazendo um sinal com as mãos que parece simbolizar uma arma de fogo e o outro está sem camisa, com a parte superior do corpo toda descoberta. Vejamos esta imagem:

### Imagem 3



Fonte: *El País*, 2013.

Percebemos que a foto, que é uma estrutura não verbal, representa os manifestantes brasileiros de um modo fortemente negativo, visto que a imagem mostra apenas uma parte irrisória do grupo de manifestantes. Assim, parece-nos que a intenção da utilização dessa fotografia foi construir uma representação dos manifestantes como “baderneiros”, “vândalos”, uma vez que o foco da imagem nesses jovens cobertos por camisas que mascaram o rosto aciona na memória dos interlocutores outras imagens que estão relacionadas à violência e, em especial, à criminalidade. Esse sentido se reforça sobretudo pelo fato de que o foco da imagem está no jovem que faz esse sinal com as mãos, que, como já comentamos, parece simbolizar uma arma. Dessa maneira, essa fotografia possui uma outroapresentação enfaticamente negativa, o que acaba desequilibrando a produção das representações bem qualificadas presentes no título (e ao longo do o artigo, como veremos).

No início efetivo do artigo, diferentemente da representação negativa que essa fotografia evoca, encontramos, no excerto abaixo, a produção de representações favoráveis do povo brasileiro. Nele, notamos que o jornalista espanhol busca



apresentar essas representações dentro de uma contextualização acerca dos motivos que fomentaram os protestos nacionais, situando o leitor de modo a entender o motivo pelo qual os brasileiros estão sendo representados como um povo “diferenciado”:

(11) Há quatro meses, antes das manifestações populares surgidas inesperadamente por todo o país, o Brasil era um. O de hoje é um Brasil diferente. O de antes das manifestações – cuja gota d’água foi o aumento de 20 centavos nos transportes públicos [...] Era o Brasil satisfeito consigo mesmo, o Brasil invejado em todo o mundo pelas suas conquistas econômicas e sociais, que o carismático Lula da Silva defendia com o famoso bordão “nunca antes neste país” [...] (tradução de Cristina Cavalcanti)<sup>36</sup>.

Observamos que o item lexical “diferente” utilizado para representar o Brasil aparece em função da insatisfação da população pelo aumento de 20 centavos na tarifa do transporte público das principais capitais do país. A reivindicação desse aumento deu origem ao Movimento pelo Passe Livre (MPL), em 2013, dando surgimento aos primeiros protestos na cidade de São Paulo. Esse movimento suscitou reivindicações não apenas no que diz respeito às tarifas ou serviços referentes ao transporte público, mas, também, à segurança pública e demais assuntos relacionados aos gastos com a organização de grandes eventos esportivos internacionais, como a Copa das Confederações e o Mundial, em 2014, além da insatisfação da população com a corrupção política, de modo geral. Dessa forma, podemos considerar que a menção do motivo inicial que deu origem aos protestos do ano de 2013 em: “[...] *cuja gota d’água foi o aumento de 20 centavos nos transportes públicos [...]*” relacionada à tarifa dos transportes públicos trata-se de uma evidencialidade expressa pelo jornalista que comprova seu conhecimento acerca do contexto nacional do ano em questão.

No trecho subsequente, que diz “[...] *Era o Brasil satisfeito consigo mesmo, o Brasil invejado em todo o mundo pelas suas conquistas econômicas e sociais, que o carismático Lula da Silva [...]*”, observamos que “Brasil” está, somente na versão

<sup>36</sup>“Hace cuatro meses, antes de la protesta popular que de forma inesperada surgió en todo el país, Brasil era uno. El de hoy es un Brasil diferente. El de antes de las manifestaciones, cuya gota que colmó el vaso fue la subida de 20 céntimos en los transportes públicos [...] Era el Brasil satisfecho consigo mismo; el Brasil envidiado mundialmente por sus conquistas económicas y sociales, el que el carismático Lula da Silva definía con aquella famosa frase de “nunca antes en este país” [...]”.

original em espanhol<sup>37</sup>, acompanhado de um recurso gráfico de fonte sublinhada na cor azul. Ao clicarmos na palavra, abre-se um *link* que nos conduz a uma página do *El País* Brasil que contém várias matérias, de variados assuntos, publicadas em distintos períodos, que têm o Brasil como tema. O mesmo acontece em “carismático Lula da Silva”, que, ao clicarmos nessa expressão, é aberta uma página no portal original do *El País*, com uma matéria sobre o Presidente Lula, publicada em 4 de agosto de 2013, intitulada “Lula: los partidos de izquierda se han quedado viejos”, que se trata de uma citação da fala do próprio Lula, que endereça uma crítica a determinados partidos políticos brasileiros de esquerda.

Na sequência, o jornalista continua apresentando evidências de que conhece bem o cenário do país do ano de 2013, além de também apresentar pistas de que conhece a trajetória governo do Presidente Lula. Ao fazer referência do bordão “nunca antes neste país”, Juan Arias apresenta outra evidencialidade que confere credibilidade ao seu discurso, na medida em que mostra ao leitor que as informações que apresenta no artigo são verdadeiras, e com isso, o seu discurso assume um “tom” mais objetivo. É oportuno comentar que essa evidencialidade traz ao artigo uma contextualização importante acerca do cenário nacional no período da presidência de Lula. O aumento da sua popularidade e a melhora da qualificação do seu governo pela população em meados de 2008 se deu, não por um acaso, pelo fato do Brasil ter atingido a posição de sexta economia mundial nesse ano, ultrapassando grandes potências econômicas com um produto interno bruto (PIB) muito elevado, como o do Reino Unido, por exemplo, estimado em mais de dois trilhões. Por isso, o *slogan* petista “nunca antes neste País” fez parte várias de várias falas de Lula em entrevistas e aparições públicas diversas. Assim, essa expressão cristalizou o momento em que o país passava por um período de transição, visto que estava vivendo um período de notável “bonança econômica”, uma nova fase da economia brasileira que proporcionou avanços e melhorias no cenário econômico nacional e também mundial.

---

<sup>37</sup> Ainda que estejamos trabalhando com textos traduzidos, é válido relembrar que o nosso objetivo principal é analisar a produção espanhola sobre o Brasil. Assim, acessarmos, quando necessário, as versões originais dos artigos para verificar algo que nos seja relevante não prejudica em nada nosso propósito de pesquisa.

Mais adiante, o jornalista mantém as referências ao período em que o país atingia seu ápice econômico no ano de 2008, período que afugentou o sentimento de inferioridade que próprio brasileiro tinha de si, devido à melhoria de vida proporcionada pelo grande progresso na economia. Além disso, o jornalista contrasta as representações de país “anestesiado”, por conta da estabilidade econômica, com as de país “consciente” e “crítico”, devido aos diversos problemas vividos no ano de 2013, que acabaram sendo maiores do que a estabilidade econômica de 2008. Observemos como esse movimento acontece nesta parte do artigo:

(12) Num Brasil assim, que tinha deixado de sofrer com o “complexo de vira-lata” e que chegou a ser a sexta potência econômica do planeta [...] Era um Brasil em lua-de-mel permanente. E agora? O Brasil está diferente [...] As manifestações de massa de quatro meses atrás não têm se repetido do mesmo modo, graças em parte aos grupos violentos que se infiltraram nelas, mas o fogo continua aceso e centenas de manifestações menores ocorreram em todo o país, desta vez mais setoriais, menos etéreas e mais concretas. Como a última dos professores do Rio de Janeiro, que depois de muitos anos de silêncio há um mês protestam ruidosamente [...] Há quatro meses os políticos locais não têm paz. As pessoas invadem as assembleias regionais e exigem participação nas decisões. E isso também é novo (tradução de Cristina Cavalcanti)<sup>38</sup>.

Inicialmente, o jornalista aponta que o brasileiro deixou de se autorrepresentar como um “produto” inferior devido à economia brasileira que, como vimos, estava em ascensão. A menção do “complexo de vira-latas” é uma evidência (evidencialidade) que marca o conhecimento do jornalista espanhol acerca da discussão em torno da autorrepresentação do brasileiro, feita desde os anos 50 pelo jornalista brasileiro

---

<sup>38</sup>“En un Brasil así, que había pasado de sufrir el complejo de *perro callejero* a ser la sexta potencia económica del planeta [...] Era un Brasil en permanente luna de miel. ¿Y hoy? Brasil es diferente [...] Las manifestaciones masivas de hace cuatro meses no se han repetido de aquella forma, gracias también a los grupos de violentos que se introdujeron ellas, pero el fuego ha seguido encendido y cientos de manifestaciones menores han tenido lugar en todo el país, esta vez más sectoriales, menos etéreas y más concretas. Como la última de días atrás de los profesores de Río de Janeiro que, después de muchos años de silencio, llevan un mes de ruidosas protestas. Con ellos se han solidarizado más de 50.000 personas que han paralizado la ciudad. Desde hace cuatro meses los políticos locales no tienen paz. La gente invade las asambleas regionales y exige participar en las decisiones de los mismos. Y eso también es nuevo”.

Nelson Rodrigues em sua crônica *Complexo de Vira-latas*, que tratou da “[...] inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e sobretudo, no futebol” (apud ALMEIDA, 2015, p. 113). Imerso no contexto do evento, o jornalista brasileiro afirmou em sua crônica que “o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: “O Brasil não vai nem se classificar!” (RODRIGUES, 1958, p. 1). Dessa maneira, a discussão trazida pelo jornalista brasileiro está em torno do sentimento de pessimismo do brasileiro que está fortemente relacionado ao discurso do “complexado”, alinhado aos esforços da constituição de uma identidade marcada pela diferença e experimentada pelos povos colonizados em face do colonizador, que tem como resultado uma autodepreciação sociocultural.

O contexto da estabilidade econômica do Brasil em 2008 resgatado no discurso de Juan Arias proporcionou um momentâneo esquecimento da autorrepresentação inferiorizada que o brasileiro construiu em torno de si, mas que também foi motivo para que o povo brasileiro estivesse em uma “lua-de-mel” com o país, expressão metafórica (metáfora) utilizada para mostrar que a relação entre a população e o governo de Lula na época era agradável e prazerosa: “[...] *Era um Brasil em lua-de-mel permanente [...]*”.

Mais à frente, o jornalista mostra que esse período de “lua-de-mel” vivido no Brasil se findou, pois o país está “diferente”, escolha lexical que novamente está sendo usada para estabelecer a transição entre as representações do Brasil enquanto país “contente” e “anestesiado” pela bonança na economia no governo de Lula, à de país “consciente” e “crítico” pela insatisfação com os problemas enfrentados pelo país em 2013. Segundo o posicionamento de Juan Arias, mesmo que os grupos de manifestantes mais violentos tivessem prejudicado a seriedade e o caráter pacífico das manifestações em alguns momentos, estas mantiveram sua força e não se enfraqueceram, característica expressa pela utilização da metáfora “o fogo continua aceso”, no sentido de mostrar que os brasileiros continuaram a protestar de maneira entusiasmada, sem perder o vigor.

As manifestações nacionais continuam sendo alvo de boas representações, quando observamos o uso de expressões metafóricas (metáforas) “menos etéreas” e “mais

concretas”, para caracterizá-las. No caso da primeira expressão metafórica, segundo o mini dicionário Aurélio (2001, p. 300), etéreo significa o que é “Relativo ao, ou da natureza do éter”, o qual, por sua vez, consiste em um líquido incolor, volátil, utilizado normalmente para aliviar dores oriundas de contusões. Devido ao alto grau de volatilidade e à rápida evaporação do éter ao entrar em contato com a pele humana é que compreendermos que, ao dizer que as manifestações estão “menos etéreas”, o jornalista espanhol as caracteriza como mais estáveis e mais visíveis, uma vez que o que “evapora” não pode ser mais visto, pois desaparece, já aquilo que se mantém constante pode ganhar notoriedade. No segundo caso, a expressão “mais concretas” pode aludir ao concreto, que como já vimos na análise anterior, trata-se do principal material utilizado em construções civis, composto, basicamente, por uma mistura de água, cimento e agregados. Portanto, uma vez que as manifestações brasileiras são caracterizadas dessa maneira, compreendemos que estão sendo representadas como um movimento que apresenta firmeza e estabilidade, sentido que acaba ratificando o que foi trazido na primeira metáfora.

Ao final do excerto (12), o jornalista exemplifica o caráter estável das manifestações ao citar a passeata realizada pelos professores da rede municipal de ensino do estado do Rio de Janeiro como ilustração. O ato aconteceu do dia 7 de outubro de 2013, no centro da capital do estado, entre às 17h até às 20h, reunindo por volta de 50 mil pessoas em favor da melhoria de salários e planos de carreira para os docentes. Segundo uma matéria publicada pelo portal da Globo G1, no dia 16 de outubro de 2013 intitulada “Entenda o impasse entre a prefeitura do Rio e os professores em greve”, os docentes, antes de realizarem a passeata do dia 7, já haviam deflagrado greve no mês anterior devido à falta de acordo entre a categoria e a prefeitura carioca. Essa matéria mostrou as discrepâncias entre as partes, como por exemplo, em termos de salários e planos de carreira, em que categoria exigia que todos os profissionais fossem contemplados pelo plano, mas a prefeitura, por sua vez, ofereceu como proposta um plano de cargos e salários voltado somente para os docentes que trabalhassem 40 horas semanais, o que abrangia uma parcela muito pequena da categoria.

Observamos que a menção específica dessa manifestação dos professores do Rio se trata de um exemplo o qual, de modo semelhante à evidencialidade, consiste em

uma maneira igualmente eficaz de tornar o discurso plausível, visto que, neste caso, trata-se da apresentação de uma experiência concreta, o que traz a possibilidade de o posicionamento do jornalista ser mais aceito e compreendido. Ademais, os exemplos têm função imagético-ilustrativa, sendo, assim, mais facilmente memorizáveis pela influência direta que exercem na cognição e nas emoções dos leitores, o que torna o discurso mais esclarecido e, sobretudo, convincente.

Mais adiante do texto, Juan Arias continua construindo representações bem qualificadas dos protestos brasileiros, ao dizer, claramente, que o movimento possui seriedade por ser em favor da melhoria na qualidade de vida da população. Além disso, o jornalista põe em questão as eleições presidenciais do ano de 2014, questionando a capacidade de Dilma Rousseff em atender as exigências da população, de modo a ganhar sua confiança para conseguir a reeleição:

(13) Os políticos brasileiros já compreenderam que o movimento de protesto é sério [...]. O medo político se instalou embora os manifestantes nunca tenham pedido a mudança do governo [...]. Querem, simplesmente, melhorar sua qualidade de vida. O mundo dos protestos votará em quem? [...] Tudo vai depender da estratégia do governo da presidente Dilma Rousseff nos próximos meses para demonstrar não com promessas, mas sim, com fatos [...] Rousseff e Lula estão dedicados a isto. Terão de demonstrar nos próximos meses que são capazes, mais do que ninguém, de dar vida à “Nova República” exigida pela nova oposição e que, afinal, é a música de fundo dos protestos nas ruas. Lula já recordou que o PT “nasceu nas ruas” e não deve ter medo de “voltar para lá” (tradução de Cristina Cavalcanti).<sup>39</sup>

Ao utilizar o item lexical “sério”, o jornalista confirma sua representação favorável das manifestações no Brasil, pois é um adjetivo que demonstra o comprometimento da população com os assuntos do país e do zelo pelo bem-estar dos brasileiros. Encontramos, em seguida, a expressão metafórica (metáfora) “medo político”, utilizada para designar a preocupação do governo de Dilma Rousseff em conseguir

<sup>39</sup> “Los políticos brasileños entendieron enseguida que el movimiento de protesta iba en serio [...]. Cundió el miedo político a pesar de que los manifestantes nunca pidieron ni un cambio de régimen [...]. Querían, sencillamente, mejorar su calidad de vida [...]. ¿Con quién irá a las urnas el mundo de la protesta? [...]. Todo va a depender de la estrategia que el gobierno de la presidenta Dilma Rousseff tome en estos meses para demostrar, no con promesas, sino con hechos [...]. Tanto Rousseff como Lula están en ello. Tendrán que demostrar en estos meses que ellos son capaces, mejor que nadie, de dar vida a esa “Nueva República” que la nueva oposición reclama, al fin y al cabo la música de fondo de la protesta callejera. Lula ya recordado que el PT ‘nació en la calle’ y que no debe tener miedo de ‘volver a ella’ ”.

(ou não) atender todas as reivindicações da população brasileira, haja vista que as manifestações ocorreram em um ano antes das eleições de 2014, e a possibilidade do governo da Presidente em sanar ou não os problemas que a população questionava poderia prejudicar sua candidatura à Presidente do Brasil e, conseqüentemente, sua reeleição.

Juan Arias mostra que a capacidade do governo em buscar soluções para os problemas questionados não seria apenas benéfico para a população, mas também, para campanha política de Dilma Rousseff, uma vez que as manifestações ganhavam mais força por colocarem em pauta a corrupção dos políticos e o desperdício de dinheiro público com eventos esportivos, como foi com a Copa das Confederações, em 2013, e como possivelmente seria com o Mundial, em 2014. Diante desse contexto, o jornalista mostra que esse “medo político” não se referia somente à preocupação da Presidente em sanar as demandas da população, mas também, ao surgimento de uma terceira via eleitoral, isto é, a oposição do seu governo formada pela união de Marina Silva<sup>40</sup> com o Partido Socialista do Brasil (PSDB) de Eduardo Campos<sup>41</sup>, que o jornalista faz referência ao utilizar a expressão “nova oposição”.

O trecho *“Rousseff e Lula estão dedicados a isto. Terão de demonstrar nos próximos meses que são capazes, mais do que ninguém, de dar vida à “Nova República” exigida pela nova oposição”* revela essa união entre os dois candidatos concorrentes da Presidente, no qual encontramos a metáfora “Nova república”, utilizada para fazer referência à proposta de Marina Silva e Eduardo Campos em substituir a política brasileira sustentada, sobretudo, pelos políticos do governo do Partido dos Trabalhadores (PT). Nessa metáfora, o jornalista explora as informações trazidas por essas evidências acerca do seu conhecimento sobre a política brasileira, mostrando, assim, que os opositores de Dilma têm o objetivo de promover um novo modelo de governo que priorize as exigências do Estado e as necessidades do povo brasileiro.

---

<sup>40</sup>Maria Osmarina Marina Silva Vaz de Lima é uma historiadora, professora, psicopedagoga, ambientalista e política brasileira filiada à Rede Sustentabilidade.

<sup>41</sup> Eduardo Henrique Accioly Campos foi um economista e político brasileiro, governador do estado de Pernambuco por três mandatos consecutivos entre 1995 a 2007 e presidente do Partido Socialista Brasileiro que faleceu em um acidente ocorrido em agosto de 2014.

Buscando manter um diálogo com a questão da união entre os referidos parlamentares trazida no texto, encontramos uma matéria publicada no dia 5 de outubro de 2013 pelo portal da Globo G1, intitulada “Ex aliados de Lula, Mariana Campos se unem contra candidatura de Dilma”, através da qual pudemos comprovar que essa evidência (evidencialidade) trazida pelo jornalista espanhol no que diz respeito à união de Eduardo Campos com Marina Silva é verdadeira. A matéria revela que os ex-candidatos à presidência do Brasil para as eleições do ano de 2014 apoiaram o governo do Ex-presidente Lula, mas que se uniram oficialmente para contrapor-se à pré-candidatura e à reeleição de Dilma Rousseff.

Além disso, o trecho que segue dizendo: “*Lula já recordou que o PT “nasceu nas ruas” e não deve ter medo de “voltar para lá”*”, Juan Arias aponta mais uma evidência (evidencialidade) acerca do que conhece sobre a trajetória política de Lula. Por um lado, essa evidência alicerçada na metáfora “nasceu nas ruas” pode fazer menção à história política de Lula, que, antes de ser eleito a Presidente, ganhou projeção nacional com as negociações e as greves de metalúrgicos de sua base que passaram a acontecer em larga escala a partir do ano de 1978. Assim, Lula foi um representante sindical conhecido internacionalmente que se tornou em um líder populista por seus discursos destinados à classe de trabalhadores, os quais eram comumente realizados publicamente nas ruas. Por outro lado, é possível que essa metáfora também evoque o pronunciamento do Deputado Federal do estado da Paraíba Luiz Couto (PT), publicado em 14 de Julho de 2005, que defende o governo do Presidente Lula pelo fato de ter ocorrido na época uma tentativa de retirá-lo Luiz do poder devido a denúncias de corrupção:

*O PT nasceu nas ruas e nas fábricas. Sabemos muito bem lidar com dificuldades. Foi enfrentando dificuldades que crescemos e chegamos onde estamos. O povo pobre enxerga em Lula e no PT, mesmo em meio a crise, seus condutores à um tempo de mudanças. Mudanças que já se fazem sentir. É o que indicam as recentes pesquisas que mesmo em meio a crise dos partidos e da câmara, indicam a subida de popularidade do Presidente Lula (COUTO, 2005, p. 2, grifo meu).*

No final do artigo, o jornalista continua construindo representações acerca da competência dos brasileiros em exercerem sua cidadania por meio dos protestos. No excerto que virá a seguir, observamos algo que nos chamou a atenção, que foi o fato de o jornalista apresentar uma polarização intergrupual que favorece não o endogrupo, mas sim, o exogrupo (povo brasileiro). O efeito que essa aparente



polarização “inversa” provoca no texto é de uma ratificação determinante na produção de uma representação favorável do povo brasileiro. Vejamos como isso acontece neste momento do discurso:

(14) As manifestações deverão criar um Brasil melhor, capaz de aproveitar todas as oportunidades oferecidas [...] Um Brasil que, em vez de começar a perder muito do que já consegui, possa conquistar uma qualidade de vida melhor [...]. A qualidade de vida que alguns países europeus estão perdendo, a começar pela Espanha. Vai depender muito da sensibilidade e da conversão da velha política. Em vez de se colocar na defensiva, os governantes devem se preparar para os novos tempos que os brasileiros exigem, sem serem tratados como adolescentes, mas como filhos adultos [...] (tradução de Cristina Cavalcanti)<sup>42</sup>.

Os itens lexicais “melhor” e “capaz” são representações bem qualificadas do Brasil que, de acordo com o posicionamento do jornalista, foram resultantes da capacidade de mobilização política que o povo brasileiro demonstrou ao mundo, pela maneira com a qual realizaram os protestos. No trecho “[...] *A qualidade de vida que alguns países europeus estão perdendo, a começar pela Espanha [...]*”, encontramos a polarização à qual nos referimos anteriormente, visto que o jornalista valoriza a busca do povo brasileiro por melhorias no cenário político do país, em detrimento a dos países europeus, principalmente a Espanha, que afirma estar perdendo a qualidade de vida. Podemos entender que possivelmente essa polarização possa ser o resultado de um discurso eufemístico (eufemismo) que apresenta uma outroapresentação positiva, atenuando, em seguida, a autoapresentação negativa. O eufemismo consiste em uma estrutura discursiva responsável pela suavização da maneira como se diz algo, o que oferece a essa categoria um papel muito importante no modo de se representar os grupos e na relação mantida entre eles. Além disso, é dentro de um quadro de autoapresentação, como ocorre neste caso, que a atenuação e até mesmo a ausência de expressões, impressões, ou seja, de representações mal qualificadas sobre o exogrupo torna-se uma condição necessária para a preservação da polidez e da boa imagem do endogrupo.

<sup>42</sup>“Están llamadas a diseñar un Brasil mejor, capaz de aprovechar todas las posibilidades [...]. Un Brasil que, en vez de empezar a perder lo mucho que ya ha conseguido, pueda conquistar una mayor calidad de vida [...] Es la calidad de vida que ya están perdiendo algunos países europeos, empezando por España [...].Mucho va a depender de la sensibilidad y de la conversión de la vieja política. En vez de colocarse a la defensiva, los gobernantes deben prepararse para los tiempos nuevos que exigen los brasileños, que ya no renuncian a ser tratados como adolescentes, sino que quieren ser tratados como hijos adultos”.

No momento em que o jornalista diz que “[...] *Vai depender muito da sensibilidade e da conversão da velha política [...]*, a expressão (lexicalização) “velha política” se refere ao modo que tradicionalmente se conduz a política brasileira, tanto de direita quanto de esquerda, que políticos emergentes como a que Marina Silva e Eduardo Campos se opuseram, no dia do pronunciamento de ambos, bem como já vimos na matéria do G1 publicada sobre o assunto. A escolha lexical “sensibilidade” da qual o jornalista fala, é no sentido de que os governos no Brasil, e em específico os governantes, na ocasião, do PT, necessitam mostrar comprometimento com o país, através da capacidade de entender e reagir aos pedidos do povo brasileiro que clama por mudanças.

Ao término do artigo, especificamente no trecho “[...] *Em vez de se colocar na defensiva, os governantes devem se preparar para os novos tempos que os brasileiros exigem, sem serem tratados como adolescentes, mas como filhos adultos [...]*”, identificamos a retomada do item lexical “adolescente”, que é novamente utilizado para construir uma representação qualificada do povo brasileiro, no sentido de mostrar a rejeição do povo brasileiro a essa posição inferiorizada e sua vontade de ser tratado com maturidade. Essa ideia é reforçada por meio da metáfora “filho adulto”, na qual o item lexical “adulto” é usado na construção de uma representação positiva da população brasileira como “madura”, a qual se contrasta à do adolescente, visto que a maturidade biológica que se atinge na fase adulta de um indivíduo torna-se condição fundamental para o desenvolvimento das capacidades fisiológicas, além de estruturas cognitivas, como o conhecimento. Nesse sentido, apresentar o povo brasileiro como “adulto” é, portanto, valorizar seus aspectos morais e intelectuais, na representação de um povo “desenvolvido”, o que confirma as representações bem qualificadas do Brasil e do povo brasileiro trazidas em “país do futuro”, de Stefan Zweig.

#### 4.3.4. Análise do artigo 4: “Que comece o espetáculo (ou não)”

Este artigo de opinião dá abertura à nossa análise referente ao período de publicação do ano de 2014. Veiculado em 12 de junho de 2014, no dia do início do Mundial, o texto possui tradução realizada pelo portal brasileiro do *El País* e foi escrito pelo jornalista Antonio Jiménez Barca<sup>43</sup>.

Já no título, encontramos um importante indício de que o foco do assunto estará em torno do futebol e da capacidade do Brasil em organizar a Copa de 2014, através da escolha lexical “espetáculo”, que remete, implicitamente, a esse evento esportivo. Podemos supor que essa escolha, para referir-se ao Mundial, possua três sentidos: o primeiro é entender esse evento esportivo como uma apresentação pública que impressiona e tem o objetivo de entreter; o segundo pode referir-se a algum evento que atraia o público e prenda sua atenção sem o objetivo de levar diversão ao público, mas sim, de causar espanto, o que configuraria um “escândalo”; já o terceiro e último sentido possivelmente possa fazer referência ao *Panem et circenses*, ou seja, ao “Pão e Circo”, uma política desenvolvida no Império Romano como medida de manipulação de massas através do entretenimento, com a apresentação de espetáculos (lutas de gladiadores nas arenas públicas) e de jogos, a fim de desviar a atenção da plebe (nome que classificava as pessoas comuns da época) dos assuntos políticos aos prazeres, como a comida, representada pelo pão e o divertimento, representado, sobretudo, pelo circo.

Todavia, o item lexical de negação “(ou não)”, marcado graficamente entre parêntesis após a palavra espetáculo nos oferece novas pistas de que, provavelmente, esse espetáculo se refira ao primeiro sentido, que é o do Mundial representado como um show que o público espera que seja grandioso, organizado e alegre, mas que, por algum motivo, supostamente não será assim.

Abaixo do título, encontramos uma fotografia de um engarrafamento em alguma rua de São Paulo (não especificada no texto), com a presença de um vendedor de

---

<sup>43</sup> No portal do *El País*, encontramos no link para o artigo a data de publicação de 12 de junho. Entretanto, ao acessarmos o artigo, a data está como 11 de junho. De acordo com as informações trazidas no próprio artigo, acreditamos que o texto tenha sido escrito, de fato, no dia do início do Mundial.

bandeiras do Brasil, que aparenta ser um idoso, passando entre os carros. Vejamos, abaixo, a imagem:

#### **Imagem 4**

Legenda: “Um vendedor de bandeiras caminha entre os carros durante um engarrafamento em São Paulo”



**Fonte:** *El País* Brasil, 2014.

Essa estrutura não verbal ilustra a realidade do país no que diz respeito à sua infraestrutura e economia, revelando a situação complicada do trânsito brasileiro, especialmente em grandes metrópoles como São Paulo, conhecida por seus longos engarrafamentos. Já em termos econômicos, a foto mostra a situação do brasileiro representada por esse senhor, que muito provavelmente pertença às classes de menor renda, o qual, por necessidade, aproveita-se do contexto cultural do país na venda de produtos baratos como fonte de sustento financeiro.

A presença dessa fotografia corrobora para a construção de uma representação negativa do cenário econômico do Brasil, considerando que a imagem nos conduz ao entendimento de que o país não distribui de forma democrática os recursos financeiros que dispõe, situação que leva a população a buscar por trabalhos alternativos para seu sustento próprio. Além disso, a imagem também problematiza as questões de organização urbana das grandes metrópoles brasileiras ao ter como pano de fundo um engarrafamento, o que põe em questão a má distribuição das vias públicas que não garante o bem-estar da população.

É abaixo dessa imagem que o jornalista inicia o corpo do texto sobre aquele momento do Mundial:

(15) O sujeito da emissora de São Paulo vai dizendo que, sim, as coisas andam mal, que tudo poderia ser melhor, claro, mas que falta um dia para que tudo comece e que, olhem, em todos os lugares há greves e manifestações [...] Parece mentira, mas no país do futebol alegre e das torcidas eufóricas, onde a história da seleção do Brasil se confunde com a história do próprio esporte, o sujeito na rádio tenta convencer os ouvintes de que devem se envolver de uma vez com o campeonato mundial, como um pai tenta convencer um filho, já adolescente e um pouco respondão, de que tem de se divertir na festa de aniversário que fizeram para ele. Antes você gostava, filho. Antes (tradução *El País* Brasil)<sup>44</sup>.

O discurso do jornalista mostra um suposto contrassenso entre o Brasil ser conhecido como “país do futebol” e apresentar, no momento em que sedia a Copa, um desinteresse pelos assuntos do esporte e a situação política do país que teria a atenção dos brasileiros insatisfeitos com os altos custos do Mundial. Inferir que o brasileiro está dividido entre o sentimento de paixão e descontentamento com o futebol só é possível através de uma implicatura (implicação) presente no trecho “[...] *sim, as coisas andam mal, que tudo poderia ser melhor, claro, mas que falta um dia para que tudo comece e que, olhem, em todos os lugares há greves e manifestações*”. Dentro dessa implicação, encontramos uma expressão cristalizada “as coisas andam mal”, que funciona, neste caso, como uma metáfora referente ao contexto político crítico do Brasil no ano de 2014, composto por intensos protestos contra os gastos tidos como desnecessários do dinheiro público.

A utilização da conhecida expressão “país do futebol” e dos itens lexicais “alegre” e “eufórica” para referir-se ao Brasil e suas torcidas, confirma os estereótipos culturais que representam positivamente o Brasil e povo brasileiro. Todavia, o jornalista parece ir a contrapelo dessa visão corrente e simplificadora de que o futebol é um elemento cultural que fomenta apenas boas sensações e acontecimentos, quando mostra o brasileiro como um filho “adolescente” e “respondão (escolhas lexicais), ao refletir sobre os problemas do país e do exercício de sua cidadania. Ainda que essas

---

<sup>44</sup>“El tipo de la radio de la emisora de São Paulo va diciendo que sí, que las cosas andan mal, que todo podría ir mejor, claro, pero que falta solo un día para que todo comience y que, miren, en todos los sitios hay huelgas y manifestaciones [...] Parece mentira, pero en el país del fútbol alegre y de las hinchadas eufóricas, donde la historia de la selección de Brasil se confunde con la historia misma de este deporte, el tipo de la radio trata de convencer a los oyentes de que se enchufen de una vez al campeonato, como un padre trata de convencer a su hijo, ya adolescente algo respondón, de que se divierta en la fiesta de cumpleaños que le han organizado. Antes te gustaba, hijo. Antes”.

escolhas lexicais pareçam evocar uma representação negativa do brasileiro, dentro do co-texto deste artigo, elas acabam ganhando um sentido positivo, pois se relacionam aos protestos e à capacidade do povo de reivindicar seus direitos, vendo o futebol como um objeto não só de paixão, mas, também, passível de ser problematizado.

Nesse mesmo excerto (15), há associações implícitas do Mundial com “festa de aniversário” e do vínculo político mantido entre os governantes do país e o povo brasileiro como uma “relação familiar entre pai e “filho”, que funcionam como metáforas. Além disso, é interessante observar que o advérbio temporal “antes”, em “*antes você gostava, filho, antes*”, provavelmente se refira às Copas, em geral, nas quais o brasileiro sempre esteve envolvido emocionalmente, mas que devido ao contexto de tensão vivido pela insatisfação da população com os gastos destinados ao Mundial no país, o “filho”, que é o povo brasileiro, está descontente com essa “festa”, não tendo mais o mesmo prazer e contentamento com ela, como comumente ocorria no passado.

Na sequência, o jornalista aponta uma série de problemas na organização do Mundial, apresentando uma representação desfavorável do país em sua capacidade de gerenciar o mundial:

(16) [...] a presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, tenta animar seus cidadãos um dia sim e outro também com mensagens televisionadas. Chama os manifestantes de pessimistas e lhes recorda que os campos estão preparados, e os aeroportos, e as estradas, e conclui que tudo está pronto para que o evento comece. É uma meia verdade; o estádio Itaquerao, por exemplo, na zona leste de da interminável São Paulo, ainda apresentava dois dias antes de receber a partida da abertura, andaimes disfarçados, passarelas provisórias e acessos inacabados. Mas isso não é o mais importante: também se fazem festas com o cenário sem acabar, com a orquestra pela metade porque este ou aquele não pôde vir ou com local sem enfeites porque alguém se esqueceu de trazê-los. O que importa é que as pessoas estejam animadas. Convencidas. E estão? Pois não estão, ou não de tudo: uma pesquisa publicada [...] pelo jornal O Globo deixava claro que a maioria dos brasileiros está convencida de

que a Copa trará mais prejuízos do que benefícios ao país. (tradução *El País Brasil*)<sup>45</sup>.

Podemos notar que o jornalista busca sustentar sua crítica com informações que tem da mídia local, ao dizer que “[...] a presidenta Dilma Rousseff [...] tenta animar seus cidadãos um dia sim e outro também com mensagens televisionadas”, podendo-se entender que esse trecho aponta para uma evidencialidade, isto é, o uso de possíveis textos que circularam da Presidente no país, no intuito de assegurar a objetividade ao discurso desse artigo. No caso, as várias tentativas de Dilma Rousseff em motivar o povo para a Copa evidenciam o contexto de crítica ao governo que o articulista procura passar para os leitores.

Mais adiante, o jornalista descreve alguns problemas na conclusão de obras dos estádios, dentre outros problemas relacionados aos preparativos do evento, o que configura uma descrição de atores sociais, estrutura discursiva que nem sempre caracteriza somente os membros do exogrupo, mas, também, as suas atitudes. Neste caso, o que foi descrito, de forma implícita, consistiu na falta de responsabilidade dos que estavam responsáveis por toda organização do evento em deixar todas as pendências solucionadas; fazendo isso, o jornalista europeu suscita em seu discurso representações negativas do Brasil, como de “povo desorganizado”, que atravessam a memória social e histórica do país desde o século XIX, sendo que a evocação desses estereótipos de “país desorganizado” e de “país atrasado”.

Ao final desse excerto (16), mais uma vez o jornalista apela para a evidencialidade a fim de comprovar que possui domínio e conhecimento das representações que o próprio povo brasileiro tem de si e do Mundial no país, ao citar uma pesquisa do jornal *O Globo*, que saiu em matéria intitulada “Brasileiros torcem, mas acham que

---

<sup>45</sup> “[...] la presidenta del país, Dilma Rousseff, del Partido de los Trabajadores, trata de animar a sus ciudadanos un día sí y otro también con mensajes televisados. Llama a los protestones pesimistas y les recuerda que los campos están preparados, y los aeropuertos, y las carreteras, y concluye que todo está listo para que la celebración comience. Es cierto a medias: el estadio de Itaquero, por ejemplo, al norte de la interminable São Paulo, aún presentaba, dos días antes de acoger el partido de la inauguración andamios disimulados, pasarelas provisionales o accesos inacabados. Pero incluso esto no es lo más importante: también se hacen fiestas con el escenario sin acabar, con la orquesta a medias porque éste o aquel no pudo venir o con el local sin adornar porque alguien se olvidó de traer aquello. Lo que importa es que la gente esté animada. Convencida. ¿Lo está? Pues no, o no del todo: una encuesta publicada [...] en el periódico O Globo dejaba claro que la mayoría de los brasileños están convencidos de que el Mundial traerá más perjuicios que beneficios al país.”

jogos trazem mais prejuízos do que benefícios ao país”, retomada praticamente na íntegra no artigo em uma caixa de texto ao lado direito da página com fonte maior:

### Imagem 5

**Uma pesquisa do jornal O Globo diz que a maioria dos brasileiros estão convencidos de que o Mundial trará mais prejuízos que benefícios ao país.**

Fonte: *El País* Brasil, 2014

Notamos que essa referência ao texto brasileiro apresentada em formato de caixa de texto realça as informações e o conhecimento da mídia local que são integrados ao artigo no sentido de reforçar o ponto de vista crítico que o articulista constrói sobre a ambiência da Copa no Brasil, a partir de uma comprovação de que os próprios brasileiros estão adotando uma postura mais crítica.

O futebol, aqui representado pelo Mundial no discurso desse jornalista, também é alvo de representações. Aparentemente, esse elemento cultural, que ainda é um dos elementos mais citados como fonte de identidade nacional, deixa de significar algo prazeroso. Assim, bem como já apontava José Wisnik em seu “Veneno Remédio” (2008), a representação do futebol ganha um novo contorno, passando a ser assimilado e ressignificado no Brasil, visto que outrora fornecia um sentimento de união coletiva e de paixão, mas, agora, é posto como algo prejudicial, que pode causar danos ao país.

Ao final do texto, o jornalista retoma as representações do brasileiro como “adolescente respondão”, que novamente se relaciona ao modo como o futebol tem sido tratado pela própria população brasileira. Assim como no início do artigo, as escolhas lexicais que aparecerão no próximo excerto evocam uma maneira de ver o povo brasileiro como um povo menos infantilizado, por ser adolescente, mas que ainda não se vê adulto na sua capacidade de refletir sobre os problemas do país:

(17) Hoje a bola começa a rolar, a banda começa a tocar, começa a festa organizada como anos atrás, como a cada



quatro anos. O adolescente respondão vai comparecer com as mãos nos bolsos, emburrado, desafiador e crescido. Antes você gostava, filho. Antes (tradução *El País Brasil*)<sup>46</sup>.

Neste momento, percebemos que “a banda começa a tocar” e “festa organizada” funcionam como metáforas que se referem à Copa, na qual o “adolescente”, escolha lexical que se refere ao povo brasileiro, comparecerá. Uma vez que o povo brasileiro está sendo caracterizado como um “adolescente”, entendemos que o jornalista utiliza esse item lexical para construir uma representação de povo “imaturo”, visto que a adolescência é o período de vida de um indivíduo em que os aspectos psicológicos e físicos de uma pessoa ainda não estão desenvolvidos totalmente. Além disso, há, também, a formação de uma representação em torno da população brasileira de “rebelde”, visto que, culturalmente, a adolescência é comumente associada a uma fase em que os indivíduos desenvolvem um comportamento mais indisciplinado. Em seguida, identificamos a presença de uma terceira metáfora, que é “mão no bolso”, fazendo referência a um sinal da linguagem corporal que, neste caso, pode significar uma chateação mobilizada por uma apatia ou indiferença destinadas a uma determinada pessoa, coisa ou acontecimento. Essa “chateação” é a do brasileiro frente ao futebol; os itens lexicais “desafiador” e “crescido” marcam esse sentimento de aborrecimento causado pela Copa do Mundo, mas não apenas isso, visto que marcam, também, a representação do brasileiro como “crescido”, que tem tido consciência crítica dos impactos negativos causados no país pelo futebol.

---

<sup>46</sup> “Hoy empieza a rodar la bola, empieza a tocar la banda, comienza la fiesta organizada como años atrás, como cada cuatro años. El adolescente respondón va a acudir con las manos en los bolsillos, enfurruñado, desafiante y crecido. Antes te gustaba, hijo. Antes”.

#### 4.3.5. Análise do artigo 5: “A Copa nos ajuda a descobrir que o Brasil já é um país normal”

O presente artigo foi publicado em 13 de junho de 2014, um dia depois do início do Mundial. O texto foi escrito por Juan Arias, apresentando tradução realizada pelo portal brasileiro do *El País*. Neste artigo, o jornalista apresenta sua opinião sobre o cenário do Brasil desde que os protestos se iniciaram no ano anterior, buscando contrastar um Brasil “diferente” de “normal” e atestando, ao final, uma “normalidade” ao país em termos de ser capaz de globalizar-se, isto é, de fazer política assim como os outros países do mundo.

Todavia, o título e o subtítulo do texto já nos indicam que essa aparente representação bem qualificada do Brasil e do povo brasileiro, na verdade, é o início de um processo de polarização. Observemos, primeiramente, o título do artigo: “*A Copa nos ajuda a descobrir que o Brasil já é um país normal*”. Aqui, a polarização se estabelece com a presença do pronome pessoal oblíquo “nos”, que pessoaliza o mundo (ou, possivelmente, apenas o europeu), havendo uma comparação implícita entre o *Nós* e o *Eles*: entre os outros países ou, como supomos, somente a Europa e o Brasil. Notamos, também, que o advérbio de temporal “já” marca o tempo presente e possivelmente indica que o Brasil no passado, isto é, antes do Mundial e dos protestos de 2014, não era um país “normal”, nova classificação que serve a uma comparação implícita do país, agora, como politicamente igual a outros do mundo.

O subtítulo “*Nos surpreende a normalidade do Brasil hoje, um país que acreditávamos ser diferente*”, por sua vez, reforça a representação de “Brasil global” oferecida pelo jornalista europeu. O item lexical “normalidade” mantém uma classificação bem qualificada para o país atual, comparativamente a outros países ditos “normais”, mas o contraste com o país “diferente” do passado atenua essa representação positiva.

Quando o artigo efetivamente se inicia, observamos que essa polarização permanece, quando o jornalista afirma que foi a Espanha o país que classificou, durante algum tempo, o Brasil como um país “diferente”. Vejamos o excerto abaixo:

(18) Se a segunda Copa do Mundo realizada no Brasil está tendo uma virtude é que ela começa a revelar um país normal e não “diferente”. Até junho passado, quando dois milhões de brasileiros saíram às ruas em várias cidades para exigir transportes, hospitais e escolas “padrão FIFA” e para protestar contra o esbanjamento na organização da Copa, *o Brasil, como se dizia durante uma época na Espanha, era considerado “diferente”* (Tradução *El País* Brasil, grifo meu) <sup>47</sup>.

Podemos notar que o posicionamento do jornalista significa o mundo a partir de um ponto de vista eurocêntrico. Nesse entorno, atestar “(a) normalidade” ou “diferença” ao país baseia-se, primeiramente, em uma cartografia privilegiada, assim como em uma visão cultural hegemônica de supervalorização da Europa (neste caso da Espanha), em desvalorização do Brasil, assimilado, aqui, como um produto “exótico” passível de um tratamento que tende a colocá-lo e mantê-lo em um lugar periférico.

Na sequência do artigo, o trecho “*O chamado país da bola era também o do samba, das garotas de Ipanema, da alegria e da preguiça tropical. E do atraso. Um país como o que as propagandas de roteiros turísticos mundiais apresentam às vezes*”<sup>48</sup>, apresenta tanto representações estereotipadas positivas, quanto negativas, e essas expressões cristalizadas (“país da bola”, “país do samba”, “país alegre”, “país da preguiça”), como vimos no capítulo 1, são enunciados que identificam a cultura do país há mais de dois séculos. Como exemplo disso, os estereótipos da preguiça e do atraso já estavam presentes nos relatos de Saint-Hilaire, quando visitou o país no século XIX. Para esse viajante europeu, a preguiça do brasileiro se relacionava à falta de vontade de trabalhar; já a questão do atraso, referia-se à falta de capacidade administrativa e intelectual do povo brasileiro. Dessa maneira, notamos que, embora o jornalista retome estereótipos positivos do Brasil, as representações que irão vigorar no decorrer no artigo não serão tão bem qualificadas.

Dentre esses enunciados, a “*garota*” de Ipanema evoca a mulher brasileira. É interessante observar que esse substantivo está grafado em itálico (recurso visual)

<sup>47</sup>“Si una virtud está teniendo el segundo Mundial de Fútbol celebrado en Brasil es que empieza a revelarse un país normal y no “diferente”. Hasta junio pasado, cuando dos millones de brasileños salieron a la calle en varias ciudades para exigir transportes, hospitales y escuelas “padrón Fifa” y para protestar contra el despilfarro en la organización de la Copa, Brasil, como se dijo un tiempo de España, era visto como “diferente”.

<sup>48</sup>“El llamado país del balón era también el de la samba, las *garotas* de Ipanema, la alegría y la pereza tropical. Y el atraso. Un país como el que a veces presenta la publicidad de rutas turística mundiales”.

e está sendo utilizado com o objetivo de apontar para uma evidência (evidencialidade) de que o jornalista conhece a cultura brasileira e a representação produzida no país da mulher nacional, visto que faz referência à canção “Garota de Ipanema”<sup>49</sup>, interpretada pelo músico brasileiro Tom Jobim, umas das canções mais conhecidas nacional e internacionalmente.

Em seguida, encontramos mais representações do Brasil, mas, agora, no que diz respeito a questões econômicas. O jornalista mostra seu conhecimento sobre a economia e os governos do Brasil de um modo que nos chama a atenção, pois o faz através de metáforas bíblicas. Observemos como isso ocorre no seguinte excerto:

(19) Um Brasil politicamente anestesiado, porque apareceu de repente como a sexta maior potência econômica do mundo, com um líder messiânico que o conduzia da escravidão de uma pobreza atávica à terra prometida da classe média. E, enquanto nas ruas de meio mundo se enchiam de “indignados” com seus protestos contra uma política considerada arcaica e fossilizada [...] o novo Moisés brasileiro era invejado e objeto de desejo de outros países que também gostariam de tê-lo como líder (tradução *El País* Brasil)<sup>50</sup>.

A metáfora “país anestesiado” para designar o cenário econômico do Brasil nos leva a entender que o país estava em uma condição de imobilidade, isto é, inibido de sentir quaisquer sensações maléficas, haja vista que, no jargão médico, a anestesia é aplicada com o objetivo de bloquear reações do corpo a algum procedimento intra-operatório. Essa “anestesia econômica” do Brasil parece ser condicionada ao período de estabilidade na economia que ofereceu ao país o título de sexta potência econômica, no ano de 2011. Para sustentarmos essa interpretação, de acordo com a matéria “Brasil: sexta economia mundial”, publicada em novembro de 2011 pelo jornal *Carta Capital*, o PIB do Brasil, estimado em 2,44 trilhões de dólares ultrapassou o do Reino Unido, estimado em 2,41 trilhões, atingindo, assim, uma diferença de 1,2%, circunstância que poderia ser modificada pela oscilação cambial.

<sup>49</sup> A letra desta canção pode ser acessada por meio do seguinte link: <https://www.letras.mus.br/tom-jobim/20018/>.

<sup>50</sup> “Un Brasil políticamente anestesiado porque surgió de repente como sexta potencia económica del mundo, con un líder mesiánico que lo conducía de la esclavitud de una pobreza atávica a la tierra prometida de la clase media. Y mientras las calles y plazas de medio mundo se llenaban de “indignados” con sus protestas contra una política considerada arcaica y fosilizada [...] el nuevo Moisés brasileño era envidiado y objeto de deseo de otros países que lo hubiesen querido también como líder”.

Vale comentar, que embora em 2011 o país estivesse sob o governo da Presidente Dilma Rousseff, o cenário econômico favorável do país nesse período foi um legado deixado nos anos anteriores pelo governo do Presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva (Lula). Sendo assim, a metáfora “líder messiânico”, que se refere a Lula, foi utilizada no sentido de mostrar que esse Presidente foi quem “libertou” o país da pobreza. Para esclarecermos melhor essa metáfora, segundo a Bíblia, o Messias é Jesus Cristo, o escolhido de Deus para libertar o mundo de seus pecados.

A “salvação” econômica do Brasil proporcionada pelo governo Lula, para alguns especialistas, como o professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), Perry Anderson, em seu artigo “O Brasil de Lula” (2011), foi reflexo de medidas de contenção de gastos que tiveram resultados imediatos e eficazes entre os anos de 2008 a 2010. Segundo Anderson, “[...] apesar da queda na arrecadação fiscal, a distribuição de renda aumentava, as reservas foram reduzidas, o investimento público subiu, e o consumo doméstico foi amparado” (ANDERSON, 2011, p. 31). Desse modo, após a crise financeira de 2008 e 2009, o governo de Lula adotou várias medidas para estimular a economia, que se recuperou determinantemente a partir do ano de 2010.

Na sequência desse excerto (19), o jornalista usa o item lexical “indignados” para referir-se aos “Indignados de Madrid”, que conforme vimos na análise do texto 1, trata-se do nome dado aos vários protestos ocorridos na Espanha, em 2011. Percebemos que sutilmente o jornalista compara os momentos políticos da Espanha e do Brasil nesse ano: enquanto os espanhóis estavam promovendo intensos protestos na luta contra as políticas nacionais caracterizadas como obsoletas, os brasileiros, em contrapartida, estavam, com o próprio jornalista disse anteriormente, “anestesiados” com o desenvolvimento econômico proporcionado pelo governo Lula ao país. Dessa maneira, podemos identificar a presença de um discurso eufemístico (eufemismo) que atenua a polarização intergrupala que, embora esteja estrategicamente mitigada, valoriza a luta dos espanhóis, em detrimento do momento de estabilidade política e econômica do Brasil e, por conseguinte, do sentimento de tranquilidade vivido pelo povo brasileiro.

Ao final desse trecho, novamente o jornalista faz apelos a metáforas bíblicas para referir-se ao Ex-presidente Lula e sua intervenção na economia brasileira. Agora, caracterizado através da metáfora “Moisés brasileiro”, Juan Arias mantém o sentido de “salvador” ou “libertador” atribuído à figura bíblica de Moisés, visto que foi o homem chamado por Deus para salvar o povo hebreu da escravidão do Egito e conduzi-los a Canaã (a terra prometida a esse povo na época).

Após retomar o contexto do governo de Lula, o jornalista retorna ao cenário nacional dos protestos de 2014. Neste momento, o posicionamento do jornalista sustenta-se no contraste entre o Brasil “diferente” e o Brasil “normal”, sendo que normalidade e diferença continuam sendo atestadas em função da participação da população nas manifestações, como poderemos ver a seguir:

(20) [...] O Brasil começa a surpreender o mundo, desta vez, pelo [...] seu repentino inconformismo. Surpreende hoje a “normalidade” de um país que parecia e que acreditávamos diferente. Já não é mais, e começa a agir como os demais. Esta Copa acaba por demonstrar tudo isso. Enquanto os que dirigem o país se desfazem em pedidos para que os brasileiros das passeatas mostrem uma boa imagem para mundo, a mesma que mostravam antes de sua revolta, os brasileiros se empenharam em quebrar o encanto, em quebrar o próprio espelho mágico para se apresentarem como são e pretenderão ser, e não como diziam que eram [...]. Negar-se a compreender essa metamorfose [...] e com tentações de voltar ao passado, poderá ser um grave erro porque, ao contrário, este país está escolhendo o caminho da modernidade, da normalidade, do que hoje floresce no resto do mundo (tradução *El País Brasil*)<sup>51</sup>.

O jornalista afirma que o Brasil está surpreendendo o mundo com sua “normalidade”, referindo-se à atitude dos brasileiros em mostrar ao mundo a sua capacidade política de cidadania, sendo o protesto brasileiro caracterizado como “repentino inconformismo” (lexicalização) por quebrar a expectativa anterior.

---

<sup>51</sup> “[...] Brasil empieza a sorprender al mundo, esta vez, [...] por su repentino inconformismo. Sorprende hoy la “normalidad” de un país que parecía y lo creíamos diferente. Ya no lo es y empieza a actuar como los demás. Esta Copa está acabando de demostrar todo esto. Mientras los que dirigen el país se deshacen en peticiones para que los brasileños de a pie ofrezcan una buena imagen al mundo, la que ofrecían antes de su enfado, los brasileños se empeñaban en quebrar el encanto, en romper el propio espejo mágico para presentarse como son o como quieren ser en adelante y no como decían que eran [...]. Negarse a entender esta metamorfosis [...] y con tentaciones de volver al pasado, podría ser un grave error porque, al revés, este país está escogiendo el camino de la modernidad, de la normalidad, de lo que hoy germina en el resto del mundo”.

O enunciador mostra seu conhecimento acerca do cenário nacional (e supostamente sobre o governo de Dilma Rousseff) quando diz: “[...] *enquanto os que dirigem o Brasil se desfazem em pedidos [...]*, fazendo, possivelmente, referência às ações dos governos federal e estaduais, no sentido de conter as manifestações e atender as exigências de segurança da Fifa. Convém exemplificarmos essa aparente evidencialidade que o enunciador apresenta, citando a notícia “Quem quiser manifestar não pode prejudicar a Copa”, publicada pelo portal da UOL, em 13 de maio de 2014, a qual exhibe alguns relatos da Presidente Dilma Rousseff no que diz respeito à sua preocupação em tomar medidas preventivas com o objetivo de conter manifestações que pudessem prejudicar a realização dos jogos e a recepção dos turistas.

No entanto, de acordo com a posição do articulista, as críticas e as eventuais medidas preventivas da Presidente não foram suficientes para conter a insatisfação do povo brasileiro com o Mundial, representada como “revolta” (escolha lexical). Essa “revolta” fez com que os brasileiros “quebrassem o encanto” e o “espelho mágico”, metáforas utilizadas para mostrar que a verdadeira preocupação da população brasileira não era com as aparências, isto é, com o que o mundo poderia dizer de suas atitudes, mas sim, em fazer com que sua voz fosse ouvida por seus governantes. A capacidade do brasileiro em exercer a sua cidadania é metaforicamente caracterizada através do termo “metamorfose”, outra metáfora que nos leva a entender que o brasileiro mudou sua forma de pensar e de agir frente aos problemas do país, adotando uma postura aparentemente mais crítica e independente.

No trecho “*negar-se a compreender essa metamorfose [...] e com tentações de voltar ao passado poderá ser um grave erro, ao contrário, este país está escolhendo o caminho da modernidade*”, por meio de uma implicação entendemos que se trata de uma possível falta de interesse dos governantes em acatar as reivindicações do povo brasileiro, circunstância que atrapalharia o Brasil de se tornar um país moderno. Essa ideia de que o Brasil e o povo brasileiro seguem rumo à “modernidade” é reforçada pela expressão metafórica (metáfora) “[...] *este país que hoje floresce*”, em que a concepção de florescimento, neste caso, remete a um estado desejado de evolução, consistindo em uma representação aparentemente

favorável que indica o desenvolvimento e a maturidade do país. No entanto, o imaginário europeu sobre a modernidade, segundo Pinto e Mignolo (2015), não diz respeito à narrativa ontológica de uma história universal, mas sim, a uma postura triunfalista que se fundamenta na história da colonização e que desencadeou um discurso homogeneizante que serve para caracterizar ou não as civilizações não-europeias. Assim, o atestado de país moderno oferecido pelo europeu constitui uma prática discursiva que se associa ao projeto de dominação cultural, epistêmica e política do mundo. Sendo assim, a autorização em certificar civilidade e modernidade a outros povos baseia-se em uma ideologia eurocentrista, na qual

[...] os europeus passaram a se ver como sendo o centro do mundo e o clímax da evolução humana. Não apenas criaram uma geografia em que se localizam no centro e os outros povos são localizados na periferia, mas também inventaram uma história em que se situam no presente de uma linha do tempo que evolui de um estado da natureza a um estado racional, civilizado, e dos demais povos, embora contemporâneos, são situados no passado, são primitivizados (PINTO; MIGNOLO, 2015, p. 386- 387).

Ao final do artigo, o jornalista continua se posicionando acerca da importância das manifestações para a cidadania do povo brasileiro. É oportuno comentar, que, desde o início desta análise, as estruturas discursivas que encontramos têm servido para a caracterização dos protestos, além de oferecerem suporte ao contraste feito da atitude do povo brasileiro no governo Lula e no governo da Presidente Dilma Rousseff. Observamos, então, que esse contraste vê-se mais marcado neste último excerto:

(21) [...] Preferiu sair, ainda que nu do paraíso no qual o haviam colocado e compartilhar a sorte de outros países órfãos de política [...] E nesta orfandade e dor de não saber às vezes para onde caminha, pode ocorrer de tudo: críticas ao poder até ontem idolatrado; lutas duras que acabam às vezes em atos de violência [...]. Ou greves reivindicativas, ou pedidos em faixas e palavras de ordem, pois também ela, a rua anônima, quer ter voz, já que não lhe basta, como no passado, depositar um voto na urna de quatro em quatro anos. Não lhe basta que seja o



poder quem explique ao mundo como é o Brasil. Ele<sup>52</sup> também quer contar (Tradução *El País* Brasil)<sup>53</sup>.

Ao dizer que o povo brasileiro “*preferiu sair nu do paraíso no qual o haviam colocado*”, o jornalista faz uso de uma metáfora que remete ao cenário econômico favorável do país até o ano de 2011, no governo Lula, que, como já vimos, foi uma época de estabilidade econômica do país. O sentido que o item lexical “paraíso” suscita, designando o Brasil de Lula, só é possível de ser captado por meio de uma implicação. Além disso, é provável que o item lexical “nu” possa ter sido utilizado para representar desfavoravelmente os protestos de 2014, visto que a nudez é a ausência de vestimentas, as quais têm o objetivo de cobrir o corpo para protegê-lo, como também evitar constrangimentos, afinal, em nossa sociedade contemporânea, a roupa, antes de possuir um valor estético, possui, antes de tudo, um valor moral. Sendo assim, o item lexical em questão pode ter sido empregado pelo jornalista para acusar um aparente despreparo na realização dos protestos, pois “estar nu” deixa o corpo vulnerável a quaisquer ameaças externas.

Adiante, verificamos novamente a necessidade do apelo à implicação para podermos inferir que a expressão hiperbólica (hipérbole) “poder até ontem idolatrado” se refira, outra vez, à reputação do Governo do Presidente Lula, que foi muito bem quisto e avaliado nacional e internacionalmente pelas suas medidas econômicas que elevaram o Brasil à posição de sexta economia Mundial. Além disso, o Brasil na presidência de Lula teve sua influência amplificada nas decisões tomadas pelos BRICS, o que reforça a ideia trazida pelo item lexical “idolatrado”, no sentido de indicar o grande prestígio do governo em questão.

---

<sup>52</sup>Na tradução realizada pelo *El País* Brasil, este pronome estava como “Ela”, que dá a entender que se refere à rua anônima. Contudo, notamos que provavelmente foi um caso de uma inadequação morfológica e semântica não detectada no momento da editoração do texto. Assim, tomamos a liberdade em mudar o pronome, visto que, além do sentido proposto pelo texto original, o pronome em questão, devido ao local em que está situado, não se refere à rua, mas sim, ao povo brasileiro, representado por “Brasil”.

<sup>53</sup>“Ha preferido salir, aunque desnudo, del paraíso en el que lo habían colocado, y compartir la suerte de los otros países huérfanos de política [...] Y en esa orfandad y desgarro de no saber a veces hacia donde se camina, puede ocurrir de todo: críticas al poder que hasta ayer idolatraba; luchas duras que rayan a veces en acciones violentas [...] O huelgas reivindicativas, o confesiones en pancartas y palabras de orden que también ellos, la calle anónima, quieren tener voz, ya que no les basta, como en el pasado, colocar un voto en las urnas cada cuatro años. No les basta que sea el poder el que explique al mundo cómo es Brasil. Lo quieren contar también ellos”.

Ao final desse excerto (21), a metáfora “rua anônima”, que funciona como uma espécie de sinédoque<sup>54</sup> para se referir ao povo brasileiro, mostrando que o cidadão comum que não se contenta com a democracia representada apenas pelo direito ao voto – ideia reforçada pelo uso do item lexical “passado” – e que exige uma participação mais efetiva nas decisões políticas. Nessa direção, encontramos outra metáfora por sinédoque de quantidade, em: “Não lhe basta que seja o poder quem explique ao mundo como é o Brasil”, na qual o item lexical “poder” agora se refere ao governo de Dilma Rousseff, que, como vimos, preocupou-se em mostrar uma boa imagem do Brasil no período da Copa através de medidas que contivessem as ações de manifestantes que prejudicassem a boa realização dos jogos. Assim, o jornalista parece apresentar uma representação bem qualificada do povo brasileiro, enquanto “povo crítico”, que tem buscado exercer sua cidadania e provar sua capacidade de fazer política diante dos seus governantes, do mundo e de si mesmo.

---

<sup>54</sup> Tipo especial de metáfora baseada na relação quantitativa entre o significado original da palavra e o conteúdo. Neste caso, trata-se de uma sinédoque da parte pelo todo.

#### 4.3.6. Análise do artigo 6: “Que Brasil ressurgirá dos escombros da Copa?”

Publicado em 14 de julho de 2014 e escrito novamente por Juan Arias, este artigo de opinião encerra nossas análises. Verificamos que o texto não apresenta tradução pelo português pelo portal brasileiro do *El país*, o que levou a efetuarmos uma tradução própria. O artigo entrou em circulação no final da Copa do Mundo, no qual o jornalista faz um balanço dos resultados do evento, com a preponderância de uma representação mal qualificada do Brasil devido aos prejuízos que o Mundial trouxe à conjuntura política e econômica do país e também à vida dos brasileiros.

Preliminarmente, já no título percebemos dois aspectos importantes sobre o assunto tratado nesse artigo: o primeiro trata-se de um título com um enunciado interrogativo, o que pode, nesses casos, constituir uma sutil estratégia de imposição do locutor para com o interlocutor, estabelecendo-se, assim, a polarização de um *Nós* sobre um *Eles*. Além disso, notamos, ainda no título, uma explícita representação negativa atribuída ao Brasil e ao modo de organização da Copa, marcada, sobretudo, pela expressão metafórica (metáfora) “*escombros da Copa*”. Cojuntamente, é pelo uso do item lexical “escombros”, presente na mesma expressão, que o enunciador busca mostrar que a Copa não teve sucesso e que a imagem do país ficou destruída por isso. Novamente, no que se refere ao uso da metáfora identificada, podemos ver que esta funciona como um recurso retórico para elucidar essa figura de destruição e derrota não somente atribuída ao futebol brasileiro, mas também, aos problemas de infraestrutura do Brasil que o jornalista aponta no decorrer de todo seu discurso, onde se instaura a construção de uma representação muito desqualificada do país.

No início do texto, essa representação negativa do cenário sociopolítico do Brasil devido aos problemas subjacentes à realização da Copa do mundo se mantém em todo o artigo. Abaixo, poderemos observar com este primeiro trecho, como a construção dessa representação continua a surgir, ganhando mais destaque através da utilização de mais estruturas do discurso efetuada pelo jornalista:

(22) Como será o Brasil que renascerá das ruínas da Copa? Por muitos esforços que se queiram fazer, a imagem do Brasil ficou em escombros depois da Copa, que deveria ter servido para consagrar definitivamente a força do maior país do

continente latinoamericano com um triunfo final no recinto sagrado do Maracanã. Sim, é certo que foram os brasileiros comuns os que de verdade ganharam o Hexa pelo seu exemplar comportamento de país civilizado e acolhedor, deveriam ser eles também, e não os perdedores, os que limpem os escombros e comecem a reconstruir uma nova imagem do futebol e do Brasil. O Brasil não perdeu uma guerra, mas perdeu a oportunidade de demonstrar dentro e fora do país que a imagem criada do “gigante americano” era verdadeira. Mas o futebol e a Copa não são apenas um jogo? Não, e menos ainda no Brasil, onde a bola se identificou com sua idiosincrasia, com sua cultura. O futebol é parte fundamental da metáfora brasileira<sup>55</sup> (tradução minha).

No trecho que diz “[...] foram os brasileiros comuns os que de verdade ganharam o Hexa por seu exemplar comportamento de país civilizado e acolhedor [...]”, encontramos, no item lexical “acolhedor”, o resgate do estereótipo positivo do Brasil, presente especialmente nos relatos de Stefan Zweig sobre os traços constitutivos do povo brasileiro relacionados à sua amabilidade e hospitalidade com o estrangeiro; no entanto, a escolha lexical “país civilizado” remete ao discurso secular do europeu que se coloca em condição de atestar ou não a “civilidade” dos povos considerados menos desenvolvidos. Além disso, a construção inicial de uma representação bem qualificada de “povo acolhedor” perde sua força em: “[...] deveriam ser eles também, e não os perdedores, os que limpem os escombros e comecem a reconstruir uma nova imagem [...]”, quando o jornalista usa o item lexical “perdedores” para referir-se à seleção brasileira de futebol, que perdeu o título de Hexa campeão mundial dentro do próprio país. Dessa maneira, a ideia de que o país ficou em uma péssima situação moral depois da Copa é reforçada, cabendo aos “brasileiros comuns”, que são a população brasileira, de modo geral, a responsabilidade de desfazer a má fama do futebol brasileiro, reconstruindo a boa imagem do país.

---

<sup>55</sup>“¿Cómo será el Brasil que renacerá de las ruinas de la Copa? Por muchos esfuerzos que se quieran hacer, la imagen de Brasil ha quedado hecha escombros después de la Copa que debería haber servido para consagrar definitivamente la fuerza del mayor país del continente latinoamericano con un triunfo final en el recinto sagrado del Maracanã. Si es cierto, y lo es, que fueron los brasileños de a pie los que de verdad ganaron el hexa por su ejemplar comportamiento de país civilizado y acogedor, deberían ser también ellos y no los perdedores los que limpien los escombros y empiecen a reconstruir una nueva imagen del fútbol y de Brasil. Brasil no perdió una guerra, pero perdió la oportunidad de demostrar dentro y fuera del país que la imagen creada del “gigante americano” era verdadera. ¿Pero el fútbol y la Copa no son sólo un juego? No, y menos en Brasil donde el balón se ha identificado con su idiosincrasia, con su cultura. El fútbol es parte consustancial de la metáfora brasileña”.

Na sequência, quando o jornalista diz que *O “Brasil não perdeu uma guerra, mas sim a oportunidade de demonstrar dentro e fora do país que a imagem criada do gigante americano era verdadeira”*, atribui aos brasileiros o fracasso de não conseguir provar que o Brasil é o grande país que se havia prometido como “gigante americano”, estereótipo presente desde os relatos de Pero Vaz de Caminha que passou a ser um elemento constitutivo da identidade do país, bem como já verificamos na análise do artigo 2. Essa expressão continua funcionando no texto como uma metáfora utilizada pelo enunciador para aproximar-se dos discursos de autorrepretação do Brasil, que, desde o hino nacional brasileiro “gigante pela própria natureza” e da ideologia em voga no início do século XX, percebe-se como um “gigante adormecido”.

Todavia, esse “gigante”, segundo o jornalista, não conseguiu provar sua grandeza, em termos de “moralidade nacional”, devido à derrota da seleção brasileira nos jogos, além da situação politicamente desfavorável no período posterior à Copa. Assim, o uso dessa metáfora, neste caso, acaba por reafirmar crenças negativas sobre os aspectos socioculturais do Brasil e da nação brasileira; ademais, esse resgate da metáfora do gigante pelo jornalista também funciona como uma evidência (evidencialidade) acerca do conhecimento dos fatos ocorridos no cenário nacional, o que configura, então, uma estratégia importante para transmitir credibilidade ao seu posicionamento crítico, na efetivação de todo processo de construção de uma representação negativa do país.

Mais à frente, Juan Arias segue convergindo a frustração da Copa, em termos da não conquista do título do Brasil de Hexa Campeão, com as questões políticas do país. Assim, podemos ver, claramente no excerto a seguir, que o Brasil continua sendo representado como um país “atrasado” por esse jornalista:

(23) No Brasil, esta Copa, jogada em casa depois de 64 anos, chegou revestida de política. Lula a conquistou como prêmio, disseram, ao ressurgir do novo Brasil econômico já sem pobres e com vontade de contar na geopolítica mundial. Ganhar a Copa teria sido a confirmação da imagem próspera do Brasil. A Copa deveria ter sido também a ocasião para revitalizar as infraestruturas de mobilidade urbana que não correspondem com suas deficiências crônicas de terceiro mundo, ao Brasil da modernidade. Todos sabem que hoje, depois da Copa, os brasileiros não vão locomover-se para o trabalho com mais comodidade. Tudo será igual porque seu único legado foram os

estádios e os novos metrôs ou os novos trens. A gente comum brasileira, que ganhou a Copa com seu senso comum que a fez postergar os protestos para desfrutar da festa que era de todos, agora segue com suas mesmas angústias para poder movimentar-se nos ninhos de vespas dos engarrafamentos das cidades<sup>56</sup> (tradução minha).

No início desse excerto (23), o trecho “*No Brasil, esta Copa, jogada em casa depois de 64 anos [...]*” também se trata um posicionamento marcado novamente pela evidencialidade, em que o enunciador mostra seu conhecimento sobre os acontecimentos no Brasil, que neste caso diz respeito à segunda edição na Copa do Mundo no país, sendo a primeira vez em junho de 1950, totalizando 64 anos, no ano de 2014. A evidência utilizada atua como suporte para dar fundamento e sustentação à crítica que o jornalista faz às políticas públicas brasileiras, sobretudo às que estão relacionadas à infraestrutura e mobilidade urbanas no Brasil, o que reforça todo o processo de produção de representações negativas do Brasil identificadas desde título do artigo.

No momento em que diz: “[...] *A Copa deveria ter sido também a ocasião para revitalizar as infraestruturas de mobilidade urbana que não correspondem com suas deficiências crônicas de terceiro mundo, ao Brasil da modernidade [...]*”, o jornalista espanhol mostra que as novas estruturas e instalações construídas na Copa (estádios, trens, metrôs) não deram conta de sanar suas “deficiências”, escolha lexical que marca outro discurso secular europeu no que se refere a países considerados de “terceiro mundo”, o qual o enunciador contrasta “*ao Brasil da modernidade*”, expressão que aparentemente apresenta um tom irônico (ironia), empregada possivelmente com o propósito de ridicularizar as representações bem qualificadas que o governo de Dilma Rousseff construiu em torno do Brasil, como o país do avanço e moderno, capaz de sediar um megaevento esportivo, como a Copa do Mundo.

---

<sup>56</sup>“En Brasil, esta Copa, jugada en casa después de 64 años, llegó revestida de política. Lula la conquistó como premio, se dijo, al resurgir del nuevo Brasil económico ya sin pobres y con ganas de contar en la geopolítica mundial. Ganar la Copa hubiese sido refrendar la imagen boyante de Brasil. La Copa debía haber sido también la ocasión para revitalizar las infraestructuras de movilidad urbana que no corresponden, con sus deficiencias crónicas de tercer mundo, al Brasil de la modernidad. Todos saben que hoy, después de la Copa, los brasileños no van a moverse para ir al trabajo con mayor comodidad. Todo será igual porque su único legado han sido los estadios y no los nuevos metros o los nuevos trenes. Los brasileños de a pie, que ganaron la Copa con su sentido común que les hizo aparcar las protestas para poder disfrutar de la fiesta que era de todos, ahora seguirán con sus mismas angustias para poder moverse en los avisperos embotellados de las ciudades”.

Podemos notar, também, que a escolha lexical “crônicas”, mais comumente usada na literatura médica para designar doenças de longo prazo, é utilizada para reforçar a expressão “terceiro mundo”, mencionada anteriormente. Essa expressão foi cunhada pelo francês Alfred Sauvy, que propôs a existência de um terceiro mundo (ou submundo) inspirado nos ideais da Revolução Francesa<sup>57</sup>, mas foi amplamente difundida e muito utilizada na Guerra Fria<sup>58</sup> para descrever os países que se posicionaram como neutros, não se aliando nem aos Estados Unidos, defensor do capitalismo, e nem à União Soviética, que defendia o socialismo. Com o fim da Guerra Fria e as mudanças políticas ocorridas até o presente século, o termo foi ganhando novas conotações, utilizado, então, para caracterizar países considerados como subdesenvolvidos, embora presentemente não seja mais considerado como melhor abordagem a esses países, inclusive o Brasil, levando em consideração o seu potencial econômico, em 2011, e sua participação nos BRICS desde 2008. Com isso, podemos notar a presença do eurocentrismo na argumentação do jornalista, devido, primeiramente, ao fato de se tratar de um termo originalmente cunhado por um europeu e, também, por ter sido resgatada e reutilizada como enquadramento da alteridade através de uma ideologia eurocêntrica, reafirmando o lugar periférico designado ao Brasil.

Em continuidade, a representação negativa em torno dos prejuízos que o Mundial trouxe à vida dos brasileiros em: “[...] *Todos sabem que hoje, depois da Copa, os brasileiros não vão locomover-se para o trabalho com mais comodidade [...]*” ganha ainda mais força, quando jornalista aponta para os problemas relacionados à má condição do transporte público no Brasil, que, mesmo com os investimentos que o Mundial exigia, não foram suficientes para oferecer melhoras que atendessem a população como um todo, fazendo com que muitos brasileiros continuem vivenciando e se defrontando com os mesmos problemas cotidianos relacionados às falhas de planejamento urbano.

Finalmente, no trecho “*A gente comum brasileira, que ganhou a Copa com seu senso comum que a fez postergar os protestos para desfrutar da festa que era de*

---

<sup>57</sup> Movimento político e social ocorrido no século XVIII na França responsável pelo colapso do regime monárquico, em que as sociedades feudais e aristocráticas foram derrubadas por grupos políticos radicais, das massas nas ruas e de camponeses na região rural do país.

<sup>58</sup> Período histórico de conflitos indiretos de ordem militar, tecnológica, ideológica, econômica e social, entre os Estados Unidos e a antiga União Soviética.

*todos, agora segue com suas mesmas angústias para poder movimentar-se nos ninhos de vespas dos engarrafamentos das cidades*”, a representação mal qualificada do Brasil em termos de organização e infraestrutura urbana se mantém, especialmente pelo uso da metáfora “avisperos”, que na tradução significa “ninho de vespas”, no sentido de mostrar, por um lado, a grande quantidade de pessoas nos trânsitos das grandes metrópoles do Brasil e, por outro, novamente a questão da desorganização no planejamento urbano das cidades.

Em contrapartida às representações desqualificadas do país e do seu cenário sociopolítico e econômico que verificamos até então, são atenuadas mais adiante pelo jornalista, abrindo-se um espaço para a construção de representação aparentemente bem qualificada, como se nota no excerto a seguir:

(24) O Brasil perdeu a Copa nos palácios e a ganhou na rua. Agora os habitantes desses palácios deverão estimular-se para que nas próximas eleições, que será a disputa de outra Copa e mais importante que o futebol, ao invés de sonhos e promessas vazias, apresentem programas concretos capazes de transformar a vida dos brasileiros em uma grande alegria e felicidade parecida com a que viveram desfrutando nos estádios. [...] Os brasileiros perderam a Copa, que era um sonho de grandeza, agora devem conquistar – e se quiseram sabem como fazer isso – um Brasil mais moderno [...] Esse será o novo Brasil que já havia começado a ser diferente e mais consciente depois dos protestos de um ano atrás, e que sai de novo transformado pela dor e pelo luto, não tanto por ter perdido a Copa, mas sim pela amarga sensação de ter sido enganado<sup>59</sup> (tradução minha).

Ao dizer que o *“Brasil perdeu a Copa nos palácios e a ganhou na rua”*, o jornalista deixa nas “entrelinhas” determinados sentidos acionados que estão presentes principalmente nas escolhas lexicais “palácio” e “rua”, que se contrastam e só ganham sentido quando acompanhados de uma implicação. O apelo à implicatura

---

<sup>59</sup>“Brasil perdió la Copa en los palacios y la ganó en la calle. Ahora deberán ser estimulados los habitantes de esos palacios para que en las próximas elecciones, que será la disputa de otra Copa y más importante que la del fútbol, en vez de sueños y promesas huecas, presenten programas concretos capaces de transformar la vida de los brasileños en una alegría y felicidad parecida a la que vivieron disfrutando en los estadios. [...] Los brasileños perdieron la Copa, que era un sueño de grandeza. Ahora deben conquistar- y si quieren saben hacerlo- un Brasil más moderno [...] Ese será el nuevo Brasil que ya había empezado a ser distinto y más consciente después de las manifestaciones de protesta de hace un año, y que sale de nuevo transformado por el dolor y el luto, no tanto de haber perdido la Copa sino por la amarga sensación de haber sido engañado”.



aqui foi necessário para que possamos saber que o jornalista se refere, primeiramente com a escolha lexical “palácio”, ao lugar de exercício de poder público, que é Palácio do Planalto, nome oficial do Palácio dos Despachos da Presidência do Brasil, local onde está o Gabinete Presidencial do Presidente da República do Brasil. Já a escolha lexical “rua” é usada para acionar o sentido que nos leva aos protestos que aconteceram nas ruas de várias cidades do Brasil no ano de 2013, onde os brasileiros buscaram questionar esse exercício de poder do “palácio”, mostrando ao mundo sua mobilização política mediante questões de políticas públicas consideradas insatisfatórias na solução dos problemas da população.

No trecho que segue dizendo: *“Agora os habitantes desses palácios deverão estimular-se para que nas próximas eleições [...] ao invés de sonhos e promessas vazias, apresentem programas concretos capazes de transformar a vida dos brasileiros [...]”*, é necessário que continuemos a acionar os sentidos que não estão explícitos no texto, o que exige, novamente, o apelo à implicação para captar o que está “por trás” do dito, em que, neste momento, o jornalista faz menção às promessas dos políticos brasileiros, as quais possuem a má fama, seja fora e dentro do país, de serem promessas insuficientes ou, na pior das situações, falsas e mentirosas. Além do apelo à implicação, o jornalista nesse mesmo trecho aparenta conhecer a política brasileira e põe em voga o cenário político do país, ao mostrar que os brasileiros se queixam constantemente das promessas políticas de muitos governantes ou candidatos a cargos do país, os quais, em época de eleições, vão aos bairros mais humildes, prometendo grandes mudanças, mas que, às vezes, pouca coisa ou nada do que se promete se concretiza, o que configura uma evidencialidade no que diz respeito ao famigerado costume da maioria dos políticos do Brasil em não atender as necessidades do povo. Dessa maneira, a presença dessa evidência, unida à implicação, reforça a representação negativa atribuída à conjuntura sociopolítica brasileira e, também, aos políticos do Brasil.

Esses sentidos acionados pelas implicaturas no que diz respeito à política e mais precisamente às atitudes dos políticos brasileiros que causam um sentimento de frustração na população é um alicerce que sustenta a construção de uma aparente representação positiva do brasileiro (que aqui metonimicamente é mencionado como

Brasil), representado, como veremos, como povo “determinado”, que sabe a maneira de tornar seu país melhor, um povo que surge mais “maduro” depois de ter descoberto as mudanças que podem causar no país por meio do ato de protestar: “[...] *agora devem conquistar – e se quiserem sabem como fazer isso – um Brasil mais moderno. Esse será o novo Brasil que já havia começado a ser diferente e mais consciente depois dos protestos [...]*”. A construção de representações de país “maduro” e “novo” para designar a transição política do povo brasileiro devido à sua grande mobilização nas manifestações esteve presente na análise do artigo 3, como já observamos. Aqui, essas representações bem qualificadas são retomadas e ratificadas, especialmente pela presença das escolhas lexicais “novo”, “diferente” e “consciente”.

Além disso, observamos que o jornalista aparentemente continua favorecendo a separação, em termos de grupo social, entre o povo brasileiro, isto é, “gente comum”, que é representada de uma maneira positiva; e os políticos e a política brasileira, representados de uma maneira negativa: “[...] *o novo Brasil [...] que sai de novo transformado pela dor e pelo luto, não tanto por ter perdido a Copa, mas sim pela amarga sensação de ter sido enganado.*” Aqui, vemos que através da escolha lexical “transformado”, o jornalista constrói uma representação positiva dos brasileiros com certo tom de consternação, representados como “povo injustiçado” e “iludido” por seus governantes, compreensão que só é possível através, novamente, do apelo à implicação, a qual aparece especialmente no trecho final em que o jornalista se refere ao sentimento de enganação experimentado pelo brasileiro com relação ao descaso dos políticos do país com a população: “[...] *sensação de ter sido enganado*” [...].

No entanto, essa representação positiva do brasileiro se esmaece, quando em um dos parágrafos finais do artigo o jornalista enfatiza tanto a derrota do Brasil na Copa, quanto à má condição política (novamente no que diz respeito às políticas públicas de planejamento urbano) legada aos brasileiros após o fim do evento:

(25) Houve Copa, mas não houve time. Houve Copa, mas não obras que aliviaram a vida dos cidadãos. Houve alegria e paixão seguindo os jogos porque o futebol corre pelas veias dos brasileiros, mas os deixou com a boca amarga a dois

passos de retornar ao interminável complexo de vira-latas que parecia ter sido sepultado para sempre<sup>60</sup> (tradução minha).

No trecho *“houve Copa, mas não houve time”*, o articulista constrói uma representação muito negativa do futebol brasileiro, colocando em questão a competência da seleção brasileira de futebol que foi derrotada dentro do próprio país. Ademais, podemos suspeitar que o emprego do item lexical “time” possivelmente refere-se, também, ao “time” dos políticos, tão falhos, segundo o jornalista, em suas realizações. Notamos que o futebol, um dos elementos de identidade nacional mais bem vistos, aqui é colocado como a causa da derrota do Brasil tanto no nível esportivo, quanto político, cuja decepção com o futebol e os prejuízos que ele acarretou na vida dos brasileiros os deixaram com “a boca amarga”, reacendendo o “complexo de vira-latas”, metáforas que foram resgatadas pelo jornalista europeu acerca da discussão sobre a autorrepresentação do brasileiro feita pelo jornalista brasileiro Nelson Rodrigues, a qual reaparece neste momento, mas que já discutimos na análise do artigo 3.

Portanto, observamos que em todo o desenrolar do texto, o jornalista usa o seu conhecimento sobre o panorama social, cultural histórico do Brasil como estratégia discursiva para reforçar as representações de país “derrotado” e de povo “iludido” ou “enganado”. A retomada da metáfora do complexo de vira-latas vem para reforçar essas representações, especialmente por colocar em questão a autorrepresentação do brasileiro construída em torno de um sentimento pessimista de inferioridade oriundo da história da colonização, além de referir-se, aqui, a um sentimento inferioridade e incapacidade experimentado pela perda dos jogos em campo que ressoou não apenas na fama esportiva do país, mas, também, na constituição da sua própria identidade. Dessa maneira, o futebol, figurado pela Copa do mundo, é tratado não mais como um objeto de “paixão nacional”, mas sim, como um elemento que suscitou uma profunda decepção nos brasileiros, não apenas pela derrota da seleção brasileira nem mesmo dentro dos próprios campos, mas, principalmente, pelo sentimento de insatisfação e frustração política que o futebol provocou no país e na população.

---

<sup>60</sup>“Hubo Copa, pero no hubo equipo. Hubo Copa, pero no obras que aliviaran la vida de los ciudadanos. Hubo alegría y pasión siguiendo los juegos porque el fútbol corre por las venas de los brasileños, pero les dejó con la boca amarga a dos pasos de volver a precipitar por la pendiente del complejo de perro callejero que parecía haber sido sepultado para siempre”.

#### 4.4. Discussão dos resultados

Feitas as análises, acreditamos ser importante realizarmos uma discussão acerca dos resultados apreendidos, inclusive em termos quantitativos, antes de nos dirigirmos à conclusão final deste trabalho. Para tanto, produzimos uma tabela que expõe o número de aparições das estruturas do discurso que identificamos em cada um dos seis artigos de opinião e, ao final, uma quantificação geral que consiste na soma total das ocorrências dessas estruturas discursivas.

Para garantirmos a organização desta discussão, elencamos as categorias de estruturas do discurso na tabela de acordo com a ordem que apresentamos no capítulo 3, no qual descrevemos todas as que nos propomos a analisar. Após a exposição das amostras contidas nessa tabela, efetuaremos algumas considerações sobre a ocorrência dessas estruturas discursivas em cada artigo, de modo a constataremos quais tipos de representações sociais e estereótipos culturais elas suscitaram, além de comentarmos as análises em perspectiva articulada.

Vejamos, abaixo, a tabela que mostra quais e em qual quantidade as estruturas discursivas que selecionamos apareceram:

**Tabela 3:** Quantificação da ocorrência (em números) das estruturas discursivas nos artigos analisados

<b>NOME DA CATEGORIA DE ESTRUTURA DISCURSIVA</b>	<b>ARTIGO 1</b>	<b>ARTIGO 2</b>	<b>ARTIGO 3</b>	<b>ARTIGO 4</b>	<b>ARTIGO 5</b>	<b>ARTIGO 6</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Descrição de atores</b>	0	0	0	1	0	0	<b>1</b>
<b>Classificação</b>	3	4	0	0	0	0	<b>7</b>
<b>Comparação</b>	1	0	0	0	0	0	<b>1</b>
<b>Isenção</b>	0	0	0	0	0	0	<b>0</b>
<b>Eufemismo</b>	0	0	1	0	0	0	<b>1</b>
<b>Implicação</b>	1	2	1	1	3	3	<b>11</b>
<b>Recursos Visuais (fonte, itálico etc.)</b>	1	1	0	0	1	0	<b>2</b>

<b>Estrutura não verbal (fotos, ilustrações etc.)</b>	1	1	1	1	0	0	<b>4</b>
<b>Evidencialidade</b>	2	2	0	2	2	3	<b>11</b>
<b>Exemplo</b>	0	0	1	0	0	0	<b>1</b>
<b>Generalização</b>	0	0	0	0	0	0	<b>0</b>
<b>Ironia</b>	0	0	0	0	0	1	<b>1</b>
<b>Metáfora</b>	6	3	8	5	9	5	<b>36</b>
<b>Hipérbole</b>	0	0	0	0	1	0	<b>1</b>
<b>Lexicalização (escolha lexical/ item lexical)</b>	4	10	12	8	8	13	<b>55</b>

De acordo com os resultados expostos acima verificamos, dentre as quinze estruturas discursivas que selecionamos, as que mais utilizadas pelos jornalistas espanhóis nos artigos analisados foram a lexicalização (escolha lexical/ item lexical), a metáfora, a evidencialidade e a implicação, dentre as quais a primeira teve 55 ocorrências, a segunda, 36 e as duas últimas, 11. As demais categorias tiveram ocorrência menor, exceto a isenção e a generalização, que não apareceram em nenhum dos artigos.

No que diz respeito em específico a cada artigo, pudemos observar no artigo 1, o primeiro referente às publicações do ano de 2013, a presença de sete categorias, que foram estrutura não verbal, metáfora, comparação, recurso visual, classificação, evidencialidade e implicação. Grande parte dessas estruturas discursivas foram utilizadas para construir representações negativas do Brasil e do povo brasileiro, exceto a de classificação, que foi utilizada para representar positivamente o modo brasileiro de protestar como “pós-político”, representação que definia a participação política legítima dos brasileiros em prol da defesa e da visibilidade da opinião pública. No entanto, pelo fato de todas as outras categorias terem sido utilizadas para representar negativamente o Brasil e sua população, a principal representação negativa veiculada nesse artigo foi a de país “diferente”, utilizada em torno dos protestos do Brasil para caracterizá-lo como “inferior” aos de outros países, por ser, primeiramente, “anônimo” (pois, segundo o jornalista espanhol, o “protesto no Brasil

não tem nome”) e, conseqüentemente, desorganizado. Com isso, verificamos que, neste artigo, foram confirmados os estereótipos negativos do Brasil de “país do atraso”, “desorganizado”, “país sem identidade” e “país incapaz”.

No artigo 2, seis categorias estiveram presentes, que foram lexicalização, classificação, metáfora, recurso visual, evidencialidade e implicação. No caso desse artigo, as categorias foram utilizadas tanto para representarem o povo brasileiro favoravelmente, quanto desfavoravelmente. Dentre essas representações, as bem qualificadas foram destinadas aos moradores das favelas da Rocinha e do Vidigal, cujo modo de protestar foi representado principalmente como “pacífico”, “dialógico” e “pontual”. Já as representações mal qualificadas foram destinadas ao cenário sociopolítico do Brasil e, sobretudo, aos políticos brasileiros, representados como descompromissados com o povo. Todavia, uma metáfora foi usada para representar negativamente o protesto dos moradores das favelas como “convulsivo”, de modo a representá-lo como agitado. Ademais, o item lexical “aprisionados” também foi utilizado para representar desfavoravelmente os moradores das favelas, representados como prisioneiros em suas comunidades devido à cultura da criminalidade tão intensa e difundida nas favelas. Notamos, também, que além das representações destinadas tanto aos moradores das favelas, quanto aos governantes brasileiros e ao cenário político do Brasil, houve a utilização do item lexical “revolta” para caracterizar negativamente os demais protestos da classe média que, segundo o jornalista, se diferenciavam muito dos protestos dos moradores das comunidades em questão.

Em síntese, notamos que, nesse artigo 2, as representações positivas ganharam mais destaque do que as negativas, em que as principais representações veiculadas do povo brasileiro se deram em torno das de povo “pacífico”, além de constatarmos a presença de dois estereótipos positivos: o do “brasileiro pacífico” e o do “gigante”, que apareceu no discurso como “o gigante acorda”, utilizado para caracterizar o despertar político do povo brasileiro em direção aos problemas e ao destino do país.

No artigo 3, o último dentre as publicações do ano de 2013 que escolhemos, encontramos, também, seis categorias, que foram a lexicalização, estrutura não verbal, evidencialidade, metáfora, exemplo e eufemismo. Notamos que quase todas

elas foram utilizadas para representar favoravelmente o Brasil e o brasileiro, as quais surgiram em torno da representação central de país “diferente” para mostrar a maturidade que o povo brasileiro alcançou pela sua capacidade política expressa nas manifestações. Todavia, algumas estruturas discursivas suscitaram representações desfavoráveis, como a estrutura não verbal em forma de fotografia, que retratava os jovens manifestantes brasileiros como vândalos e/ou criminosos, visto que o foco da imagem se centrava em jovens com a cabeça e rosto encoberto com camisas, o que dá a impressão de se tratar de pessoas com má conduta. Além dessa estrutura não verbal, encontramos, por último, a utilização da metáfora do complexo de vira-latas pelo jornalista espanhol, com o objetivo de resgatar a autorrepresentação negativa do brasileiro enquanto povo “complexado”.

É oportuno comentar que, diferentemente do artigo 1, onde “diferente” foi uma representação que caracterizou o Brasil como país inferior aos outros, neste artigo 3, a representação de “diferente” esteve presente com o objetivo de mostrar a nova postura do povo brasileiro frente aos problemas do país através de sua mobilidade política, o que marca um contraste nas representações veiculadas. É importante apontar que “diferente” ganhou sentidos distintos nos respectivos artigos (um primeiramente negativo e outro posteriormente positivo), visto que, possivelmente, consistiu em uma estratégia de mitigação das relações de dominação, a fim de atenuar a persistência do jornalista em construir apenas representações desqualificadas do Brasil e do brasileiro.

Em resumo, exceto pela utilização das categorias estrutura não verbal e metáfora, que, como vimos acima fomentaram representações desfavoráveis do Brasil e do brasileiro, as demais categorias suscitaram representações alternativas do país e da sua população, visto que não são representações comumente difundidas. Assim, notamos que as representações de “país maduro”, “crescido” e povo “crítico” difundidas neste artigo 3 abrem espaço para o surgimento de estereótipos positivos alternativos do Brasil e do povo brasileiro.

No artigo 4, o primeiro referente às publicações do ano de 2014, identificamos a presença de seis categorias, que consistiram na lexicalização, estrutura não verbal, implicação, metáfora, evidencialidade e descrição de atores. Observamos que quase todas as categorias foram utilizadas para apresentar representações negativas do

Brasil e do brasileiro, exceto pelos itens lexicais “adolescente” e “respondão”, que, segundo o contexto do artigo, foram utilizadas de modo a representar o brasileiro como um povo crítico. No entanto, o restante das categorias foi utilizado para representar o país como um “espetáculo” ou “festa” que não teve sucesso devido ao descontentamento coletivo com seus altos gastos e prejuízos deixados como legado ao país e ao povo brasileiro. Ademais, boa parte das categorias identificadas também foi destinada à construção de representações negativas do futebol, representado como um elemento cultural brasileiro fomentador não apenas de paixão, mas, principalmente, de insatisfação nacional. Subjacente à presença dessas representações, os estereótipos de país “atrasado” e “desorganizado” foram reafirmados, visto que o discurso do jornalista espanhol colocou em voga os prejuízos acarretados pelo Mundial ao Brasil e ao povo brasileiro, sobretudo em termos de infraestrutura, uma vez que fez apontamento referente ao atraso e à falta de organização com o cumprimento da conclusão das obras para os jogos.

No capítulo 5, encontramos sete categorias, que consistiram na lexicalização, recurso visual, evidencialidade, metáfora, eufemismo, implicação e hipérbole. Neste artigo, embora boa parte das categorias tenham sido usadas para representar o Brasil como um país “normal”, no sentido de mostrar uma aparente maturidade política alcançada por meio das manifestações, essa representação positiva pode ser vista, no conjunto das matérias, como uma forma de atenuação ou mitigação da representação inicial do país que o jornalista forneceu sobre os protestos de 2013, buscando contrastar um Brasil “diferente” (novamente a presença dessa representação, assim como no artigo 1, com um valor negativo) de “normal”, atestando, ao final, uma “normalidade” ao país em termos de ser capaz de globalizar-se, isto é, de fazer política assim como os outros países do mundo.

Essa comparação implícita da capacidade política do Brasil com a de outros países que também ofereceram ao mundo, em período próximo, a imagem de grandes manifestações nas ruas, sobretudo a Espanha, reforça a estratégia de mitigação das relações de poder dentro do discurso, visto que essa “normalidade”, enquanto uma representação bem qualificada do Brasil, mantém, na verdade, o contraste com o país “diferente” do passado, isto é, sem criticidade e maturidade política, o que acaba atenuando, ou até mesmo refutando a representação favorável do país.



Nesse sentido, verificamos que a principal representação construída pelo jornalista em torno da “(a) normalidade” ou “diferença” do Brasil baseia-se em uma visão eurocêntrica, ou seja, em uma visão cultural hegemônica que, na verdade, busca construir um discurso de desvalorização do Brasil, como um lugar periferizado e atrasado, que só agora encontra formas políticas legítimas, já que testadas em grandes países e globalizadas. Desse modo, ainda que tenham existido representações positivas de “país maduro” e “crítico” (alternativas, já vistas no artigo 3, que aqui foram reutilizadas), constatamos que o estereótipo negativo de país “diferente”, no sentido de ser inferior aos outros, não foi suficientemente desconstruído, permanecendo como representação preponderante.

Por fim, no artigo 6, o último analisado referente às publicações de 2014, identificamos a presença de cinco categorias, que foram metáfora, lexicalização, evidencialidade, ironia e implicação. A maioria dessas estruturas foram utilizadas como representações negativas de um país “em “escombros”, isto é, derrotado tanto nos jogos, quanto economicamente, em virtude dos altos gastos referentes à Copa do Mundo que o deixaram endividado, o que ratifica e enfatiza as representações negativas do cenário econômico do Brasil presentes desde o artigo 4.

Além da representação central de país “perdedor”, verificamos, também, a representação muito frequente de país “deficiente” e “incapaz”, uma vez que o jornalista espanhol a todo o momento colocava em questão o insucesso do Mundial por conta dos prejuízos acarretados por esse evento ao país e à vida dos brasileiros, bem como a falta de organização, que tiveram como consequência obras inconclusas para os jogos e para a população, em geral, além da persistência da má qualidade no transporte público brasileiro, que, mesmo havendo gastos destinados à construção de novos meios de transporte para melhoria da locomoção durante o Mundial, segundo o jornalista, os investimentos não ofereceram benefícios à população, apenas contribuíram para reforçar a questão referente ao cenário de endividamento do país e, por conseguinte, de insatisfação do povo. Com isso, constatamos que o futebol, representado pelo Mundial, aqui é visto, assim como no artigo 4, como um elemento de insatisfação e decepção nacional.

Alguns estereótipos do Brasil puderam ser confirmados nesse artigo, como é o caso dos estereótipos negativos de país de “terceiro mundo”, “incapaz”, “desorganizado”,

“atrasado”, “gigante adormecido” e apenas um estereótipo positivo de “país acolhedor”. É interessante comentarmos que no caso do estereótipo do gigante, no artigo 2, como vimos, ele aparece como “o gigante acorda”, mas aqui, como o “gigante adormecido”. Isso mostra como os estereótipos podem ser reafirmados ou deslocados, como é o caso, para uma finalidade específica que, neste artigo, foi mostrar os impactos negativos que o Mundial causou no Brasil e na vida dos brasileiros, pois o estereótipo do “gigante” diz respeito não somente ao Brasil em termos de extensão geográfica, mas, também, em termos de grande população, como é a população brasileira, que, segundo o jornalista, “adormeceu”, isto é, resignou-se mediante os problemas instaurados no país devido ao evento esportivo em questão.

Finalizando os comentários este artigo 6, é necessário ainda lembrar que, como exceção, algumas poucas categorias foram utilizadas enquanto representações positivas do Brasil, como foi o caso dos itens lexicais “novo”, “transformado” e “consciente”, representações que, assim como as que identificamos no artigo 3, são, também, novos estereótipos do Brasil, uma vez que se contrastam aos estereótipos negativos que vimos até agora, que são mais comumente mais veiculados. Todavia, diferentemente do que ocorreu no artigo 3, onde as representações bem qualificadas foram preponderantes, ainda que essas tenham surgido neste momento, elas não foram suficientes para refutar esses estereótipos negativos tão recorrentes neste artigo 6.

Prestes a encerrarmos esta discussão, no que diz respeito à cronologia e ao foco dos assuntos tratados nos artigos analisados, notamos que os artigos publicados no ano de 2013 enfatizavam as manifestações e a mobilização política dos brasileiros frente aos problemas sociais e políticos enfrentados na época. Já, nos artigos publicados em 2014, o eixo temático foi o futebol, apresentando destaque nas questões relacionadas com a frustração do brasileiro e o cenário desfavorável do país devido aos gastos com a Copa do Mundo, havendo menos ênfase no trato com questões relacionadas às manifestações que ocorreram nesse período e, por conseguinte, menor destaque quanto à mobilização política da população brasileira nesse ano.

Para finalizarmos, verificamos que, de maneira geral, houve tentativa na apresentação de um discurso “politicamente correto” no jornalismo europeu quanto aos países tidos como periféricos, o que torna o discurso tipicamente desqualificante, porém, sutil, bem como acontece no discurso racista, por exemplo. Desse modo, os jornalistas buscaram estratégias de modo a não deixarem explícitas as relações hegemônicas, mas mantendo a assimetria no discurso. Com isso, conforme a reunião dos resultados obtidos nas análises de todos os seis artigos, constatamos que a tendência dos jornalistas do *El País* foi utilizar as estruturas do discurso como ferramenta para a construção de representações mais desqualificantes do Brasil e do brasileiro do que bem qualificantes.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho refletimos sobre as representações sociais do Brasil e do brasileiro veiculadas nos discursos do jornal espanhol *El País* no contexto Pré-Copa Fifa que engloba as manifestações populares do Brasil de junho de 2013 a julho de 2014. O objetivo desta pesquisa consistiu em verificar a presença de representações e estereótipos do país e de sua população do Brasil e do brasileiro através da utilização de determinadas estruturas discursivas.

No que se refere à metodologia de pesquisa adotada, utilizamos os pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD), especialmente os trabalhos de Van Dijk (2008; 2012), em diálogo com estudiosos das Ciências Sociais (BOURDIEU, 1989), da Psicologia Social (MOSCOVICI, 1978; 2004), dos Estudos Culturais (HALL, 2000; 2011) e demais autores que contribuíram para a constituição de um panorama sócio-histórico do Brasil, o que caracterizou uma perspectiva multidisciplinar a partir da Linguística. Para efetuarmos nossa discussão teórica, utilizamos a abordagem crítica de Van Dijk (2008; 2012) sobre a relação entre o discurso e o poder social, que engloba uma proposta de análise discursiva através do exame de estruturas discursivas, as quais utilizamos como categorias de análise no intuito de observar como essas estruturas do discurso interferiram na produção de representações sociais do Brasil e do povo brasileiro.

Optamos por adotar como abordagem central a Análise Crítica do Discurso pelo fato de ser uma perspectiva crítica discursiva que tem por finalidade principal o exame das relações de poder, o que nos permitiu observar a existência de uma relação entre grupos culturais, ou seja, entre europeus e brasileiros, a partir do uso das estruturas discursivas no discurso jornalístico espanhol. Além disso, optamos por essa perspectiva devido a sua grande importância e relevância social em estudos críticos do discurso sobre o poder e a dominação cultural exercida por grupos ditos privilegiados, que neste caso são os jornalistas espanhóis.

A discussão realizada sobre a representação social a partir dos trabalhos de Moscovici (1978; 2004), Jodelet (1986; 1996) e Sá (2002) nos permitiu compreendê-la de modo integrado, considerando seus aspectos cognitivos, sociais e discursivos, e sobretudo observar como a representação social é um fenômeno importante na

construção e na preservação da identidade nacional. Além disso, vimos que foi através da produção de representações pelo discurso que os jornalistas espanhóis puderam expressar suas crenças e opiniões, ou seja, seus conhecimentos sociais acerca do Brasil e do brasileiro através de experiências culturais compartilhadas e subjacentes em uma memória social e histórica.

No tocante às nossas hipóteses de pesquisa, faz-se necessário retomar a discussão dos resultados que realizamos no tópico anterior, constatando a presença dos principais estereótipos do país e de sua população, como os negativos: “país atrasado”, “país desorganizado”, “incapaz”, “terceiro mundo” e “povo preguiçoso”, “revoltado” presentes com maior frequência nos artigos 1, 4, 5 e 6; e os positivos: “país gigante”, “do futebol”, “povo acolhedor”, “alegre” e “pacífico”, presentes nos artigos 2, 3 e 6. Observamos que, além da presença desses estereótipos muito difundidos e conhecidos, alguns deles muito reafirmados (principalmente os negativos), também verificamos deslocamentos, dando abertura a discursos alternativos que apresentassem novas representações do Brasil e do povo brasileiro, como as de “país consciente”, “novo”, “transformado” e de “povo crítico”, “crescido” e “maduro”. Sendo assim, respondemos, então, a nossa primeira hipótese, que indagava sobre a possibilidade de reafirmação ou deslocamento dessas representações estereotipadas.

Em continuação à retomada dos resultados auferidos no tópico anterior, pudemos constatar que a produção de representações desqualificadas do Brasil e do povo brasileiro veiculadas nos artigos foi preponderante. Vale comentar, ainda, que não foram todas as representações favoráveis que se destinaram ao povo brasileiro como um todo, visto que, sobretudo no artigo 2, houve um contraste explícito entre as representações dos moradores das favelas com as dos políticos brasileiros, dentre as quais as representações favoráveis se destinaram mais ao primeiro público e as representações desfavoráveis, ao segundo, estabelecendo-se uma divergência na distribuição dessas representações mais ou menos positivas do povo brasileiro. Embora tenhamos averiguado a presença de um discurso que valorizasse as características socioculturais e políticas do Brasil e do brasileiro, especialmente nos artigos 2 e 3, esse discurso de prestígio apareceu de modo muito fragmentado e atenuado, se o compararmos aos discursos dos demais artigos, onde a produção de

representações desqualificadas do Brasil e de sua população foi bem mais recorrente. Com isso, confirmamos a prevalência de um discurso hegemônico de desvalorização dos aspectos sociais, políticos e culturais do Brasil e do brasileiro, haja vista que, como afirmamos acima, o processo de construção das representações bem qualificadas apareceu mesclado, ou melhor, subjacente à produção de representações negativas, que foi melhor articulada e, por conseguinte, enfática. Assim, respondemos, agora, a nossa segunda hipótese, que considerava a possibilidade da predominância de um discurso de prestígio ou desprestígio acerca dos atributos socioculturais do país e de seu povo.

Em síntese, nossos resultados mostraram que há uma tendência da imprensa europeia em apresentar um discurso que busca expor conhecimentos acerca de grupos cultural e socialmente desprivilegiados como confiáveis e únicos. No entanto, os resultados não podem ser generalizantes em relação à dominação cultural empreendida pela imprensa espanhola, que é o caso desta pesquisa, visto que é necessário observar o posicionamento de outros jornais europeus de grande circulação no mundo e os respectivos processos de produção de representações do Brasil e o povo brasileiro, a fim de promover um contraste nos posicionamentos. É importante ressaltar, também, a importância do estudo de outros gêneros jornalísticos que, assim como o artigo de opinião, podem ser instrumentos de dominação e controle mental dos leitores na (re) produção de representações negativas de grupos culturalmente desfavorecidos.

Esperamos que esta pesquisa contribua para trazer à consciência das pessoas de que muitos discursos concebidos como naturais são, na verdade, produtos de relações assimétricas de poder que podem ser utilizados como forma de manter os grupos desprivilegiados em um lugar periférico. Assim, uma vez que o modo como essas práticas discursivas de poder forem explicitamente expostas não como sendo factuais ou fenômenos irreversíveis, mas sim como construções simbólicas utilizadas para benefício de certos grupos sociais privilegiados, elas poderão ser mais facilmente questionadas, podendo perder sua potencialidade de sustentar discursos que fomentam a desigualdade sociocultural (FAIRCLOUGH, 2001).

Para finalizar, reforçamos o entendimento de que a Análise Crítica do discurso é socialmente orientada, pois visa proporcionar uma mudança social a partir da

exposição da maneira como os discursos dominantes são construídos, os quais geralmente não são contrariados pela falta de acesso e conhecimento da maior parte das pessoas que não pertencem ao mundo acadêmico. Portanto, pretendemos, na posição de pesquisadores críticos, que este estudo contribua para fomentar mudanças sociais, especialmente na forma com que muitos grupos ainda têm tratado o Brasil e o povo brasileiro, em defesa de todos os que necessitam dessa mudança.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IplanRio, Zahar, 1987.

ABREU, Mauricio de Almeida; VAZ, Lilian. **Sobre as origens da favela**. Anais do IV Encontro Nacional da ANPUR, 1991. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/1897/1860>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva de sentido. In: ACHARD, Pierre [et al]. **O Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999, p.11-17.

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil**. Trad. João Etienne Filho. Belo Horizonte: Editoria Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herscherb. **Estereótipos y clichés**. Trad. Leila Gándara. Buenos Aires: Eudeba, Universidade de Buenos Aires, 2001.

ANDERSON, Perry. **O Brasil de Lula**. Revista Novos Estudos, p. 23- 52, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n91/a02n91.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2016.

ARDENGHI, Ana Carolina Nunes da Cunha Vilela. **“Minha terra tem palmeiras...”:** **Aspectos discursivos da construção de um espaço “tipicamente” brasileiro**. (teste de doutorado). Campinas, SP: Universidade estadual de Campinas, 2014, 213f.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 4ª ed. (4 Biblioteca Básica Brasileira), 1963.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BARBOSA, Marialva. **Imprensa, poder e público**. (tese de doutorado). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, Dep.História/UFF, 1996.

BÍBLIA DE PROMESSAS. **Êxodo**. Trad. João Ferreira de Almeida. 6ª. ed. São Paulo: King's Cross publicações, 2006, p. 50-59.

\_\_\_\_\_. **Isaías**. Trad. João Ferreira de Almeida. 6ª. ed. São Paulo: King's Cross publicações, 2006, p. 551.

BOFF, Odete Maria Benetti; KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali. **O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação**. Revista ReVEL, vol. 7, n. 13, 2009. Disponível em:



<[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_13\\_o\\_genero\\_textual\\_artigo\\_de\\_opinioao.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_o_genero_textual_artigo_de_opinioao.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRASIL DE FATO. **O Brasil é mais forte com os Brics**. Disponível em: <<http://antigo.brasildefato.com.br/node/29542>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a el Rey D. Manuel**. São Paulo: Dominus, 1963.

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CHAURADEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução Angela S.M. CorrÊa. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

CARTA CAPITAL. **Brasil: sexta economia do mundo**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/economia/brasil-sexta-economia-do-mundo>>. Acesso em: 30 out. 2016.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2ª. ed. em. Ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 7-37.

COUTO, Luiz. **Pronunciamento**. 2005. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/324316.pdf>>. Acesso em 16 nov. 2016.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Trad. Sérgio Millet. Tomo I. v. I e II. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

EL PAÍS BRASIL. **Assim é o El País Brasil por dentro**. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/25/opinion/1448475069\\_787225.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/25/opinion/1448475069_787225.html)>. Acesso em 4 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **A Copa nos ajuda a descobrir que o Brasil já é um país normal**. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/13/opinion/1402688745\\_879461.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/13/opinion/1402688745_879461.html)>. Acesso em: 26 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **O novo Brasil nascido dos protestos**. Disponível em: <[http://internacional.elpais.com/internacional/2013/10/15/actualidad/1381793683\\_147649.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2013/10/15/actualidad/1381793683_147649.html)>. Acesso em: 1 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Que comece o espetáculo (ou não)**. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/11/deportes/1402506573\\_333442.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/11/deportes/1402506573_333442.html)>. Acesso em: 3 set. 2016.

EL PAÍS ESAPANHA. **¿Por qué la protesta de Brasil es diferente?** Disponível em: <[http://internacional.elpais.com/internacional/2013/06/22/actualidad/1371931255\\_567644.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2013/06/22/actualidad/1371931255_567644.html)>. Acesso em: 5 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **El nuevo Brasil nacido tras las protestas.** Disponível em: <[http://internacional.elpais.com/internacional/2013/10/14/actualidad/1381705302\\_201965.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2013/10/14/actualidad/1381705302_201965.html)>. Acesso em: 1 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **La Copa nos ayuda a descubrir que Brasil ya es un país normal.** Disponível em: <[http://internacional.elpais.com/internacional/2014/06/13/actualidad/1402695566\\_882258.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2014/06/13/actualidad/1402695566_882258.html)>. Acesso em: 26 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Las favelas de Río se unen pacíficamente a la protesta.** Disponível em: <[http://internacional.elpais.com/internacional/2013/06/26/actualidad/1372251237\\_973880.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2013/06/26/actualidad/1372251237_973880.html)>. Acesso em: 20 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **¿Qué Brasil resurgirá de los escombros de la Copa?** Disponível em: <[http://internacional.elpais.com/internacional/2014/07/14/actualidad/1405351155\\_788155.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2014/07/14/actualidad/1405351155_788155.html)>. Acesso em: 03 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Que empiece el espectáculo (o no).** Disponível em: <[http://deportes.elpais.com/deportes/2014/06/11/mundial\\_futbol/1402506573\\_333442.html](http://deportes.elpais.com/deportes/2014/06/11/mundial_futbol/1402506573_333442.html)>. Acesso em: 3 set. 2016.

ESCUELA EL PAÍS. **Historia de El País.** Disponível em: <<http://escuela.elpais.com/historia-de-el-pais/>>. Acesso em: 4 mai. 2016.

ESTADÃO. **A importância geopolítica dos Brics** Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,a-importancia-geopolitica-dos-brics-imp-,1145674>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Rio é escolhido como cidade-sede da Olimpíada de 2016.** Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,rio-e-escolhido-como-cidade-sede-da-olimpiada-de-2016,444804>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. **Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa científica.** Revista Linha d'água, n. 25 (2), p. 307-329, 2012.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social.** Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOWLER, Roger. **Sobre a Linguística Crítica.** Linguagem em (Dis)curso –LemD, Tubarão, v.4, n.espe, p.207-222, 2004.

GASPARI, Elio. **O monstro foi pra rua.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/eliogasparsi/2013/06/1297394-o-monstro-foi-para-a-rua.shtml>>. Acesso em: 5 out. 2016.

GLOBO.COM (G1). **Conheça a história da 1ª favela do Rio criada há quase 120 anos.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/noticia/2015/01/conheca-historia-da-1-favela-do-rio-criada-ha-quase-120-anos.html>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Entenda o impasse entre a Prefeitura do Rio e os professores em greve.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/entenda-o-impasse-entre-prefeitura-do-rio-e-os-professores-em-greve.html>>. Acesso em 15 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Ex-aliados de Dilma, Marina e Campos se unem contra a candidatura de Dilma.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2013/10/ex-aliados-de-lula-marina-e-campos-se-unem-contra-candidatura-dilma.html>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Portal brasileiro do 'El País' entra no ar na próxima semana.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2013/11/portal-brasileiro-do-el-pais-entra-no-ar-na-proxima-semana.html>>. Acesso em: 4 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Rocinha e Vidigal marcham em paz até o Leblon por saneamento e saúde.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/rocinha-e-vidigal-marcham-em-paz-ate-o-leblon-por-saneamento-e-saude.html>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere: O risorgimento. Notas sobre a história da Itália.** Trad. Luiz Sérgio Henriques. v. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. Ed., 1.reimp. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2011.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.103-133.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Language as social semiotic.** London: Edward Arnold, 1978.

IG. **Pac complete cinco anos e vira bandeira de Dilma para 2012.** Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/pac-completa-cinco-anos-e-vira-bandeira-de-dilma-para-2012/n1597583876214.html>>. Acesso em 12 nov. 2016.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão.** Tradução: Tarso Bonilha Mazzoti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ-Faculdade de Educação, dez. 1993. Disponível em: <<http://portaladm.estacio.br/media/3432753/jodelet-drs-um-dominio-em-expansao.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. La representación social: fenómenos, concepto e teoría. In: MOSCOVICI, Serge (Org). **Psicología Social II. Pensamiento y vida social. Psicología social y problemas sociales.** Barcelona, Ediciones Paidós, 1986. Disponível em: <<https://sociopsicologia.files.wordpress.com/2010/05/rsociales-djodelet.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2005, p.77-81.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Teun. **Reading Images: the grammar of visual design**. London & New York: Routledge, 1996.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática S.A, 1985.

LEITE, Miriam Lifschitz Moreira. **Livros de viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

LOWY, Michael. **Ideologia e ciência social**. São Paulo: Cortez, 1985.

MAGALHÃES, Izabel. **Introdução: A Análise de Discurso Crítica**. Revista Delta, 21, n.º. especial, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v21nspe/29248.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

MALBERGIER, Sérgio. **#eufui (#eagora)?**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergiomalbergier/2013/06/1298118-eufui-eagora.shtml>>. Acesso em: 5 out. 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo editorial, 2007, p. 9-78.

MELO, Iran Ferreira de. Por uma Análise Crítica do Discurso. In: MELO, Iran Ferreira de (Org). **Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes editores, 2012.

MINI AURÉLIO SÉCULO XXI ESCOLAR. **Borbotão**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 105.

\_\_\_\_\_. **Étereo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 300.

MOSCOVICI, Serge **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

O GLOBO. **Brasileiros torcem. Mas acham que jogos trazem mais prejuízos do que benefícios ao país**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/brasileiros-torcem-mas-acham-que-jogos-trazem-mais-prejuizos-do-que-beneficios-ao-pais-12802518>>. Acesso em: 3 set. 2016.

OLIVEIRA, Laura Márcia Magalhães; LIA, Seixas. **A reportagem enquanto gênero jornalístico**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife,

PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0810-1.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O Discurso Fundador: a formação de um país e a construção da identidade nacional**. Campinas: Pontes, 1993.

OUTHWAITE, William; BOTTMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Trad. Renato Lessa e Wanderley Guilherme dos Santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p. 647-648.

PINTO, Júlio Roberto de Souza; MIGNOLO, Walter D. **A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial**. Civitas, Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 381-402, 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/faenfi/ojs/index.php/civitas/article/view/20580/13966>>. Acesso em: 2 nov. 2016.

RAEDERS, Georges. **O inimigo cordial do Brasil: o conde Gobineau no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **D. Pedro II e o conde de Gobineau**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1938.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RESENDE, Viviane. Análise de discurso Crítica como interdisciplina para a crítica social: uma introdução. In: MELO, Iran Ferreira (Org). **Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes editores, 2012.

RESENDE, Viviane. & RAMALHO, Viviane. **Análise do Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RODRIGUES, Nelson. **Complexo de vira-latas**. 1958. Disponível em: <[http://www.releituras.com/nelsonr\\_viralatas.asp](http://www.releituras.com/nelsonr_viralatas.asp)>. Acesso em: 10 jul. 2016.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L; BONINI, Adair; ROTH, Désirée Motta (Org). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo das representações sociais**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

SAINT-HILAIRE. Auguste de. **Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo**. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação.** Covilhã: LivrosLabcom, 2009. Disponível em: <[http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110818-seixas\\_classificacao\\_2009.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110818-seixas_classificacao_2009.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2016.

STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos. **Uma proposta de modelização do gênero textual artigo de opinião.** In: Anais do IX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS – Estudos Linguísticos e Literários. 2012. UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Letras, Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2012. ISSN – 18089216. P. 968-979. Disponível em: <<http://www.uenp.edu.br/trabalhos/cj/anais/soLetras2012/Maril%C3%Bacia%20dos%20Santos%20Domingos%20Striquer.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

TEIXEIRA, Tattiana. **A crônica e os gêneros opinativos: um estudo comparativo.** Revista Comunicação e espaço Público, Universidade de Brasília. Ano VII, nº 1 e 2, p. 116-127, 2004.

TOLLER, Heloisa. **Bons e Maus Selvagens: a indispensável visão mítica no Colonialismo/Imperealismo Europeu.** Revista Ipotesi, Juiz de Fora, v. II, n. I, p. 113-124, 2007. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/11-Bons-e-Maus.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2016.

UNIÃO EUROPEIA OFICIAL. **A União Europeia.** Disponível em: <[http://europa.eu/about-eu/basic-information/about/index\\_pt.htm](http://europa.eu/about-eu/basic-information/about/index_pt.htm)>. Acesso em: 17 mar. 2016.

UOL. **As favelas rivais, Rocinha e Vidigal realizam juntas protesto conjunto no Rio.** Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/25/antigas-rivais-favelas-da-rocinha-e-vidigal-realizam-protesto-conjunto-no-rio.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **“Quem quiser manifestar não pode prejudicar a Copa”, diz Dilma.** Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/05/13/quem-quiser-manifestar-em-pode-atrapalhar-a-copa-diz-dilma.htm>>. Acesso em: 1 nov. 2016.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e poder.** São Paulo: Contextos, 2008.

\_\_\_\_\_. La multidisciplinaridad del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. In: Wodak Ruth; Meyer, Michael. **Métodos de análisis crítico del discurso.** Barcelona: Gedisa, 2003, p. 143-177.

\_\_\_\_\_. Política, ideologia e discurso. In: MELO, Iran Ferreira (Org). **Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática.** Campinas, SP: Pontes editores, 2012.

WIKIPÉDIA. **Copa do mundo Fifa de 1950.** Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1950](https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA_de_1950)>. Acesso em: 10 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **G-20**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/G20>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Guerra Fria**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_Fria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Fria)>. Acesso em: 05 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Occupy Moviment**. Disponível em: <[https://em.wikipedia.org/wiki/Occupy\\_movement](https://em.wikipedia.org/wiki/Occupy_movement)>. Acesso em: 5 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Panem et circenses**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Panem\\_et\\_circenses](https://pt.wikipedia.org/wiki/Panem_et_circenses)>. Acesso em: 10 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Primavera Árabe**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera\\_%C3%81rabe](https://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_%C3%81rabe)>. Acesso em: 5 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Protestos de 2011 na Espanha**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos\\_de\\_2011\\_na\\_Espanha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_de_2011_na_Espanha)>. Acesso em: 5 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Revolução Francesa**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o\\_Francesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa)>. Acesso em: 04. Jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Terceiro Mundo**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Terceiro\\_Mundo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Terceiro_Mundo)>. Acesso em: 4 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Viscosidade**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Viscosidade>>. Acesso em: 5 out. 2016.

WODAK, Ruth. **Do que trata a ACD – resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos** –. Linguagem em (Dis)curso. Tubarão, v.4, n.esp., pp. 223-243, 2004. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/297/313](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/297/313)>. Acesso em: 3 abr. 2015.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZWEIG, Stefan. **Brasil: um país do futuro**. Trad. Kristina Michahelles. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.

## ANEXOS

### ANEXO 1

#### **Artigo 1: ¿Por qué la protesta de Brasil es diferente?**

Aquí se manifiestan no por lo que han perdido, sino por lo que aún no se les ha dado, o no del todo

JUAN ARIAS

22 JUN 2013 – 17:00 BRT



Protesta simbólica en Río de una ONG contra la inseguridad. /M. S (EFE)

La protesta brasileña que se extiende cada día como una mancha de aceite por todo el país, y que tiene sorprendida a la opinión mundial, es diferente de las demás, como por ejemplo la de los indignados de Madrid, la Primavera árabe o la americana de los Occupy.

¿Por qué? Podría decirse que es *brasileña*, un pueblo con una idiosincrasia especial que no siempre entra ni siquiera en los cánones de los otros países del continente. ¿Tropical? También, pero no sólo.

En primer lugar, la protesta es diferente porque no tiene nombre. La llamamos simplemente “protesta” o “manifestaciones”, porque no ha sido bautizada. No nace, como la de los países europeos, contra los “recortes” y el empobrecimiento de los servicios sociales. Aquí protestan no por lo que han perdido, sino por lo que aún no se les ha dado o porque creen que se lo han dado incompleto. Preferirían que ciertos gastos públicos millonarios se destinaran a las necesidades más urgentes de la gente, incluso los deportivos de la Copa, cuyo mural fue incendiado en São Paulo.

El Mundial ha sido bautizado como “Copa de las manifestaciones”.

Quieren que la justicia exista no sólo para los sin nadie sino también para los que tienen responsabilidad pública.

Es diferente la protesta brasileña porque llega después de haber ya conocido las otras primaveras de contestación del mundo.



Aquí, como agudamente ha señalado el columnista de Folha, Sérgio Malbergier, “la bandera anticapitalista estaba ausente”. Fueron hostilizados los ideologizados tradicionales de izquierdas y se juntaron en la protesta empresarios de corbata con gentes de la favela.

Hasta en el modo de realizarse las marchas a través de las ciudades es distinto, por ejemplo, del de los Indignados de Madrid. Allí los manifestantes se sentaban para elaborar propuestas, discutir reivindicaciones en las que participaban las mentes pensantes de la universidad. De alguna forma era estática.

Aquí la masa de miles de personas se mueve como en un éxodo bíblico por diferentes puntos de la ciudad, no tiene meta fija, están sencillamente juntos, casi cada uno con su propia pancarta, muchas supercreativas, escritas a mano, en un simple pedazo de papel o cartón: “La corrupción también es vandalismo”, decía una pancarta durante el partido España-Haití.

Las acciones violentas de los pequeños grupos son duras como las que nos tienen acostumbrados a ver en las favelas, por ejemplo, por los narcos o por los vándalos de turno. Una violencia condenada unánimemente por el movimiento y que contrasta al mismo tiempo con la sensación de paz, casi de fiesta, que distingue a la inmensa mayoría de las personas que no cesa de hacer llamadas a la paz y que quizás los medios de comunicación destacamos demasiado poco: “Los vándalos no nos representan”, decía otro cartel en manos de una joven estudiante.

Sale la gente a calle a borbotones y permanecen a veces toda la noche, se diría sólo por el placer de estar juntos, con la sensación de disfrutar del sol después que ha descargado la tormenta de rayos y truenos. Cantan juntos y juntos expulsan su rabia.

La olla de presión, que hervía sin que se notara desde hace años, explotó, y ahora que está destapada y de ella han salido los “monstruos”, en expresión de Elio Gaspari, se sienten como liberados y disfrutan juntos de sentir el placer de protestar.

Nadie se lo impidió antes, porque este es un país sin censuras, pero se sienten como liberados de haber escogido ellos la libertad de protestar.

El rechazo a los políticos que aparece más nítido cada día y que revela el divorcio entre la calle y el palacio, debe ser objeto de reflexión a todos los niveles: desde el gobierno a los servidores locales, los más cercanos y responsables de los servicios públicos que no funcionan, y por ello los más adversados. A veces también los más tentados por la corrupción.

No es el de Brasil un movimiento político en el sentido tradicional, ni apolítico. Es post-político. No es contra la democracia sino a favor de una democracia más real y de todos. Como las demás grandes manifestaciones de masas de este siglo en Brasil, tampoco estas tienen políticos, porque son básicamente contra el divorcio entre ellos y la gente.

Si los políticos piensan que pueda tratarse de una ola de protesta que acabará pasando como muchas otras y que, cuando las aguas del río desbordado vuelvan a

su cauce, todo puede seguir igual, podría ser un error fatal. A veces la calle no perdona y el monstruo puede tener más de una cabeza.

Tampoco les será posible domesticarla ni capitalizarla. Es, sobre todo, contra ellos.

No es prudente jugar con los que exigen algo de lo que se han convencido de que tienen derecho a ello.

Las declaraciones de la Presidenta Dilma de no demonizarles, y hasta de aceptar algunas de las reivindicaciones concretas, es algo sabio, que en vez de demostrar debilidad frente a los que protestan sin nombre y sin líderes, revela haber entendido que es mejor no jugar con el fuego.

Los mayores responsables de mantener firmes los valores democráticos, como lo son los políticos –pues no hay otra alternativa posible en democracia- deben ser también los más atentos a no equivocarse en momentos delicados como el que se está viviendo.

La toma violenta, primero del Senado y después del Ministerio de Asuntos Exteriores, por parte de los manifestantes, o la destrucción de las sedes de gobiernos locales, es algo insólito en este país. Es grave. Asustó a todos.

Imposible olvidarse en estas horas de convulsión de que la democracia es un vaso de cristal en manos, a veces, de los que ignoran su propia fragilidad.

## Por que o protesto do Brasil é diferente?

Aqui protestam não pelo o que perderam, mas sim pelo que ainda não lhes foi dado ou porque acreditam que lhes deram por incompleto

JUAN ARIAS

22 JUN 2013 – 17:00 BRT



Protesto simbólico no Rio de uma ONG contra a insegurança. /M. S (EFE)

O protesto brasileiro que se estende cada dia como uma mancha de óleo por todo o país e que tem surpreendido a opinião mundial é diferente das demais, como por exemplo dos indignados de Madrid, a Primavera Árabe ou a americana dos Occupy.

Por quê? Poderia dizer que é *brasileiro*, um povo com uma idiossincrasia especial que nem sempre entra nos cânones de outros países do continente.

Em primeiro lugar, o protesto é diferente porque não tem nome. O chamamos simplesmente de “protesto” ou “manifestações”, porque não foi batizado. Não nasce, como o de outros países europeus, contra os “recortes” e o empobrecimento dos serviços sociais. Aqui protestam não pelo o que perderam, mas sim pelo que ainda não lhes foi dado ou porque acreditam que lhes deram por incompleto. Prefeririam que certos gastos públicos milionários se destinassem às necessidades mais urgentes do povo, inclusive os esportivos da Copa, cujo mural foi incendiado em São Paulo.

O mundial foi batizado como “Copa das manifestações”.

Querem que a justiça exista não somente para os sem ninguém, mas também para os que tem responsabilidade pública.

É diferente o protesto brasileiro porque chega depois de já haver conhecido outras primaveras de contestação do mundo.

Aqui, como agudamente salientou o colunista de Folha, Sérgio Malbergier, “a bandeira anticapitalista estava ausente”. Foram hostilizados os ideologizados tradicionais de esquerdas e se juntaram no protesto, empresários de gravata com pessoas da favela.

Até no modo de realizarem-se as passeatas através das cidades é diferente, por exemplo, da dos Indignados de Madrid. Ali os manifestantes se sentavam para

elaborar propostas, discutir reivindicações em que participavam as mentes pensantes da universidade. De alguma forma era estática.

Aqui, a massa de milhares de pessoas se move como em um êxodo bíblico por diferentes pontos da cidade, no tem meta fixa, estão simplesmente juntos, quase cada um com seu próprio cartaz, muitos super criativos, escritos à mão, em um simples pedaço de papel cartão: “A corrupção também é vandalismo”, dizia um cartaz durante a partida Espanha –Haiti.

As ações violentas dos pequenos grupos são duras como as que não tem nos tem acostumados a ver nas favelas, por exemplo, pelo narcotráfico ou por vândalos de turno. Uma violência condenada unanimemente pelo movimento e que contrasta ao mesmo tempo com a sensação de paz, quase de festa, que se difere da imensa maioria das pessoas que não cessa de fazer chamadas à paz e que talvez os meios de comunicação destacam um pouco demais: “Os vândalos não nos representam”, dizia outro cartaz nas mãos de uma jovem estudante.

Saem pessoas pela rua aos borbotões e permanecem, às vezes, toda a noite, somente pelo prazer de estar juntos, com a sensação de desfrutar do sol depois que se descarregou a tormenta de raios e trovões. Cantam juntos e juntos expulsam sua raiva.

A onda de pressão, que fervia sem que se notasse desde muitos anos, explodiu, e agora que está destampada e dela saíram os “monstros”, na expressão de Elio Gaspari, se sentem com libertos e desfrutam juntos de sentir o prazer de protestar.

Ninguém foi impedido antes, porque este é um país sem censuras, mas que se sentem como liberados de haver escolhido eles a liberdade de protestar.

A rejeição aos políticos que aparece mais nítida cada dia e que revela o divórcio entre a rua e o palácio deve ser objeto de reflexão a todos os níveis: desde o governo aos servidores locais, os mais próximos e responsáveis dos serviços públicos que não funcionam, e por isso os mais contrariados. Às vezes também os mais tentados pela corrupção.

Não é o do Brasil, um movimento político no sentido tradicional, nem apolítico. É pós político. Não é contra a democracia, mas sim a favor de uma democracia mais real e de todos. Como as demais grandes manifestações de massas deste século no Brasil, muito menos estas tem políticos, porque são basicamente contra o divórcio entre eles e o povo.

Se os políticos pensam que possa se tratar de uma onda de protesto que vai acabar passando como muitos outros e que, quando as águas do rio transbordado voltem ao seu curso normal tudo pode seguir bem, poderia ser um erro fatal. As vezes a rua não perdoa e o monstro pode ter mais de uma cabeça.

Menos ainda lhes seria possível domesticá-la nem capitalizá-la. É, sobretudo, contra eles.

Não é prudente jogar com os que exigem algo do que se convenceram de que tem direito a isso.

As declarações da presidente Dilma de não os demonizar, e até de aceitar algumas das reivindicações concretas é algo sábio, que em vez de demonstrar debilidade frente aos que protestam sem nome e sem líderes, revela que foi entendido que é melhor não jogar com fogo.

Os maiores responsáveis de manter firmes os valores democráticos, como o são os políticos – pois não há outra alternativa em democracia – devem ser também os mais atentos a não se enganarem em momentos delicados, com o que se está vivendo.

A tomada violenta, primeiro do Senado e depois do ministério de assuntos exteriores, por parte dos manifestantes, ou a destruição das sedes dos governos locais é algo fora do normal neste país. É grave. Assustou a todos.

Impossível se esquecer nestas horas de convulsão de que a democracia é um vaso de cristal nas mãos às vezes dos que ignoram sua própria fragilidade.

Tradução de Luana Lisboa (doravante Tradução minha), autora desta dissertação, graduada em Língua portuguesa e espanhola pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

## Anexo 2

### **Artigo 2: Las favelas de Río se unen pacíficamente a la protesta**

Miles de personas bajan desde las zonas más pobres de la ciudad hasta el barrio noble de Leblón

JUAN ARIAS

Rio de Janeiro 26 JUN 2013 - 14:53



Residentes de las favelas de Río se suman a las protestas./ CHRISTOPHE SIMON (AFP)

Un hecho nuevo surgió ayer en la convulsa y por ahora victoriosa protesta callejera de Brasil: a ella han empezado a sumarse las gentes pobres de las favelas que hasta ahora eran sólo testigos de la revuelta organizada más bien por gentes de la clase media.

Mil personas de una de las favelas más emblemáticas de Río, la de la Rocinha bajaron hasta el barrio noble de la ciudad, Leblón, acompañados por policías que no necesitaron actuar porque los *favelados* dieron un ejemplo de ciudadanía con una marcha pacífica. A los mil de la Rocinha se le unieron por el camino otros 1.500 de otra favela y juntos se dirigieron a la residencia del gobernador de Río, Sérgio Cabral que desde el viernes pasado no duerme en su casa donde un grupo de manifestantes ha colocado sus tiendas de campaña.

Las tiendas de lujo de Leblón y los despachos de empresarios habían cerrado sus puertas ante el anuncio de que la favela “estaba bajando”. Y todos fueron cogidos de sorpresa, porque aquellas gentes acostumbradas a estar aprisionadas entre la violencia de los narcos y la de la policía libraron la marcha más pacífica hasta ahora de las protestas callejeras.

Con sus pancartas pidiendo paz, hicieron sus reivindicaciones y se volvieron ordenadamente a sus casas sin haber roto un plato. Tocó a la joven estudiante de 21 años, Erica dos Santos, presentar sus reivindicaciones que se unieron al mar de peticiones de la protesta nacional. Al contrario de lo que se decía acerca de que el Estado se había volcado en obras sociales en la favela de la Rocinha hoy destino hasta del turismo internacional, sus habitantes desmintieron la versión idílica del Gobierno.

“Cuando Dilma estuvo en la favela nos prometió mejoras en las infraestructuras de sanidad pública, y no se han realizado; la guardería no funciona, y en el puesto de

salud pública la atención a los enfermos es pésima”, rezó la joven en nombre de la favela.

Reivindicaciones concretas, puntuales, sin un hilo de imposibles utopías que hacían eco a las protestas generales. El despertar de la favela a la protesta nacional es un hecho nuevo que puede ahora asustar a la clase política y desmiente el hecho de que los pobres, agradecidos por lo que han recibido estos años de los gobiernos progresistas de Lula y Dilma, no se sumarían a las quejas de la clase media.

Han empezando a hacerlo. Y con la sorpresa de su actitud dialogante y pacífica, aunque se trata de gente dura, acostumbrada a que las balas les silben por encima de sus cabezas, que de no ser escuchada podrían mostrar con mayor fuerza que la clase media su rabia acumulada en una larga historia de abandono. Por ahora, su primera actuación ha sido un ejemplo para todos. Una lección de protesta pacífica llegó de donde menos se esperaba. Una de las mil paradojas de este despertar de Brasil.

## As favelas do Rio se unem pacificamente ao protesto

Milhares de pessoas foram desde as zonas mais pobres da cidade até o bairro nobre do Leblón

JUAN ARIAS

Rio de Janeiro 26 JUN 2013 - 14:53



Moradores das favelas do Rio se unem aos protestos./ CHRISTOPHE SIMON (AFP)

Um acontecimento novo surgiu no convulsivo e por agora vitorioso protesto de rua do Brasil: a ele começou-se a somar pessoas pobres das favelas que até agora eram somente testemunhas da revolta mais bem organizada por pessoas da classe média.

Mil pessoas de uma das favelas mais emblemáticas do Rio, a da Rocinha, foram até o bairro nobre da cidade, Leblon, acompanhados por policiais que não precisaram atuar porque os *favelados* deram um exemplo de cidadania, com uma marcha pacífica. Outras 1.500 pessoas de outra favela se uniram aos da Rocinha e juntos se direcionaram à residência do governador do Rio, Sérgio Cabral, que desde sexta passada não dorme em sua casa onde um grupo de manifestantes colocou suas tendas de campanha.

As tendas de luxo do Leblon e os empresários haviam fechado suas portas ante ao anúncio de que a favela “estava descendo”. E todos foram pegos de surpresa, porque aquelas pessoas acostumadas a estarem aprisionadas entre a violência do narcotráfico e a da polícia liberaram a marcha mais pacífica até agora dos protestos de rua.

Com seus cartazes pedindo paz, fizeram reivindicações e voltaram ordenadamente a suas casas, sem terem quebrado um prato. A jovem estudante de 21 anos Erica dos Santos apresentou suas reivindicações, as quais se uniram ao mar de petições do protesto nacional. Ao contrário do que se dizia acerca de que o estado havia se voltado para obras sociais na favela da Rocinha, hoje destino do turismo internacional, seus habitantes desmentiram a versão utópica do Governo.

“Quando Dilma esteve na favela, nos prometeu melhoras nas infraestruturas de saúde pública, e não realizaram; a creche não funciona, e no posto de saúde pública a atenção aos doentes é péssima”, orou a jovem em nome da favela.



Reivindicações concretas, pontuais, sem um fio de impossibilidades, utopias que faziam eco nos protestos gerais. O despertar da favela ao protesto nacional é um acontecimento que pode agora assustar a classe política e desmente o fato de que os pobres, agradecidos pelo o que receberam estes anos dos governos progressistas de Lula e Dilma não se somaram às queixas da classe média.

Começaram a fazê-lo. E com a surpresa de sua atitude dialógica e pacífica, ainda que se trate de gente dura, acostumada com as balas que assoviam por cima das suas cabeças e por não ser escutada poderia mostrar com maior força à classe média, sua raiva acumulada em uma longa história de abandono. Por agora, sua primeira atuação foi um exemplo para todos. Uma lição de protesto pacífico chegou de onde menos se esperava. Um dos mil paradoxos desse despertar do Brasil.

Tradução minha.

### ANEXO 3

#### **Artigo 3: El nuevo Brasil nacido tras las protestas**

Los brasileños han renunciado a ser tratados como adolescentes y ansían hacerse cargo de su destino, lo que abre una tercera vía electoral

JUAN ARIAS

Rio de Janeiro 14 OCT 2013 - 01:01



Un grupo de personas se manifiesta en septiembre en Sao Paulo (Brasil) / EFE

Hace cuatro meses, antes de la protesta popular que de forma inesperada surgió en todo el país, Brasil era uno. El de hoy es un Brasil diferente. El de antes de las manifestaciones, cuya gota que colmó el vaso fue la subida de 20 céntimos en los transportes públicos, era el país que rezaba en eslóganes acuñados por gente anónima: “Éramos infelices felices y no lo sabíamos”.

Era el Brasil satisfecho consigo mismo; el Brasil envidiado mundialmente por sus conquistas económicas y sociales, el que el carismático Lula da Silva definía con aquella famosa frase de “nunca antes en este país”. Y era verdad en parte, porque los brasileños comenzaron a vivir mejor, con mayor renta, sin angustias de desempleo; respetado internacionalmente; democrático y con total libertad de expresión.

En un Brasil así, que había pasado de sufrir el complejo de *perro callejero* a ser la sexta potencia económica del planeta, no tenía lugar el movimiento de los incendiados que ya incendiaba otros lugares del mundo.

Era un Brasil en permanente luna de miel.

¿Y hoy? Brasil es diferente. Hoy existe una toma de conciencia generalizada de que la inflación está alta, el país crece poco, las familias están endeudadas y el gasto público sigue disparado. Los brasileños, tanto los de la clase media clásica que viaja más que nunca al exterior, como la nueva clase emergente salida de la pobreza, han perdido ahora el miedo reverente a protestar. Y eso es nuevo.

Las manifestaciones masivas de hace cuatro meses no se han repetido de aquella forma, gracias también a los grupos de violentos que se introdujeron ellas, pero el fuego ha seguido encendido y cientos de manifestaciones menores han tenido lugar en todo el país, esta vez más sectoriales, menos etéreas y más concretas. Como la

última de días atrás de los profesores de Río de Janeiro que, después de muchos años de silencio, llevan un mes de ruidosas protestas. Con ellos se han solidarizado más de 50.000 personas que han paralizado la ciudad.

Desde hace cuatro meses los políticos locales no tienen paz. La gente invade las asambleas regionales y exige participar en las decisiones de los mismos. Y eso también es nuevo.

Los políticos brasileños entendieron enseguida que el movimiento de protesta iba en serio y tanto el gobierno como el Congreso asumieron las reivindicaciones y ofrecieron hasta más de lo que la gente pedía. Cundió el miedo político a pesar de que los manifestantes nunca pidieron ni un cambio de régimen ni un “fuera Dilma”. Querían, sencillamente, mejorar su calidad de vida.

¿Cuál es hoy el peligro en vísperas de un año del Mundial de fútbol y de elecciones presidenciales y congresuales? Que la gente pueda sentir que las promesas se quedaron en eso, promesas, y que los transportes públicos, la sanidad y la seguridad ciudadana, una de las preocupaciones más acuciantes de los ciudadanos de a pie, continúen como hasta ahora. Es decir, sin corresponder a la potencia económica del país y a la modernidad que exige la nueva ciudadanía brasileña. Y con los corruptos en libertad.

La gran prueba serán en efecto las elecciones. Por primera vez, y como fruto de las protestas que fueron dirigidas de un modo claro contra la corrupción política y contra el despilfarro del gasto público, no se van a enfrentar el gobierno de turno y la oposición. Ha surgido una tercera vía, formada por la unión tan inesperada como lo fueron las manifestaciones de junio, del movimiento ambientalista de Marina Silva y del Partido Socialista de Brasil de Eduardo Campos, dos formaciones progresistas, con líderes llegados de la izquierda.

Una formación que nace bajo el lema de hacer política de una “forma nueva”, más pegada a las exigencias nacidas de la base, expresada en las redes sociales. Propone un “recambio” político después de 14 años de gobierno del Partido de los Trabajadores (PT), pero que el poder ha desgastado.

Admiten Marina y Campos que “Brasil no va mal”, pero que “puede ir mejor”. Y prometen acabar con la “Vieja República”, desgastada por la corrupción y centrada en una política centrífuga, preocupada por los intereses inmediatos y personales de los políticos en el poder, para dar paso a una “Nueva República”, en la que la primacía la tengan las exigencias del Estado a largo plazo y las peticiones de la gente hasta ayer muda y anónima y hoy con ganas de participar en la gestión del poder.

¿Con quién irá a las urnas el mundo de la protesta? Esa es la gran incógnita. Todo va a depender de la estrategia que el gobierno de la presidenta Dilma Rousseff tome en estos meses para demostrar, no con promesas, sino con hechos, que como un día dijo Felipe González en España, “ha entendido el recado”.

Tanto Rousseff como Lula están en ello. Tendrán que demostrar en estos meses que ellos son capaces, mejor que nadie, de dar vida a esa “Nueva República” que la

nueva oposición reclama al fin y al cabo la música de fondo de la protesta callejera. Lula ya recordado que el PT “nació en la calle” y que no debe tener miedo de “volver a ella”.

De cualquier modo, las manifestaciones están abiertas como cuando se “abre la veda de la caza”, decía un sociólogo, porque los brasileños han perdido el miedo a protestar. Están llamadas a diseñar un Brasil mejor, capaz de aprovechar todas las posibilidades que le ofrece la naturaleza, la coyuntura y hasta el destino.

Un Brasil que, en vez de empezar a perder lo mucho que ya ha conseguido, pueda conquistar una mayor calidad de vida, por lo menos igual o parecida a la que tenían. Es la calidad de vida que ya están perdiendo algunos países europeos, empezando por España.

Mucho va a depender de la sensibilidad y de la conversión de la vieja política. En vez de colocarse a la defensiva, los gobernantes deben prepararse para los tiempos nuevos que exigen los brasileños, que ya no renuncian a ser tratados como adolescentes, sino que quieren ser tratados como hijos adultos deseosos de participar con mayor intensidad en labrarse su futuro y el de sus hijos.

## O novo Brasil nascido dos protestos

Brasileiros já não querem ser tratados como adolescentes e desejam guiar o próprio destino, o que abre uma terceira via eleitoral

JUAN ARIAS

Rio de Janeiro 14 OCT 2013 - 01:01



/EFE

Há quatro meses, antes das manifestações populares surgidas inesperadamente por todo o país, o Brasil era um. O de hoje é um Brasil diferente. O de antes das manifestações – cuja gota d’água foi o aumento de 20 centavos nos transportes públicos – era o país que seguia lemas cunhados por anônimos: “Éramos infelizes felizes e não sabíamos”.

Era o Brasil satisfeito consigo mesmo, o Brasil invejado em todo o mundo pelas suas conquistas econômicas e sociais, que o carismático Lula da Silva definia com o famoso bordão “nunca antes neste país”. E em parte era verdade, porque os brasileiros começaram a viver melhor, com renda mais elevada, sem a angústia do desemprego; respeitado internacionalmente, democrático e com total liberdade de expressão.

Num Brasil assim, que tinha deixado de sofrer com o “complexo de vira-lata” e que chegou a ser a sexta potência econômica do planeta, não havia lugar para o movimento dos indignados que incendiava outras partes do mundo.

Era um Brasil em lua-de-mel permanente.

E agora? O Brasil está diferente. Hoje há a consciência generalizada de que a inflação está alta, o país cresce pouco, as famílias estão endividadas e os gastos públicos continuam disparando. Os brasileiros, tanto os da classe média clássica que viaja mais do que nunca para o exterior quanto a nova classe emergente que saiu da pobreza, perdeu o medo de protestar. E isso é novo.

As manifestações de massa de quatro meses atrás não têm se repetido do mesmo modo, graças em parte aos grupos violentos que se infiltraram nelas, mas o fogo continua aceso e centenas de manifestações menores ocorreram em todo o país, desta vez mais setoriais, menos etéreas e mais concretas. Como a última, dos

professores do Rio de Janeiro, que depois de muitos anos de silêncio há um mês protestam ruidosamente. Mais de 50 mil pessoas se solidarizaram com eles e paralisaram a cidade.

Há quatro meses os políticos locais não têm paz. As pessoas invadem as assembleias regionais e exigem participação nas decisões. E isso também é novo.

Os políticos brasileiros já compreenderam que o movimento de protesto é sério e tanto o governo quanto o Congresso assumiram as reivindicações e ofereceram inclusive mais do que as pessoas exigiam. O medo político se instalou embora os manifestantes nunca tenham pedido a mudança do governo nem um “fora Dilma”. Querem, simplesmente, melhorar a sua qualidade de vida.

Às vésperas do ano da Copa do Mundo e das eleições para presidente e o Congresso, qual é o perigo? Que as pessoas sintam que as promessas ficaram nisso, em promessas, e que o transporte público, a saúde e a segurança, uma das preocupações mais prementes dos cidadãos comuns, continuem como estão. Isto é, sem corresponder à potência econômica do país e à modernidade que a nova cidadania brasileira exige. E com os corruptos em liberdade.

A grande prova será, de fato, as eleições. Pela primeira vez, e como resultado das manifestações que, em geral, eram claramente contra a corrupção política e o desperdício de dinheiro público, o governo da vez não vai enfrentar a oposição. Surgiu uma terceira via, formada por união tão inesperada quanto os protestos de junho, do movimento ambientalista de Marina Silva com do Partido Socialista do Brasil de Eduardo Campos, duas formações progressistas com líderes próximos da esquerda.

Uma formação que nasce com o lema de fazer política de uma “forma nova”, mais de acordo com as exigências surgidas da base e expressa nas redes sociais. Ela propõe uma “substituição” política após 14 anos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT) que deu muito, mas foi desgastado pelo poder.

Marina e Campos admitem que o “Brasil não está mal”, mas “pode melhorar”. Prometem acabar com a “Velha República”, desgastada pela corrupção e centrada numa política centrífuga e nos interesses imediatos e pessoais dos políticos no poder, e dar lugar à “Nova República” em que as prioridades serão as exigências do Estado no longo prazo e as demandas daqueles que, até ontem mudos e anônimos, agora querem participar da gestão do poder.

O mundo dos protestos votará em quem? Esta é a grande incógnita. Tudo vai depender da estratégia do governo da presidente Dilma Rousseff nos próximos meses para demonstrar não com promessas, mas com fatos, que “entendeu o recado”, como Felipe González disse certa vez na Espanha.

Rousseff e Lula estão dedicados a isto. Terão de demonstrar nos próximos meses que são capazes, mais do que ninguém, de dar vida à “Nova República” exigida pela nova oposição e que, afinal, é a música de fundo dos protestos nas ruas. Lula já recordou que o PT “nasceu nas ruas” e não deve ter medo de “voltar para lá”.

De qualquer modo, as manifestações estão abertas como quando se “suspende o defeso”, como dizia um sociólogo, porque os brasileiros perderam o medo de protestar. As manifestações deverão criar um Brasil melhor, capaz de aproveitar todas as oportunidades oferecidas pela natureza, a conjuntura e até mesmo o destino.

Um Brasil que, em vez de começar a perder muito do que já conseguiu, possa conquistar uma qualidade de vida melhor, ou ao menos igual ou parecida com a que tinha. A qualidade de vida que alguns países europeus estão perdendo, a começar pela Espanha.

Vai depender muito da sensibilidade e da conversão da velha política. Em vez de se colocar na defensiva, os governantes devem se preparar para os novos tempos que os brasileiros exigem, sem serem tratados como adolescentes, mas como filhos adultos com vontade de participar mais intensamente e forjar o seu futuro e o dos seus filhos.

Tradução de Cristina Cavalcanti.

## ANEXO 4

### Artigo 4: Que empiece el espectáculo (o no)

En todos los sitios hay huelgas y manifestaciones, no sólo aquí, fíjense en Francia, o en España, donde no hay taxis, son cosas puntuales, normales, y la Copa del Mundo está a punto de empezar, falta un día, y miren...

ANTONIO JIMÉNEZ BARCA  
São Paulo 11 JUN 2014 - 14:09 BRT



Un vendedor de banderas camina entre los coches durante el atasco de São Paulo. /AFP

Parece mentira, pero en el país del fútbol alegre y de las hinchadas eufóricas, donde la historia de la selección de Brasil se confunde con la historia misma de este deporte, el tipo de la radio trata de convencer a los oyentes de que se enchufen de una vez al campeonato, como un padre trata de convencer a su hijo, ya adolescente algo respondón, de que se divierta en la fiesta de cumpleaños que le han organizado. Antes te gustaba, hijo. Antes.

**Una encuesta de O Globo dice que la mayoría de los brasileños están convencidos de que el Mundial traerá más perjuicios que beneficios al país.**

También la presidenta del país, Dilma Rousseff, del Partido de los Trabajadores, trata de animar a sus ciudadanos un día sí y otro también con mensajes televisados. Llama a los protestones pesimistas y les recuerda que los campos están preparados, y los aeropuertos, y las carreteras, y concluye que todo está listo para que la celebración comience. Es cierto a medias: el estadio de Itaquerão, por ejemplo, al norte de la interminable São Paulo, aún presentaba, dos días antes de acoger el partido de la inauguración andamios disimulados, pasarelas provisionales o accesos inacabados. Pero incluso esto no es lo más importante: también se hacen fiestas con el escenario sin acabar, con la orquesta a medias porque éste o aquel no pudo venir o con el local sin adornar porque alguien se olvidó de traer aquello. Lo que importa es que la gente esté animada. Convencida. ¿Lo está? Pues no, o no del todo: una encuesta publicada ayer en el periódico O Globo dejaba claro que la mayoría de los brasileños están convencidos de que el Mundial traerá más perjuicios que beneficios al país.



¿Cómo se hace una fiesta así?

En la inimaginable cola de cerca de 200 personas para subirse a un autobús ya de por sí abarrotado, el lunes pasado, día de una brutal huelga de metro en São Paulo, la gente aseguraba que no está en contra de la Copa del Mundo, que les gusta el Mundial, también el fútbol, claro, que les encanta que vengan extranjeros a su país y que están convencidos de que Brasil sabrá acogerlos (lo que es verdad, dado el recibimiento que están teniendo las selecciones de los otros países). Pero se manifestaron en contra de que no se invierta más en mejores servicios públicos, en mejores autobuses por ejemplo, en maneras de paliar los enormes atascos que los agotan.

Hoy empieza a rodar la bola, empieza a tocar la banda, comienza la fiesta organizada como años atrás, como cada cuatro años. El adolescente respondió va a acudir con las manos en los bolsillos, enfurruñado, desafiante y crecido.

Antes te gustaba, hijo.

Antes.

### Que comece o espetáculo (ou não)

Em todos os lugares há greves e manifestações, não só aqui, vejam na França ou na Espanha, onde não há táxis, são coisas pontuais, normais, e a Copa do Mundo está a ponto de começar, falta um dia, e olhem...

ANTONIO JIMÉNEZ BARCA  
São Paulo 11 JUN 2014 - 20:33 BRT



Um vendedor de bandeiras caminha entre os carros durante um engarrafamento em São Paulo. /AFP

O sujeito da emissora de rádio de São Paulo vai dizendo que, sim, as coisas andam mal, que tudo poderia ser melhor, claro, mas que falta só um dia para que tudo comece e que, olhem, em todos os lugares há greves e manifestações, não só aqui, vejam na França, por exemplo, onde os ferroviários também estão em greve, ou na Espanha, onde não há táxis, são coisas pontuais, normais, e a Copa do Mundo está a ponto de começar, falta um dia e, olhem...

Parece mentira, mas no país do futebol alegre e das torcidas eufóricas, onde a história da seleção do Brasil se confunde com a história do próprio esporte, o sujeito na rádio tenta convencer os ouvintes de que devem se envolver de uma vez com o campeonato mundial, como um pai tenta convencer um filho, já adolescente e um pouco respondão, de que tem de se divertir na festa de aniversário que fizeram pra ele. Antes você gostava, filho. Antes.

**Uma pesquisa do jornal O Globo diz que a maioria dos brasileiros estão convencidos de que o Mundial trará mais prejuízos do que benefícios ao país**

E também a presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, tenta animar seus cidadãos um dia sim e outro também com mensagens televisionadas. Chama os manifestantes de pessimistas e lhes recorda que os campos estão preparados, e os aeroportos, e as estradas, e conclui que tudo está pronto para que o evento comece. É uma meia verdade; o estádio Itaquerao, por exemplo, na zona leste da interminável São Paulo, ainda apresentava dois dias antes de receber a partida da abertura andaimes disfarçados, passarelas provisórias e acessos inacabados. Mas nem isso não é o mais importante: também se fazem festas com o cenário sem acabar, com a orquestra pela metade porque este ou aquele não pôde vir ou com o local sem enfeites porque alguém se esqueceu de trazê-los. O que importa é que as

peças estejam animadas. Convencidas. E estão? Pois não estão, ou não de tudo: uma pesquisa publicada ontem pelo jornal *O Globo* deixava claro que a maioria dos brasileiros está convencida de que a Copa trará mais prejuízos do que benefícios ao país.

Como se faz uma festa assim?

Na inimaginável fila de cerca de 200 pessoas para subirem em um ônibus já abarrotado, na segunda-feira passada, dia de uma brutal greve do metrô em São Paulo, as pessoas garantiam que não estavam contra a Copa do Mundo, que gostam do Mundial, também do futebol, claro, que adoram que os estrangeiros venham a seu país e que estão convencidas de que o Brasil saberá recebê-los (o que é verdade, considerando a recepção que estão tendo as seleções dos outros países). Mas se manifestaram contra o fato de não se investir mais em melhores serviços públicos, em melhores ônibus, por exemplo, em maneiras de minimizar os enormes congestionamentos que as deixam esgotadas.

Hoje a bola começa a rolar, a banda começa a tocar, começa a festa organizada como anos atrás, como a cada quatro anos. O adolescente respondão vai comparecer com as mãos nos bolsos, emburrado, desafiador e crescido.

Antes você gostava, filho.

Antes.

Tradução *El País* Brasil.

## Anexo 5

### **Artículo 5: La Copa nos ayuda a descubrir que Brasil ya es un país normal**

Nos sorprende hoy la normalidad de Brasil, un país que creíamos y parecía diferente

JUAN ARIAS

13 JUN 2014 - 18:39 BRT

Si una virtud está teniendo el segundo Mundial de Fútbol celebrado en Brasil es que empieza a revelarse un país normal y no “diferente”. Hasta junio pasado, cuando dos millones de brasileños salieron a la calle en varias ciudades para exigir transportes, hospitales y escuelas “padrón Fifa” y para protestar contra el despilfarro en la organización de la Copa, Brasil, como se dijo un tiempo de España, era visto como “diferente”.

El llamado país del balón era también el de la samba, las *garotas* de Ipanema, la alegría y la pereza tropical. Y el atraso. Un país como el que a veces presenta la publicidad de rutas turística mundiales.

Un Brasil políticamente anestesiado porque surgió de repente como sexta potencia económica del mundo, con un líder mesiánico que lo conducía de la esclavitud de una pobreza atávica a la tierra prometida de la clase media.

Y mientras las calles y plazas de medio mundo se llenaban de “indignados” con sus protestas contra una política considerada arcaica y fosilizada en el mundo de la comunicación global, el nuevo Moisés brasileño era envidiado y objeto de deseo de otros países que lo hubiesen querido también como líder.

Brasil parecía ajeno a las agitaciones callejeras que sacudían medio mundo en busca de nuevas formas de participación ciudadana y que exigían mayor calidad de vida para todos y más decencia en los palacios del poder político y económico. No existían indignados en Brasil.

El país seguía siendo misteriosamente diferente, feliz y hasta orgulloso con lo poco que tenía, una diferencia que fuera de sus fronteras tantos envidiaban y añoraban, incluso en el primer mundo rico.

De repente, por esos milagros que a veces crea el cúmulo silencioso de exigencias reprimidas, Brasil, acunado con el eterno mantra de país “del futuro”, despertó y empezó a exigir el presente.

A partir de ese momento, Brasil empieza a sorprender al mundo, esta vez por la paradoja de su repentino inconformismo. Sorprende hoy la “normalidad” de un país que parecía y lo creíamos diferente. Ya no lo es y empieza a actuar como los demás.

Por eso, vive la pasión del Mundial, pero ya no es sólo fútbol y lo vive de otra forma que en el pasado, con mayor normalidad, lo que no significa sin pasión, que existe y mucha, pero como en tantos otros países normales.

Esta Copa está acabando de demostrar todo esto. Mientras los que dirigen el país se deshacen en peticiones para que los brasileños de a pie ofrezcan una buena imagen al mundo, la que ofrecían antes de su enfado, los brasileños se empeñaban en quebrar el encanto, en romper el propio espejo mágico para presentarse como son o como quieren ser en adelante y no como decían que eran.

Brasil quiere mostrarse al mundo, consciente o inconscientemente, como un país más del mapa, normal, con sus luces y sin ocultar sus sombras; con sus virtudes, que son muchas, y su idiosincrasia de país acogedor con los extranjeros, multiracial y pluralista religiosamente- como está demostrando la recepción a los equipos de fuera- y al mismo tiempo inconformista con la degeneración de la vieja política y sus corrupciones y despilfarros, incómodo con las aún muchas discriminaciones sociales y dispuesto, con sus luchas, a exigir lo que creen que les pertenece por derecho.

Negarse a entender esta metamorfosis, emperrarse en seguir bautizando a este nuevo Brasil como “desagradecido” y con tentaciones de volver al pasado, podría ser un grave error porque, al revés, este país está escogiendo el camino de la modernidad, de la normalidad, de lo que hoy germina en el resto del mundo.

Ha preferido salir, aunque desnudo, del paraíso en el que lo habían colocado, y compartir la suerte de los otros países huérfanos de política, errantes por el desierto de la incertidumbre.

Y en esa orfandad y desgarró de no saber a veces hacia donde se camina, puede ocurrir de todo: críticas al poder que hasta ayer idolatraba; luchas duras que rayan a veces en acciones violentas, en algunos casos contraproducentes y en otros como defensa contra una excesiva violencia institucional. O huelgas reivindicativas, o confesiones en pancartas y palabras de orden que también ellos, la calle anónima, quieren tener voz, ya que no les basta, como en el pasado, colocar un voto en las urnas cada cuatro años.

No les basta que sea el poder el que explique al mundo cómo es Brasil. Lo quieren contar también ellos.

¿Condenaremos a los brasileños, injertados ya social y económicamente entre los países que cuentan en el planeta, por querer ser un país normal, por mucho que ello pueda doler a los que lo preferían diferente, quizás porque así les resultaba más cómodo, más fácil de manejar y menos peligroso?

## **A Copa nos ajuda a descobrir que o Brasil já é um país normal**

Nos surpreende a normalidade do Brasil hoje, um país que acreditávamos e parecia ser diferente e que começa a agir como os outros do planeta

JUAN ARIAS

13 JUN 2014 - 16:45 BRT

Se a segunda Copa do Mundo realizada no Brasil está tendo uma virtude é que ela começa a revelar um país normal e não "diferente". Até junho passado, quando dois milhões de brasileiros saíram às ruas em várias cidades para exigir transportes, hospitais e escolas "padrão FIFA" e para protestar contra o esbanjamento na organização da Copa, o Brasil, como se dizia durante uma época na Espanha, era considerado "diferente".

O chamado país da bola era também o do samba, das garotas de Ipanema, da alegria e da preguiça tropical. E do atraso. Um país como o que as propagandas de roteiros turísticos mundiais apresentam às vezes.

Um Brasil politicamente anestesiado, porque apareceu de repente como sexta maior potência econômica do mundo, com um líder messiânico que o conduzia da escravidão de uma pobreza atávica à terra prometida da classe média.

E, enquanto as ruas e praças de meio mundo se enchiam de "indignados" com seus protestos contra uma política considerada arcaica e fossilizada no mundo da comunicação global, o novo Moisés brasileiro era invejado e objeto de desejo de outros países que também gostariam de tê-lo como líder.

**Não lhe basta que seja o poder quem explique ao mundo como é o Brasil. Ela [a rua anônima] também quer contar**

O Brasil parecia alheio às agitações das ruas que sacudiram meio mundo em busca de novas formas de participação cidadã e que exigiam maior qualidade de vida para todos e mais decência nos locais de poder político e econômico. Não existiam indignados no Brasil.

O país continuava sendo misteriosamente diferente, feliz e até orgulhoso com o pouco que tinha, diferenças das quais, fora de suas fronteiras, tantos tinham inveja e saudades, incluindo no rico primeiro mundo.

De repente, por estes milagres que o acaso às vezes cria ou pelo acúmulo de exigências reprimidas, o Brasil, embalado pelo eterno mantra de país "do futuro", despertou e começou a exigir o presente.

A partir deste momento, o Brasil começa a surpreender o mundo, desta vez pelo paradoxo de seu repentino inconformismo. Surpreende hoje a "normalidade" de um país que parecia e que acreditávamos diferente. Já não é mais, e começa a agir como os demais.

**“O Brasil parecia alheio às agitações das ruas que sacudiram meio mundo em busca de novas formas de participação cidadã [...] Não existiam indignados no Brasil”**

Por isso vive a paixão da Copa, mas já não é somente futebol, e vive de forma diferente do que no passado, com mais normalidade, o que não significa que sem paixão – pois ela existe, e muita, mas como em tantos outros países normais.

Esta Copa acaba por demonstrar tudo isso. Enquanto os que dirigem o país se desfazem em pedidos para que os brasileiros das passeatas mostrem uma boa imagem para o mundo, a mesma que mostravam antes da sua revolta, os brasileiros se empenharam em quebrar o encanto, em quebrar o próprio espelho mágico para se apresentarem como são e como pretenderão ser, e não como diziam que eram.

O Brasil quer se mostrar ao mundo, consciente ou inconscientemente, como um país mais global, normal, com suas luzes e sem ocultar suas sombras; com suas virtudes, que são muitas, e sua idiossincrasia de país acolhedor para os estrangeiros, multirracial e plural religiosamente – como está demonstrando a recepção às equipes de fora – e ao mesmo tempo inconformado com a degeneração da velha política e suas corrupções e esbanjamentos, incômodo com as ainda muitas discriminações sociais e disposto, com suas lutas, a exigir o que acreditam lhes pertencer de direito.

Negar-se a compreender essa metamorfose, insistindo em chamar este novo Brasil de "ingrato" e com tentações de voltar ao passado, poderá ser um grave erro porque, ao contrário, este país está escolhendo o caminho da modernidade, da normalidade, do que hoje floresce no resto do mundo.

**“Os brasileiros se empenharem em quebrar o encanto, em quebrar o próprio espelho mágico para se apresentarem como são e como pretenderão ser, e não como diziam que eram”**

Preferiu sair, ainda que nu, do paraíso no qual o haviam colocado e compartilhar a sorte de outros países órfãos de política, errantes pelo deserto da incerteza.

E nesta orfandade e dor de não saber às vezes para onde caminha, pode ocorrer de tudo: críticas ao poder até ontem idolatrado; lutas duras que acabam às vezes em atos de violência – em alguns casos contraproducentes, e, em outros, como defesa contra uma excessiva violência institucional. Ou greves reivindicativas, ou pedidos em faixas e palavras de ordem, pois também ela, a rua anônima, quer ter voz, já que não lhe basta, como no passado, depositar um voto na urna de quatro em quatro anos.

Não lhe basta que seja o poder quem explique ao mundo como é o Brasil. Ele também quer contar.

Vamos condenar os brasileiros, inseridos já social e economicamente entre os países que contam no planeta, por quererem ser um país normal, por mais que isso possa doer aos que preferiam que fosse diferente, talvez por ser mais cômodo, mais fácil de manipular e menos perigoso?

Tradução *El País* Brasil.



## ANEXO 6

### **Artigo 6: ¿Qué Brasil resurgirá de los escombros de la Copa?**

El Mundial era la ocasión para revitalizar las infraestructuras de movilidad urbana que no corresponden, con sus deficiencias crónicas de tercer mundo, al Brasil de la modernidad

JUAN ARIAS

14 JUL 2014 - 12:20 BRT

¿Cómo será el Brasil que renacerá de las ruinas de la Copa?

Por muchos esfuerzos que se quieran hacer, la imagen de Brasil ha quedado hecha escombros después de la Copa que debería haber servido para consagrar definitivamente la fuerza del mayor país del continente latinoamericano con un triunfo final en el recinto sagrado del Maracaná.

Si es cierto, y lo es, que fueron los brasileños de a pie los que de verdad ganaron el hexa por su ejemplar comportamiento de país civilizado y acogedor, deberían ser también ellos y no los perdedores los que limpien los escombros y empiecen a reconstruir una nueva imagen del fútbol y de Brasil.

Brasil no perdió una guerra, pero perdió la oportunidad de demostrar dentro y fuera del país que la imagen creada del "gigante americano" era verdadera.

¿Pero el fútbol y la Copa no son sólo un juego? No, y menos en Brasil donde el balón se ha identificado con su idiosincrasia, con su cultura. El fútbol es parte consustancial de la metáfora brasileña.

En Brasil, esta Copa, jugada en casa después de 64 años, llegó revestida de política. Lula la conquistó como premio, se dijo, al resurgir del nuevo Brasil económico ya sin pobres y con ganas de contar en la geopolítica mundial.

Ganar la Copa hubiese sido refrendar la imagen boyante de Brasil.

La Copa debía haber sido también la ocasión para revitalizar las infraestructuras de movilidad urbana que no corresponden, con sus deficiencias crónicas de tercer mundo, al Brasil de la modernidad.

Todos saben que hoy, después de la Copa, los brasileños no van a moverse para ir al trabajo con mayor comodidad. Todo será igual porque su único legado han sido los estadios y no los nuevos metros o los nuevos trenes.

Los brasileños de a pie, que ganaron la Copa con su sentido común que les hizo aparcar las protestas para poder disfrutar de la fiesta que era de todos, ahora seguirán con sus mismas angustias para poder moverse en los avisperos embotellados de las ciudades.

Toca a hora a esos brasileños, alabados en todas las lenguas por los turistas llegados para la Copa, poner las bases para que lo que se ha revelado ser sólo un sueño se convierta ahora en realidad.

Nada en los pueblos se ha construido de grande sin el esfuerzo de la sociedad que puede ser o connivente con los poderes o resistente y rebelde para abrir nuevas esperanzas.

Brasil perdió la Copa en los palacios y la ganó en la calle. Ahora deberán ser estimulados los habitantes de esos palacios para que en las próximas elecciones, que será la disputa de otra Copa y más importante que la del fútbol, en vez de sueños y promesas huera, presenten programas concretos capaces de transformar la vida de los brasileños en una alegría y felicidad parecida a la que vivieron disfrutando en los estadios.

Ahora se trata de ganar la Copa de la vida, que esa no es cada cuatro años, es cada mañana que amanece. Es la Copa de la realidad cotidiana, la que preparará a nuestros hijos para una sociedad más igual, con jerarquías de valores, con conquistas quizás menos espectaculares pero más realistas, con más humildad y menos fantasías de grandezas.

Al final, lo que desean los brasileños es vivir sin agobios económicos y sin deudas, trabajar para vivir y no vivir para trabajar y saber disfrutar no sólo de las construcciones faraónicas sino de las pequeñas felicidades de cada día.

Los brasileños perdieron la Copa, que era un sueño de grandeza. Ahora deben conquistar- y si quieren saben hacerlo- un Brasil más moderno, donde el vivir cotidiano no se convierta para la gran mayoría en pesadilla y martirio.

Ese será el nuevo Brasil que ya había empezado a ser distinto y más consciente después de las manifestaciones de protesta de hace un año, y que sale de nuevo transformado por el dolor y el luto, no tanto de haber perdido la Copa sino por la amarga sensación de haber sido engañado.

Hubo Copa, pero no hubo equipo. Hubo Copa, pero no obras que aliviaran la vida de los ciudadanos. Hubo alegría y pasión siguiendo los juegos porque el fútbol corre por las venas de los brasileños, pero les dejó con la boca amarga a dos pasos de volver a precipitar por la pendiente del complejo de perro callejero que parecía haber sido sepultado para siempre.

No hubo hexa, pero de las cenizas de la derrota podrá ahora surgir un país más maduro, quizás más crítico, más resistente en el futuro contra quienes pretendan de nuevo engañarle.

Las derrotas pueden hundirnos o hacernos resurgir con mayor fuerza. Brasil tiene hoy una baza a su favor: ha perdido el miedo a cambiar y ha aprendido a decir no. Y como decía el Nobel de Literatura portugués, José Saramago, "el no puede ser a veces más eficaz y más constructivo que el sí".

## **Que Brasil ressurgirá dos escombros da Copa?**

O Mundial era a ocasião para revitalizar as infraestruturas de mobilidade urbana que não correspondem, com suas deficiências crônicas de terceiro mundo, ao Brasil da modernidade

JUAN ARIAS

14 JUL 2014 – 12:30 BRT

Como será o Brasil que renascerá das ruínas da Copa?

Por muitos esforços que se queiram fazer, a imagem do Brasil ficou em escombros depois da Copa, que deveria ter servido para consagrar definitivamente a força do maior país do continente latinoamericano com um triunfo final no recinto sagrado do Maracanã.

Sim, é certo que foram os brasileiros comuns os que de verdade ganharam o Hexa pelo seu exemplar comportamento de país civilizado e acolhedor, deveriam ser eles também, e não os perdedores, os que limpem os escombros e comecem a reconstruir uma nova imagem do futebol e do Brasil.

O Brasil não perdeu uma guerra, mas perdeu a oportunidade de demonstrar dentro e fora do país que a imagem criada do “gigante americano” era verdadeira.

Mas o futebol e a Copa não são apenas um jogo? Não, e menos ainda no Brasil, onde a bola se identificou com sua idiossincrasia, com sua cultura. O futebol é parte fundamental da metáfora brasileira.

No Brasil, esta Copa, jogada em casa depois de 64 anos, chegou revestida de política. Lula a conquistou como prêmio, disseram, ao ressurgir do novo Brasil econômico já sem pobres e com vontade de contar na geopolítica mundial.

Ganhar a Copa teria sido a confirmação da imagem próspera do Brasil.

A Copa deveria ter sido também a ocasião para revitalizar as infraestruturas de mobilidade urbana que não correspondem com suas deficiências crônicas de terceiro mundo, ao Brasil da modernidade. Todos sabem que hoje, depois da Copa, os brasileiros não vão locomover-se para o trabalho com mais comodidade. Tudo será igual porque seu único legado foram os estádios e os novos metrô ou os novos trens.

A gente comum brasileira, que ganhou a Copa com seu senso comum que a fez postergar os protestos para desfrutar da festa que era de todos, agora segue com suas mesmas angústias para poder movimentar-se nos ninhos de vespas dos engarrafamentos das cidades.

Resta aos brasileiros, louvados em todas as línguas pelos turistas que chegaram para a Copa, colocar as bases para que o que se mostrou seja somente um sonho que se converta agora em realidade.

Nada de grande se construiu nos povos sem o esforço da sociedade que pode ser ou conveniente com os poderes ou resistente e rebelde para abrir novas esperanças.

O Brasil perdeu a Copa nos palácios e a ganhou na rua. Agora os habitantes desses palácios deverão estimular-se para que nas próximas eleições, que será a disputa de outra Copa e mais importante que o futebol, ao invés de sonhos e promessas vazias, apresentem programas concretos capazes de transformar a vida dos brasileiros em uma grande alegria e felicidade parecida com a que viveram desfrutando nos estádios.

Agora se trata de ganhar a Copa da vida, que essa não é a cada quatro anos, é a cada manhã que amanhece. É a Copa da realidade cotidiana, a que preparará nossos filhos para uma sociedade mais igual, com hierarquias de valores, com conquistas talvez menos espetaculares, mas mais realistas, com mais humildade e menos fantasias de grandezas.

Ao final, o que os brasileiros desejam é viver sem aflições econômicas e sem dívidas, trabalhar para viver e não viver para trabalhar e saber desfrutar não apenas das construções faraônicas, mas sim das pequenas felicidades de cada dia.

Os brasileiros perderam a Copa, que era um sonho de grandeza. Agora devem conquistar – e se quiserem sabem como fazer isso – um Brasil mais moderno, onde o viver cotidiano não se transforme para a grande maioria em um pesadelo e um martírio.

Esse será o novo Brasil que já havia começado a ser diferente e mais consciente depois dos protestos de um ano atrás, e que sai de novo transformado pela dor e luto, não tanto por ter perdido a Copa, mas pela amarga sensação de ter sido enganado.

Houve Copa, mas não houve time. Houve Copa, mas não obras que aliviaram a vida dos cidadãos. Houve alegria e paixão seguindo os jogos porque o futebol corre pelas veias dos brasileiros, mas os deixou com a boca amarga a dois passos de retornar ao interminável complexo de vira-latas que parecia ter sido sepultado para sempre.

Não houve hexa, mas das cinzas da derrota poderá agora surgir um país mais maduro, talvez mais crítico, mais resistente no futuro contra aqueles que queiram enganá-lo de novo.

As derrotas podem fundir-nos ou fazer-nos ressurgir com maior força. Brasil tem hoje uma partida a seu favor: perdeu o medo de mudar e aprendeu a dizer não. E como dizia o Nobel em Literatura portuguesa José Saramago, “o não pode ser às vezes mais eficaz e mais construtivo que o sim”.

Tradução minha.